



TESIS DOCTORAL

**«AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E MODELOS
DE ENSINO DOS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA DAS
ESCOLAS SECUNDÁRIAS EM LUBANGO
(ANGOLA). UMA ABORDAGEM
ETNOBIOGRÁFICA»**

MANUEL CALUVI NICOLAU

2019

**Programa de Doctorado de Educación de la Facultad de Ciencias de la Educación
Universidad de Sevilla**

**Director:
Dr. José González Monteagudo**

UNIVERSIDAD DE SEVILLA

Facultad de Ciencias de la Educación

Departamento de Teoría e Historia de la Educación y Pedagogía Social



TESIS DOCTORAL

**«AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E MODELOS DE ENSINO DOS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA DAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS EM LUBANGO
(ANGOLA). UMA ABORDAGEM ETNOBIOGRÁFICA»**

Autor:
Manuel Caluvi Nicolau

Director:
Dr. José González Monteagudo

Sevilla, febrero de 2019



Departamento de Teoría e Historia
de la Educación y Pedagogía Social

JOSÉ GONZÁLEZ MONTEAGUDO, Profesor titular de la Universidad de Sevilla, HACE
CONSTAR:

Que la investigación realizada por el doctorando D. Manuel Caluvi Nicolau con el título «AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E MODELOS DE ENSINO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA DAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS EM LUBANGO (ANGOLA). UMA ABORDAGEM ETNOBIOGRÁFICA» realizada bajo mi dirección, reúne las condiciones científicas y formales para proceder a su depósito y poder ser presentada a examen público, a los efectos de la colación del Grado de Doctor por la Universidad de Sevilla.

Sevilla, 22 de febrero de 2019



UNIVERSIDAD DE SEVILLA
DEPARTAMENTO DE TEORÍA E HISTORIA
DE LA EDUCACIÓN Y PEDAGOGÍA SOCIAL

Fdo.: José González Monteagudo

**SRA. PRESIDENTA DE LA COMISIÓN ACADÉMICA DEL PROGRAMA DE
DOCTORADO EN EDUCACIÓN DE LA FACULTAD DE CIENCIAS DE LA
EDUCACIÓN DE LA UNIVERSIDAD DE SEVILLA**

Por:

Manuel Caluvi Nicolau

Director:

Dr. José González Monteagudo

Sevilla, febrero de 2019

Citación APA recomendada para este trabajo:

Caluvi Nicolau, M. (2019). *As práticas educativas e modelos de ensino dos professores de educação moral e cívica das escolas secundárias em Lubango (Angola). Uma abordagem etnobiográfica*. Tesis Doctoral. Universidad de Sevilla.

Tese apresentada à Universidad de Sevilla para o cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Educação, realizada sob a orientação científica do Prof. Dr. José González Monteagudo, Professor da Universidad de Sevilla - Espanha, Facultad de Ciencias de la Educación - Departamento de Teoría, Historia de la Educación y Pedagogía Social.

Dedicatória:

Para minha mãe e ao meu pai (em memória).

Aos meus filhos, irmãs e toda a família.

Aos amigos e investigadores.

Agradecimentos Especiais

A direção dos centros escolares e cada um dos participantes: professores, professoras, alunos, alunas, famílias, diretores, diretoras, responsáveis do Ministério da Educação de Angola que participaram e contribuíram com entusiasmo e generosidade para realização deste estudo etnográfico.

Ao meu director de tese, Dr. José González Monteagudo, pela oportunidade que deu-me em trabalhar com ele, que incansavelmente dedicou-se a dar orientações, mostrando o grande grau de profissionalismo que possui, sempre de bom humor, trato fácil e muito inteligente. É um diretor amigo, companheiro e aliado que sacrificou muitas vezes as horas de lazer para trabalhar em prol da melhoria deste trabalho de investigação, apoiando-me sempre e sempre, mesmo durante as suas viagens académicas ou estando de férias, nunca deixou de dar indicações pertinentes, o que permitiu concluir a presente investigação doutoral.

Agradeço a Universidade de Sevilha, especialmente à Faculdade de Educação concretamente, à coordenação do programa de doutoramento, que ajudou para que a investigação fosse possível realizá-la principalmente pela dedicação do coordenador do curso, o professor Carlos Marcelo. Os votos são extensivos a todos os professores e especialistas do Departamento de Teoria e História da Educação e Pedagogia Social que lecionaram no curso de doutoramento em educação, pelo fato de terem utilizado metodologia ativa que nos animaram e orientaram nesta tarefa de investigação mediante discussões e debates para se realizar melhorias e desenvolver um trabalho positivo.

Aos meus colegas: Abel, Albertina, Cangue, Ernesto, Patrão, Ndembele, Cabamba, Chissuva e ao amigo Adérito Sicato pelo apoio prestado e pelos bons conselhos e incentivos que recebi. Finalmente, agradeço a toda minha família pela compreensão, pois, teve de sacrificar-se ficando muitos dias longe de mim devido a formação realizada no exterior do país, bem como a ajuda incondicional que deram, tranquilizando-me sempre apesar da distância e disponibilizaram seus valores para o que necessitasse, o importante era não fracassar. Nesta ótica destaco especialmente os meus irmãos, irmãs e filhos: Bernarda, Juliana, Joana, Joaquina, Maria, Teresa, Júlia, Caluvi, Canto e a Rebeca.

INDICE

CAPÍTULO I: CONTEXTO DO SISTEMA EDUCATIVO EM ÁFRICA	23
1. Caraterização da Educação em África.....	23
1.1. Caraterização de Angola	24
1.1.1. Contexto Histórico/ Político.....	24
1.1.2. Contexto económico-social	26
1.1.3. Contexto cultural.....	27
1.1.4. Contexto Legislativo	28
1.1.5. Contexto educativo.....	29
1.3. Origem e justificação da investigação	32
1.4. Desafios da educação.....	35
5.1. Resumo do capítulo I	36
CAPÍTULO II: A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESCOLA SECUNDÁRIA	41
2.1. Escolas secundárias.....	41
2.2. Nível secundário	45
2.2.1. Os objetivos do ensino secundário	46
2.2.2. Plano curricular do I ciclo do ensino secundário	46
2.2.3. Caraterísticas do perfil dos alunos da escola secundária.....	48
2.3. A administração escolar.....	49
2.4. O conceito de Educação, Moral e Cívica.....	52
2.5. O Professor de Educação Moral e Cívica	55
2.6. Modelos de ensino-aprendizagem.....	57
2.7. A prática educativa dos professores.....	61
2.8. A avaliação no sistema educativo	65
2.9. Resumo do capítulo II.....	69
CAPÍTULO III: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ANGOLA	73
3.1. A Formação de Professores em Lubango	73

3.1.1. Caracterização da Formação de Professores	76
3.1.2. Currículo de formação de professores em Angola	78
3.1.3. Objetivos gerais do Subsistema de Formação de Professores.....	80
3.2. Perspetiva de pensamento do professor	81
3.3. As boas práticas docentes	83
3.4. Resumo do capítulo III	86
CAPÍTULO IV: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	91
4.1. Paradigma de investigação.....	91
4.2. Objetivos da investigação	92
4.2.1. Objetivo geral:.....	92
4.2.2. Objetivos específicos:	93
4.3. Desenho da investigação.....	93
4.3.1. Sujeitos	94
4.4. Instrumentos de investigação utilizados	95
4.4.1. A observação participante	95
4.4.2. O diário de campo	96
4.4.3. Análise documental	97
4.4.4. Entrevistas	97
4.4.5. Guião da entrevista.....	99
4. Perguntas sobre sentimentos: se busca informação sobre aspetos de ordem emocional que sente o participante sobre a problemática. Nesta base, perguntamos o seguinte:	101
5. Perguntas de opinião /valor: visa recolher informações acerca de determinado tema, informação sobre intenções e desejos do participante:	101
4.4.6. Instrumentos de recolha de dados	102
4.4.7. Análises de dados	104
4.8. O método etnográfico: antecedentes	107
4.8.1. O método etnográfico: definição.....	107
4.9. Seleção da amostra.....	108
4.9.1. Perfil profissional dos participantes	110
4.9.2. Contexto do estudo.....	111
4.10. Credibilidade dos dados	112
4.10.1. Análise e transcrição da informação	113

4.10.2. Análise e interpretação de dados	113
4.11. Resumo do capítulo IV	115
CAPÍTULO V: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	119
5.1. Negociação do acesso ao campo de pesquisa	119
5.2. Apresentação dos resultados da observação	120
5.2.1. Algumas considerações acerca da observação	130
5.3. Atitude dos docentes na sala de aula	131
5.4. Caracterização dos recursos materiais	131
5.4.1. Mobiliário escolar	131
5.4.2. Programas escolares e outros materiais.....	132
5.4.3. Cumprimento do programa	133
5.4.4. Livros de textos	134
5.4.5. Caracterização do conteúdo escolar.....	135
5.5. Organização e gestão da turma	136
5.5.1. Planificação de aulas	137
5.5.2. Pontualidade	138
5.5.3. Participação dos alunos na aula.....	139
5.5.4. Estilos de liderança.....	139
5.5.5. Interação na aula.....	140
5.5.6. Colaboração entre os intervenientes.....	141
5.5.7. Modelos de ensino.....	142
5.6. Perfil de saída do aluno.....	143
5.7. Análise da entrevista	143
5.7.1. Codificação e categorização.....	144
5.7.2. Entrevista aos alunos.....	144
5.8. Entrevista aos professores e outros responsáveis	154
5.8.1. História de vida/ Infância	155
5.8.2. Reforma educativa e seus constrangimentos.....	155
5.8.3. Planificação de atividades a nível da coordenação	162
5.8.4. A avaliação de aluno e professor.....	165
5.8.5. Perfil do aluno	167
5.8.6. O uso das tic na aula de EMC	168

5.8.7. Entrevista aos responsáveis da educação	171
5.8.8. Fator que influencia a prática educativa.....	181
5.9. Análise da entrevista com os pais/encarregados de educação	189
5.9.1. Nível académico das famílias.....	190
5.9.2. Valorização da escola pelas famílias.....	190
5.9.3. Relação entre pai e filhos	192
5.9.4. A Relação da família e a escola	193
5.9.5. Resumo do capítulo V	194
CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO.....	197
6.1. Práticas educativas dos professores de EMC.....	198
6.2. Indicadores positivos da prática educativa	199
6.2.1. A Formação de professores	199
6.2.2. A formação contínua para melhoria profissional	200
6.2.3. A planificação de aulas	201
6.2.4. O reconhecimento laboral dos professores.....	202
6.2.5. Perfil dos docentes das escolas secundárias do I ciclo.....	203
6.2.6. Interação do professor e aluno na aula	203
6.2.7. Ética no trabalho.....	204
6.2.8. A avaliação no sistema de ensino.....	205
6.2.9. A qualidade de ensino	206
6.2.10. Colaboração entre docentes na prática educativa.....	207
6.2.11. A Relação entre a direção escolar e a direção provincial da educação	208
6.2.12. Relação entre pai e filhos	208
6.3. Indicadores críticos da prática educativa	208
6.3.1. Reforma educativa.....	209
6.3.2. Escassa participação das famílias na escola	209
6.3.3. As debilidades da formação inicial	211
6.3.4. A planificação de atividades educativas.....	212
6.3.5. A globalização e sua influência no comportamento dos adolescentes.....	212
6.3.6. Critérios de admissão de professores	213
6.4. Limitações e propostas de estudo	214

Referências bibliográficas	218
ANEXOS	241
Anexo 1	242
Anexo 2	244
Anexo 3	258
Anexo 4	260
Anexo 5	308
Anexo 6	309
Anexo 7	333
Anexo 8	334
Anexo 9	340
Anexo 10	341
Anexo 11	352

Lista de acrónimos e siglas

EMC – Educação Moral e Cívica

IBEP - Inquérito sobre o Bem-Estar da População

INIDE - Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação

LBSE - Lei de Bases do Sistema de Educação

MED - Ministério da Educação

PAN-EPT - Plano de Ação Nacional de Educação para Todos

PDA - Plano de Desenvolvimento de Angola

PIB – Produto Interno Bruto

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

Lista de quadros, tabelas, gráficos e figuras

QUADROS

Quadro 1- Instrumentos e participantes da pesquisa..... 102

Quadro 2– Cronograma das atividades da investigação..... 104

Quadro 3 – Perfil dos participantes..... 111

Quadro 4- Extratos literais da entrevista de grupo de alunos e sua categorização..... 358

Quadro 5- Extratos literais da entrevista com professores e sua categorização..... 370

*Quadro 6- Extratos literais e categorização da entrevista com os responsáveis da educação
..... 377*

*Quadro 7- Extractos literais da entrevista com os encarregados de educação e sua
categorização 381*

TABELAS

Tabela 1. Plano curricular do I ciclo do ensino secundário..... 47

<i>Tabela 2 - Género e habilitações dos participantes.....</i>	<i>109</i>
<i>Tabela 3 – Habilitações e idade dos participantes</i>	<i>110</i>
<i>Tabela 4 - Cumprimento do programa.....</i>	<i>133</i>
<i>Tabela 5 – Planificação de aulas</i>	<i>137</i>
<i>Tabela 6 – Grau de participação na aula</i>	<i>139</i>
<i>Tabela 7 – Colaboração entre os atores</i>	<i>141</i>
<i>Tabela 8 – Utilização das tic na aula.....</i>	<i>168</i>

GRÁFICOS

<i>Gráfico 1- Nível académico dos participantes</i>	<i>95</i>
<i>Gráfico 2- Habilitações dos participantes</i>	<i>109</i>
<i>Gráfico 3– Grau do cumprimento do programa</i>	<i>134</i>
<i>Gráfico 4- Caraterização de conceitos e o conteúdo escolar</i>	<i>135</i>
<i>Gráfico 5- Caraterização dos conceitos.....</i>	<i>136</i>
<i>Gráfico 6- Gestão do tempo de aula</i>	<i>137</i>
<i>Gráfico 7- Percentagem e frequência da pontualidade</i>	<i>138</i>
<i>Gráfico 8- Estilos de liderança</i>	<i>140</i>
<i>Gráfico 9- Interação entre o professor e o aluno.....</i>	<i>141</i>
<i>Gráfico 10- Colaboração entre os atores.....</i>	<i>142</i>
<i>Gráfico 11– Relação entre a família e a escola</i>	<i>149</i>
<i>Gráfico 12– Planificação de aulas.....</i>	<i>163</i>
<i>Gráfico 13– Modelos de ensino.....</i>	<i>164</i>
<i>Gráfico 14- Formação dos professores.....</i>	<i>172</i>
<i>Gráfico 15 – Prática educativa</i>	<i>179</i>
<i>Gráfico 16– Método e modelo de ensino.....</i>	<i>185</i>

FIGURAS

<i>Figura 1. Mapa África: Localização de Angola.....</i>	<i>26</i>
--	-----------

Resumo

Esta pesquisa visou observar e descrever compreender as práticas educativas e curriculares dos professores de Educação Moral e Cívica em escolas secundárias da cidade do Lubango (Angola). A razão da investigação reside no fato de não existirem trabalhos que fazem referência à esta temática no contexto de Angola. Esta é uma pesquisa de estudo de casos de natureza qualitativa, caráter descritivo e interpretativo, que estudou uma situação real em seu contexto cotidiano, realizado em três escolas do ensino secundário. A amostra é intencional de 50 participantes entre professores, alunos, directores, famílias e outros responsáveis da educação. Para recolha de informações utilizamos as seguintes técnicas: análise documental, observação participante (perspectiva etnográfica), entrevista em profundidade e para o tratamento e interpretação dos dados utilizamos as técnicas de análise descritiva, estatística e a análise de conteúdo. Os resultados demonstram que a prática educativa é deficiente e faz recurso ao ensino tradicional e modelo transmissivo, sendo realizada por docentes que, na sua maioria, não possuem a formação inicial porque os critérios de admissão valorizam apenas as habilitações literárias. A formação contínua de que beneficiam não reflete as reais dificuldades dos docentes, é pouco notório o trabalho prestado pela administração escolar no acompanhamento das atividades escolares. A supervisão e a inspeção são cruciais para o sucesso das atividades escolares, por isso, devem funcionar em equipa porque contribuem para orientação e melhoria dos trabalhos que os professores realizam antes, durante e depois das aulas. Portanto, para existir boa prática educativa e com qualidade é fundamental investir na formação específica dos professores, fazer avaliação interna e externa das escolas, a fim de construir-se mais infra-estruturas escolares, apetrechá-las e atribui-las uma boa gestão face aos desafios atuais da educação.

Palavras-chave: Prática educativa, modelos de ensino, formação de professores, escolas secundárias, administração escolar.

Abstract:

This research aimed to observe and describe the educational and curricular practices of teachers of Moral and Civic Education in secondary schools in the city of Lubango, Angola. The reason for the investigation lies in the fact that there are no studies that refer to this theme in the context of Angola. This is a case study based on qualitative and interpretive approaches, which studied a real situation in its everyday context, conducted in three secondary schools. The sample is intended to be 50 participants among teachers, students, principals, families and other education officials. The following techniques were used to collect information: document and content analysis, participant observation (ethnographic perspective) and in-depth interview. Techniques of descriptive and statistical analysis were used for data processing and interpretation. The results show that educational practice is deficient and makes use of the traditional teaching focused on transmission models, and it is carried out by teachers who, for the most part, do not have initial training because the admission criteria only value academic qualifications. The in-service teacher training they receive does not reflect the real difficulties faced by teachers. The work carried out by the school administration in monitoring school activities is not very noticeable. Supervision and inspection are crucial to the success of school activities, so they should function as a team because they contribute to guiding and improving the work that teachers do before, during and after school. Therefore, in order to have good educational practices and high quality learning, it is essential to invest in the specific training of teachers, make internal and external evaluation of schools to build more school infrastructure, equip them and assign them good management in view of the current challenges of education.

Keywords: Educational practice, teaching models, teacher training, secondary schools, school management.

INTRODUÇÃO

Atualmente considera-se que no processo de ensino-aprendizagem para além de assuntos científicos que visam desenvolver a componente instrutiva, é crucial associar também a componente educativa que tem a ver com o modo de agir, a conduta da pessoa humana. Em Angola, a educação em valores não é só vista como tema transversal, pois existe uma disciplina obrigatória denominada «Educação Moral e Cívica» que se encarrega em fazer a respetiva abordagem.

Geralmente fala-se em educação em valores e a sua aplicabilidade nas relações interpessoais, defende-se a coerência que deve existir entre a teoria e a prática. Ou seja a correspondência que pode subsistir entre o dizer, pensar e fazer na interação entre os homens no seu dia-a-dia. Abordar um tema como este, relacionado a prática educativa dos professores no seu contexto laboral é complexo, e também interessante porque visa responder as constatações vividas diariamente quer pelos professores quer pelos alunos. Deste modo, decidimos abordar nesta tese de doutoramento o seguinte tema: «As práticas educativas e modelos de ensino dos professores de educação moral e cívica das escolas secundárias em Lubango (Angola)»

Com este trabalho de estudo de caso, procuramos descrever como têm decorrido as práticas educativas dos professores de Educação Moral e Cívica durante o processo de ensino-aprendizagem e sua influência no comportamento dos estudantes das escolas secundárias do Lubango. Ou seja, compreendermos as práticas educativas e curriculares desenvolvidas pelos professores de EMC em escolas secundárias de Lubango em função dos objetivos da referida disciplina. As perguntas orientadoras deste trabalho visaram caracterizar:

Como descrevem e compreendem a prática educativa e curricular os professores de EMC em escolas secundárias de Lubango? Que perspetivas têm os estudantes, diretores de escolas, famílias e outros atores sociais acerca da prática educativa de E.M.C. nas escolas secundárias em função dos contextos institucionais e socioculturais?

A razão desta investigação importa pelo fato de considerarmos, que a educação moral e cívica, pode ajudar e facilitar nas relações interpessoais e de convivência no contexto educativo e fora dele, em função da atual diversidade cultural existente nas salas de aulas das diversas escolas. Para tal, é necessário o profissionalismo dos professores, porque a qualidade do sistema educativo depende também da qualidade e iniciativa dos professores. Acreditamos que se compreendermos as práticas educativas realizadas na disciplina de EMC, pode

igualmente ajudar aos professores a fazer a introspeção, reflexão acerca da sua maneira de atuar e perspetivar cada vez mais o melhoramento da atitude dos principais atores do processo de ensino e aprendizagem de maneira ajudar a nova geração a aprender, construir e estimarem valores que fazem com que sejam mais responsáveis, livres, iguais em direitos entre os outros, em função da diversidade cultural existente neste mundo globalizado.

Assim, este trabalho está subdividido em cinco capítulos, onde no primeiro apresentamos a problemática, justificação da investigação e a fundamentação teórica resultou de pesquisas de artigos científicos que na sua maioria estão indexados nas revistas de maior impacto científico tais como Jcr e Scopus, de conformidade com a orientação da Universidade de Sevilha no âmbito do curso de doutoramento. Deste modo, realizamos o estado de arte sobre os mais diversos trabalhos que versam sobre o contexto e características do sistema educativo em África e em particular em Angola, desde o período colonial até aos dias de hoje e sua influência no atual sistema de ensino, tendo em conta a dimensão política, económica, legislativa e educativa;

O segundo capítulo dedica a abordagem sobre a prática educativa realizada pelos docentes em escolas secundárias, caracterizando a atividade realizada pelos intervenientes do processo pedagógico e a forma de pensar dos docentes para que se realize as boas práticas educativas; o terceiro descreve o sistema de formação de professores em Angola tendo em atenção a realidade em que atuam os atores. Por isso, faz-se uma caracterização acerca da maneira em que se realiza esta formação, que modelos de ensinamentos são predominantes nas aulas e que papel a administração escolar desempenha para realizar-se aprendizagem significativa; no quarto apresentamos a metodológica usada, sobressaindo a qualitativa.

Deste modo, a escolha recaiu no estudo de casos de natureza qualitativa, caráter descritivo e interpretativo, que estudou uma situação real em seu contexto cotidiano, realizado em três escolas do ensino secundário. A amostra selecionada é intencional pelo fato de selecionar os atores que dominam a realidade em estudo. Para recolha de informações utilizamos as seguintes técnicas: análise documental, observação participante (perspectiva etnográfica), entrevista de grupo e em profundidade e para o tratamento e interpretação dos dados utilizamos as técnicas de análise descritiva, estatística e a análise de conteúdo; o quinto, está dedicado a apresentação e discussão dos principais resultados obtidos e finalmente apresentamos as conclusões e limitações do estudo para se perspetivar outras pesquisas.

CAPÍTULO I: CONTEXTO DO SISTEMA EDUCATIVO EM ÁFRICA

CAPÍTULO I: CONTEXTO DO SISTEMA EDUCATIVO EM ÁFRICA

A educação em África existe desde o tempo colonial e vai evoluindo em função dos investimentos realizados pelos respetivos países. O continente africano durante o período colonial foi palco de disputas de várias potências europeias para a sua espoliação por longos séculos fruto da divisão feita em 1885 entre os colonizadores tais como: França, Inglaterra, Alemanha, Portugal, Itália, Holanda e já no fim do processo entrou a Espanha. Os povos africanos viram-se obrigados a proteger-se desta evasão colonial, mediante a luta pela independência, que na sua maioria ocorreram entre o chamado «ano de África», isto é em 1960, servindo de impulso para anos posteriores outros países tornarem-se independentes, mas os problemas não terminaram com o fim da guerra (Ribeiro, 2015).

O processo de colonização empobrecer os africanos a nível educativo e cultural, pois perdeu os seus valores profundos com a boa hospitalidade, harmonia em que acreditavam durante a vivência em famílias e sendo esta extensa por ser constituída por muitos membros. Para Brás & Gonçalves (2017), atualmente a África tem se deparado com novos desafios no sentido de continuar a buscar e alcançar os governos democráticos capazes de contribuir para o equilíbrio social e desenvolvimento dos mesmos. Este desafio da recuperação da autoestima africana só é possível por intermédio da educação, se esta adotar uma visão construtiva durante o processo de ensino e aprendizagem para continuar a conquistar a justiça social e o bem estar. Assim, neste panorama procuramos abordar a veracidade educativa dos países africanos, em função da herança colonial que apresentam e de uma forma particular, a realidade angolana no que concerne ao contexto: político, económico, cultural, legislativo, educativo e seus desafios para compreensão e perspetivar a melhoria na problemática em estudo.

1. Caracterização da Educação em África

Os sistemas educativos em África estão implementados já desde o período colonial, mas atualmente, ainda enfrenta em diferentes países e na sua maioria possuem vários problemas, que para Oya & Begué (2006), estão relacionados com os currículos não atualizados nem adaptados a realidade de cada país, pouca qualificação de professores, escassez de professores, poucas salas de aulas. Em função disso, passou a existir turmas com muitos alunos que na sua maioria são do género masculino, pouca participação da família, escassez de livros de texto e material escolar, professores com pouca motivação, devido as condições de trabalho e os baixos salários que auferem. No entanto, cada país tem procurado fazer algo em prol do desenvolvimento educacional ajudando os jovens e adultos a lutarem contra a

pobreza e contribuir para o bem-estar das pessoas. Destarte, este objetivo só poder ser alcançado de forma sustentável se os políticos, legisladores e decisores compreenderem cada vez mais a importância do ensino e fazerem análises situacionais e descrições fatuais do estado do ensino.

A maioria dos estados africanos faz investimentos no setor da educação em função do orçamento geral. O estudo regional realizado na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), refere que alguns países valorizam muito o ensino em detrimento de outros, atribuindo proporções relativamente elevada aos orçamentos nacionais em educação, tal como podemos verificar os investimentos feitos nos exemplos que se seguem: Lesoto 25% (2012), Namíbia 29% (2012), Moçambique 20% (2010), Suazilândia 19 % (2009) e Angola 7 % (2016). Está evidente que os países que menos investem vivem mais problemas no sistema de ensino, daí a necessidade dos governos continuarem a atualizarem as políticas educativas para garantir melhores condições de trabalho nas escolas (Aitchison, 2012).

1.1. Caraterização de Angola

Para conhecermos um pouco sobre o contexto angolano, pensamos que é imprescindível fazer um panorama descritivo sobre a origem e evolução do contexto educativo deste país, desde o período colonial até aos nossos dias com o alcance da independência e da paz efetiva. Assim, apresentamos alguns cenários que ajudam a compreender a realidade em que ocorre o processo de ensino – aprendizagem, tais como: o contexto histórico-político, económico-social, cultural, legislativo e educativo.

1.1.1. Contexto Histórico/ Político

Aos africanos atribuíram-se expressões pejorativas e as teorias raciais existentes na época, que foram criadas com a finalidade de identificar e caraterizar os africanos, segregá-los e criar barreiras internas que os mantivessem ocupados por muito tempo em processo de transição que passava diretamente pela aquisição de algum saber. Deste modo, a política de ensino para os indígenas adequava-se numa trilogia orientadora que abarcava a expansão da fé e do seu aprendizado de costumes portugueses, visando a assimilação pelo trabalho. Assim, a difusão desses valores de ensino ultramarina se baseava na fé, civilização e trabalho, ficando essa função na responsabilidade das ordens religiosas, ambos os acontecimentos, pouco ou nada alteraram a situação das populações locais. No entanto, não tiveram muito impacto, servindo apenas para pressionar a comunidade internacional sobre o ocorrido. O fato que veio alterar definitivamente a posição vigorante nas colônias portuguesas foi o início das lutas de

libertação, influenciadas pelas primeiras independências no continente, como a de Gana e fomentadas por movimentos nacionalistas (Quinta et al., 2017).

Assim, os anos 50 são marcados pelo recrescimento de movimentos de contestação ao regime colonial, duramente reprimidos pela Polícia Internacional de Defesa do Estado, instituição que defendia os interesses do colonizador. Em Angola, os poucos intelectuais reuniam-se clandestinamente em associações ou clubes recreativos e sociais. Surgindo nesta base, alguns grupo tais como: Espalha Brasa, o Exército de Libertação de Angola, o Movimento para a Independência de Angola (MIA) e o Movimento de Libertação de Angola (MLA), distribuindo panfletos contestatórios com textos poéticos. Essa ação política clandestina, para além da conscientização, deu origem a uma literatura que se opunha à influência portuguesa. Nesse contexto de crescente tensão ao governo colonial português influenciou na luta de libertação que conduziu a independência, que veio acontecer em 1975 (Ribeiro, 2015).

Angola apresenta uma extensão territorial de 1.246.700 km quadrado, alcançou a independência em 11 de Novembro de 1975, devido a mal gerência deste processo, instalou-se uma intensa guerra civil que durou cerca de três décadas e terminou em 2002. De acordo os dados do Ministério da Educação (2014), estima-se que a guerra tenha dizimado mais de 1,5 milhões de vidas e 4 milhões de deslocados. Muitas crianças separadas de suas famílias e outras foram recrutadas para a guerra. Calcula-se que cerca de 11 mil crianças/soldados, trabalharam, viveram, testemunharam os atos de guerra nos dois movimentos: Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA). Com este clima, segundo Nguluve (2006), surgiu a desnutrição e a maioria das crianças deixaram de ir à escola. Porém, Angola agora já vai com 16 anos de paz e com uma população estimada em 26 milhões de habitantes sendo 52 % mulheres.

Assim, o país Angola, oficialmente denominado por República de Angola, é um país situado na costa ocidental de África, cujo território principal é limitado a norte e nordeste pela República do Congo e a República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. Tal como podemos conferir na figura que se segue:



Figura 1. Mapa África: Localização de Angola

1.1.2. Contexto económico-social

Angola foi potencial produtor de café, cana-de-açúcar, algodão, milho, arroz, feijão, mel, gado, cobre, ferro, ouro, petróleo, diamantes e outros produtos. O Produto Interno Bruto de Angola cresceu 5,1% em 2013, apesar de ser bom indicador, mas não supera o índice de pobreza avaliado em 58,8% da população rural, contra 18,5% da população urbana. Tendo 53,1% da população a trabalhar por conta própria, a maioria no setor informal da economia, onde as reformas não estão atualizadas com o nível de vida (MED, 2014).

O investimento feito na área da educação é bastante irrisório, pois, tem beneficiado uma cifra muito baixa no Orçamento Geral do Estado, que tem sido avaliado numa média de 7% para o Ministério da Educação. Esse valor, não permite fazer sérios investimentos que ajudariam a combater o velho problema, que é a falta de escolas apetrechadas de material escolar. Nem evita situações vividas em algumas escolas, em que uma carteira individual é partilhada por dois ou mais alunos. Assim, é ainda vulgar os alunos sentarem numa pedra ou no chão, no espaço da sala de aula, num edifício de cimento, com escolas construídas com material definitivo e outras provisórias, feitas de adobes ou pau a pique (Ferreira, 2005).

Estudos recentes têm vindo a referir a influência dos mecanismos políticos libertinos provocando influências e corrupção sobre as causas e as incidências da maldição dos recursos

naturais. Para se avaliar a importância da diversificação económica e a relação entre a diversificação e as instituições é relevante, devendo concorrer para que haja conduta política, como a transparência e a boa governação, fazer parte intrínseca da cultura administrativa e dos processos de afectação de recursos (Rocha et al., 2016).

A dificuldade da economia de Angola em absorver o choque da baixa do preço do petróleo que se iniciou em 2014 até ao presente reduziu bastante as receitas fiscais e as exportações, enquanto o crescimento estancou e a inflação acelerou pelo fato da economia depender do petróleo. Em consequência disso, tornou-se necessário o Governo Angolano fazer 2 pedidos de assistência financeira ao Fundo Monetário Internacional num período de 4 anos, com o objetivo de acelerar a diversificação da economia e protegendo a estabilidade macroeconómica, a supervisão bancária e o branqueamento de capitais. Em suma, há necessidade de se continuar a implementar políticas com vista a estabilizar a economia, pois o cidadão vive em situações difíceis devido a falta de melhores condições de assistências em todos os domínios, porque a inflação corroeu o poder de compra dos salários (Santos, 2018).

1.1.1. Contexto cultural

Em Angola existe uma diversidade cultural, para Neves (2015), coabitam atualmente neste território nove grupos etnolinguísticos bantu e três não bantu que são: Khoi, San e Kuroka, e concretizam-se em cerca de vinte línguas nacionais. Nesta base, Angola constitui uma sociedade pluralista composta por vários grupos culturais, que para Isaías (2013), os principais são os seguintes: os bacongo, os quimbundo, os ovimbundo, os lunda-quioco, os nganguela, os nyaneka-humbe, os herero e os ovambo. Os outros encontram-se em proporções inferiores, daí a necessidade de se apoiar para se preservar estes pequenos grupos. Hoje, os jovens de todos os grupos etnolinguísticos sentem imensas dificuldades em encontrarem emprego, numa sociedade onde o nascimento de crianças em famílias monoparentais é muito comum, não só por razões culturais, mas também pelo fato de existir o menor número de homens (Oliveira, 2012).

Segundo Quinta et al. (2017), a interlocução do Português com as línguas nativas angolanas inicia-se com as viagens dos navegantes, assim a língua portuguesa chegou a Angola em 1492 com as caravelas expedicionárias de Diogo Cão, tendo passado por diferentes fases: língua de amizade, exploração, dominação, escravização, colonização e de experiência comum entre todos os angolanos. O português ao confrontar-se com o universo linguístico africano incorporou no século XV o léxico de muitos idiomas. As determinantes

marítimas, geográficas e geoestratégicas dos Descobrimentos e da expansão europeia marcaram a atividade de intercomunicação com falantes de outros idiomas. A língua portuguesa inicia a ser falada fora da Europa em Ceuta em 1415 e depois penetra no centro e sul de África, América do Sul, Ásia e Oceânia.

1.1.4. Contexto Legislativo

Para o desenrolar das atividades houve necessidade de se elaborar medidas administrativa, legislação que contribuiu para que fosse necessário a formação de indivíduos com identidade e valores. Devidas as reivindicações dos portugueses que viviam em Angola, exigiam ao governo português que garantisse a educação, em função disso, surgiu o decreto de 14 de Agosto de 1845, em resposta ao pedido da população portuguesa de dita «civilizada», pois até antes desta data não existia qualquer estrutura escolar para o ensino embora se admitisse a laicidade do mesmo. No entanto, alguns párocos nomeados é que orientavam aulas sob controlo do Estado Português, passando a existir o ensino primário, complementar e possivelmente o rudimentar que era proporcionado exclusivamente para os nativos. Em 1913 foi promulgado um decreto que cuja essência é excluir as missões religiosas e criar outras com o objetivo de ensinar o português, ofícios e profissões compatíveis aos dois géneros. Norton de Matos foi o impulsionador dessas escolas-oficinas cuja finalidade era preparar o operário e o agricultor para os desafios da sociedade aliando alguns conhecimentos de moral e língua portuguesa (Brás & Gonçalves, 2017).

O governo angolano ao alcançar a independência fez muitas mudanças em vários setores incluindo da educação, reconheceu-se que o contexto histórico colonial ensinava apenas a realidade europeia e não ensinava nada de acordo a realidade angolana, por isso teve de aprovar algumas leis para dar sustentabilidade a reforma educativa com vista a escolarização de todas as crianças em idade escolar, reduzir o analfabetismo de jovens, adultos e de aumentar a eficácia do sistema educativo. Tendo também em atenção, as mudanças profundas no sistema sócio-económico, a transição da economia de orientação socialista para uma economia de mercado. Neste âmbito, surgiu uma readaptação do sistema educativo. Assim, ao abrigo da alínea b) do artigo 88º da Lei Constitucional, a Assembleia Nacional aprovou a Lei de Bases do Sistema de Educação (Lei nº 13/01 de 31 de Dezembro de 2001), cuja implementação do novo sistema de educação está a ser realizada em 5 fases, nomeadamente: Preparação, Experimentação, Avaliação e Correção, Generalização e Avaliação Global (MED, 2014).

Assim, o ensino em Angola apresenta a seguinte estrutura:

- a) Subsistema de educação pré-escolar;
- b) Subsistema de ensino geral;
- c) Subsistema de ensino técnico-profissional;
- d) Subsistema de formação de professores;
- e) Subsistema de educação de adultos;
- f) Subsistema de ensino superior.

O sistema de educação estrutura-se em três níveis:

- a) Primário;
- b) Secundário;
- c) Superior.

Com base as recomendações da Declaração de Dakar, realizada de 26 a 28 de Abril do ano 2000, o governo angolano elaborou também o Plano de Acção Nacional de Educação para Todos em Angola (PAN-EPT), para o período 2001-2015, que previu as estratégias de desenvolvimento da Educação para Todos em três fases, designadamente: a fase de Emergência (2003 – 2006), a fase de Estabilização (2007 – 2011) e a fase de Desenvolvimento (2012 – 2015).

Ainda o MED (2011b), com o apoio de UNICEF, realizou a avaliação de médio termo da implementação do PAN-EPT 2001-2015. Os resultados indicam vários constrangimentos e dificuldades na execução das ações previstas, destacando-se os problemas tais como: a deficiente qualidade dos professores, a falta de equipamentos de ensino, as debilidades no acompanhamento e controle da ação educativa pela inspeção e inexistência da supervisão.

1.1.5. Contexto educativo

Durante o período de colonização portuguesa, em Angola viviam poucos portugueses, e na sua maioria instalaram-se na área costeira do país. Ao passo que no interior se deslocavam os militares a fim de fazer o levantamento de europeus existentes na região que se dedicavam a atividade comercial. Estas condições não incentivavam as outras famílias emigrar para aquele

território e pelo fato de não existir na altura o ensino formal por ser considerado como terra de exílio onde eram enviados os criminosos ou excluídos sociais em Portugal. Para mudar o quadro, Portugal (país colonizador), criou condições para atrair as famílias portuguesas a viverem naquele território, implementando para tal o ensino no ano de 1845. Norton de Matos, responsável português pensou que o ensino ajudaria a civilizar os indígenas, no entanto, separou o ensino, sendo o oficial para os portugueses e outro especial para os africanos que consistia apenas em aprender a falar, ler e escrever o português, as quatro operações aritméticas, conhecimento da moeda corrente de Angola e alguns conhecimentos sobre higiene e era proibido falar outras línguas dos nativos (Liberato, 2014).

Nesta base, surgiram algumas iniciativas para implementação do ensino, mas foi necessário dar tempo para que os indígenas se motivassem para frequentar as escolas. Embora existia divisão de opiniões acerca da visão sobre o africano sendo, seres biologicamente inferiores, servindo apenas para o trabalho, não raro, semelhante ao antropóide, com coeficiente de inteligência baixo, aprendizagem limitada que só pela força se educam povos bárbaros. No ano de 1856, Sá da Bandeira determinou que os filhos dos régulos e outros autóctenes deveriam ser educados em Luanda, sob a supervisão de acompanhamento dos responsáveis portugueses. Assim, as iniciativas para se implementar um sistema de ensino em Angola continuaram em função de algumas decisões tomadas, surgindo em 1869 uma inovação na criação e articulação da escola principal como primeiro grau do ensino secundário. Só a partir de 1963 que em Angola passou a realizar-se estudos universitários e criação da universidade que em 1975 foi desdobrada para outras localidades do país. Os poucos quadros superiores existentes são aqueles que se beneficiaram de bolsa de estudo cujo acesso estava vedado à maioria dos angolanos, e prova disso é que até 1857 estudavam na Europa apenas 19 estudantes angolanos (Santos, 1970).

Ainda neste ano, inaugurou-se em Luanda a primeira escola profissional designada «Rita Norton de Matos» para preparar as mulheres com um ofício de acordo o sexo e educá-las de maneira que formassem um lar civilizado e adquirir meios para manter a vida civilizada, ensinando os valores da metrópole e proibindo-as de falarem as línguas angolanas. Em 1927 Souza Dias defendia o desejo de existir escola para indígenas, os trabalhos manuais e a prática da educação física, e quanto aos manuais escolares era de opinião que os mesmos fossem atualizados de acordo ao contexto angolano, ensinando as crianças angolanas de acordo a sua realidade de forma que se motivem, se comprometam mais com o amor em relação ao seu

contexto, ao contrário de conteúdos que só descrevem valores e realidades de Portugal. Assim, com aquele ensino, os angolanos foram afastados e retirados a possibilidade de promover os seus valores, sua história e cultura. Com a independência alcançada em 1975, a maioria da população cerca de 85% era analfabeta, e a preocupação do governo angolano foi o seu combate, para tal criou a comissão nacional de analfabetos. A alfabetização contemplava uma formação que contribuísse em pouco tempo ter quadros que podiam ajudar no desenvolvimento do país. Com essa abertura houve muita adesão pelos cidadãos ao projeto, podendo estudar onde eles se encontravam, desde o local de trabalho, quartéis, fábricas, escolas ou na ausência destas ficavam debaixo das árvores. Isto permitiu nacionalizar o ensino e fazendo dele um instrumento do Estado para o desenvolvimento da sociedade e eliminando do currículo aspetos educativos de carácter português (Brás & Gonçalves, 2017).

Após a independência, concretamente no ano de 1978, Angola adotou o seu sistema de educação, caracterizado essencialmente por uma maior oportunidade de acesso a educação e a continuação dos estudos, o alargamento da gratuitidade e o aperfeiçoamento permanente do pessoal docente. As pesquisas realizadas em África sobre a educação, segundo Sacco et al. (2016), referem que os conflitos armados influenciaram negativamente o sistema de ensino dos países em que houve guerra, e Angola não é uma exceção. Assim, em 1986 foi realizado um Diagnóstico ao Sistema de Educação, onde constatou-se o fraco desempenho do setor da educação em termos qualitativo e quantitativo, provocado por vários fatores endógenos e exógenos. Nesta base, para dar resposta a essas dificuldades teve de aprovar a nova Lei de Bases do Sistema de Educação, conhecida como a Lei 13/01, de 31 de Dezembro.

Consequentemente foi necessário outra aprovação do Decreto nº2/05 de 14 de Janeiro - Plano de implementação progressiva do Novo Sistema de Educação, que estabelece as bases legais para realização da 2ª Reforma Educativa em Angola, cujos objetivos gerais são: a expansão da rede escolar; a melhoria da qualidade de ensino; o reforço da eficácia do sistema de educação e a equidade do sistema de educação. Portanto, a história recente do ensino em Angola, como país independente, pode ser dividida em três períodos: 1º Período, 1975-1990 (1ª Reforma Educativa e Diagnóstico do Sistema de Educação), 2º Período, 1991-2001 (Concepção do Novo Sistema de Educação e aprovação da lei 13/01 de 31 de Dezembro) e 3º Período, 2002-2012 (2ª Reforma Educativa, implementação do novo sistema de educação), (MED, 2014).

A quando da independência nacional, a população angolana na sua maioria era analfabeta na ordem de 85%. Deste modo, segundo Helena André (2014), o governo teve de enfrentar vários desafios devido, a falta de quadros e aliado ao fator de liderança no setor educativo ser feita por líderes sem formação. Diante este quadro, o governo teve de recorrer ao apoio de outros países para auxiliar no sistema de ensino, devido a explosão massiva da rede escolar numa altura em que havia fraca rede de infra-estruturas, sem materiais escolares, programas e currículos mais sistematizados e eficientes.

Para este 3º período, segundo a ADRA (2016), O número de alunos matriculados em todos os níveis de ensino aumentou de 2,2 milhões em 2001 para 8 milhões em 2014. No entanto, a Lei Constitucional Angolana (2010), consagra no seu artigo 23º, a educação como um direito para todos os cidadãos, independentemente do sexo, raça, etnia e crença religiosa. Entretanto, ainda existe fortes assimetrias no seu acesso, em que 22% das crianças em idade escolar, estão fora do sistema educativo, tanto nas áreas urbanas e rurais. Este número deve-se a falta de escolas, pois o colonizador deixou apenas algumas nos centros urbanos. Neste contexto, as crianças que vivem em famílias pobres, apresentam níveis de participação escolar muito inferior, particularmente nas zonas rurais. Deste modo, os desafios do setor foram confirmados pelo Censo 2014 que demonstrou que a taxa de analfabetismo permanece elevada e estável no país, calculada em 34%, sendo a maioria na ordem de 60% corresponde a zona rural.

1.3. Origem e justificação da investigação

Atualmente é muito comum assistir-se denúncias, de que nas relações interpessoais não se fazem sentir as boas relações humanas como no antigamente. Pois, estas relações agora estão marcadas pela ausência ou perda de valores morais, cívicos e princípios que afetam o desenvolvimento integral e harmonioso das pessoas. É notória também esta realidade, no setor da educação, nas escolas secundárias e outras de diferentes níveis.

A situação é tão recorrente que mesmo a nível presidencial, existe a preocupação de se continuar a orientar acerca da necessidade de se trabalhar cada vez mais a educação moral e cívica nas escolas e famílias a fim de se mudar este clima, para que se possa viver melhor na diversidade com todas as pessoas. A exemplo disso, mesmo o presidente da República de Angola, José Eduardo dos Santos na sua mensagem de fim de ano, mais uma vez manifestou a sua preocupação, acerca da educação moral e cívica, tal como podemos conferir no extrato do seu discurso que se segue:

«... Como restabelecer a todos os níveis e a partir da primeira infância a educação moral, cívica e patriótica? Este é um assunto que o Ministério da Educação e Cultura deve estudar. Os longos anos de conflitos desestruturaram por completo a sociedade e levaram a desintegração e desajustamento familiar é necessário, um grande esforço para voltarmos ao respeito pelos valores e princípios que caracterizavam a sociedade angolana no passado, valores e princípios como: o tratamento honroso dos mais velhos, a proteção natural da criança e dos portadores de deficiência, a assistência social, o espírito de solidariedade e ajuda, a convivência harmoniosa entre vizinhos, o respeito e preservação dos bens comuns, o amor, a terra e suas gentes que tantos os nossos poetas escritores enalteceram. Tudo isso, só será possível com a função e consciência do seu papel neste processo por parte de cada cidadão, das famílias, da sociedade civil, igreja e do Estado...» 29 /12/2014.

De acordo o contexto angolano, a problemática reside no fato de não se conhecer (o quê, como, onde, quando, como e com quem), os professores contam na realização de atividades escolares para o sucesso das mesmas. Pois, não existem trabalhos que fazem referência as práticas educativas dos professores no contexto de Lubango (Angola). No entanto, pensamos que para compreendermos esta problemática, é necessário observar e supervisionar as práticas educativas dos professores das escolas secundárias, para se descrever o que se tem feito no âmbito da educação moral e cívica e se perspetivar melhoria no processo educativo.

Estamos consciente que é um desafio árduo levar avante este trabalho numa sociedade que apresenta as situações anteriormente mencionadas. Porque mesmo existindo a disciplina de Educação Moral e Cívica, que fornece as linhas orientadoras acerca dos objetivos, conteúdos e diretrizes para uma sociedade com valores, e que contribui para uma vivência harmoniosa e em paz. Ainda assim, existe dificuldades no que concerne ao relacionamento interpessoal realizado em diferentes contextos. Pensamos que é crucial refletir conjuntamente com os agentes envolvidos no processo de ensino aprendizagem acerca da prática educativa que é realizada em diversos contextos, como têm trabalhado, que conteúdos e competências resultam do mesmo e sua aplicabilidade por parte dos estudantes das três escolas secundárias da comunidade lubanguese selecionadas para o estudo. Nesta perspetiva, Villalta & Palacios (2014), defendem que conhecer as práticas de ensinar desde o discurso e a prática real do

trabalho do professor, é uma forma de abordar as dissonâncias, que podem surgir entre o discurso e a prática partindo de onde coincidem.

Assim, é necessária a compreensão do que os professores crêem e pensam sobre os fenômenos educativos, é um elemento essencial para se descrever como atuam durante a aula. Esta investigação tem interesse, pois com os seus resultados podemos descrever e interpretar o que se passa na realidade quotidiana dos professores das escolas secundárias e perspetivarmos, o que os futuros investigadores poderão planificar sobre o que se terá que se fazer para mudar este quadro. Lembremos que a disciplina de Educação Moral e Cívica foi introduzida no currículo em 1992, visando melhor os valores morais e cívicos que contribuem para a integração e vivência harmoniosa e pacífica entre todos os homens devido a guerra que assolava o país (MED, 2004)

Nesta base, este estudo ainda importa pelo fato de considerarmos, que a educação moral e cívica, pode ajudar e facilitar nas relações interpessoais e de convivência no contexto educativo e fora dele, em função da atual diversidade cultural existente nas salas de aulas das diversas escolas. Para tal, é necessário o profissionalismo dos professores, porque a qualidade do sistema educativo depende também da qualidade e iniciativa dos professores. Acreditamos que se compreendermos as práticas educativas realizadas na disciplina de EMC, pode ajudar aos professores a fazer a introspeção, reflexão acerca da sua maneira de atuar e perspetivar cada vez mais o melhoramento da atitude dos principais atores na sala de aula, de maneira ajudar os alunos ou a nova geração a aprenderem, construírem e estimarem valores que fazem com que sejam mais responsáveis, livres, iguais em direitos entre os outros. Desta forma, ela contribuirá para que haja boa convivência e aprendizagem significativa tendo em conta as características da sociedade atual, tida como a sociedade de informação e da diversidade que faz parte do mundo globalizado (Changwoo & Hyemin, 2013).

Por isso, decidimos selecionar os docentes que trabalham com a disciplina de Educação Moral e Cívica a fim de compreendermos o que fazem no âmbito educativo, pois os professores têm enormes responsabilidades no desenvolvimento da componente cívica-moral que é de crucial importância na vida das pessoas. Portanto, precisamos de compreender qual tem sido a atitude dos professores e alunos durante a aula de educação moral e cívica e conhecer a visão que têm acerca da influência destas práticas em função da realidade da sociedade lubanguese atual e suas controversas sociais, éticas e culturais. Acreditamos que a

escola secundária e a família tem a função de estabelecer e criar condições propícias, para continuarem a melhorar a prática pedagógica dos professores das mais diversas disciplinas.

Sabemos que o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, depende também da melhor colaboração, que deve existir entre as instâncias responsáveis pela educação, de maneira responder o que está na base de certos comportamentos inadequados nas relações humanas. As questões orientadoras deste trabalho são as seguintes:

Como descrevem e compreendem a prática educativa e curricular os professores de EMC em escolas secundárias de Lubango? Que perspectivas têm os estudantes, diretores de escolas, famílias e outros atores sociais acerca da prática educativa de E.M.C. nas escolas secundárias em função dos contextos institucionais e socioculturais? E que dificuldades ou necessidades sentem os professores de E.M.C. durante a atividade laboral com vista ao melhoramento da prática educativa?

1.4. Desafios da educação

Tendo em conta o contexto atual de desenvolvimento do sistema educativo angolano, assim como as dificuldades que apresenta, o MED (2010), reconhece que algo não vai bem, daí surgir a necessidade de encarar os desafios para melhorar a qualidade de educação, analisado de vários pontos, tais como: a construção de mais infra-estruturas escolares para garantir mais oferta de serviços de escolarização, disponibilidade de livros suficientes para todos alunos, material escolar de qualidade, formação inicial e contínua dos docentes, seleção rigorosa na contratação de professores de Educação Moral e Cívica e de outras disciplinas em quantidade e com qualidade.

É necessário o currículo adaptado à realidade do país, e uma distribuição bem racionalizada dos professores e material escolar entre os principais níveis de escolaridade em função da prioridade das escolas e passar a realizar visitas às aulas pelos (diretores gerais, subdiretores pedagógicos, supervisores, inspetores, coordenadores de disciplinas e professores de reconhecida experiência), de maneira a se efetuar análises periódicas acerca do grau de cumprimento dos programas. Sabemos que tanto a educação atual, como a educação de futuro tem de responder a infinidade de objetivos, que não só visam o nível político, mas também as demandas de nossa sociedade civil, pois se trata de aprender a ensinar (Domínguez, 2017).

O contexto atual requer transformações quer a nível da escola tanto como aos próprios professores que devem atuar de diferentes maneira durante o trabalho, é necessário que se

faça a redefinição da profissão docente para que os docentes assumam as suas competências profissionais no âmbito do processo de ensino aprendizagem, colocando em prática o saber ou o conhecimento científico, pedagógico, cultural, com vista a motivar o aluno para as novas aprendizagens, evitando a exclusão social, envolvendo todos os intervenientes da comunidade. Para tal, é indispensável que o ensino deve ser encarado com metodologias ativas e participativas de maneira ajudar o aluno a construir o seu conhecimento. Por isso, os professores vivem um grande desafio, pois precisam de aprender, acompanhar as mudanças ou transformações que ocorrem na sociedade de maneira a contribuir conscientemente para o desenvolvimento de competências da nova geração em função do seu cotidiano (Clock et al., 2018).

De igual modo, é necessário realizar a formação de professores mais rigorosa e que haja mais conexão entre a teoria e a prática, nesta dimensão o trabalho de Medina & Pérez (2017), contribui para compreender essa dicotomia entre a teoria e a prática, referindo que durante a formação docente, não podemos esquecer a aquisição por parte do aluno de uma sensibilidade prática, nem tão pouco subestimar a importância que o conhecimento teórico representa no momento de desenvolver o conhecimento prático de cada professor. Sabemos que atualmente existe problemas na formação de professores por não combinar suficientemente os conhecimentos teóricos com a sua implementação na prática, daí ser essencial existir a conexão entre o conhecimento disciplinar e o formal, baseado na disciplina académica dentro de um esquema de formação rígida, capaz de desenvolver competências que permitem aos docentes atuarem corretamente em situação real de aula.

Portanto, ao tual contexto angolano exige dos seus intervenientes maior entrega para se encarar de boa disposição na perspetiva de se melhorar as insuficiências que ainda enfermam o processo docente educativo. Há necessidade de se elaborar políticas educativas que contribuem para se elevar a qualidade de ensino tendo em conta os desafios deste mundo globalizado.

5.1. Resumo do capítulo I

O conhecimento sobre o panorama do contexto do sistema educativo em África ajuda a esclarecer as reais condições em que se desenrolam o processo docente educativo concretamente realizado em Angola. Nesta base, o sistema educativo conheceu várias mudanças e dificuldades herdadas do período colonial e conseqüentemente o conflito

resultante na busca da independência e um clima de paz, esses conflitos decorreram de 1961 até 2002.

Este fato contribuiu para que a educação vivesse muitos constrangimentos que vão desde a falta de professores suficientes e qualificados para exercerem a profissão docente, fraca rede escolar para o ensino secundário com excessivo número de alunos por turmas, que apresentam uma diversidade cultural, currículos não atualizados nem adaptados a realidade de cada contexto. Essa realidade podia ser bem explorada, mas existe poucos trabalhos que versam sobre o funcionamento das instituições escolares e a prática educativa realizada pelos docentes.

Apesar dos estados africanos valorizarem a educação, mas em contrapartida parece contraditório porque na prática os investimentos feitos no setor ainda são insuficientes, concretamente em Angola com uma média de 7% de investimento em cada ano letivo. Assim, lança-se os desafios sobre a necessidade dos políticos, legisladores e decisores compreenderem mais a importância do ensino e fazerem deste modo mais descrições e análise situacionais sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Para tal, é imprescindível existir mais professores formados e a construção e apetrexamento de mais infraestruturas escolares, com um clima de trabalho colaborativo entre todos intervenientes do processo educativo, onde a supervisão escolar deve fazer o acompanhamento de todas atividades realizadas nas escolas. É interessante realizar pesquisas para se compreender o que se faz nas instituições escolares de maneira a conciliar a teoria e a prática e realizar a introspeção sobre o modo de atuação com vista a perspetivar melhorias para que haja aprendizagem significativa.

CAPÍTULO II: A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESCOLA SECUNDÁRIA

CAPÍTULO II: A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESCOLA SECUNDÁRIA

Para tratarmos esta temática relacionada com a prática educativa dos professores, nos apoiamos nos artigos da revista Jcr e Scopus a fim de compreendermos o estado da arte de trabalhos que versam sobre a temática em estudo. Nesta base, procuramos definir alguns conceitos chaves, embora seja difícil devido a evolução semântica que apresentam. Ainda assim, destacamos alguns conceitos tais como: Professores de “Educação Moral e Cívica” escolas secundárias, administração escolar, modelos de ensino-aprendizagem, formação de professores, prática educativa, abordagem etnográfica e outros tal como podemos constatar em seguida.

2.1. Escolas secundárias

No trabalho de Michels (2006), podemos encontrar a contribuição que refere que a escola é uma forma social que contribui para o desenvolvimento de atitudes e capacidades que permitem habilitar as pessoas com uma formação, que ajuda a transformar as condições ideológicas visando o fortalecimento do poder numa sociedade democrática. Assim, a instituição escolar também pode ser entendida como um lugar social privilegiado por excelência destinado a socialização dos saberes, valores bem organizados e legitimados de forma sistemática.

Considera-se escolas secundárias, as instituições de ensino e constituem espaços onde se levam acabo e se configuram as práticas dos docentes; estes cenários são formadores de novas gerações para os diversos desafios que a sociedade apresenta, devido a maneira que influencia e modela sua forma de pensar, perceber e atuar. Muitas são as vozes que se têm levantado repetidas vezes, que a escola como organização, é a verdadeira unidade de mudança na educação. Para que haja melhoria no processo de ensino e aprendizagem, segundo López et al. (2011), precisa-se de atuar inteligentemente sobre as necessidades, requerimentos e trajetórias de cada entidade complexa que chamamos de escola.

Assim, se ela for capaz de satisfazer e proporcionar as condições do bom funcionamento, poderá contribuir para que se realize aprendizagem inovadora, resolvendo as contradições emergentes nas comunidades de prática e suavizar está relação com estabilidade, harmonia e evitando deste modo as crises. Segundo Stenhouse (1984, p. 222), citado por San Fabian (2011), «a escola é a comunidade organizadora básica de educação e, é a este nível donde há que tratar os problemas e possibilidades da inovação de currículo». Para que tal aconteça, é necessário que se realize por um lado, as tarefas primárias das escolas, aquelas

que se referem a educação dos filhos, tais como o trabalho docente e tutorial. Por outro lado, temos as tarefas de apoio, que geralmente são de tipo administrativo, buscam facilitar os processos de ensino e aprendizagem. Para o sucesso desta atividade educativa é crucial que haja colaboração entre as tarefas primárias e as tarefas de apoio.

Assim, as deslocações que as pessoas fazem, a procura de melhores condições sociais e de segurança, na visão de Garcia et al. (2014), contribuem para que a realidade educativa das aulas nos centros de educação secundária, mostrassem um cenário complexo devido a heterogeneidade, em função da diversidade cultural existente nas salas de aulas. Neste sentido, Diez (2014), argumenta que a convivência num contexto educativo de diversidade cultural com alunos heterogéneos, com diferentes interesses e motivações constitui um desafio para o docente, porque muitos conflitos surgem da própria organização da escola que quando não controlada afeta profundamente toda comunidade educativa. Assim, as escolas foram criadas com o objetivo de ajudar a transformar as mentes dos alunos em mentes educadas.

Hoje em dia, para que esse direito se continue a respeitar, exige-se dos professores maior empenho e dedicação, compromisso e motivação. Segundo Marcelo (2009), muito se tem escrito sobre a influência que as atuais mudanças sociais estão a ter na sociedade propriamente dita, na educação, nas escolas e no trabalho dos professores. Sabemos que a profissão docente é uma profissão considerada do conhecimento. O conhecimento, o saber, tem sido o elemento legitimador da profissão docente e a justificação do trabalho docente, tem-se baseado no compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos. Por isso, é importante que a escola seja mais democrática no desenvolvimento de programas e estratégias que garantem a atenção a diversidade existente atualmente nas escolas.

A escola como agente socializador, na visão de Jordi et al. (2016), assume um protagonismo particular na inserção e participação do aluno na comunidade. Ela visa desenvolver valores, competências, normas e significados culturais pertinentes, que ajudam na convivência com outras pessoas, de maneira que esteja mais implicada na participação das atividades de acordo ao meio que estiver envolvido. Para Salazar (2015), a escola tem uma nova missão e desafio nos dias de hoje, que é de promover o conhecimento ao longo de toda vida, para tal, se requer professores comprometidos com a aprendizagem contínua, em colaboração com os colegas, ajudar os alunos na gestão e utilização do conhecimento.

Sabemos que a escola enfrenta atualmente dificuldades que para Guerrero (2011), estão relacionadas com a crise de transmissão cultural, como dar um novo significado socialmente os saberes escolares, uma vez que temos problemas organizacionais de conteúdo e horários. Por isso, as escolas devem empreenderem esforços para ajudar a construir uma cultura básica que facilite a integração e participação ativa na vida pública.

As relações positivas ou negativas de convivência vão incidir no desenvolvimento do clima da escola, no sentido de que quando indicam que um clima favorece mais as oportunidades para convivência harmónica, mas as relações negativas geram um clima desfavorável na convivência e aprendizagem. Em suma, um bom clima de convivência contribui para a existência de boas relações entre os membros da comunidade educativa, que por sua vez favorece a aprendizagem dos alunos e do desenvolvimento sócio-emocional deste e do professor (Vélez et al., 2015).

Assim, é notório no trabalho de Rodríguez & Fernández (2015), o papel do contexto escolar e assinala que os centros educativos são todas as organizações sociais, que estão constituídas por grupo de pessoas que exercem determinadas funções, tendo em conta os objetivos e propósitos que se pretende alcançar. Para tal, é importante o empenho de todos, de maneira que haja eficácia e racionalidade na condução das atividades tendo em consideração que a realidade organizacional contribui para existir bom clima laboral. Ainda, demonstram no seu trabalho a importância e necessidade das relações humanas nas instituições escolares, bem como a valorização dos comportamentos resultantes desta interação.

Nesta ordem de ideia, o clima de uma instituição pode ser afetado por variáveis de natureza diversa de uma forma singular tal como tipo de estrutura, estilo de liderança, tamanho da organização, políticas e planos de gestão. Estes fatores podem afetar a possível satisfação profissional em caso de se verificar uma excessiva pressão, conflitos e pouco reconhecimento de êxitos laborais e baixo nível de recompensas (Rodríguez & Fernández, 2015).

No entanto, é necessário a escola facilitar a implicação parental (ajudando que as famílias entrem no centro, participando na coordenação de direitos e deveres). A melhoria dos resultados académicos abarca toda a escala social e são especialmente significativos para as famílias. Assim, a prática demonstra que as igualdades de condições nas instituições escolares concorrem para que se obtenha bons resultados académicos, fomentando uma maior

comunicação com os pais, animando os mesmos a ajudarem os seus filhos em suas tarefas e participam na gestão do centro educativo (Castillo et al., 2014).

As autoras Trave & Mendieta (2013), apresentam uma contribuição relevante acerca do clima social adequado que o centro escolar deve possuir para favorecer a integração social dos alunos. Pois, uma das variáveis importante na criação deste clima positivo na escola, prende-se com a existência de relações sociais adequadas e a percepção de apoio social entre os integrantes do processo de forma que este clima proporcione benefícios durante toda a vida.

Peña (2011) reforça que as investigações atuais a respeito do trabalho dos professores fazem menção, as características resultantes da relação entre o professor, o aluno e a convivência escolar. São de alta relevância para quem aprende e constitui um fator primordial e determinante nos resultados do processo de ensino-aprendizagem em vários centros de contexto escolares. Por isso, corroboramos da ideia de que a tarefa educativa da escola exige mais atualização por parte dos profissionais devido as várias mudanças das condições sociais, exigências formativas bem como a diversidade de alunos que vão aparecendo nas escolas.

Tal como consta do trabalho de Guerra (2010), mudam os tempos, também mudam as responsabilidades profissionais, daí a necessidade dos profissionais em educação empreenderem esforços no sentido de continuarem a formar-se para acompanharem a dinâmica da própria sociedade atual. Quando a escola se transforma em lugar de instrução e educação é necessário a existência de professores preparados para esta dupla função enquanto instrutor e educador, tal como é justificado no trabalho de Fraile (2015), tendo em conta que os âmbitos que constituem a cultura escolar constam principalmente as práticas curriculares, as práticas emergentes do campo teórico da pedagogia e as práticas que sustentam as influências políticas.

Porém, a escola deve se converter e assumir o seu desafio e continuar a conciliar o ensino com a investigação, por ser também uma forma de transformar os alunos em produtores intelectuais de conhecimento. Deste modo, a escola precisa de docente competente, onde o sistema educativo requer pessoas preparadas que investigue e escreva acerca da sua prática pedagógica na sala de aula. Esta distância entre o ensino e a produção de conhecimento faz com os desafios de investigação na escola se torne complicado para o professor, pois toda vez que dedicar um tempo que estará fora de sua jornada laboral e já

cansado pelo esforço empreendido, resultando conhecimentos que a comunidade científica pode validar (Jaramillo-Echeverri & Aguirre-García, 2015).

Em suma, Locke & Sunley (2010), defendem que para que se alcance o sucesso ou a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem e haja aprendizagem significativa na disciplina de educação moral e cívica, recomenda-se que a escola secundária proporcione e promova o respeito mútuo e o envolvimento de todos os integrantes no referido processo.

2.2. Nível secundário

De acordo a nova lei aprovada pelo Governo de Angola (2016), destacada como a Lei de Bases nº 17/16 do Sistema de Ensino e Educação, no seu artigo 30 °, define o ensino secundário como sendo o nível que sucede o ensino primário e prepara os alunos para o ingresso no ensino superior ou no mercado de trabalho imediatamente ou após a formação profissional complementar. Assim, em Angola existe dois níveis secundários, um que é alcançado mediante a formação na escola secundária do primeiro ciclo com a duração de 3 anos, onde se leciona a 7ª, 8ª e 9ª classe para educação regular e a educação de adultos, e outro nível resultante do segundo ciclo que é finalizado depois da frequência da 10ª, 11ª, 12ª classe ou até a 13ª classe para as escolas de formação profissional.

A cidade do Lubango tem uma superfície territorial de 3.140 quilómetros quadrados e uma população estimada em 731.575 habitantes. Segundo a Direção Provincial da Educação na província da Huíla, o ano letivo de 2016 conta com 850 mil alunos matriculados e a frequentarem as aulas nas 1.826 escolas existentes, com 18.195 docentes. Número ainda insuficiente para atender a demanda de alunos e de escolas na região, daí existir um défice que está calculado na ordem de 3.094 docentes. O município do Lubango tem 199.514 alunos dos quais 48.313 alunos, estão matriculados em 21 escolas do ensino secundário do primeiro ciclo, num processo assegurado por 7.176 professores destacados nas comunas da Arimba, Hoque, Huíla e Quilemba.

Não existe uma estatística sobre os professores que possuem a formação inicial, em relação aqueles que não possuem, pois esse elemento tem sido menos relevante no ato da admissão de novos funcionários para o setor educativo. O trabalho é realizado num ambiente difícil, pois existe problemas de saneamento nas escolas secundárias, falta de água, energia, livros de textos suficientes, falta de mais salas de aulas, papel, giz, quadro para escrever, entre outras. Algumas dificuldades têm sido minimizadas com o dinheiro resultante do pagamento trimestral da participação coerciva exigida as famílias ou encarregados de educação dos

alunos. Estas famílias estão descontentes pela comparticipação, porque esta iniciativa é local e não resultou de uma orientação do ministério da educação e por existir famílias sem recursos financeiros.

2.2.1. Os objetivos do ensino secundário

Os objetivos deste nível de ensino são metas que se pretende que no final das aprendizagens os alunos sejam capazes de realizarem determinadas ações, tal como consta da Lei de Bases n. 17/16, do Sistema Educativo no seu artigo 19º. Assim, são objetivos deste nível de ensino os seguintes:

- a. Desenvolver harmoniosamente capacidades físicas, estéticas, laborais, intelectuais e cívicas da jovem geração;
- b. Dominar competências científicas a fim de intervir na vida ativa da sociedade;
- c. Conhecer e respeitar os valores e símbolos nacionais;
- d. Relacionar os conhecimentos técnico- científicos com a resolução dos problemas nacionais possibilitando a uma melhor reflexão sobre o meio onde vive;
- e. Formar o indivíduo, a fim de o capacitar para uma melhor análise e compreensão dos problemas a nível nacional, regional e internacional;
- f. Respeitar os valores e símbolos nacionais, pela dignidade humana, pela tolerância e cultura da paz e unidade nacional;
- g. Formar um indivíduo capaz de compreender os problemas do país participando na vida social à luz dos princípios democráticos.

2.2.2. Plano curricular do I ciclo do ensino secundário

Sabemos que a implementação de reforma curricular é uma escolha política mesmo quando não estamos plenamente conscientes disso. Assim, para Silva (2013), o currículo é caracterizado como sendo mais do que um conjunto de conhecimentos bem sistematizados, que regulam o processo de formação da atual geração e a futura. Deste modo, o currículo é uma perspetiva sobre o tipo de mulher e homem que se deseja formar e, capaz de contribuir para o desenvolvimento ou conservação de um determinado modelo de sociedade almejado de acordo a escolha política que for adotada.

Assim, o 1º Ciclo do Ensino Secundário é o nível que sucede ao nível primário e constitui a primeira etapa de formação geral que permite uma preparação prévia que articula-se com o segundo Ciclo do Ensino Secundário. No âmbito da reforma educativa, o plano de estudos deste ciclo observa-se uma redução da carga horária em relação ao sistema anterior,

pois constam do plano de estudos do primeiro ciclo do ensino secundário um total de 12 disciplinas que irão possibilitar o aluno, após a conclusão da 9ª classe, prosseguir os seus estudos nas escolas do segundo ciclo do ensino secundário ou nos institutos médios técnicos e normais.

Deste modo, o Plano de Estudos prevê na sua implementação, um máximo de 30 horas semanais durante 30 semanas para as três classes, com uma frequência semanal de cinco dias letivos. Neste contexto, cada disciplina terá a carga horária semanal e anual, tal como podemos verificar na tabela seguinte:

Disciplinas	Horário semanal / Classe			Total por disciplina
	7 ^a	8 ^a	9 ^a	
Língua Portuguesa	4	4	4	360
Língua Estrangeira	3	3	3	270
Matemática	4	4	4	360
Biologia	2	2	3	210
Física	3	2	2	210
Geografia	2	2	3	210
Química	2	3	2	210
História	3	3	2	240
Educação Física	2	2	2	180
Educação Moral e Cívica	1	1	1	90
Educação Visual e Plástica	2	2	2	180
Educação Laboral	2	2	2	180
Total de tempos letivos semanal	30	30	30	---
Total de tempos letivos anual	900	900	900	2700
Total de disciplinas	12	12	12	36

Tabela 1. Plano curricular do I ciclo do ensino secundário

Fonte: Ministério da Educação de Angola

Está evidente que no atual plano curricular a disciplina de Educação Moral e Cívica tem a carga horária mais baixa de todas, 1 tempo semanal contrariamente ao plano anterior que

contava com 2 tempos, inserida com o objetivo de contribuir para um perfil de saída que visa resgatar os valores morais e cívicos para uma boa educação para cidadania.

2.2.3. Características do perfil dos alunos da escola secundária

Apesar da diversidade cultural dos alunos e alunas das escolas secundárias existentes em Angola, numa forma particular realizaremos um estudo nas escolas do I ciclo do ensino secundário sediadas no município do Lubango. Sabemos que nos dias de hoje, alguns alunos e alunas apresentam comportamentos inadequados nas relações interpessoais, pois, as crianças fazem o que lhes apetece, saem de casa sem darem satisfação nem o fazem quando regressam.

Os pais são mais ausentes, muitas famílias são desestruturadas, a onda de conflitos afetou muito as famílias. Alguns filhos ofendem, batem e em alguns casos, chegam a serem mais radicais, matando os próprios pais e vice-versa, vendem a casa dos pais, em outros casos os adultos violam as crianças. Acusam as mesmas de feitiçaria, porque os valores da cultura angolana que se acreditou durante muito tempo estão ficando para atrás, como a divindade (Deus) e seus ensinamentos, devido a confusão de divergências de ideologias existentes, umas baseadas na religião e outras no ateísmo (Kundongende, 2013).

Como se não bastasse a globalização / modernização, afetou os angolanos de uma forma muito forte, que até em alguns casos esquecem as suas próprias ideologias e culturas, realizando ações que não dignificam as pessoas como por exemplo, o aumento de crimes e vícios. No entanto, devido a má interpretação da globalização, nos dias de hoje há muita influência de realidades e práticas estrangeiras na cultura angolana em função dos novos hábitos e costumes principalmente proveniente da Europa e América. Por isso, o desafio que se lança ao angolano está em rever-se na sua cultura em primeiro lugar e depois receber o que tem de bom em outras culturas (García-Valcárce et al., 2014).

Assim, neste nível espera-se como perfil de saída, que os alunos aprendam a viver bem com os seus semelhantes, razão pela qual procura-se no dia-a-dia na sala de aula, que os professores contribuam para o desenvolvimento das dimensões socioafetiva e intelectual dos alunos. Uma vez que as relações interpessoais, são indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem e espera-se que no fim do I ciclo, o aluno no domínio socioafetivo e intelectual, seja capaz de organizar-se em função da sua escala de valores. Iniciar a sua integração na sociedade, especialmente no que concerne a certeza na escolha de uma profissão.

Nesta base, segundo o documento do Governo de Angola (2004), sustenta que neste período, diminuem as oscilações morais e começa a aparecer a maturidade na sua conduta e nas suas relações interpessoais:

- A ideia da entrada no mundo do trabalho e as preocupações dos estudos superiores tornam cada vez mais sensível aos problemas dos jovens;

- Do ponto de vista intelectual, o aluno desenvolve as capacidades lógicas e de representação simbólica, tal como são usadas pelos adultos. Aprende a equacionar um problema, na base de várias alternativas de soluções possíveis, decidindo entre elas quais as mais apropriadas;

- É de notar que o estágio de desenvolvimento depende em grande parte do grau de instrução da pessoa em causa.

Este é o quadro esperado, no entanto procuramos compreender até que ponto se tem desenvolvido estas competências para sabermos o que está na base das relações interpessoais não acontecerem de forma mais salutar, uma vez que existe no plano curricular esta componente moral e cívica. Deste modo, procuramos compreender como tem desenrolado a prática educativa dos professores e alunos, a maneira em que se desenrolam as aulas e o que estava na base desta problemática da não aplicabilidade dos valores ético-morais nas relações interpessoais, razão pela qual na altura (1992), se criou e implementa a respetiva disciplina de Educação Moral e Cívica no plano curricular com a finalidade de contribuir para a formação integral do aluno ou aluna.

2.3. A administração escolar

Para existir o sucesso educativo é necessário segundo Ayala et al. (2012), que a administração escolar tome medidas pertinentes com vista ao alcance dos objetivos. Ela deve articular deliberações relativas à organização das escolas, currículos e a formação dos professores tendo em conta as reais possibilidades que elas podem oferecer para que se alcance os objetivos do ensino. Para tal, segundo Fernández & Hernández (2013), é imprescindível que a administração escolar utilize um modelo de liderança compartilhada (colaborativa), capaz de contribuir para que haja boas práticas educativas nas escolas, pois fomenta a implicação, colaboração e participação democrática na maneira de atuar.

Assim, somos apologistas que a qualidade de ensino a semelhança de Mulford (2006), depende também da liderança e responsabilização que os docentes utilizam no contexto de

trabalho. Daí a necessidade de se compreender o trabalho realizado pelos líderes nas escolas secundárias tendo em consideração o desenvolvimento internacional acerca da liderança para o setor educativo com a finalidade de contribuir para uma educação integradora.

No entanto, no pensar de Amorim (2017), para implementação da gestão ou administração das instituições há que ter em conta alguns enfoques como o de administração escolar que refere que a escola está dividida por áreas, precisando unir as partes, passando de uma ação que ocorre para um processo contínuo, com hierarquização das ações, tendo a participação individual como chave do processo, que irá progressivamente envolvendo os demais participantes da escola neste processo de mudança. O enfoque de gestão considera que o todo da instituição escolar, faz parte do mesmo processo, por isso, são essenciais as ações planejadas e que sejam executadas de maneira coletiva para buscar soluções que ocorrem durante o funcionamento das instituições. Finalmente, o enfoque da gestão inovadora é aquele que exige a participação de todos de forma a consolidar as mudanças que ocorrem na escola com vista a despertar e criar bom clima de trabalho educacional que contribui para o desenvolvimento de competências inovadoras que visam fortalecer o bom trabalho de gestor apoiado com uma equipa colaborativa.

Assim, é necessário a administração escolar ter em conta os diversos modos de atuar, mantendo a relação estreita entre a liderança e a gestão administrativa, pois para que se produza uma transformação e melhoria dos processos de ensino e aprendizagem, é necessário também ter em conta as rotinas e manter os assuntos correntes da vida da escola. Assim, se necessitam temáticas que promovem a realização de investigação para melhorar a sustentabilidade dos problemas que ocorrem, já que as únicas tarefas que se realizam são da administração ou gestão da vida rotineira da escola, de maneira que o diretor da escola seja capaz de cumprir o seguinte:

- Estabelecer direções e construir uma visão instrucional com altas expectativas de êxito; Redesenhar a organização, modificando as estruturas organizativas; Construir uma cultura e clima escolar capaz de sustentar as normas e valores de confiança, colaboração; Fomentar uma cultura de interesse para melhoria dos processos de ensino-aprendizagem; Dirigir o programa instrucional, fazendo supervisionamento de maneira sumativa e formativa do progresso na aprendizagem e na inovação no ensino; Apoiar o desenvolvimento profissional do professor tanto de forma individual como coletiva; Procurar e distribuir os recursos

materiais, tempo e apoio necessário para que se produzam as melhorias (Santaella et al., 2016).

2.3.1. Função da administração escolar

A gestão escolar apresenta uma pluralidade de interpretação, pode ser também compreendida como um processo político de disputa e manifestação do poder sobre outros integrantes da escola pautando-se predominantemente pelos seus próprios olhares e interesses acerca de todos os passos desse processo. Para Ricardo (2012), a administração escolar visa garantir que as suas formas de compreender a instituição e os seus objetivos prevaleçam sobre as dos demais sujeitos participantes no processo educativo e leva-os a agirem de acordo os propósitos preconizados pela direção escolar.

A gestão é a execução da política, é por onde a política opera e o poder se realiza, uma vez que não é possível separar a teoria da prática e vice-versa, tal como é impossível a separação da administração em relação ao poder ou com o governo. Nessa perspectiva, Abdian et al. (2017), descrevem que não é eficaz perceber os estudos da gestão como um ramo da política, tal como foi referido anteriormente. Já que, pode fragilizar a própria gestão escolar ao afastar a possibilidade da capacidade e potencialidade da elaboração de políticas escolares. Assim, há necessidade de se explorar mais, pois a administração escolar tem o papel de alargar o grau de compreensão da gestão escolar para além de sua posição de mediadora da política educacional visando a garantia da qualidade das práticas educativas ocorridas em cada contexto escolar.

Para Alberto (2010), a administração escolar desempenha um crucial papel no campo da decisão política em educação em função da gestão dos diferentes espaços educativos, para que se realize bem o trabalho entre os intervenientes do processo. Ainda a administração escolar, vela para que se concretize os princípios da regulação e funcionamento global do sistema educativo de maneira que o desenvolvimento de diferentes paradigmas, concorra com lógicas específicas, com a finalidade de conceber uma aprendizagem organizacional que contribua para o progresso nas relações desejáveis entre todos os agentes responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem.

No pensar de Fernández et al. (2016), considera a competência docente, como sendo o conjunto integrado de característica pessoais, conhecimentos, habilidades e atitudes que são necessárias para uma atuação eficaz no processo de ensino-aprendizagem em diversos

contextos. Acreditamos que o professor para cumprir com esse desiderato, há necessidade da administração escolar avaliar as competências docentes, de maneira a contribuir para evidenciar o nível de competências e encontrar argumentos que permitem emitir juízos de valor pertinente para elaboração de desenhos curriculares e sua aplicação na formação inicial de futuros docentes e a formação permanente dos professores já em desempenho da profissão.

A escola tem a função de ser transmissora dos saberes produzidos socialmente pelas comunidades onde elas estão inseridas ou atuam. Isto sempre ocorre ao longo de toda história de formação das novas gerações colocando as instituições de ensino como organização marcante na vida das pessoas. Essas instituições procuram mudar em seu ambiente pedagógico para criar a nova cultura que seja individual e coletivamente referenciada, com práticas também individuais e sociais que se aproximam e se contradizem ao mesmo tempo, servindo de espaço inovador durante as aprendizagens. A função da escola também se realiza através das instituições de ensino para aproximar o passado ao presente, já que o presente abre espaços dinâmicos para aproximar e perspetivar o futuro, antecipando e revelando as experiências e saberes socioeducacionais, socioemocionais e sociopessoais que engrandecem a perspectiva histórica da educação (Amorim, 2017).

Em suma, a administração escolar também tem a função de controlar ou gerir a instituição escolar para garantir a definição e cumprimento dos ideais sobre o qual se construiu o processo de gestão, que é um processo de procura, disputa, conquista e socialização da supervisão desse controle de decisão que cada escola segue durante o seu funcionamento. Portanto, a administração escolar é responsável pelo desenrolar de todas atividades escolares em função do supervisionamento que faz no âmbito de coordenação da política escolar para a boa gestão escolar.

2.4. O conceito de Educação, Moral e Cívica

A educação é entendida, como uma busca de igualdade para todos os indivíduos, que se alcança pela aplicação de métodos eficazes para a aprendizagem do saber selecionado para ser ensinado, e por outra, é a implementação de um sistema educativo de responsabilidade do estado de qualquer país que garante a educação para todos, sustentando a promessa de progresso e acesso a todos os indivíduos (Vergara, 2015).

Atualmente se fala de educação intercultural como uma proposta de ação educativa teórico-prática em que prevaleceu o reconhecimento da existência dos outros como sujeitos possuidores de uma cultura diferente e o conhecimento do que isto significa em termos de

semelhanças e diferenças com a própria cultura escolar caracterizada por múltiplas influências. A educação intercultural se caracteriza pelo intercâmbio e a interação e favorece o desenvolvimento humano para o qual devemos adquirir competências e habilidades interculturais. Assim, esta educação deve buscar promover nos alunos, o desenvolvimento de capacidades de pensamento crítico que permite gerar uma implicância entre os sujeitos na necessidade de construir um projeto social comum. Para tal, a rotina docente deve estar focalizada em implementar práticas pedagógicas contextualizadas baseadas em estratégias de ensino aprendizagem, com o diálogo, reflexão e criatividade, promovem o desenvolvimento do pensamento crítico e a autonomia do estudante (Beltrán-Véliz et al. 2019).

Segundo os gregos a palavra moral vem do latim *moralis*, que significa maneira de viver, já os romanos associam esta origem a palavra *ethos*, que é entendida como a maneira de fazer ou adquirir as coisas, costume, hábito. No entanto, *moralis* diz respeito aos costumes. Assim, a noção de moralidade é apontada como sendo complexa em sua concepção clássica (baseada na razão e no agir corretamente) e da “afeição natural” (predisposição interna para amar e fazer o bem). A moralidade é uma dimensão humana estreitamente vinculada aos valores e tem um aspeto psicológico, na medida em que o indivíduo depende de mecanismos racionais e emotivos. Está condicionada com o desenvolvimento da personalidade sofrendo a influência de fatores socioculturais. Porém, o estudo da moralidade tem interessado particularmente a psicologia evolutiva desde uma perspectiva genética que permite o seguimento graduado acerca do desenvolvimento moral, podendo identificar-se os fatores determinantes e as relações entre eles (Raiza & Trina (2010).

Changwoo & Hyemin (2013), consideram a "ética ou filosofia moral" como disciplina preocupada com o que é moralmente bom e mau, certo e errado. Ele afirmou que o termo é também aplicado a qualquer sistema ou teoria dos valores morais ou princípios. Da mesma forma, a ética comumente é considerada como um campo de reflexão filosófica que orienta o nosso comportamento. A palavra cívica em muitos casos é associada a educação para cidadania, em outros como formação cívica, todos eles procurando compreender acerca dos valores humanos que permitem uma boa vivência em sociedade. Assim, o objetivo da formação cívica é conseguir que o sujeito atue de acordo com o que é o bem ou aquilo que é considerado bom. A formação cívica deverá proporcionar ao indivíduo um conjunto de critérios para atuar de forma autónoma e racional perante situações que apresentem conflitos de valores.

Apesar das diferenças, a base comum em que se apoia a competência social e cívica é fundamentada exatamente na formação e no exercício da cidadania. Daí a necessidade de pensar sempre na responsabilidade moral da escola e em consequência Fernández-Soria & Mayordomo Pérez (2014) enfatizam o desejo de organizar como uma comunidade moral que reproduz um processo e condições de vida e considera que seus procedimentos hão de estar concebidos para insistir mais na construção e a produção que na observação é a mera aprendizagem. E deixa claro que tanto a formação de caráter como a preparação da vontade dos hábitos morais têm uma perspectiva ou finalidade social importante, dado que a ação moral é uma questão não individual, mas também social, de maneira que a responsabilidade moral da escola e dos que conduzem, e o sistema educativo que não conhece este fato da responsabilidade moral seria incompleta. Só podemos saber se nós somos a maioria na verdade pela ação realizada dentro da própria responsabilidade para os outros e com os outros na comunidade a que pertencemos.

No entanto, como argumentam Gutiérrez & Lozano (2015), a educação é tida como um fator chave para o desenvolvimento de capacidades, competências, habilidades e atitudes que garantem uma boa convivência e salvaguardar os direitos e deveres dos seres humanos. Por isso, em função da diversidade é necessário que as instituições escolares sejam reconhecidas como espaço que contribui para ajudar os integrantes da mesma a viverem a democracia e os valores que garantam a convivência e respeitando a diferença.

Para Bruno, Jofré & Jover (2009), citados por Fernández & Mayordomo (2014), pensam sempre que a responsabilidade moral da escola, antes é da sociedade e enfatizam o desejo de organiza-la como comunidade moral, que reproduz um processo e condições de vida. E considera que seus procedimentos devem estar relacionados com a construção e produção em que a observação é o meio de aprendizagem. Considera a formação de caráter como preparação da vontade ou os hábitos, costumes e têm uma perspectiva ou finalidade social importante. Dado que a ação moral é uma questão não só individual como social, o sistema educativo que não reconhece este fato seria incompleto e caduco.

Portanto, com a contribuição de Gregori & Cervantes (2012), refletiremos acerca de educar em valores em função da importância que representa. Por isso, incentivam a criar condições para estimar os valores que permitem o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes próprias para a convivência pacífica. Assim, considera que os valores consagrados nas sociedades plurais e democráticas são o que se denomina educação moral, a

qual pretende aproximar as crianças e jovens a pautarem por uma conduta e hábitos coerentes com os princípios e normas ou regulamentos.

2.5. O Professor de Educação Moral e Cívica

O professor é considerado como aquele que ensina e organiza o trabalho prático e colabora na investigação. Ele é muito importante, porque tem como principal objetivo formar seres humanos para a vida, capazes de responderem as demandas de um mundo em constante mudança. De acordo o contexto de Angola, o professor de Educação Moral e Cívica é alguém recrutado para trabalhar no setor educativo a fim de lecionar mesmo não tendo a formação inicial. Pois, os critérios de seleção como professor, não condicionam a formação inicial ou profissional que possui o candidato. O importante são as habilitações literárias que o candidato possui, tendo como habilitação mínima exigida a 9^a classe em diante, não importa se esta formação resultou da formação geral ou se resulta da formação profissional.

Diante este quadro, as investigações no âmbito de atitudes dos professores, tendo em conta a diversidade cultural existente na escola, fazem menção a existência segundo Sanhueza et al. (2014), das seguintes formas de atuar: alguns docentes estão preocupados principalmente com o conteúdo escolar; outros docentes estão centrados na metodologia de trabalho, enquanto também há docentes que centram o trabalho no desenvolvimento de competências dos alunos tendo em conta o crescimento socioafetivo.

Atualmente existe informes que destacam a maior complexidade de trabalho dos professores de educação secundária. Deste modo, segundo Lorenzo et al. (2015), as novas funções e direções fazem com que a mudança de trabalho dos professores seja evidente: a aparição e uso das novas tecnologias de informação e comunicação, a necessidade de seu conhecimento e uso por parte dos professores. Sobretudo, desde a perspectiva didática, gestão da aula e escola, atenção de necessidade educativas, atenção a diversidade cultural e a necessidade de resolver problemas de comportamento.

Assim, espera-se do docente de EMC, que contribua para o desenvolvimento de atitudes positivas nos alunos, deve ser reflexivo, investigador, intelectual, crítico e transformador, capaz de dominar saberes, compreender a cultura e o meio que o rodeia, bem como trabalhar e aprender em equipa. Ainda na visão de Colomer et al. (2010), o docente tem de passar de uma posição passiva para ativa para que possa cumprir algumas funções: diagnosticar necessidades, planificar as lições, eleger materiais didáticos pertinentes e motivar os estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Nesta ordem de pensamento, Marcelo (2009a), faz menção de que o professor influencia toda aprendizagem dos alunos e alunas. Daí que a aprendizagem depende do tipo e nível de conhecimento e da capacidade de realizar as atividades por parte do professor. Para tal, é necessário que ele seja responsável, investigador, reflexivo e comprometido em realizar boas práticas.

A concepção atual de profissão se refere a uma atividade socialmente institucionalizada, que proporciona uma série de bens ou serviços necessários para a sociedade. Se requer uma formação especializada e reconhecida para poder exercê-la, em função das normas e códigos éticos orientadores estabelecidos para o exercício da mesma. Para o efeito, é necessário possuir as competências docentes, entendidas como a forma prática em que se articula o conjunto de capacidades, habilidades e competências que possui ou deve possuir o professor e que determinam os resultados de suas intervenções pedagógicas. Assim, o papel do professor na apropriação das políticas de apoio educativo é chave para que a resposta educativa oferecida aos estudantes na busca de conhecimento. É crucial elaborar-se normativas incentivadoras para se realizar investigações que contribuam para que as práticas educativas se desenvolvam dentro das escolas e em aulas, para que os atores se apropriem dos processos e originem ações e práticas que ajudem os alunos a desenvolverem competências e a qualidade de ensino (Monarca, 2017).

Neste sentido, para Núñez et al. (2012), o exercício da profissão docente, quando assumido como exercício da profissionalização passaria de expressão de ação e rotinas para converter-se em uma praxis intencionada, geradora de sentidos e de saberes para os docentes. Para tal, é essencial ter em conta a sua função que desempenha que no pensar de García et al. (2018), todas as funções do docente são importantes, destaca que a orientadora é determinante e constitui apoio essencial à formação de integral de alunos como pessoas comprometidas consigo mesmo e com a sociedade com mente crítica e com habilidades para conseguir a autorientação e trabalhar para adquirir e difundir os valores humanos. Embora o professor tutor não seja propriamente um orientador, pois seu papel mais preciso é responder a necessidade de educar pessoas concretas, particulares, individuais com problemas singulares, motivacionais e características distintas uma em relação a outra. Entretanto, a figura de tutor se institucionaliza numa parte da ação educativa orientadora.

No trabalho desenvolvido por Reloy et al. (2017), expõe que os professores em serviço ativo de educação secundária deviam possuir características que concorram para ser um

bom professor tais como as seguintes: entusiasta, criativo, com sentido de humor, desafia os seus alunos, alentador, paciente, que não se dá por vencido, interessa-se pelos estudantes, conhece bem a gramática, disponível para atender os alunos, trata bem os alunos, justo e que desenvolve a sua inteligência emocional fora da aula. Estas características estão organizadas em diversas outras áreas: afetividade, habilidade (criatividade, aberto a novos desafios), técnicas de gestão da aula e conhecimentos académicos. Por outro lado, outros estudos referem a existência de doze características pessoais e profissionais que podem possuir um professor: preparado, positivo, com altas expectativas, criativo, justo no relacionamento e nas avaliações, acessíveis, faz com que os alunos se sintam bem-vindos e cómodos nas suas classes, compassivo, com sentido de humor, respeito pelos estudantes, sabe perdoar e admitir os erros dos outros.

Portanto, para o exercício da profissão docente é indispensável os docentes possuírem por um lado, as competências instrumentais, de carácter mais específico, relacionadas estreitamente com o trabalho docente, tanto a nível de conhecimentos como a nível metodológico, tecnológico e avaliativo (domínio da matéria, habilidades organizativas e de planificação, papel motivador, atenção individualizada). Por outro, as competências interpessoais de carácter geral e intrínseco ao indivíduo, relacionadas com o seu mundo interior e com o âmbito das relações sociais (entusiasmo, otimismo pedagógico, automotivação, liderança, espírito inovador, assertividade, respeito) que vão servir de motor impulsionador para melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem (Fernández Díaz et al., 2016).

2.6. Modelos de ensino-aprendizagem

Durante o desenrolar das atividades educativas na sala de aula, é necessário o professor apoiar-se em alguns modelos de aprendizagem que servirão de orientadores para participação ou não dos alunos, de forma que haja aprendizagem significativa. Porque segundo Sanderse (2013), a educação moral é altamente dependente da personalidade dos professores individuais e que eles podem educar moralmente de maneira explícita, inculcar valores ou virtudes e não ir a sala de aulas, apenas para educar de acordo a sua forma, estilo e julgamento.

Atualmente a educação está transformando-se com a aparição das correntes pedagógicas das quais resultam os modelos de ensino aprendizagem. A aplicabilidade desta teoria vai variando em função das mudanças económicas, culturais, sociais e políticas. No

entanto, segundo Altuna Urdín et al. (2017), existem as teorias condutivistas, associativistas, construtivistas e o conectivismo. Sendo esta última, estar muito interligada ao campo educativo devido ao maior acesso a internet e a conexão inter-escolar. Porém, cada uma destas teorias tem a sua utilidade dependendo dos objetivos a serem alcançados, daí não se tratar de qual é a melhor ou a pior. Contudo, é crucial conhecer essas correntes e avaliar qual é a ideal a utilizar dependendo dos aspetos positivos que pretendemos alcançar.

Assim, ao longo das aulas, os professores se baseam sempre em alguns enfoques ou modelos de ensino-aprendizagem para desenvolverem a sua prática educativa na sala de aula tais como: a aprendizagem tradicional em que o ensino é centrado no professor, que usa a aula expositiva como a única forma de ser passado o conteúdo a ser aprendido pelos alunos. Após exercícios de repetição, eles reproduzem o conteúdo na base das questões formuladas, nesta perspectiva considera o ensino como transmissão de conhecimento e a aprendizagem como sendo a reprodução daquele. É o modelo centrado no ensino, também denominado modelo tradicional, centrado no professor, de transmissão de conhecimento, põe em ênfase o papel do professor como transmissor de informação, que possui o conhecimento e deve comunicar bem. Este modelo basea-se em métodos tradicionais e o papel do aluno é mais passivo (Gargallo et al., 2018).

Nesta ordem de ideia, espera-se que o professor de EMC seja ou continue a ser um orientador da aprendizagem de seus alunos e alunas e não somente um mero transmissor de conhecimentos sobre as matérias. Deve construir uma aprendizagem que seja capaz, tal como refere Garcia et al. (2014), de contribuir para que seja mais democrática e participativa ao contrário da passividade, mais apaixonada, dialogante e visual. Daí a necessidade de se fazer sempre a autocrítica reflexiva antes, durante e depois da ação pedagógica para que haja aprendizagem significativa.

Assim, Pérez-Mateo et al. (2014), refere que o uso das tecnologias como mediação dentro dos métodos colaborativos para a instrução, é visto como uma ferramenta que permite aos educadores apegar-se as ideias construtivistas atuais para desenvolver os processos de ensino e aprendizagem. Para tal, é necessário o diálogo e a interação social entre os membros de grupo entre estudantes e docentes. Pois, a integração das tecnologias digitais na educação, quando bem utilizada contribui para mudanças de métodos de ensino e aprendizagem, currículo, objetivos de aprendizagem bem como o desenvolvimento dos integrantes no processo.

O enfoque transmissivo é a perspectiva que tem dominado e ainda domina as atividades dos professores em sala de aula, em que se realiza num processo unidireccional entre o professor-aluno com a finalidade de acumulação dos conteúdos curriculares na mente das alunas e alunos. Para este modelo, os conhecimentos que possui o docente ou existente em livros e os valores devem passar aos discentes sem ter em conta outras particularidades destes. Segundo Geijo (2008), esta concepção de ensino centrado na transmissão - recepção de conhecimentos e as correspondentes visões de considerar, a aluna e o aluno como tábua rasa e de ciência como um conjunto de conhecimentos absolutos e inquestionáveis que o professor vai depositar na cabeça vazia da aluna e do aluno, que por sua vez de forma passiva internalizam e reproduzem quando for exigido nos exercícios ou exames para medir o nível de aquisição dos conteúdos.

Segundo Pineda-Alfonso & García-Pérez (2017), nos anos 80 do século XX surgiu a teoria construtivista cujo enfoque refere que a aprendizagem não é um ser acumulativo, mas que requer reconstrução. Desde esta perspectiva, a mudança se entende como um processo temporal, complexo e dinâmico e se procura dar conta dos mecanismos que o explicam e que dão lugar as transformações psíquicas. Posteriormente, o marco clássico foi variando tendo se incluído abordagens diversas como o papel o das interações entre fatores cognitivos e emocionais ou as ideias de campo que dão lugar as transformações psíquicas. Assim, as analogias e metáforas se consideram princípios fundamentais de pensamento e a ação cotidiana, e se fazem utilizado como ferramenta didática em conexão com as denominadas experiências para aclarar aspetos de conteúdo científico na prática de aula.

Ainda este modelo construtivista apoia-se nos fundamentos pedagógicos do filósofo Sócrates e o psicólogo Piaget que são defensores da concepção segundo a qual, a aprendizagem deve incidir sobre o indivíduo de forma a orienta-lo para a sua transformação e mudança de pensar e desenvolver os conhecimentos. Ainda na abordagem construtivista, García-Valcárce et al. (2014), recordam a velha máxima de Piaget quando expressou, que a meta principal da educação, é criar homens capazes de fazer algo novo, e não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Daí que precisa-se de homens criativos, capazes de fazer coisas novas, inventores e descobridores.

Para tal, é necessário desenvolver habilidades metacognitivas, criativas e comunicações que seguem uma exigência da educação atual e deve-se entender a aprendizagem como um processo de apropriação e construção de conhecimento. Porque

Werneck (2006), neste modelo a aprendizagem resultaria de um processo de construção individual do sujeito a partir de suas representações internas e da interpretação pessoal. Este modelo refere que o aluno seja ativo na construção do seu conhecimento e compreenda cada fase do processo, perceba os vínculos existentes entre eles e incorpore como seu aquele conteúdo.

Segundo Rubia & Guitert (2014), assinalam que o adjetivo colaborativo faz referência a quatro aspetos da aprendizagem: a necessária situação que permita colaboração entre as pessoas de mesmo estatus; as interações que hão de facilitar a colaboração; os próprios mecanismos de aprendizagem, apoiados em dinâmica de assimilação, acomodação desde a perspectiva de grupos e os efeitos da aprendizagem colaborativo que se apoia em distintas dinâmicas de registo da ação de aprender e que constroem resultados mais profundos do domínio do conteúdo.

Para além destes estilos ainda destaca-se a aprendizagem cooperativa, que segundo Navarro et al. (2015), é definida como uma forma de trabalho em grupo baseado na construção coletiva de conhecimento e desenvolvimento de habilidades que contribuem para uma aprendizagem pessoal e social. Onde cada membro do grupo é responsável da sua aprendizagem bem como dos outros membros do grupo. Daí a necessidade de introduzir no processo educativo, o maior protagonismo aos estudantes e fomentar neles o trabalho autónomo, permanente e colaborativo para que haja sucesso na atividade a realizar.

O termo aprendizagem colaborativa segundo Torras (2013), é uma expressão original e própria da psicología da educação Computer Suported Collaborative Learning, foi utilizado pela primera vez por Koschman (1996). Ela se baseia em seis princípios de ensino e aprendizagem tais como:

O princípio da multiplicidade, que refere a aprendizagem como complexa, dinâmica, contextualizada e interativa, pelo que a docência deve diversificar as estratégias e perspectivas;

O princípio da ativação, que valoriza o esforço do estudante no processo de aprendizagem para construir um conhecimento válido e utilizável na sua vida;

O princípio da acomodação considera que a aprendizagem é um processo de acomodação e adaptação, pelo que o professor deve incentivar a autoavaliação no aluno;

O princípio da autenticidade sustenta que a aprendizagem é sensível as perspectivas e objetivos desejados tendo em conta o contexto do aluno e a natureza do aprendido;

O princípio da demora da insuficiência, refere que sempre se aprende algo independentemente dos pontos fracos que o processo de aprendizagem apresenta;

Finalmente o da articulação está baseado na abstração e compromisso dos alunos de maneira que a docência ofereça oportunidades para articular o conhecimento anterior com os novos. Deste modo, o enfoque da aprendizagem cooperativo salienta que a aprendizagem resultava da observação, conversação e prática, atividades que serão bem feitas quando feitas em colaboração com os outros. Assim, este modelo segundo Maset (2012), estrutura as diversas atividades formativas e as áreas do currículo que favorece a interação entre os docentes e discentes em torno do trabalho em equipa de maneira que esta colaboração contribua para a qualidade de ensino e atenda a diversidade existente em sala de aula.

Ainda a aprendizagem cooperativa na visão de Díez (2011), permite que trabalhando em grupos os estudantes, poderão alcançar os objetivos mais comuns para maximizar a aprendizagem dos mesmos, desde a estruturação da aprendizagem de forma cooperativa, ao mesmo tempo que se produz o conhecimento de aprender conteúdos curriculares e aprender habilidades cooperativas. Existe também a aprendizagem baseada na investigação, é um método de aprender fazendo, implica que os alunos construam seu próprio conhecimento, baseando-se em sua experiências e investigações pessoais. Uma vez mais, o desenvolvimento profissional dos docentes é chave para integrar de maneira efetiva este tipo de enfoques em suas classes. Assim, neste mesmo informe ainda se aponta que o maior obstáculo para a aprendizagem reside em um conjunto de como aglutinar os inumeráveis métodos e tecnologias em uma estratégia ágil que seja susceptível de ser implementada, extendida e reproduzida em todos os centros escolares (Solo de Zaldívar, 2017).

2.7. A prática educativa dos professores

Ao abordar acerca da prática, pressupõe que ela se associe a determinada teoria que pode constituir um conjunto de leis, enunciados e hipóteses que dão configuração ao corpo de conhecimento científico, sistematizado e organizado, que permite derivar fundamentos e regras de atuação. Na perspectiva educacional, tal como refere Álvarez (2012), podemos entender a prática como uma praxis que implica conhecimento para se alcançar determinado objetivo, pois a prática refere-se ao saber fazer. Deste modo, temos a teoria educativa como

conhecimento formal existente ou produzido sobre a educação e a prática educativa, como sendo a atividade de ensinar e educar que se desenvolve nos centros educativos.

Assim, a prática é considerada como a ação, a prática profissional como referentes e como estratégias formativas, caracterizada pelo trabalho colaborativo entre os atores implicados (profesor tutor-estudiante, professor estagiário - tutor-estudiante, estudiante-estudiante) e pelo seu perfil interdisciplinar, relacionado com lógicas metodológicas de articulação curricular e de inovação entre as escolas de prática. Igualmente, a prática é a interconexão entre o mundo formativo e o mundo produtivo, um espaço formativo compartilhamento de saberes e um tempo em que os alunos podem aprender fazendo (Tejada-Fernández et al., 2017).

Assim, incluímos à prática pedagógica, a ação que Cortez et al. (2013), consideram como a praxis social, objetiva, intencional em que intervêm os significados, as percepções e ações dos agentes implicados no processo educativo. Ela implica um marco de ação constituído por processos de formação, experiência, crenças, concepções pedagógicas, as políticas curriculares, a visão de mundo, a forma de ser de quem organiza e conduz a atividade na aula.

Atualmente existe uma crença geral sobre o que é a prática pedagógica que Ruiz Quiroga et al. (2013) definem-a como a ação pela qual se aplicam e comprovam as teorias pedagógicas ou seja se descreve como sendo a passagem da teoria à prática. Está concepção se traduz em perguntar a experiência acerca dos erros cometidos ao implementar em uma classe as ações determinadas anteriormente, de modo que os espaços se convertam em uma espécie de laboratório onde se mede a eficácia da ação em contraste com a teoria.

Segundo Mayor & Rodríguez (2016), entender a prática profissional dos docentes, requer antes de mais, uma reconstrução de conhecimento prático dos docentes, donde a teoria deve permitir analisar e transformar as práticas. Assim, para favorecer a mudança de ideias pedagógicas dos professores, se faz necessário gerar processos formativos donde a prática se converte em uma instância para o desenvolvimento profissional. Entendido aqui, como o conjunto de fatores (salário, clima laboral, formação permanente, desenvolvimento da autonomia profissional, abertura a novos dispositivos por onde circula o saber, etc.) que possibilitam, aumentar a qualidade docente, investigadora e de gestão.

Para Hernández et al. (2013), a prática educativa consiste num conjunto de ações sociopedagógicas organizadas num tempo e espaço de caráter histórico, que permite ensinar e aprender a partir de experiências formativas e práticas, a função fundamental é reconstruir e reinventar a existência humana dos homens. Ainda nos basearemos no trabalho de Garcia et al. (2008), intitulado «a análise da prática educativa dos docentes», onde apresenta-se a ação que o professor desenvolve em aula, referindo-se especificamente o processo de ensinar em contexto institucional. Considerando o centro da educação, o aluno que aprende, que vai a busca do seu conhecimento, pelo que supõe transformações no processo de maneira a basear-se não só no ensino, mas também uma educação baseada na aprendizagem.

Nesta perspetiva, defende-se que deve existir maior interação entre os professores e alunos ou alunas nos centros escolares e principalmente durante o processo de ensino-aprendizagem de maneira a compartilharem experiências que podem ser indispensáveis para o desenvolvimento integral de cada pessoa, docente e alunos. Por isso, Munoz et al. (2010) defendem que investigar sobre a prática docente para melhorar o processo de ensino-aprendizagem deve ocupar um lugar central na preocupação dos professores de continuar com a nobre tarefa de pesquisar para ensinar bem na disciplina que trabalha, investigar para fazer bem e orientar melhor a aprendizagem.

No trabalho de Vallejos & Dujo (2011), apresenta-se a discussão de como deve ser a educação tendo em conta a evolução da sociedade e a diversidade de povos existente atualmente a fim de poder selecionar para a educação, aquilo que constituiu a memória individual e privilegiar a “memória colectiva” como modelos culturais, que vão orientar a vida pessoal e comum de um povo como forma para o melhor enquadramento na vivência em coletividade.

A contribuição de Travería (2008), visa dirigir os professores das escolas secundárias, em função da dinâmica protagonizada pelos alunos das respetivas escolas, o que faz com que haja no século XXI um novo perfil de professores, que comporta mudança epistemológica de conceito, de maneira a enfatizar a capacidade de construir conhecimento entre os intervenientes do processo de ensino-aprendizagem de maneira a superar com êxito esta nova complexidade social.

Pensamos que esta dinâmica, por vezes implica na visão de Cerecer & Gutiérrez (2014), a reforma educacional que exige uma reestruturação de organização bem como a formação de professores, uma mudança de condições de trabalho para os professores e assim

proporcionar um desenvolvimento profissional ao longo da carreira. Ainda, Mercado & Martínez (2014), fazem menção acerca das práticas pedagógicas que os professores devem realizarem para melhorar a qualidade da educação, já que defendem a ideia de que o desempenho dos alunos melhora também se o professor usa avaliações de acordo a abordagem que tem realizado em sala de aula. Por isso, a avaliação tem sido caracterizada como formação e não apegar-se apenas à presença ou ausência de certos comportamentos.

Contudo, ainda considera-se a prática docente como a ação que o professor desenvolve na aula, especialmente referida ao processo de ensinar, e se distingue da prática institucional global e a prática social do docente. Entretanto, se procura distinguir entre a prática docente desenvolvida nas aulas e uma prática mais ampla, levada a cabo pelos professores no contexto institucional, denominada prática educativa. Esta última, para Garcia et al. (2008), se define como o conjunto de situações realizadas no contexto institucional e que influencia indiretamente nos processos de ensino-aprendizagem propriamente dito; se refere a questões mais interativa entre professores e alunos na sala de aulas, determinadas em grande medida, pela lógica de gestão e organização institucional do centro educativo. Tudo o que acontece dentro da sala de aula tendo em conta, a complexidade dos processos e das relações que se estabelecem, fazem parte da prática docente.

A prática docente se compreende como o conjunto de situações dentro da aula, que configuram o fazer do professor e dos alunos, em função de determinados objetivos de formação circunscritos ao conjunto de atuações que incidem diretamente sobre a aprendizagem dos alunos. Nesta ordem de ideia, Juan et al. (2015), argumentam que a análise da prática educativa deve realizar-se através dos acontecimentos que resultam da interação entre professor – aluno e aluna e vice-versa. Uma vez que o comportamento e sentimentos dos alunos dependem de fatores sociais, como a atitude do professor, o ambiente que cria na sala de aula é um elemento essencial para motivar e desenvolver as emoções dos alunos.

Outro autor a ter em referência sobre a prática educativa é Leguizamón (2013), que considera crucial a reflexão do praticante sobre sua experiência nas práticas, pois, é um conceito chave no desenvolvimento do trabalho, uma vez que a reflexão sobre a ação educativa durante o processo de ensino-aprendizagem se processa em três momentos: antes, durante e depois da ação que é entendida como prática docente. Para o bom desenrolamento desta atividade é necessário levar em consideração e reflexão as práticas educativas e sua planificação, procedimentos didáticos a ter em conta no contexto da sala de aula. A

planificação é a base para a prática docente e ajuda a decidir, prever, seleccionar, escolher, organizar, avaliar, refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem antes, durante e depois da ação concluída.

Se considerarmos a aula como panorama físico e psicosocial, que ocorre na relação entre professor e aluno com vista a construção de conhecimentos, então para compreendermos a prática pedagógica é imprescindível segundo Monteagudo (2012), centrarmos a nossa atenção nela. Tendo em conta os elementos que a compõem como o espaço, sujeitos, conteúdos, organização social e o pensamento dos intervenientes tais como: professor, aluno, diretor e famílias, de maneira a compreender as mudanças sociais verificadas no dia-a-dia das escolas e sua significação pedagógica.

Portanto, a prática docente é um conceito que em princípio refere as dinâmicas e acontecimentos próprios da formação e ensino de saberes específicos na aula. Esta aproximação inicial basea-se em três componentes fundamentais:

1. Docentes e estudantes como atores principais;
2. A formação, o conhecimento, o ensino e a aprendizagem como eixos que os vinculam;
3. A aula escolar como espaço central que na sua abordagem inclui as relações entre as componentes referidas anteriormente.

Nesta perspetiva, o respeito é necessário para reconhecer que as atividades e os princípios dos docentes e alunos são produtos de sistemas de crenças, saberes, opiniões, atitudes e valores (Barrios-Martíne et al. 2019).

2.8. A avaliação no sistema educativo

A avaliação é a recolha de informação que ajuda a fazer um juízo de valor sobre o que está ocorrendo no processo pedagógico, de maneira a tomar decisão que contribua para existir qualidade nas atividades e na própria avaliação. A lei de base do sistema de educação é da exclusiva responsabilidade do Estado Angolano e refere o seguinte:

As iniciativas de educação podem pertencer ao poder central e local do Estado ou a outras pessoas singulares ou coletivas, públicas ou privadas, competindo ao Ministério da Educação e Cultura a definição das normas gerais de educação, nomeadamente nos seus aspetos pedagógicos e andragógicos,

técnicos, de apoio e fiscalização do seu cumprimento e aplicação (Governo de Angola, 2001, art. 2, p. 3).

Está claro que, o ministério de educação tem muitas responsabilidades na fiscalização do processo, podendo utilizar todos mecanismos favoráveis para o sucesso. Para tal, é necessário também envidar esforço para realizar cabalmente as atribuições que lhe são inerente quer na realização de avaliação externa e interna. Assim, Bernardes & Rothen (2016), referem que *a avaliação não é um fim em si mesmo, mas um meio para transformar a realidade e transformar-se a si próprio*.

Durante o processo de ensino aprendizagem no sistema angolano, de acordo o trabalho de Afonso & Agostino (2005), as modalidades de avaliação previstas são: Avaliação diagnóstica, que é realizada antes do ciclo de aprendizagem; a avaliação contínua que ocorre durante o ciclo de aprendizagem e a finalmente temos a avaliação formativa que é realizada no final da aprendizagem de cada trimestre. Sabemos que para além destes tipos de avaliação existem outras modalidades para melhorar o processo educativo.

A avaliação de escola enquanto promotora da melhoria está presente nos discursos que sustentam a importância da recolha de informação útil sobre o funcionamento das escolas, de modo que possibilite a tomada de consciência de situações e processos. A crença desse sentido de avaliação de escolas é de que ela tem o potencial de identificar questões centrais a partir das quais pode ser pensada para melhoria do setor educacional (Figueiredo et al., 2018).

Para tal, é indispensável que a avaliação se estruture e se atue sobre a base comportamental bastante explícita, de modo que o bom docente levará os alunos a praticarem ou atuem de acordo ao esperado e o bom avaliador aplicará os critérios de avaliação de um modo mais ou menos rígido, sem necessitar esforçar-se demasiadamente e desenvolver um juízo formado. Isto é possível devido a natureza reducionista dos critérios previamente especificados, que se supõe garantirem que a avaliação seja objetiva, e espera-se que os docentes emitem juízos de valores sendo também uma avaliação subjetiva (Standish, 2016).

No processo de avaliação angolano predomina mais as avaliações padronizadas que segundo Alves (2016), consistem em mensurar as aquisições cognitivas dos alunos a partir de provas cuja concepção, administração e correção são uniformizadas. Porém, esta forma de avaliar parece fragilizar a criatividade. No entanto, existe a avaliação interna das escolas que na perspectiva de Ferreira (2016), é aquela em que o processo é conduzido e realizado apenas

pelos membros da comunidade educativa da mesma escola. Em Angola, esta avaliação é realizada pelo coordenador de disciplina da área em que o professor estiver a lecionar e tem por tarefa recolher informações e fornecer a direção da escola. Em outros casos, simplesmente os professores são chamados para assinarem as respetivas fichas, seguida da assinatura do avaliador e depois é homologada pelo diretor provincial da educação, ciência e tecnologia. De acordo o Decreto 3/2008, no seu artigo 2º, refere que os objetivos da avaliação dos professores visam:

a) Despertar nesses trabalhadores a necessidade de superação constante, capacitando-os científica e pedagogicamente para as suas tarefas cotidianas;

b) Incentivá-los para a disciplina pessoal no cumprimento de todas as tarefas diárias ou periódicas que concorram para a planificação, organização ou execução da atividade laboral;

c) Contribuir para o aumento do seu prestígio social e brio profissional.

Os referidos decretos também referem as modalidades de avaliação do corpo docente e especialistas de administração da educação, que nomeadamente são duas:

1. A avaliação comum, na qual o processo de avaliação efetua-se anualmente até ao mês de Janeiro, relativamente ao ano letivo anterior;

2. A avaliação especial é aquela em que o processo de avaliação efetua-se por iniciativa dos interessados e visa proporcionar-lhes a possibilidade de acelerar a promoção na carreira, por força da especialização, ou de correção de classificação negativa obtida na avaliação comum.

Assim, a avaliação de desempenho do docente é feita em função dos elementos constantes no Diário da República na I série, número 74/2008 que orienta o preenchimento de uma ficha que consta de 5 indicadores que fazem referência o seguinte:

- Qualidade do processo de ensino aprendizagem;
- Aperfeiçoamento profissional;
- Inovação pedagógica;

- Responsabilidade;
- Relações humanas no trabalho.

Assim, a influência da prática avaliativa do professor é clara, tendo em conta a forma em que é concebida e tem repercussões diretas nas práticas pedagógicas dos professores e esta influi na aprendizagem dos alunos. Igualmente, existe várias concepções acerca da avaliação, tal como destacam Javier et al. (2015), que passamos a relatar:

- A avaliação como melhora, que segundo esta perspetiva, a avaliação fornece informações que contribuem para mudar e melhorar o processo de ensino – aprendizagem, Os docentes utilizam diversas estratégias de para avaliar os estudantes, recolhendo informação quantitativa e qualitativa tanto para os docentes como para os alunos.

Deste modo, a revelância e o protagonismo que adota a competência avaliativa no perfil profissional do professor segundo Bilbao & Villa (2018), incide nos seguintes focos de atenção:

- Avaliação e resultados de aprendizagem, refere que a avaliação tradicional foi utilizada como instrumento acreditativo, a avaliação representa um recurso didático privilegiado para contribuir ao longo de metas de aprendizagens definidas. É considerada como um recurso para a compreensão profunda do processo de aprendizagem, ajuda melhorar a mesma e o seu rendimento.

- Avaliação e qualidade de ensino - está visão faz menção a avaliação como uma característica chave associada ao ensino. O docente é considerado um profissional que assume a reflexão sobre a acção como pilar de seu exercício profissional, investigando sobre a sua própria atividade docente.

- Avaliação e qualidade institucional, é aquela que concebe a avaliação como um fator estratégico para incrementar a qualidade institucional. Esta visão parte dos benefícios potenciais da avaliação sobre os processos de aprendizagem e ensino.

Contudo, no processo docente educativo, as razões éticas da avaliação das aprendizagens e dos valores morais são requisitos essenciais da profissão docente. Assim, as escolas de formação de professores são responsáveis pela formação inicial de docentes em todos os níveis, e são os modelos de conduta a imitar pelos jovens no futuro, pelo que não

cabe maior motivo para a formação e investigação desta temática. Desta forma, estes estudantes serão os futuros professores e suas boas práticas serão motivo de exemplo e efeito multiplicador aos cidadãos que educarão (Cebrián-Robles et al 2016). Portanto, a avaliação é tida como indicador para o trabalho do docente, e é da responsabilidade da escola e, serve também para demonstrar a qualidade de ensino nela praticada, tendo igualmente influência na responsabilidade avaliativa das competências dos estudantes em função do seu grau de escolaridade. Assim, essa questão é polémica, devido a finalidade, fiabilidade e validade dos resultados da avaliação, porém é um elemento essencial no processo educativo.

2.9. Resumo do capítulo II

A prática pedagógica constitui um indicador essencial no processo de ensino-aprendizagem e se vê influenciada com o contexto em que é realizado, tendo em conta a quantidade elevada de alunos nas salas correspondente ao primeiro ciclo do ensino secundário, onde muitas escolas clamam devido a falta de condições. Mas se existir um bom contexto escolar, pode influenciar no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências em função do perfil de saída dos alunos que frequentam o nível secundário. Assim, é necessário que as escolas estejam bem organizadas para contribuírem na verificação de mudanças qualitativas, capazes de satisfazerem as condições para se realizar aprendizagem significativa e inovadora.

Para tal, é indispensável que a família desempenhe também o seu papel no acompanhamento das atividades escolares para ajudar na luta contra o analfabetismo. No entanto, a administração escolar joga igualmente uma função preponderante na tomada de decisões pertinentes, no que concerne a organização da escola e dos currículos para o alcance dos objetivos, utilizando para tal uma liderança colaborativa que permite a implicação das famílias no processo contribuindo também para realização de boas práticas educativas. Relativamente ao perfil do professor de Educação Moral e Cívica, é alguém recrutado e contratado para lecionar independentemente da formação que possui se resultou da formação geral ou inicial de professor.

Em função disso, encontramos docentes preocupados com a transmissão dos conhecimentos, outros centrados na metodologia, ao passo que apenas uma minoria centra-se no desenvolvimento de competência dos alunos. Porém, com a aparição e utilização das tecnologias de informação e comunicação por parte do professor, fazem com que a função

seja mais evidente desde a perspectiva didática, gestão de aula e atenção de necessidades educativas, a diversidade cultural e a necessidade de resolver problemas de comportamento.

Ao longo do historial educativo, é ainda presente que alguns docentes utilizam diversos modelos de ensinios, tais como: o tradicional, em que o ensino é centrado no professor; transmissivo por ser realizado num processo unidirecional, enquanto outros, usam o construtivismo que ajuda os alunos a fazerem coisas novas tendo em conta a interação e as distintas dinâmicas integradoras ou seja, uma forma de trabalho baseado na construção de conhecimentos, habilidades e competências.

Portanto, entender a prática pedagógica dos professores requer fazer uma reconstrução de conhecimento donde a teoria deve contribuir para analisar e transformar a prática, considerada como uma praxis objetiva e intencional que implica processos de formação, experiência, crenças, concepções pedagógicas e visão do mundo para melhorar as atividades educativas em sala de aula.

CAPÍTULO III: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ANGOLA

CAPÍTULO III: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ANGOLA

Ao longo da história, os homens realizam várias atividades que para a realização das mesmas com sucesso depende da formação que possui o indivíduo, pois é através dela que nos capacitamos nos diversos modos de atuação no que concerne a área do saber, saber fazer, ser e estar. Assim, neste capítulo procuramos fazer uma crucial caracterização de como é feita a formação de professores bem como a prática educativa, e em que circunstâncias é realizada. Também abordaremos a forma de pensar dos professores tendo em conta a concretização de boas práticas docentes no processo de ensino-aprendizagem em diversos contextos escolares.

Atualmente, um dos desafios para melhorar a educação no século XXI é aumentar a formação de professores, desenvolvendo um maior e mais profundo saber teórico, técnico e ético de maneira que a educação secundária possa responder as novas demandas. Porém, tem existido uma certa indefinição que tem condicionado o processo formativo e a seleção de professores. Por outro lado, a respeito da capacidade de preparação existe certa percepção entre um setor de docentes, de não saber dar resposta a problemática e desafios que o aluno está desejando, quando a qualidade dos docentes é um fator de primeira ordem para explicar a variação de rendimento escolar dos alunos dentro de um sistema educativo (Sanz Ponce et al., 2015).

3.1. A Formação de Professores em Lubango

A Formação de Professores em Lubango é uma área do sistema de educação que merece uma atenção especial, já que um dos principais pontos de estrangulamento do sistema educativo atual, implementado desde 1978, se situa na qualidade e quantidade do corpo docente. Assim, esta formação é feita ainda de compartimentada devido a falta de condições nos centros escolares que serveriam de apoio ao desenvolvimento e melhoria da qualidade de aprendizagem. Para Molina (2012), a formação docente requer que a abordagem da complexidade recupere uma série de aspetos indispensáveis na construção de dispositivos que implicam resolver problemas, explicar, argumentar, recolher informação e desenvolver uma estratégia de resolver determinada problemática nos diversos contextos sociais.

Diante este quadro, há necessidade de repensar-se a formação de professores desde o seu desenvolvimento profissional, de maneira que o tal desenvolvimento nos leve a melhorar a aprendizagem dos alunos em circunstâncias complexas, porque os professores já vêm vacinados com ideias, preconcebidas sobre o ensino que foram adquiridas ao longo dos anos de formação. Estas percepções dificultam ou limitam o professor na sua evolução e

consequentemente no desenvolvimento da sua identidade profissional mais equilibrada. (Barbero Consuegra et al., 2018).

Atualmente, como argumenta Maria (2015), a aprendizagem dos professores e a transformação ou colocação do seu conhecimento em prática em benefício do crescimento dos alunos têm sido os principais problemas, associados com a necessidade constante do desenvolvimento profissional do professor num sentido mais amplo, para contribuírem na evolução da escola e qualidade de ensino. Sabemos que formar professores tem a ver com as linhas políticas que cada país implementa no âmbito do desenvolvimento educacional.

Se não houver constante qualificação docente, o professor pode perder o entusiasmo pela profissão. Acredita-se que sem a realização de estudos sistemáticos com vista ao desenvolvimento profissional, o professor não consegue estabelecer e manter a capacidade de analisar as mudanças educativas, além de ter dificuldade de adaptar-se às novas exigências da educação contemporânea. Antigamente o professor era considerado o detentor de todo o poder dentro da sala de aula em detrimento dos estudantes, atualmente essa situação se inverteu, chegando a causar, em alguns contextos escolares, muitos conflitos entre professor e alunos, com agressões verbais e físicas, daí a necessidade da formação dos professores (Nunes & Oliveira, 2017).

Nesta ótica, o trabalho de Kamus & Souza (2016), espelha a necessidade de implicar os docentes como sujeitos políticos da ação de formação no agir e fazer, já que este constitui um desafio a enfrentar para melhoria da qualidade de educação básica. Assim, essa formação durante muitos anos foi reservada ao Estado, mas devido a demanda na procura pela formação fez com que houvesse abertura para que as instituições do ramo privado, também contribuíssem dando a mesma formação. No entanto, o agravamento das condições de trabalho dos professores e a qualidade insatisfatória dos programas tem estimulado o debate entre os especialistas a fim de se encontrar ou perspetivar novas políticas de atuação que visam melhorar as condições de trabalho, realizar reformas curriculares e inovação de programas para se melhorar o processo formativo dos professores.

Para Rodríguez et al. (2017), geralmente faz parte como objetivos das propostas de formação, a possibilidade de transferência da aprendizagem para a prática profissional de maneira a corresponder o mundo académico com o mundo de trabalho. Daí que, é imprescindível que a formação seja realizada com frequência, quer no âmbito inicial como contínua para bom desempenho dos profissionais no exercício da profissão.

Nesta base, para se realizar uma formação completa, tal como justifica Traibas (2008), é necessária uma interligação entre os saberes referentes a área disciplinar, metodológico, didático e psicopedagógico. Esta interligação entre os saberes é que contribui fortemente para a relação indissociável e de interdependência entre a teoria, prática e vice-versa. A educação constitui um processo que visa preparar o indivíduo para as exigências da vida política, económica e social. O sistema de educação tende à formação harmoniosa e integral do indivíduo.

A estrutura do Sistema de Educação Angolano aprovado em 1977 e implementado em 1978, contempla o Ensino Médio Normal e o Magistério Primário com duração de 4 anos. Houve outras formações de professores intermediárias, denominadas por Superação de Professores e Formação Acelerada que visava em pouco tempo ou em menos de quatro anos preparar docentes para trabalharem no ensino primário. Os Institutos Médios Normais, depois designados por Escola de Formação de Professores e atualmente de magistérios, são instituições vocacionadas para a formação de professores de nível médio para exercerem funções nas escolas do ensino do primeiro ciclo do ensino secundário e o magistério que prepara docentes para o ensino primário (Ministério da Educação, 2004).

Na perspetiva de Sarceda-Gorgoso et al. (2017), o surgimento de desenvolvimento de medidas dirigidas a reduzir o fracasso escolar e incrementar os níveis de qualificação de jovens, é uma necessidade justificada pela relevância da formação inicial sólida que permita construir futuras aprendizagens ao longo da vida, bem como pela rápida evolução dos contornos laborais, implicando constantes adaptações aos novos requerimentos de qualificação e pela necessária competitividade da economia. Assim, as instâncias políticas se vêm articulado e desenvolvendo os desenhos organizativos, curriculares, processos de ensino e aprendizagem e bem como a iniciação profissional que garante a qualidade de ensino.

Em suma, a formação inicial na visão de Herrera Pastor (2010), está fundamentada na necessidade de um conhecimento polivalente que compreenda diversos âmbitos e que aplicado em um contexto permitiria fazer ou emitir juízos profissionais e situacionais que se baseiam no conhecimento experiencial, na teoria e na prática pedagógica. Por isso, o trabalho educativo não é uma tarefa que pode ser desempenhada individualmente, cada um dos distintos profissionais deve saber que a sua tarefa é limitada e se encontra compreendida dentro de um sistema de atuação, e que por isso, necessita trabalhar de maneira coordenada com os outros profissionais para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem.

3.1.1. Caracterização da Formação de Professores

A estrutura destas escolas não contempla a formação de professores para todas as disciplinas que correspondem o currículo do primeiro ciclo do ensino secundário, pois muitos professores, por exemplo, de Educação Moral e Cívica, Educação Visual e Plástica, Educação Física e Educação Laboral são recrutados sem terem a formação inicial; em muitos casos não se realizam cursos ou seminários específicos nas respetivas áreas antes de iniciar a lecionar. Resultando deste modo, muitas dificuldades na gestão do processo formativo, conduzindo assim, para um perfil de saída menos desejado, se compararmos os resultados e os objetivos definidos pelo ministério da educação.

Nestas instituições realiza-se uma formação muito geral, teórica e abstrata, a formação é essencialmente dominada por abordagens normativas prescritas e descritas. As condições de estudos oferecidas aos alunos, caracterizam-se pelo excessivo número de alunos por turma, ausência de laboratórios e de infra-estruturas desportivas, cantinas, livrarias, falta de manuais escolares para o nível e programas uniformizados e estruturados, a falta de inspeção regular para as referidas escolas, pode contribuir ou influenciar na qualidade do sistema de educação (Ministério da Educação, 2010).

Na visão do MED (2014), os currículos oferecem uma formação muito compartimentalizada e repetitiva, pois o aluno-mestre não assume uma postura de empenhamento autoformativo e independente. Alguns destes alunos-mestres preparados neste tipo de currículo são os professores que lecionam no ensino de base: primário e primeiro ciclo do ensino secundário. Alguns docentes prosseguem os seus estudos a nível superior, enquanto outros com agregação pedagógica, abandonam o ministério da educação e vão para diferentes setores, à procura de melhores condições salariais e de trabalho.

No entanto, é necessário acompanhar o ensino dos conteúdos com metodologia ativa que segundo Ochoviet et al. (2018), sejam de certa maneira, similar à metodologia que se espera que os futuros professores desempenhem em suas classes ou turmas, o que permite desagregar a contradição existente entre os centros de formação de professores que geralmente se recomenda aos estudantes a utilização de metodologia de trabalho baseado no construtivismo durante as aulas, enquanto que nas aulas predomina mais as metodologias tradicionais baseadas principalmente no formato expositivo. Assim, pensar o processo de ensino na formação de professores se deve ter em conta os participantes do programa de formação e o contexto donde estes se desenvolvem as suas ações. Daí ser crucial revisar as

práticas de ensino nas aulas de formação de professores para torna-las mais consistentes com o futuro profissional de quem se está formando.

A Formação de Professores é uma área do sistema de educação que merece uma atenção especial, já que é um dos principais pontos de estrangulamento do sistema educativo atual, implementado desde 1978, tendo em conta a qualidade e quantidade do corpo docente existente. A preparação científica-técnica, cultural, moral e cívica do professor é um fator decisivo para o desenvolvimento de toda política educacional. Assim, o documento do MED (2004), refere que a melhoria da qualidade de ensino, está associada à qualidade dos programas de formação e orientação de professores para que realizem aprendizagens mais significativas.

No entanto, segundo Buendia Eisman et al. (2015), a formação atual de professor se limita a dar resposta, as políticas educativas baseadas em medidas compensatórias de atenção a diversidade, entre as diferentes culturas e sem considerar muito a formação relacionada com a educação intercultural e com competências interculturais. Estas políticas caracterizam-se pelo processo de adaptação dos sistemas de ensino as diferentes línguas e culturas que constituem a realidade étnica de qualquer país, em um certo movimento de reivindicação da necessidade da educação cultural.

As pesquisas sobre a formação de professores segundo Júnior & Gariglio (2014), surgem ligadas à questão da profissionalização do ensino e do magistério, em função do empenho de investigadores em esclarecer a natureza dos conhecimentos profissionais que serviriam de base ao exercício da docência. Nesta base, ajudaria os governos a projetarem padrões curriculares nacionais para a formação de professores, bem como as metas a serem alcançadas pelos centros de formação inicial e continuada. Durante a formação a que ter em conta os estilos de aprendizagem sustentam que a instrução óptima para os alunos requer o diagnóstico de estilo de aprendizagem dos indivíduos e sua consequência, adaptação, de instrução aos mesmos e conhecer os estilos de aprendizagem que utilizam os docentes tendo em conta a metodologia a utilizar, e como levar acabo de uma forma mais efetiva.

Por isso, a que ter em conta o estilo de ensinar do professor, neste sentido existem estudos que assinalam a necessidade de analisar os estilos de aprendizagens dos alunos e relaciona-los com os estilos de ensino-aprendizagens aplicado pelos professores. Deste modo divide os estilos de aprendizagens em quatro categorias: ativa, reflexiva, teórico e pragmático. O estilo reflexivo se refere a pessoa recetiva, analítica e observadora. Já o estilo pragmático se

carateriza pelos alunos que são rápidos, decididos, planificadores, concretos, com objetivos definidos e seguros. E por fim, as pessoas que mostram o estilo teórico se caracterizam por disciplinas, sistemáticas, ordenadas, sintéticas, pensadoras, perfeitas e buscadoras de modelos teóricos (Diago et al., 2018).

Portanto, a finalidade fundamental de qualquer proposta formativa é de contribuir para possibilitar a transferência dos aprendizes na prática profissional, desarticulando a brecha existente entre o mundo académico e o mundo laboral. A análise dos elementos que determinam uma transferência eficaz dos aprendizes tem sido uma constante nas investigações no âmbito da formação quer tanto inicial ou contínua. Os estudos referem a aprendizagem e a formação por competência como sendo uma opção metodológica que facilita o maior grau de transferência de aprendizagem. Assim, a aprendizagem por competência deve constituir um fator que promova o aperfeiçoamento profissional dos docentes ao longo de sua carreira, já que seria fantástico pensar que no período de formação inicial se podem desenvolver em profundidade todas as competências que são indispensáveis ao exercício do professorado (Rodriguez et al., 2017).

3.1.2. Currículo de formação de professores em Angola

Para os professores que estão atualmente a trabalharem, alguns cursaram a formação de professores, oferecida pelo ministério da educação, tal como expõe a Lei de Bases número 13/2001 do Sistema da Educação, que determina que a Formação de Professores de todo o ensino secundário venha a ser feita pelo ensino superior. Porém, tudo indica que pelo menos a médio prazo, e no caso da Formação de Professores do 1º Ciclo do Ensino Secundário, a formação continue a ser feita pelos Institutos Médios Normais, depois denominados de Escolas de Formação de Professores e atualmente são denominadas de magistérios.

Os planos de estudo contemplam quatro componentes de formação que visam assegurar uma formação teórico-prática sólida: a Formação Geral, a Formação Específica, a Formação Profissional e a Formação Facultativa. As componentes Formação Específica e particularmente a Profissional foram reforçadas, procurando-se deste modo, preparar melhor os professores para o exercício da sua função, ao mesmo tempo que se espera minimizar a situação atual em que uma percentagem significativa de professores não vão exercer essa profissão, transitando para o mundo empresarial, onde auferem melhores vencimentos tal como descreve o documento do Governo de Angola (2004).

Assim, os docentes que frequentaram a formação inicial seguiram as seguintes especialidades:

Especialidade: Francês;

Especialidade: Inglês;

Especialidade: Português;

Especialidade: Matemática e Física;

Especialidade: História e Geografia;

Especialidade: Biologia e Química;

Especialidade: Educação Visual e Plástica;

Especialidade: Educação Física.

De salientar que a execução deste plano curricular não é de cumprimento obrigatório a nível de todo país. Pois, depende das condições de cada contexto e em função deste, implementar os cursos na especialidade onde existir condições para tal. Nesta base, no contexto das escolas de formação de professores sedeadas no Lubango, não prevê a formação de professores para lecionarem a disciplina de Educação Visual e Plástica, Educação Laboral e Educação Moral e Cívica. Em paralelo a essa formação, também existe a formação geral em outras áreas do saber tais como: especialidades de ciências económicas e jurídicas, ciências humanas, ciências físicas e biológicas, agronomia, enfermagem, construção civil e electricidade.

Devido o ínfimo número de professores, os quadros formados nestas especialidades, mesmo sem agregação pedagógica também estão lecionando nos diversos níveis de escolaridade. Por isso, os técnicos apresentam dificuldades devido a falta de formação inicial nesta área do saber para o bom desenvolvimento do processo educativo. No entanto, atualmente ainda não existe no mercado laboral docentes especializado para todas disciplinas existentes no plano curricular do I ciclo do ensino secundário. Sabemos que os conteúdos desenvolvidos profissionalmente, como os curriculares não são estáticos, são sujeitos a evolução, de maneira que a seleção dos mesmos esteja exposta a ideologias sociais, culturais, educativas e políticas que pugnam por prevalecer.

Daí que os conteúdos de desenvolvimento profissional supõem um espaço singular donde entram em jogo os valores, ideias, interesses e certas apostas de acordo ao tipo de professor criado. Portanto, a maioria das mudanças retóricas na formação continuada estão centradas nas formas e estruturas (colaboração entre os professores, participação em atividades formativas, relações entre a teoria-prática, visitas a outros centros ou aulas, sua duração e contextos (Dominguez & Entrena, 2017).

3.1.3. Objetivos gerais do Subsistema de Formação de Professores

Qualquer formação para que se realize no contexto aceitável é crucial saber os propósitos da mesma. Nesta base, o Governo de Angola (2016), menciona na lei nº17/16, no seu artigo 44º, como objetivos gerais do Subsistema de Formação de Professores em Angola os seguintes:

- a) Formar professores e demais agentes de educação com o perfil necessário à materialização integral dos objetivos gerais da educação nos diferentes subsistemas de ensino;
- b) Formar professores e demais agentes de educação com sólidos conhecimentos científicos, pedagógicos, metodológicos, técnicos e práticos;
- c) Promover hábitos, habilidades, capacidades e atitudes necessárias ao desenvolvimento da consciência nacional;
- d) Promover a integridade e idoneidade patriótica, moral e cívica, de modo que os professores e agentes de educação assumam com responsabilidade a tarefa de educar;
- e) Desenvolver ações de atualização e aperfeiçoamento permanente dos professores e agentes da educação;
- f) Promover ações de agregação pedagógica destinadas a indivíduos com formação em diversas áreas de conhecimento para o exercício de serviço docente.

Ainda neste panorama, segundo Garcia & Garcia (2009), a formação de professor se propõe dotar aos profissionais não apenas capacidades técnicas para ensinar, mas também de habilidades de investigação adequadas para a análise das consequências do que estão fazendo em relação aos alunos, escola e a sociedade. Atualmente, como argumenta Maria (2015), a aprendizagem dos professores, é a transformação ou colocação do seu conhecimento em prática, em benefício do crescimento dos alunos, têm sido os principais problemas associados com a necessidade constante do desenvolvimento profissional do professor num sentido mais amplo para contribuírem na evolução da escola e qualidade de ensino.

3.2. Perspetiva de pensamento do professor

Ao longo dos anos sempre houve preocupação com os enfoques de pesquisa sobre o pensamento dos professores tendo resultado segundo Palma (2010), distintas linhas de investigação tais como:

a) Os estudos sobre a metacognição, que se interessam pelo conhecimento dos próprios processos cognitivos e a forma em que influi este conhecimento nos processos de aprendizagem e seu controlo;

b) A teoria da mente se centrou em buscar a origem e a formação de concepções implícitas;

c) Os estudos relacionados com as crenças epistemológicas, as quais estão centrados principalmente na natureza de conhecimento, suas fontes e justificação;

d) O enfoque fenomenográfico que visa analisar a maneira em que os professores interpretam suas próprias experiências de aprendizagem;

e) O enfoque das teorias implícitas se centram nas concepções e componentes implícitos, não acessíveis diretamente e assume que as pessoas criem declarações de forma coerente com suas crenças;

f) Finalmente, o enfoque mais centrado na prática, cujo interesse principal é a análise integrada da planificação e ação, o pensamento do professor e seus reflexos sobre a própria prática. Portanto, o pensamento é o crucial guia de orientação e ação do professor na prática pedagógica, e o professor é um sujeito reflexivo, racional que toma decisões, emite juízos de valor e tem crenças que geram rotinas de pensamento do professor tais como: a planificação, os pensamentos e decisões interativas, as teorias e crenças.

Para a compreensão de teorias e crenças dos professores de Educação Moral e Cívica acerca da prática, é importante ter em consideração que as crenças são entendidas como proposições, premissas que mantêm as pessoas e influem na forma de aprender e compreender as mudanças que os professores podem introduzirem. Como afirma Stenhouse (1987, p.103) citado por Roa (2014), *não é possível o desenvolvimento de currículo sem o desenvolvimento de professor*. Assim, as concepções, crenças e teorias dos docentes estão presentes em suas ações pedagógicas.

O professor possui significados (explícitos e implícitos) adquiridos pela formação, a experiência e interação com os alunos. Desde esta perspectiva, segundo Palma (2010), as teorias implícitas pretendem explicar qual o sentido que o professor dá ao ensino. Elas podem dar explicação sobre o que os professores pensam, como pensam e como este pensamento se relaciona com a prática. Em outras palavras, representam estes pensamentos e os relacionam com a ação. Assim, as teorias implícitas são as teorias pedagógicas pessoais reconstruídas sobre a base de conhecimentos pedagógicos historicamente elaborados e transmitidos através da formação e a prática pedagógica. Logo, devemos considerar as teorias implícitas como uma síntese de conhecimentos que se ativam, segundo as diversas situações as quais podem ser teóricas, práticas, afetivas e sociais.

Daí que, as mudanças educativas são possíveis tendo em conta a disponibilidade de modificar as crenças e suas práticas. Logo, mudar a educação exige entre outras questões transformar a representação que professores e estudantes têm sobre o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, as concepções dos professores provêm do saber formal, que resulta da escolarização realizada e que serve para compreender e analisar os fenômenos. Outro conhecimento é aquele que resulta em função das experiências pessoais que é uma manifestação de educação informal. Nesta ordem de pensamento, ao primeiro tipo de conhecimento corresponde as teorias explícitas que se caracterizam por desenvolver a competência de saber dizer. O segundo tipo de conhecimento equivale a teoria implícita, que é de natureza inconsciente de cada pessoa na sua maneira de fazer para além de apenas dizer (Barrón, 2015).

As teorias implícitas são consideradas como uma síntese de conhecimentos pedagógicos individuais que são elaborados e transmitidos através da formação e na prática pedagógica. Elas são usadas para interpretar, recordar e deduzir acerca de sucessos e planificar suas atividades práticas de ensino e aprendizagem, sua influência, percepções e juízos tendo em conta o comportamento dentro da sala e durante a aula. A importância do pensamento prático do professor, para Colén Riau et al. (2015), resulta na maneira dos profissionais desenvolverem um conhecimento pessoal, como consequência de sua atividade diária, que lhe ajuda a interpretar os episódios práticos de sua profissão. Deste modo, o conhecimento prático não deve ser encarado como uma mera reprodução de esquemas e rotinas empíricas que modelam a prática profissional, sem que suponha uma integração da teoria e a prática mediante atividades de análises e reflexão.

Existe alguns pressupostos básicos da investigação sobre o pensamento do professor que são os seguintes:

- O professor é um sujeito reflexivo, racional que toma decisões, emite juízos, tem crenças e origina rotinas próprias de seu desenvolvimento profissional; Segundo, os pensamentos dos professores influem significativamente em sua conduta incluindo as ações realizadas durante a aula; Um terceiro aspeto significativo e definitivamente fundamental é o reconhecimento de que tanto a reflexão de docente, como seu pensamento deve ser compreendido em duas dimensões: uma explícita, de relativo e fácil acesso, pelo que os questionários podem ser um instrumento adequado e uma implícita; dimensão esta última que requer o concurso de métodos mais qualitativos (Palma, 2010).

Portanto, quando pensamos na prática docente consideramos o que revela o estudo das práticas pedagógicas, mostrando que os saberes docentes são mobilizados e experimentados, colocados à prova na prática, e se forem considerados inadequados pelo professor, são repensados, abandonados ou substituídos pelos outros a fim de melhorar as práticas e mostrando deste modo que, como atores sociais que são, os professores pensam, dão sentido e significado permanentemente às suas ações (Vellojo & Granja, 2016).

3.3. As boas práticas docentes

A educação atualmente se converteu em todos seus níveis e especialidade num espaço de muita complexidade e diversificação em função da heterogeneidade de sujeitos e contexto escolar existente. Assim, coloca-se o desafio de entender essa diversidade com nova forma de atuar, porque o que funciona bem num contexto com determinado professor, pode não acontecer o mesmo noutra contexto com outro professor. Daí a necessidade dos docentes segundo Pérez (2010), fazerem a teorização prática acerca da relação entre a experiência e o saber, bem como o saber que resulta da própria experiência. Deste modo, a teorização prática é uma reflexão sobre a maneira de atuar, a luz de experiências e resultados educativos relevantes.

O enfoque das boas práticas nos situa acerca da necessidade de se fazer a planificação e cumprimento das normas, que servem de orientação nos modos de fazer, de forma mais artístico. Permitindo que os técnicos tenham e façam uma melhor reinterpretação e reconstrução da sua experiência, tomando em consideração as situações do contexto. Para que haja aprendizagem significativa é importante que ela ocorra num clima e espaço favorável a prática educativa, onde cada aluno pode interpretar, argumentar e refletir entre pares e com o

professor. E a escola deveria ser um lugar prioritário de formação dos alunos, que dá resposta a todos agentes implicados no processo de ensino-aprendizagem (Rivas et al., 2015).

Deste modo, Garcia & Garcia (2009), argumentam que é necessário acompanhar os docentes nos seus processos de desenvolvimento profissional e conhecer como atuam na aula, o que fazem, como vivem o seu trabalho. É imprescindível descrever as características de casos concretos que acontecem durante a aula tanto com o professor e o aluno, já que as boas práticas não são perfeitas, precisam de planificação para melhorar a qualidade de ensino. Assim, as atividades desenvolvidas pelo professor antes e depois de entrar na aula oferecem oportunidades inestimáveis de compreensão e análise da prática. A planificação do ensino e as atividades da avaliação são meios que permitem detetar as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Já que a experiência prática é uma das fontes mais importantes na aprendizagem docente. Neste sentido ela é entendida não unicamente como dedicação prolongada à prática, tendo como possibilidade de depurar, refutar e ampliar os conhecimentos profissionais do docente pela sua consciente participação nas situações de ensino (Mentado Labao et al., 2017)

Nesta perspetiva, já Escudero (2009), justificava a pertinência de trabalhar com boas práticas por se interessar em aprender exemplos de atuação de sucesso, originais e inovadores em qualquer âmbito de ação humana. Criar padrões de caracterizar a prática educativa para que seja boa, não significa que temos de considerá-la como aquela que é absoluta, fixa, predeterminada e externa a ação dos intervenientes e seus contextos. Assim, uma boa prática se entende como um empenho reflexivo, interpretativo, dialogado, cultural, social e pessoal. Implica operações e reconstrução das próprias ideias e ações por parte dos indivíduos tendo em conta os conhecimentos e experiências bem como os saberes e experiências de outros.

Igualmente, as ações e estratégias com carácter inclusivo e integrador, segundo Ritacco et al. (2009), são entendidas como boas práticas são aquelas que visam um conjunto de valores, princípios de atuação e objetivos dirigidos a tirar melhor possibilidade do aluno, estar implicado e ser solidário com o seu semelhante. Para Day (2013), a melhoria da docência também passa pelo nível de conhecimento, acerca do que fazem e pensam os professores, sua experiência e a forma como fundamentam o seu conhecimento. Assim, pode servir como marco de referência de boas práticas, daí a necessidade de observar as aulas orientadas pelo professores para conhecer-se o que fazem, quando e como para se perspetivar continuamente o desenvolvimento profissional dos professores.

As boas práticas educativas também estão relacionadas com o uso das tecnologias de informação e comunicação durante as aulas, pois dentro do processo docente educativo, existem professores que utilizam as mesmas no contexto de aula, pelo fato de ter desenvolvido a competência digital criando recursos didáticos com as tic, esforçando-se em obter o maior rendimento na aprendizagem dos alunos. Outros professores utilizam-as apenas como mero instrumento, sem influir na qualidade do ensino em plena era digital. Por último, existe o grupo de professores que não têm a competência digital desenvolvida, devido a falta de condições e pela desmotivação de acreditar de que não serão capazes de adaptar-se ao novo mundo complexo e em constante evolução com a realidade das tic, ou também devido a insegurança de pensar que os alunos são os melhores dominadores destas ferramentas e por isso, nunca conseguiram manejar as mesmas para que haja aprendizagem significativa (Ramos & González, 2016).

Para isso, acontecer é indispensável o sistema educativo de qualquer país pode considerar-se como um dos determinantes essenciais de seu nível de crescimento. A partir daí, é crucial estudar os fatores que influem na obtenção dos desafios educativos favoráveis com o fim de realizar considerações de política social e educativa com fundamento. Para Alderete et al. (2017), uns dos elementos que tem influenciado bastante o sistema educativo nos últimos anos são as tecnologias de informação e comunicação. Deste modo, essas tecnologias ocupam atualmente um lugar muito significativo entre as prioridades educativas devido o seu contributo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos de maneira a favorecer a realização de boas práticas educativas.

Assim, a prática educativa e a teoria educativa estão interligadas, pelo que o objeto de estudo dos professores é a sua própria prática, alegando a prática dos processos mecânicos, no sentido comum ou carentes de reflexão e se posiciona em processos planeados, desenvolvidos, avaliados e potencialmente transformados desde os fundamentos teóricos, produzindo saberes para si mesmo. Por isso, ela implica uma abordagem alternada do que sucede na aula, dando voz e dialogando com os participantes, pois através da observação somos capazes de identificar as inter-relações na aula e perspetivar soluções que concorrem para que haja melhoria no processo educativo (Tovar-Gálvez, 2018).

No entanto, para continuar a existir as boas práticas é fundamental que se faça a análise acerca das mesmas, o que permite identificá-las pelo trabalho de troca coletiva tal como sustenta Wittorski (2014), ou apreender as suas tendências comuns, os princípios que as

organizam, sendo estes últimos úteis para desenvolver outras práticas de retorno à situação profissional. Isso designa-se por princípio organizador da prática. Trata-se de regras de ação (de validade individual ou coletiva), que regem as práticas profissionais e passíveis de gerar outras. A análise das práticas ajuda os docentes a transformá-las em conhecimentos e em saberes (validação pelo grupo) e a extrair de suas práticas voluntárias alguns princípios organizadores transferíveis a situações profissionais futuras, no sentido de que sejam potencialmente geradores de novas práticas.

Em suma, para Saiz Linares & Susinos Rada (2018), a reflexão como prática colaborativa ou reflexiva, não pode entender-se como uma ação individual que se desenvolve separadamente, é preciso realizar os processos reflexivos de maneira conjunta com os colegas ou companheiros. É de capital importância para poder compreender as situações de interpretação e questionamento dos supostos resultados da prática. A própria prática como catalizador dos processos reflexivos consta de: pergunta deliberada, sistemática e colaborativa sobre as práticas e se configuram como um potente mecanismo para favorecer que os candidatos à docência reflitam sobre a sua prática como docentes, se questionem acerca das práticas e outras culturas escolares, repensem o currículo, os métodos de ensino e comecem a evoluir para um processo aberto de aprendizagem que supõe converter-se em um docente investigador de sua própria prática.

3.4. Resumo do capítulo III

O sucesso do processo docente educativo não surge do acaso, depende entre outros elementos, se os professores estiverem formados profissionalmente, isto é, possuírem a formação inicial de professor realizada num contexto apropriado. Em Angola, a estrutura de educação implementada desde o ano de 1978, contempla o ensino médio normal e o magistério primário, todos os cursos com duração de 4 anos, aliada à outra formação e superação de professores que era feita num período relativamente inferior.

No entanto, o plano curricular de formação de professores não contempla a preparação para todas disciplinas existentes no plano curricular do 1º ciclo do ensino secundário. Assim, a formação dada ao futuro professor é muito genérica, teórica, repetitiva e dominada por abordagens normativas e prescritivas, realizada em escolas onde existem falta de laboratórios, biblioteca, cantina, livrarias, programas atualizados e uniformizados.

Nesta base, a formação científica-técnica e cultural, moral e cívica é um fator decisivo no crescimento e desenvolvimento educacional dos alunos e contribuem para evolução da

qualidade de ensino. Para tal, não é possível o desenvolvimento do currículo sem o desenvolvimento dos professores, daí que, as crenças, teorias implícitas, pensamentos dos docentes estarem sempre presentes na ação pedagógica. Daí que coloca-se o desafio em função da diversidade e heterogeneidade de sujeitos o que faz com que o que funciona bem com um professor num determinado contexto, pode não acontecer o mesmo com outro professor num contexto diferente. Por isso, há necessidade de fazer-se a teorização prática, isto é, reflexão acerca da maneira de atuar na relação entre a experiência e o saber bem como o saber que resulta da própria experiência.

É fundamental criar-se condições para que as aulas ocorram num clima harmonioso e favorável capaz de contribuir para os alunos envolverem-se mais na sua aprendizagem, o que só é possível se os professores forem formados e supervisionados nas atividades que realizam antes, durante e depois das aulas. Uma das várias formas desse acompanhamento pode ser feito observando as aulas, pois, é aí onde poderemos verificar o que os docentes fazem, quando e como atuam durante o processo de ensino-aprendizagem, a fim de se corrigir o que está mal e fortificar o que está bem com vista ao desenvolvimento profissional dos docentes e consequentemente a melhoria da qualidade de ensino.

CAPÍTULO IV: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO IV: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Geralmente para realização de qualquer trabalho de investigação, é imprescindível apoiar-se na metodologia. Nesta base, procuramos para esta seção fazer a fundamentação metodológica desta pesquisa, pois procuraremos descrever entre outros elementos: o paradigma elegido para a realização da investigação, objetivos da investigação, a amostra/amostragem, o enfoque etnográfico utilizado bem como os instrumentos para recolha de dados. Também salientamos os métodos predominantes e que contribuíram para análise e interpretação das informações resultantes do estudo. Assim, para o desenvolvimento deste trabalho nos baseamos no desenho da investigação que passaremos a descrever.

4.1. Paradigma de investigação

Falar de metodologia se refere a maneira ou forma de como teremos de proceder na formulação do problema e como teremos de definir as estratégias para se dar resposta ao problema em estudo. Assim, em ciências sociais, o propósito e interesse do investigador de explicar, compreender um fenómeno, faz com que ele adote uma ou outra metodologia que considerar mais vantajosa para o estudo.

Neste contexto, o estudo centra-se num tipo de estudo de caso que é o método ativo de aprendizagem que parte da descrição de uma situação real. Para a recolha de dados usamos as seguintes técnicas: entrevista, observação participante e a análise de documentos. Na ótica de Denzin & Lincoln (2013), o estudo de caso qualitativo se caracteriza pelo fato dos investigadores permanecerem um longo tempo no lugar do campo de ação em contato pessoal com as atividades, operações que realizam de maneira refletir e revisar as descrições e significados do que está acontecendo.

Nesta perspectiva para Olabuénaga (2012), a investigação qualitativa visa estudar a realidade em seu contexto quotidiano, focalizando a compreensão subjetiva das percepções das pessoas, símbolos e objetos de maneira a interpretar os fenómenos levando em consideração a percepção ou opinião que têm os indivíduos envolvidos nela. Os métodos qualitativos são os que enfatizam conhecer a realidade desde uma perspectiva que visa captar o significado particular que se atribui a cada protagonista e contemplar estes elementos num conjunto sistemático das formas de pensar.

Assim, quanto a natureza da pesquisa caracterizamos como sendo qualitativa porque visa compreender o estudo das relações sociais, dada a pluralidade e diversidade do universo de vida. Esta pluralidade na ótica de Flick (2013), traduz-se em expressões como a crescente individualização dos homens nos seus modos de vida, desigualdades sociais, estilos e modos

de vida diferentes em função da diversidade cultural. Para a sua realização envolverá a observação que será feita ao longo das aulas, num ambiente natural, seguida do registo preciso e detalhado apoiando-se na descrição e narração do que acontece para que num outro momento se faça a interpretação e análise de dados.

Assim, a metodologia qualitativa de carácter etnográfica permitiu fazer o uso de diferentes técnicas de coleta de dados, cujo propósito principal foi de obter informações dos participantes, fundamentadas em percepções, crenças, opiniões, nos significados e nas atitudes na sequência da investigação. A opção por esta metodologia deveu-se ao fato de fazermos uma investigação de carácter social a qual não podemos medir quantitativamente com exatidão os resultados tendo em conta a complexidade do tema em estudo (Vargas, 2012).

Nos orientamos pela investigação qualitativa, por ser aquela que tal como refere Flick (2009) que ajuda a identificar a natureza profunda da realidade, tendo em conta as várias abordagens teóricas resultantes de diferentes linhas de desenvolvimento e considera a subjetividade dos participantes estudados, como parte integrante do processo investigativo. Geralmente esta pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações da realidade social, bem diferente da pesquisa quantitativa que priorisa os números.

Segundo Denzin & Lincoln (2012) toda investigação é interpretativa, pois que em algumas formas, é o resultado de crenças e os sentimentos do investigador sobre o mundo acerca da maneira de estudá-lo e compreendê-lo. Também Olabuénaga (2012), acrescenta que é interpretativo porque visa combinar uma análise intensa de detalhes da conduta e seu significado na interação social, diária em função do contexto. Dando ênfase a compreensão da experiência humana, como é vivida, sentida por parte dos participantes e se ajusta melhor a investigação de forma a compreender as percepções, práticas educativas e curriculares dos professores de EMC em escolas secundárias do Lubango.

4.2. Objetivos da investigação

Para consecução de qualquer trabalho é essencial definir as metas que se pretende alcançar. Nesta base, está investigação teve os seguintes objetivos:

4.2.1. Objetivo geral:

- Compreender a prática educativa dos professores de EMC e seu contexto profissional em escolas secundaristas de Lubango.

4.2.2. Objetivos específicos:

- 1) Descrever a origem, desenvolvimento e situação atual da matéria de EMC nas escolas secundárias do I ciclo, tendo em conta o contexto histórico, cultural, político e educativo de Angola;
- 2) Observar e caracterizar a prática educativa e curriculares dos professores de EMC em escolas secundárias do Lubango;
- 3) Descrever e interpretar os discursos dos professores de EMC, diretores e responsáveis da direção da educação e famílias acerca da prática educativa;
- 4) Caracterizar a avaliação durante a prática educativa dos professores e alunos em escolas secundárias em Lubango;
- 5) Identificar e valorizar as boas práticas dos professores de EMC, com vista ao melhoramento do processo educativo e do desenvolvimento profissional;
- 6) Reconhecer o papel da administração educativa e supervisão para melhoria da qualidade de ensino em escolas secundárias em Lubango.

4.3. Desenho da investigação

A expressão desenho da investigação é um plano para recolher e analisar os dados que se espera que o investigador responda qualquer pergunta formulada e que haja planificação. O desenho toca quase todos aspetos dela, desde os detalhes diminutos de recolha de dados até a seleção das técnicas para para análise dosmesmo (Flick, 2015). Este é um desenho que tem carácter flexível, já que pode ser modificado ao longo da implementação de maneira adaptar-se as reais situações do processo de acordo o contexto. Em estudo de caso, o desenho de uma investigação visa descrever um conjunto de fases, que relacionam os paradigmas teóricos com as estratégias e os métodos de recolha de dados.

Assim, estes ajudarão na análise e interpretação de informações resultantes do trabalho de campo em função dos instrumentos elaborados. Nesta ordem de ideias, um desenho de estudo é um plano e estrutura do trabalho de investigação que tem como objetivo responder a uma questão científica. Esta é uma pesquisa de estudo de caso de natureza qualitativa e carácter descritivo e interpretativo, que foi realizado em três escolas do ensino secundário contando com os sujeitos das referidas instituições e para a recolha de dados utilizou os métodos qualitativos.

4.3.1. Sujeitos

O critério seguido para eleição dos participantes se baseia em primeiro lugar, em aspetos relacionado com o perfil dos docentes com uma experiência superior a quatro anos de serviço, tendo em conta o lugar e o trabalho que desempenham em função dos métodos e objetivos preconizados. Ainda para selecionar a amostra segundo Stake (2007) é necessário ter em consideração o seguinte:

- a) Que seja de fácil acesso a mesma;
- b) Que exista alta probabilidade de interação nos processos, pessoas, interações e estruturas relativas com a questão de investigação e programas;
- c) Possibilidade de se estabelecer boa relação com os participantes;
- d) A garantia do investigador poder desenvolver o seu trabalho de investigação durante o tempo acordado ou necessário;
- e) Finalmente assegurar a qualidade e credibilidade do estudo.

Assim, a população do presente estudo é constituída por professores, diretores, alunos, responsáveis da educação e as famílias dos alunos das escolas do 1º ciclo do ensino secundário do município do Lubango. A população é o universo da investigação que apresenta características e estatutos que permitem distinguir-se um de outro. E a amostra é uma porção desta população, que permite generalizar ou não os resultados de uma investigação. No trabalho de Rebollo-Catalán & Jiménez-Cortés (2018), faz-se uma discussão acerca da amostra necessária ou satisfatória para credibilidades dos resultados na investigação qualitativa, assim sendo os autores referem que a amostra depende dos objetivos da pesquisa, se quer alcançar ou buscar conhecimento mais robusto e sólido sobre experiências e vivências partilhadas por um coletivo ou comunidade buscando o comum e o diferencial. Nesta base, concluem em jeito de recomendação que precisa-se nos estudos de casos em profundidade que gera abundante informação de natureza diversificada uma amostra que não é deve ser inferior a 12 informantes chave que sustenta a pesquisa.

O trabalho realizou-se em três escolas do 1º ciclo do ensino secundário sedeadas na província da Huíla, que contou com a colaboração de 50 participantes, concretamente da Escola Catambori, Escola nº 2 de Março e da Escola Augusto Ngangula, nomes fictícios

atribuídos. No geral, quanto ao nível académico, a amostra está caracterizada da seguinte forma:

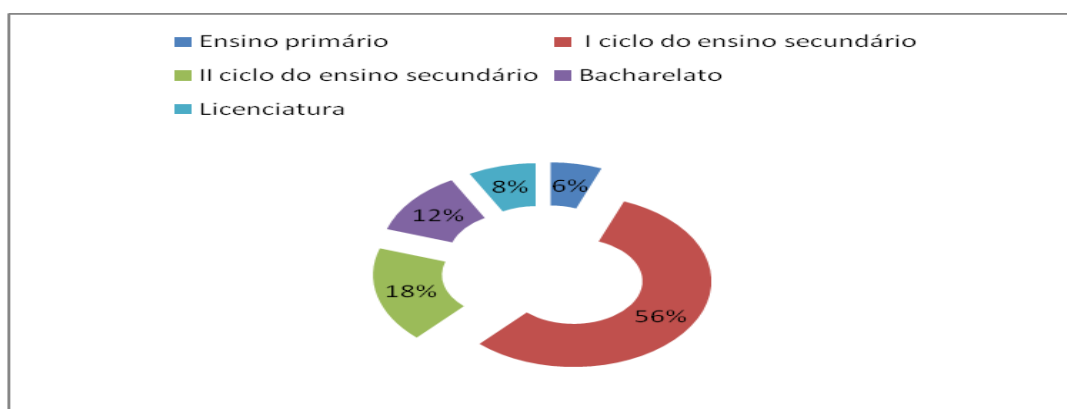


Gráfico 1- Nível académico dos participantes

4.4. Instrumentos de investigação utilizados

Para o presente trabalho nos apoiamos em algumas técnicas para a recolha de informações que podem contribuir na compreensão do estudo. Nesta base, utilizamos as seguintes técnicas: análise documental, observação participante com perspetiva (etnográfica devido o seu prolongamento e repetição em função das ações que acontecem). Para tal, nos apoiamos no diário de campo, assim como na entrevista aberta em profundidade e de grupo com perspetiva biográfico-narrativo. Em seguida apresentamos detalhadamente como utilizamos cada uma das técnicas mencionadas.

4.4.1. A observação participante

A observação é um processo de contemplar sistematicamente como se desenrola a vida social sem manipular-la nem modificar-la tal qual ela decorre de si mesma para Olabuénaga (2012), Esta observação e generalizada pode transformar-se em uma poderosa ferramenta de investigação social e em técnica científica de recolha de informação se se efetua ou admitir que seus problemas incluem questões de validade e fiabilidade dos riscos por parte do observador e observados. Assim, é crucial orientar, planificar, controlar e submeter para realização de observação que visa a descrição dos fenómenos que acontecem na realidade.

A observação participante é a principal técnica muito utilizada na investigação qualitativa, tal como referem Goetz & LeCompte (2010), em que o investigador passa maior tempo possível com os sujeitos que estuda, de forma interagir diretamente e refletir as atividades em notas de campo do que se produziu ou contemplou durante a atividade dos

indivíduos, escutando suas conversas e interatuar com eles para converter-se num aprendiz que deve socializar-se com o grupo onde está inserido.

Para Flick (2012), a observação participante é uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise de documento, a entrevista a respondentes e informantes, visando a participação direta na observação e introspeção. Por esta razão, selecionamos e utilizamos esta técnica para recolher informações acerca da maneira como os professores de educação moral e cívica trabalham no contexto escolar e como influenciam os alunos nos seus comportamentos. Também para Diaz (2013) a observação ajuda a melhorar e trocar experiências para que se realizem boas práticas educativas.

A observação participante segundo Angrosino (2012), permite ao investigador recolher informação durante períodos breves ou prolongados de observação, que podem contribuir para no momento posterior, poder estabelecer o contexto para realizar entrevistas ou outro tipo de investigação. Assim, utilizamos este instrumento durante a observação de aulas para recolher informações acerca da dinâmica que acontece na escola antes, durante e depois da prática educativa.

4.4.2. O diário de campo

Para realizar a observação, utilizamos o diário de campo, que é o texto escrito elaborado ou registado pelo investigador, em função dos acontecimentos que transcorrem no dia-a-dia da experiência profissional ou académica em que resultam dados significativos para compreensão do processo de ensino-aprendizagem de educação moral e cívica. Nesta base, inicialmente anotavam-se os acontecimentos ocorridos durante a aula. A fase seguinte era destinada aos relatos dos professores sobre questões colocadas imediatamente após a aula, em que as perguntas faziam referência a intervenção do professor durante a aula. A finalidade era de esclarecer determinadas situações que suscitavam dúvidas durante a aula, finalmente a terceira fase do diário de campo dizia respeito às reflexões, fatos e atitudes recorrentes e relatados (Flick, 2012).

As reflexões feitas eram registadas no dia em que eram feitas as descrições das aulas através de um diário de campo onde fizemos a descrição dos momentos observados, as conversas mantidas com os professores depois das aulas, onde incluímos igualmente as observações e reflexões do pesquisador. As notas de campo segundo Rekalde et al. (2014), ajudam a registar aquilo que se está se observando durante o desenvolvimento da investigação de maneira a conhecer as razões, motivações e expectativas de cada participante em função

dos distintos significados que apresentam determinados conceitos. O diário de campo, foi dividido em partes: descrição dos momentos observados; conversas com os professores após as aulas; observações e reflexões do pesquisador.

4.4.3. Análise documental

A noção do termo documento se refere ao conjunto de registos escritos e símbolos bem como qualquer material e dados disponíveis. Deste modo, Rapley (2014), sustenta que os documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador. Por exemplo, com os documentos governamentais angolanos procuramos, identificar as legislações e formas como perfilam as diretrizes das políticas educativas ou económicas e sociais. Assim, nos apoiamos na análise documental, que valeu-se de documentos originais que receberam um tratamento analítico e, é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas.

Neste contexto, esta técnica serviu para recolher informações nos programas escolares, cadernos, regulamentos, a lei de bases nº 13/2001;17/16 e os manuais (livros) das classes selecionadas e outros documentos, que consideramos importante para o trabalho, e compreendermos a maneira como são realizadas as práticas educativas dos professores de Educação Moral e Cívica e sua influência no comportamento social dos alunos. Atendendo a classificação sobre os tipos de documentos que se estabelece é aconselhável como argumenta Tojar (2006), utilizar aqueles que são oficiais, públicos e de carácter privado (tendo em conta o consentimento informado).

4.4.4. Entrevistas

Para descrever o que se passa com as pessoas tendo em conta as suas experiências, sentimentos e esperança, temos de manter uma interação na base da conversação de entrevista. Assim, foram realizadas as entrevistas baseando-se em um guião semiestruturado com perguntas abertas para colher dos participantes, os relatos relacionados com os seus pensamentos, atitudes, comportamentos e opiniões acerca da prática educativa dos professores de educação moral e cívica, tendo em atenção a realidade educativa atual das escolas secundárias do Lubango. Para tal, utilizamos a entrevista em profundidade e a entrevista de grupo.

4.4.4.1. Entrevista em profundidade

A entrevista é uma ferramenta metodológica favorita e considerada como a segunda técnica de utilização em investigação qualitativa, representada pela entrevista em profundidade, de grupo que implica sempre um processo de comunicação entre o entrevistado e o entrevistador. É considerada uma conversação na qual se exercita a arte de colocar perguntas e escutar respostas, podendo ser um encontro reiterado cara a cara. Ainda nesta perspectiva, Fernández (2014), refere que a entrevista, consiste em uma proposta inicial, feita por parte do entrevistador para que o sujeito relate sua história de vida em referência.

A entrevista é uma técnica de obter informação mediante a uma conversação profissional com uma ou várias pessoas para um estudo analítico de investigação ou para contribuir nos diagnósticos ou tratamento social. Ela compreende um desenvolvimento de interação, criação e captação de significado no que influi decisivamente as características pessoais: biológicas, conduta, culturais e sociais do entrevistador e do entrevistado. Em função desta investigação, acreditamos que a seleção da entrevista em profundidade com o caráter semiestruturada tinha sido a mais adequada e representativa pelo seu alcance e formato, pois indaga na profundidade das perspectivas, ideias, emoções e experiências que possuem os professores acerca do seu modo de agir, atuar em profissão bem como dispõem de variadíssimas perguntas que são referências e se repetem de maneira idêntica para todos participantes (Olabuénaga, 2012).

4.4.4.2. Entrevista de grupo

O cenário da entrevista se prepara normalmente com um guia para entrevista, pois este consiste num guião que estrutura o curso da entrevista, de maneira a ser mais organizada e ajustada de acordo a temática em exploração. Para Flick (2007), a entrevista de grupo é aquela realizada com um pequeno grupo de pessoas entre seis a oito participantes, cuja durabilidade da entrevista decorre de meia hora a duas horas. É uma técnica de recolha de dados altamente eficiente que exerceu um controlo de qualidade sobre os dados produzidos de maneira que fossem mais valiosos, suprimindo as opiniões falsas e chegando a apresentar resultados importantes como de amostra representativa.

A entrevista de grupo é a técnica que sumamente eficiente que proporciona a qualidade durante a recolha de informação já que os participantes tendem a controlar-se e comprovar uma coisa ou outra de maneira a validar o que realmente pretenderam informar, e

é fácil de controlar em que medida existe uma posição partilhada e relativamente consistente entre os participantes (Flick, 2012).

Deste modo, utilizamos a entrevista de grupo para os alunos, responsáveis, diretores e famílias para conhecermos a visão dos participantes acerca das práticas educativas que são realizadas no âmbito da disciplina de educação moral e cívica, sua relação, influência, opiniões, atitudes, experiências sobre o que observam em termos de atitude/comportamento dos principais intervenientes do processo de ensino-aprendizagem. Ainda esta técnica permitiu aos diretores das escolas, responsáveis da direção da educação, relatarem sobre o funcionamento das instituições escolares e a visão que têm sobre o trabalho realizado na escola por parte de todos intervenientes do processo docente educativo, bem como analisar a realidade social dos professores em termos de satisfação ou não na carreira docente, bem como aclarar as eventuais dificuldades e necessidades constatadas durante o processo educativo (Flick, 2015).

4.4.5. Guião da entrevista

Sabemos que o cenário da entrevista se prepara habitualmente com um guião. Um guia de entrevista é um guião que estrutura o curso normal da entrevista de maneira adequada. Assim, ele pode conter alguns temas que serão objetos de reflexão. Para o tipo de entrevista semiestruturada deve incluir um resumo dos dados em função dos objetivos traçados (Kvale, 2011). Nesta dimensão, a realização de entrevista pressupõe igualmente o desenho do guião de entrevista, em função da problemática e objetivos da investigação. No entanto, o guião apresenta uma terminologia própria e, é consensual entre os pensadores e tal como refere Scribano (2007), é crucial que o guião de entrevista seja desenhado e planificado, apesar do carácter flexível que apresenta a entrevista em profundidade semi-estruturada.

Para a realização de entrevistas tivemos de elaborar e nos basear nos guiões de entrevista, que constou de propostas iniciais de questões que foram inicialmente concertadas e adaptadas de maneira que servisse de base para a realização das entrevistas quer para professores, alunos, famílias, diretores e outros responsáveis do ministério da educação, tal como podemos conferir nos anexos n.º 1, 2, 3 e 4). Assim, para compreensão da problemática em estudo, elaboramos perguntas relacionadas com a trajetória docente, onde abordamos questões relacionadas com a prática educativa dos professores de EMC, decisões para escolher esta profissão.

Trata-se de averiguar as condições acerca do presente e passado profissional dos participantes, já o estado testemunhal, visou abordar aspetos pessoais que referem a autoanálise e autodefinição dos docentes tendo em conta as fortalezas e debilidades que apresentam. Finalmente, outras perguntas estão relacionadas com a vivência atual da prática educativa que permitiu compreender a dinâmica de ensino-aprendizagem predominante durante o referido processo face ao mundo globalizante. No que concerne a dinâmica da tipologia de pergunta, seguiu a recomendação de Patton (2015), que defende que as perguntas se classifiquem em cinco grupos: perguntas demográficas ou biográficas; sensoriais; de experiência/conduta; sobre sentimentos e de opinião/valor. Cada uma delas se caracterizou da maneira seguinte:

1. Perguntas demográficas ou biográficas: visam conhecer os aspetos como, faixa etária, formação académica, situação económica e profissional. Assim, as perguntas chave para está entrevistas por exemplo foram as seguintes:

- Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida?

- Descreva a sua trajetória académica e como começou a trabalhar na educação e como professor de EMC?

- Como professor, analise a formação que tem beneficiado para o seu desenvolvimento profissional?

2. Perguntas sensoriais: que permitem recolher informações sobre questões relacionadas ao que se pode escutar, ouvir, tocar e provar. Assim, para esta pesquisa foi necessário nos apegarmos a esta dimensão. Seleccionamos apenas a seguinte questão:

- Descreve como os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professores e alunos durante a aula têm contribuído para o bom perfil de saída do aluno no contexto de Angola?

3. Perguntas de experiência ou conduta: baseia-se ao informante descrever ações realizadas ou vividas em uma dada situação e contexto. Assim, formulamos as seguintes questões:

- Como professor, analise a formação que tem beneficiado para o seu desenvolvimento profissional?

- Descreve como tem decorrido a prática educativa de Educação Moral e Cívica e sua qualidade?

- Analise os modelos e métodos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC? Justifica.

- Aclare como avalia os seus alunos e como é avaliado?

- Explica como tem decorrido o processo de planificação diária e a nível da coordenação?

- Caracteriza a relação que estabelece com o aluno e que liderança predomina no processo de ensino-aprendizagem?

- Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua atividade educativa? Pode comentar?

4. Perguntas sobre sentimentos: se busca informação sobre aspetos de ordem emocional que sente o participante sobre a problemática. Nesta base, perguntamos o seguinte:

- Tendo em conta as mudanças sociais. Como avalia o salário dos professores em Angola? Pode justificar?

- Avalie o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

5. Perguntas de opinião /valor: visa recolher informações acerca de determinado tema, informação sobre intenções e desejos do participante:

- Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula no âmbito da educação moral e cívica? Pode justificar?

- Caracteriza e analisa qual é o papel que a família tem desempenhado na educação dos filhos?

- No que diz respeito a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo, esta a favor ou contra? Pode aclarar a resposta?

- Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica. Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

4.4.6. Instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de dados em todos os trabalhos de investigação, há necessidade de eger alguns instrumentos que servem de suporte para auxiliar na recolha e interpretação das informações. Nesta base, utilizamos os seguintes instrumentos:

Quantidade	Instrumentos de recolha de dados	Participantes
104	Observação participante	Alunos e professores
17	Entrevista em profundidade	Professores, alunos, diretores, famílias e outros responsáveis da direção da educação
	Diário de campo	Professores, alunos, diretores, famílias e outros responsáveis da direção da educação
	Análise documental	Professores

Quadro 1- Instrumentos e participantes da pesquisa

4.4.6.1. Cronograma das atividades

O trabalho decorreu em função das fases seguintes: a primeira se desenrou entre o ano letivo de 2013/2014, com a elaboração do projeto de investigação: revisão da literatura sobre a teoria e metodologia qualitativa. Na segunda: elaboração e aplicação dos instrumentos para recolha de dados provisórios – o trabalho de campo decorreu no ano lectivo de 2014/2015. Finalmente, a terceira fase, consistiu em reelaborar as notas de campos, analisar, interpretar, escrever a informação final da investigação, atividades que foram desenvolvidas durante o

ano letivo de 2015/2016. De 2016/2018, realizou-se as atividades que podemos constatar no quadro abaixo:

Atividades / Ano Letivo: 2013/2014	
Revisão bibliográfica sobre a Problemática	Outubro – Maio
Elaboração do plano de investigação	Outubro – Maio
Entrega do plano de investigação	Junho
Atividades / Ano Letivo: 2014/2015	
Elaboração dos instrumentos de investigação: guião de entrevista e grelha de observação	Outubro – Março
Observação de aulas	Abril – Novembro
Realização de entrevistas	Abril até Novembro
Resultados provisórios da investigação	Junho
Atividades / Ano Letivo: 2015/2016	
Recolha de dados	Setembro – Dezembro
Revisão da literatura	Janeiro – Fevereiro
Análise e discussão dos dados	Março e Abril
Resultados e conclusões da investigação	Maios e Junho
Atividades / Ano Letivo: 2016/2018	
Participação em congresso internacional	Janeiro – Fevereiro
Revisão da literatura	Janeiro – Fevereiro
Análise e discussão dos dados	Março e Abril
Apresentação de conclusões	
Elaboração e publicação de artigo científico	Março – Dezembro

Conclusões	Setembro – Junho
------------	------------------

Quadro 2– Cronograma das atividades da investigação

4.4.7. Análises de dados

Em toda investigação, depois da colecta de informação ou dados, há necessidade de seleccionar-se algumas técnicas essenciais para interpretação e compreensão da problemática. Deste modo, de acordo o paradigma seguido, pode-se optar por técnicas adequadas ao estudo quantitativo ou qualitativo. No entanto, todos eles conduzem a compreensão do fenómeno dependendo do rigor, fiabilidade e a validade integrada na pesquisa. Vejamos como decorreu o processo de análise de dados num estudo de natureza qualitativa.

4.4.7.1. Técnicas de análises de dados

A análise de dados em estudos qualitativos, segundo Olabuénaga (2012), requer seleccionar as estruturas de significação, determinar um campo social e seu alcance aos métodos qualitativos baseando-se na narração e relatos designados por descrições densas. Isto é, a interpretação das interpretações dos participantes que fazem parte da investigação. Interpretar os dados é como tratar de ler no sentido de interpretar um texto, as vezes com emendas, incoerências e comentários tendenciosos.

Segundo assinalam Goetz & LeCompte (2010), os seres humanos ao longo da sua vida, fabricam e utilizam coisas. Os manufaturados resultantes desta fabricação constituem dados que indicam as sensações, experiências e conhecimentos das pessoas, podendo denotar as opiniões, valores e sentimentos que para sua compreensão, é necessário saber a sua localização, identificação (descrição e classificação), análise e avaliação destes artefatos. A análise de conteúdo segundo Carlomagno & Da Rocha (2016) é uma técnica de delineação, recolha, sintetização e interpretação de dados resultantes da investigação e que requer paciência e tempo, na reunião quantitativa ou qualitativa de informações, ocorrências que derivaram da pesquisa. Ela destina-se a classificar e categorizar o conteúdo de diversas fontes, podendo reduzir seus elementos e características essenciais, de maneira a ser analisados com os outros.

Assim, para a análise de dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo por ser a técnica mais empregada para além da análise estatística (cálculo de frequência e percentagem)

feita durante a observação. Os etnógrafos utilizam para a análise de dados a técnica de: teorização, estratégias de seleção e os procedimentos analíticos. A teorização é a forma genérica de pensamento sobre o qual se constrói toda análise, é composta de percepção, comparação, constatação, agregação e ordenação, determinação de vínculos, relações e especulação. Aliando as estratégias de seleção sequencial são operações formais para a análise e recolha de dados, finalmente temos os procedimentos analíticos gerais que são os meios sistemáticos de manipular os dados derivados da informação recolhida durante a investigação (Olabuénaga, 2012).

No entanto, para fazer a análise, tratamento e interpretação da informação utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, cujo objetivo foi classificar, codificar, analisar o conteúdo e construir as categorias significativas. Deste modo, foi essencial investigar profundamente o conteúdo dos depoimentos, organizar e transformar as narrativas resultantes das entrevistas em categorias de análise mais significativas (Simons, 2011).

A análise de conteúdo na perspectiva de Olabuénaga (2012), é a expressão genérica muito usada para designar um conjunto de técnicas possíveis para o tratamento da informação recolhida independentemente da sua origem e natureza diversificada. Como os dados não falam por si, há que fazer falar, extrair inferências e significados. Por isso, é um modo de recolher a informação, interpretar e elaborar teoria sobre ela, já que a análise de conteúdo procede de forma cíclica e circular para obter informação mais rica. Ao passo que, a análise documental se limita estreitamente ao conteúdo do mesmo texto, notas de campo que podem ser anotações manuais do próprio observador que podem incluir registo audiovisuais resultantes do gravador e o cine ou vídeo.

Neste estudo, os dados provenientes da observação e entrevista foram registados a semelhança do que defende Bardin (2009), destacando as notas de campo, em que os elementos essenciais das respostas foram sujeitas a uma codificação e categorização do conteúdo que favoreceu classificar, articular e interpretar os discursos durante a análise de conteúdo.

4.4.7.1.1. Análise da observação

A análise da observação foi feita recorrendo ao método estatístico, baseando-se no programa informático como o spss versão 20 a fim de analisar as frequências das ocorrências das categorias acerca da prática educativa dos professores realizadas em escolas secundárias em

Lubango. Através das técnicas de análise de conteúdo as observações de aulas também foram trabalhadas em etapas sucessivas:

- Inicialmente consistiu em uma transcrição dos dados de acordo as recomendações e os trabalhos realizados em estudos de campo. Assim, transcrevemos algumas partes das aulas com a duração de 45 minutos, para cada uma dos onze professores e recolhemos informação, que consideramos relevante de acordo o contexto, tendo em atenção que alguns aspetos foram levados em consideração, isto é, risos, silêncios, ações, intervenções que foram transcritas em função da dinâmica na aula;
- Delimitação das unidades de informação: para tal usamos como critério o tempo em que foram registadas, assim umas contêm mais informação que as outras;
- Categorização e codificação: que consistiu em distribuir a informação nas categorias fixadas, identificar a fonte, da classe e aula observada, o sujeito da qual provinha a informação (Flick, 2012).

4.4.7.1.2. Análise da entrevista

Apesar de existir vários programas informáticos para a análise do resultado da entrevista e discurso, ainda assim, preferimos fazer a análise manual, pois, não existe uma técnica de análise de dados melhor que a outra. Assim, tivemos de realizar a transcrição seguida da codificação das categorias para facilitar durante a análise de conteúdo. Segundo Denzin & Lincoln (2012), é crucial na recolha de dados saber arquivar e recuperar a informação sempre que for necessário para consultar. Para obter a informação a nível declarativo se utilizou uma gravação de áudio mediante a utilização de um aparelho de marca *Olimpus* de 2 Gb com capacidade de gravação de 790 horas e a informação recolhida foi tratada em fases sucessivas com uma análise de conteúdo de tipo temático incluindo as seguintes fases sucessivas tais como:

- Transcrição: mediante a qual se registou com o maior detalhe possível em todos os elementos do contexto, tais como as pausas, interropções, tal como consta dos anexos;
- Seleção das unidades de informação: tratamos os datos brutos e em seguida selecionamos os que nos deram suficiente informação sobre as diversas categorias;
- Categorização das unidades de informação: uma vez selecionadas as unidades de informação, foram classificadas em categorias de conteúdos, metodologia e avaliação. Fez-se

a codificação das unidades de informação: que permitiu identificar as fontes (observação e entrevistas), o sujeito, a categoria e subcategoria (Flick, 2015).

Ainda os métodos qualitativos segundo Olabuénaga (2012), analisam os dados da investigação mediante as narrações e relatos cujo ideal designa-se por descrição densa. Assim, a análise dos dados se leva a cabo basicamente através de uma descrição densa que apresenta algumas características cujas principais são: é interpretativa, e o que interpreta é fluxo de discurso social e que esta interpretação consiste em tratar resgatar o dito em discurso de suas ocasiões e fixa-lo de maneira que seja consultada quando necessário.

4.8. O método etnográfico: antecedentes

A etnografia significa descrição de um povo, é uma maneira de estudar as pessoas organizadas em grupo que constituem uma comunidade. A etnografia como modelo de investigação tem as suas raízes na antropologia entre os finais dos séculos XIX e princípios do XX, com a finalidade de descobrir como era o mundo ocidental. Com a evolução da sociedade, a etnografia passou a influir nas diversas áreas da esfera social. Assim sendo, na tentativa de compreender a avaliação, investigação descritiva e a teórica, surgiu a etnografia educativa com o objetivo de abordar os dados descritivos de contextos, atividades e crenças dos participantes no panorama educativo.

4.8.1. O método etnográfico: definição

Não é tão fácil apresentar definições de conceitos devido a pluralidade de pensamentos dos investigadores. Entretanto, por estarmos a realizar uma investigação qualitativa com um enfoque etnográfico, temos a salientar que, o termo etnografia para Angrosino (2012), se refere a um método de investigação que visa fazer a recolha de informação sobre os produtos materiais, as relações sociais, as crenças e os valores de uma comunidade. Assim, a etnografia deriva da antropologia e significa a descrição do modo de vida de uma pessoa ou grupo de pessoas e a mesma é feita em função dos seus membros. A etnografia é uma estratégia de investigação bastante ampla e complexa que se baseia originariamente na participação e observação em campos e instituições.

O método etnográfico é implementado nas atividades de campo com pessoas que vivem a realidade; é personalizado porque pressupõe o contato cara a cara com os participantes ao longo de certo tempo. É multifatorial, pois, emprega mais de duas técnicas de recolha de dados que podem ser qualitativo ou quantitativo para permitir fazer a triangulação da informação e se obter resultados integrais. Ainda na perspectiva de Pacheco & Lima (2006),

a etnografia deve ser percebida como método de investigação que visa manter contato direto e prolongado com os atores sociais cuja interação constitui o objeto de estudo. Já para Flick (2015), a etnografia é uma estratégia de investigação bastante ampla e complexa que se baseia na participação e observação em campos e instituições.

4.9. Seleção da amostra

A seleção da amostra para os etnógrafos não termina com a fixação do grupo inicial de participantes, porque na óptica de Goetz & LeCompte (2010), há fenômenos que são determinados no início, ao passo que outros resultam do decorrer da investigação, o que faz com que seja uma amostra aberta sujeita a alteração. No entanto, utilizaremos uma amostra não probabilística tendo em conta o critério de intencionalidade sistemática adotado de maneira que fizessem parte do estudo somente aqueles que melhor conhecem o fenômeno em estudo.

Daí termos optado pela amostra intencional, pelo fato de ser aquela em que os participantes não são eleitos mediante as leis fixas, podendo ser alteradas ao longo da investigação de forma a selecionar outros elementos não previstos inicialmente para melhorar a qualidade e riqueza da informação e ainda poder também ser interrompida a seleção de mais unidades, pelo fato de já se ter atingido a saturação da informação recolhida.

Diante esta situação, a questão que não se cala é de saber, por exemplo na investigação qualitativa quantos participantes precisamos para entrevista? Segundo Kvale (2011), a resposta é simples, devemos entrevistar quantos participantes sejam preciso para averiguar o que se pretende saber, assim deve-se entrevistar os sujeitos até antigir a saturação. No entanto, quando a amostra é demasiada pequena, também é difícil generalizar os resultados ao passo que utilizando uma amostra grande, teremos mais possibilidades para fazer análise perispicaz da entrevista.

Deste modo, para realização do trabalho selecionamos a amostra intencional constituída por 50 participantes, subdivididos em: 11 professores, 24 alunos do ensino secundário das turmas da 7^a e 9^a classe, 3 diretores de escolas e 3 responsáveis da direção da educação e 8 responsáveis da comissão de pais e 1 representante do sindicato de professores. Os professores estão distribuídos pelas 3 escolas, funcionando no período da manhã 7 turmas e o da tarde 4 turmas. Quanto à representação da amostra, podemos conferir as características da mesma na tabela abaixo:

Género dos participantes	Habilitações dos participantes					Total
	Ensino primário	Ensino secundário I	Ensino secundário II	Bacharelato	Licenciatura	
Masculino	2	7	2	4	2	17
Feminino	1	20	8	2	2	33
Total	3	27	10	6	4	50

Tabela 2 - Género e habilitações dos participantes

Desta forma, graficamente a amostra está representada da seguinte maneira:

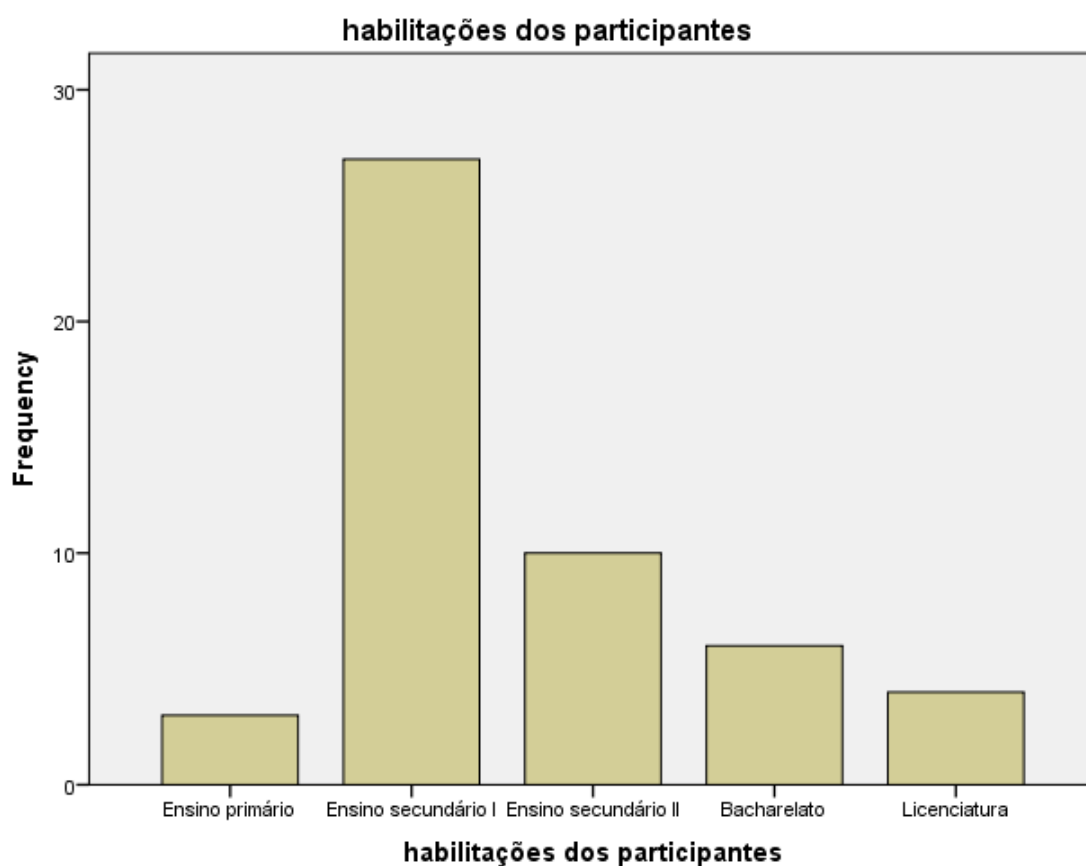


Gráfico 2- Habilitações dos participantes

Ainda descrevemos as características dos participantes relativamente a idade dos mesmos, tal como podemos conferir essas informações apresentadas na tabela que se segue:

Habilitações dos participantes						
Idade dos participantes	Ensino primário	Ensino secundário I	Ensino secundário II	Bacharelato	Licenciatura	Total
11 a 20 anos		24				24
21 a 30 anos	1	2	2	1	0	6
31 a 40 anos			5	2	2	9
41 a 50 anos	2	2	2	0	2	8
51 a 60 anos				3	0	3
Total	3	28	9	6	4	50

Tabela 3 – Habilitações e idade dos participantes

4.9.1. Perfil profissional dos participantes

Relativamente a caracterização dos participantes, temos a salientar que fizeram parte do estudo os alunos das três escolas secundárias do I ciclo, oriundo dos diversos grupos etnolinguístico que frequentaram entre a 7^a até 9^a classe, com idade compreendida entre 12 a 18 anos de idade. Os diretores e responsáveis da educação com nível de escolaridade a variar da 8^a classe até a licenciatura, com tempo de serviço estimado em mais de 20 anos de trabalho. Quanto aos professores selecionou-se os que possuem mais de 5 anos de serviços com nível académico a variar da 8^a classe a licenciatura e famílias que na sua maioria com nível muito baixo de escolaridade e que em muitos casos não sabem ler nem escrever. O trabalho é realizado tendo em conta o contexto das escolas desafiante, que é aquele que apresenta mais carências em termos de infraestrutura escolar e mobiliário escolar, já o contexto favorável possuiu infraestrutura com mobiliário, com mais compartimento para outros serviços para professores e alunos. Outras informações podem ser conferidas no quadro que se segue:

Docente	Nível educativo	Titularidade da escola	Contexto escolar	Disciplina que leciona	Anos de experiência
Cassinda	Secundário	Pública	Desafiante	Biologia / EMC	6
Catapepo	Secundário	Pública	Favorável	EMC	24
Catumbo	Secundário	Pública	Favorável	EVP/EMC	32
Lucombo	Secundário	Pública	Desafiante	EMC	13
Makeyeye	Secundário	Pública	Favorável	Geografia/ EMC	9
Mutango	Secundário	Pública	Favorável	EMC	27
Ndala	Secundário	Pública	Desafiante	EMC	9
Ndinelau	Secundário	Pública	Desafiante	E. Laboral / EMC	7
Nhama	Secundário	Pública	Favorável	Francês / EMC	18
Nzunzi	Secundário	Pública	Favorável	História/ EMC	12
Tchissingui	Secundário	Pública	Desafiante	EMC	22

Quadro 3 – Perfil dos participantes

Nota: Os nomes dos docentes que aparecem são fíctícios, devido a finalidade de preservar o anonimato e confidencialidade. Fonte: Elaboração própria.

4.9.2. Contexto do estudo

O clima de trégua que se verificou nos conflitos que Angola viveu em 1992, contribuiu para que se adoptasse nova política educativa, fruto da qual foi possível inserir a disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo das escolas do I ciclo do ensino secundário. A mesma foi atribuída a carga horária de 45 minutos por semana, com um carácter obrigatório para todas as escolas do referido nível de todo o Estado Angolano. Assim, ela surgiu como resposta as solicitações da política educativa do Ministério da Educação de acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo. As turmas estão constituídas por vários alunos que na sua maioria possuem mais de 45 alunos por turmas.

4.9.2.1. Escolas

A escola 2 de Março, está situada em frente de uma igreja, constituída por 19 salas, construída com material defintivo; Já a Escola Catambori do I ciclo, situada ao lado de mercado informal, no interior do quintal (pátio) da mesma escola, funciona outras 24 turmas pertencentes a escola do ensino primário, cujas aulas são dadas ao ar livre, debaixo das árvores e outras dentro de tendas. Ao passo que as aulas do I ciclo do ensino secundário são realizadas em salas com paredes e cobertura. Finalmente a Escola Augusto Ngangula, está constituída por 5 salas, construídas com material precário e não possui cobertura e carteiras.

4.10. Credibilidade dos dados

Sabemos que a credibilidade da investigação com perspetiva etnográfica tem sido uma das grandes preocupações entre os investigadores que realizam pesquisas no contexto educacional, pois tem sido considerada como subjetiva, imprecisa, distorcida pelo fato de ser descritiva e não quantitativa. Na ótica de Olabuénaga (2012), os critérios para a validade específica não existem e, perante essa dificuldade, há autores que asseguram que não se trata de validade de conteúdo, mas de construção de conjunto, ou seja, tem a ver com o grau de refinamento, coerência para se determinar na base e na contrastação os resultados.

No entanto, para se garantir a fiabilidade e validade dos dados etnográficos desta pesquisa, sobretudo os resultados da observação foi necessário, tal como sustenta Angrosino (2012), apoiar-se na técnica de indução analítica e a técnica de escrita designada *verosimilitud* que visa introduzir o leitor ao mundo, em que se realizou a investigação, mediante uma linguagem descritiva e rica de maneira a ter coerência interna e reconhecida pelos leitores a partir de suas experiências. Quando as observações cumprem com estes requisitos, são consideradas autênticas aos olhos de quem lê.

Assim, Flick (2013) acrescenta que para que haja credibilidade dos dados é necessário ter em conta o seguinte:

- Contextualização: fazer o estudo dentro da real situação, de maneira a compreender as várias perspectivas sociais e culturais que decorrem durante a prática educativa dos professores de EMC ao longo do tempo, resultando daí a fiabilidade diacrónica;

- Saturação: tem a ver com a repetição dos dados depois de várias buscas em que os últimos resultados se repetem, não trazendo nada ou algo de novo. Neste caso, considera-se que se atingiu a saturação dos dados recolhidos correspondendo a fiabilidade sincrónica;

- Negociação com os implicados na investigação a fim de poder averiguar as informações fornecidas por eles, se são autênticas ou justas, relevantes e precisas, então poderá se garantir a validade e credibilidade dos dados;

- Triangulação: outra estratégia de validação dos dados, que tem a ver com a contribuição dada pelos intervenientes tendo em conta a triangulação dos métodos, sujeitos, teorias, espaços, tempo, dados e de investigadores ou quando se recorre a contrastação do método. Para Olabuénaga (2012), a triangulação consiste na utilização de diversas técnicas de investigação para compreensão do fenómeno em estudo. Para Denzin & Lincoln (2012), a triangulação é considerada um procedimento de usar percepções múltiplas para reduzir a mal interpretação do significado dos dados.

Para tal, é importante que as notas de campo estejam padronizadas e na entrevista, a fiabilidade pode ser aumentada mediante a troca de opiniões sobre os procedimentos de interpretação e os métodos de codificação. De acordo Lincoln & Cuba (1985) citado por Flick (2013), proclamam a confiança, a credibilidade, a segurança, a transferibilidade e a confidencialidade como critérios da investigação qualitativa.

4.10.1. Análise e transcrição da informação

Durante a recolha de informação utilizamos vários instrumentos que contribuíram para que fosse possível arquivar a mesma. Assim, tivemos de registar as evidências resultantes da observação bem como a transcrição dos relatos realistas, que se caracterizam por citações extensas pois, têm raízes profundas na representação etnográfica, cuidadosamente editada e procedente das pessoas observadas ou entrevistadas (Angrosino, 2012).

4.10.2. Análise e interpretação de dados

Em toda investigação depois da coleta de dados, os mesmos merecem um tratamento para compreensão da problemática em estudo. No entanto, existe diversas formas de se fazer a análise dos dados, podendo ser feita mediante a análise manual ou fazer a análise através de recursos a programas informáticos. Assim, ao longo deste trabalho utilizamos as duas formas de tratamento da informação anteriormente referidos.

4.10.2.1. Análise manual

Pode parecer que a análise de dados etnográficos é mais uma arte do que ciência, mas na realidade ela fornece regularidade nas suas formulações e pontos importantes que servem como busca para a análise, tendo em conta os seguintes passos:

A gestão de dados – porque atualmente é importante organizar de um modo claro as notas de campo, quer em forma de arquivo informático ou não. Segundo Denzin & Lincoln (2012), nenhum método é melhor que o outro, o essencial é saber arquivar os dados e poder recuperar sempre que for necessário para posterior análise;

Leitura geral – é boa ideia repassar nossas notas de campo antes de continuar com a análise, uma vez que a leitura, refresca a memória de forma que reflita sobre o que necessita entender;

Finalmente temos a clarificação das categorias - visa fazer descrições do que se viu, seguida de sua classificação das notas. Assim, existem várias formas de análise de dados, mas os autores abaixo defendem que há duas formas principais de análise de dados tais como as seguintes:

- A análise descritiva que é o processo de tomar o registo detalhado de dados e decompô-los em partes ou componentes, é a forma de compreender os padrões e regularidades resultantes destes dados;

- Análise teórica que consiste em averiguar como se inter-relacionam essas partes ou componentes de maneira explicar os padrões e regularidades percebidas.

É notório que existe diversas formas de analisar a informação, tal como refere Angrosino (2012), que não há uma única fórmula aceite por todos etnográficos, que pode servir como estratégico para análise de dados recolhidos no campo, daí que cabe ao investigador selecionar e optar por uma.

4.10.2.2. Análise por software

Com a necessidade de facilitar ao investigador qualitativo o árduo trabalho de armazenamento, recolha, análise e interpretação de dados, surgiram nos últimos anos os programas informáticos que se denominam *Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software*, o que é o mesmo que CAQDAS. Entre estes se destaca o Atlas.ti, Nvivo, maxqda em alguns casos auxiliado com o programa SPSS. Sabemos que a prática interpretativa está relacionada com o procedimento, condições e recursos mediante os quais se aprende, entende, organiza e transmite a realidade na vida diária das pessoas.

Deste modo, Denzin & Lincoln (2012), argumentam que a interpretação visa responder o como e o quê da realidade social, tendo em conta que os indivíduos constroem

suas experiências e seus mundos ao longo da sua vivência. Portanto, utilizamos também o programa SPSS versão 20, e para a análise e interpretação de dados utilizamos a análise estatística que serviu para destacar a frequência e percentagem das categorias durante a observação e apoiando-se fundamentalmente na análise de conteúdo.

Portanto, esta análise é importante e ajuda o investigador em menos tempo fazer as análises que forem necessário, daí a necessidade de ser utilizado sempre que for indispensável e as condições permitem, porque é mais uma forma alternada de analisar os dados porque fazer análise qualitativa requer também ler o texto e buscar nele o essencial (Gibbs, 2012).

4.11. Resumo do capítulo IV

Para realizar um trabalho de investigação é crucial definir uma metodologia que se considera vantajosa para condução da mesma. Assim, o estudo centrou-se no estudo de caso por fazer descrição da situação real da prática educativa dos professores que lecionam a disciplina de Educação Moral e Cívica. Está caracterizado por um enfoque qualitativo pelo fato do investigador permanecer mais tempo no campo de ação contribuindo desta forma para os participantes poderem revisarem as descrições e significados que estão acontecendo. No entanto, apoiamos-nos na metodologia qualitativa pelo fato de enfatizar e conhecer a realidade desde uma perspectiva que ajuda a captar o significado particular que se atribui a cada protagonista em função do subjetivismo dos participantes estudados como parte integrante do processo.

É a investigação que evita números por ser interpretativa, porque visa combinar uma análise intencional de detalhes da conduta e significado durante a interação social em função do contexto, visando compreender a experiência humana, percepções, prática educativa vivida e sentida pelos participantes e que se ajuste melhor. Esta pesquisa também caracterizou-se pela flexibilidade uma vez que sempre que o estudo exigiu, fez-se modificações para adaptar-se ao contexto. O trabalho realizou-se em três escolas secundárias e contou com uma amostra intencional de 50 participantes entre professores, alunos, diretores, responsáveis do ministério da educação e a família. Para recolha de dados utilizou-se a observação participante, apoiando-se no diário de campo, a análise documental e a entrevista.

Depois desta fase, definiu-se as técnicas de análise de dados utilizando indiscutivelmente a análise de conteúdo, o método estatístico baseado na utilização do programa spss, versão 20 usado para a compreensão dos resultados da observação em função

da frequência e percentagem das categorias. Já os etnógrafos utilizam para análise de dados, a técnica de teorização, estratégia de seleção e os procedimentos analíticos. Para interpretação da informação recorreu-se a análise manual e a análise feita através de programas informáticos e para entrevista utilizou-se a análise descritiva e a análise teórica. No entanto, a utilização de cada é opcional, pois nenhuma análise é melhor que outra e quanto a credibilidade e validade, assegurou-se mediante a contextualização, negociação, saturação e a triangulação.

CAPÍTULO V: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

CAPÍTULO V: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo se apresenta, analisa e se discute os resultados obtidos em função dos objetivos preconizados nesta tese doutoral, tendo em conta as evidências empíricas que foram referidas inicialmente na revisão do estado de arte desta investigação. Para a materialização da mesma tivemos de realizar várias atividades que passaremos a descrever.

5.1. Negociação do acesso ao campo de pesquisa

Atualmente para se levar avante uma pesquisa etnográfica ou uma outra, é necessário antes negociar com os participantes, devido as suas implicações em termos de audiências na investigação a desenvolver. Assim, inicialmente endereçamos as cartas de solicitação anexadas com o desenho da investigação às direções de escolas e aos participantes selecionados para fazer parte do estudo com a finalidade de pedir e informar acerca do projeto de investigação bem como receber uma autorização para o efeito. Neste sentido, Yáñez (2010), adverte que a relação entre docentes e investigadores não é sempre fluida quando não se negoceia o acesso ao campo, resultando daí concorrência com lógicas diferentes e mal entendido. Por isso, acreditamos também que a colaboração entre os participantes abriu boas possibilidades para o desenvolvimento da investigação relacionada com práticas sociais complexas.

Depois de recebermos a resposta favorável, começamos a interagir com os participantes, observando as aulas nas escolas do I ciclo do ensino secundário, na disciplina de Educação Moral e Cívica. O trabalho de campo iniciou com a observação de aulas e, depois foi se alastrando pela comunidade escolar mediante a realização de entrevistas aos professores, alunos, diretores de escolas, outros responsáveis do ministério, sindicalista e as famílias. A medida que o trabalho decorria a relação interpessoal ficava cada vez melhor, devido a amizade conquistada.

Portanto, de forma a proteger a identidade dos participantes na investigação, tivemos de negociar com os mesmos apresentando o objetivo da investigação e garantir o anonimato acerca da identidade. Ainda na ótica de Banks (2010), existem outras maneiras de garantir ou proteger a identidade dos participantes nos estudos de caso, é saber que o anonimato e a identidade dos participantes pode-se assegurar também pelo uso de números, pseudónimos para pessoas, instituições e lugares a publicar nos resultados.

5.2. Apresentação dos resultados da observação

Relativamente a apresentação dos dados em estudo qualitativo, a mesma foi feita mediante as tabelas e gráficos. Para a recolha de informações, inicialmente realizamos visitas aos professores e professoras explicando o projeto e os seus objetivos bem como garantir aos participantes o sigilo e o anonimato da informação resultante da mesma, pois está foi apenas usada para investigação. Assim, depois de aceite o pedido, fruto das cartas endereçadas as direções de escolas assim como o consentimento dos docentes, fomos ao campo com a finalidade de observar as aulas de Educação Moral e Cívica nas três escolas, com uma amostra intencional de onze professores, distribuídos da seguinte forma: sete no período da manhã e quatro no período da tarde.

Os nomes dos professores e professoras que aparecem nas notas de campo são todos fictícios para salvaguardar o anonimato ou a identidade de todos participantes. As observações decorreram de Abril até Novembro de 2015, tendo observado um total de 104 sessões de aulas. Desta atividade de campo, resultaram descrições acerca de como aconteceram as práticas educativas dos professores de Educação Moral e Cívicas, tendo em conta a relação entre professores e alunos, atividades que realizam, materiais utilizados, atitude dos participantes e a metodologia usada. Assim, entre as várias informações, foi mais recorrente em termo de constatação as seguintes notas de campo:

Abril

No dia 07/04/2015, na Escola Popular do I ciclo, situada ao lado de mercado informal, no interior do quintal (pátio) da mesma escola, funciona outras 24 turmas pertencentes a escola do ensino primário, cujas aulas são dadas ao ar livre e debaixo das árvores. Ao passo que as aulas do I ciclo do ensino secundário são realizadas em salas com paredes e cobertura. Observou-se as aulas na 7^a, 8^a e 9^a classe com a duração de (45) minutos.

A aula teve início as 8h20 e nela verificou-se algumas evidências registadas no diário de campo, estando patente que o professor Ndala durante a aula, fez a chamada através dos números dos alunos e não por nomes. Fato interessante de observar, pois quando o aluno é chamado pelo nome ganha a sua identidade e não pelo número. Na aula havia conversas paralelas entre os alunos e alunas, mas sempre o professor procurava manter a organização, pedindo silêncio e perguntando se já haviam terminado de escrever, as vezes adverte e chama atenção aos mesmos. Os alunos e alunas só participam da aula, quando o professor regista e atribui nota (classificação), daí que cada aluno que dá sua contribuição, depois de terminar diz

o seu número ao professor a fim de registrar e atribuir na caderneta a pontuação obtida. O professor tem um tom de voz baixo e se movimenta pouco.

Ainda no mesmo dia 07/04/2015, também observamos a aula da professora Catumbo, realizada na mesma instituição as 17h20, tendo se verificado pouca participação dos alunos, fraca exploração do tema e começou logo a ditar os apontamentos, não supervisionou o que os alunos escreviam. Durante o resumo da aula os alunos respondiam em coro lendo nos cadernos, resultando barulho pelo que não foi bem feita a avaliação contínua durante a aula. O curioso é que a aula teve o mesmo tema com o professor Ndala, mas apresentaram conteúdos (matérias) diferentes para o mesmo tema. Pensamos que esta falha deve-se a falta de sistematização dos conteúdos e uniformidade nos mesmos bem como a falta de trabalho colaborativo.

Já no dia 15/4/2015 na escola 2 de Março, situada em frente de uma igreja. Observou-se a aula da professora Mutango e, nela foi visível que a maioria dos alunos não têm livros e a professora não fornece resumo ou registo dos conteúdos (matéria) para os alunos. Alguns alunos atiravam papéis aos colegas distraindo os mesmos durante a aula. A professora escreveu o tema, explicou e não pediu opinião dos alunos e alunas. Utilizou muita exposição e transmissão de conteúdos durante a aula por parte da professora. Não prestava atenção individual aos alunos, daí que três alunas comiam durante a aula, uma deixava o lixo cair no chão, outras colocavam o lixo debaixo das carteiras. No final da aula formulou perguntas aos alunos e alunas, mas perante a passividade dos mesmos na participação do tema em estudo, a professora comparou-os com os «mortos» e disse mais *se não querem estudar deixem lugar para os outros*.

Dia 17/04/2015 estivemos na Escola Augusto Ngangula, onde observamos a aula do professor Makeyeye, tendo se constatado o seguinte:

Depois da saudação, procurou saber quem fez a tarefa e na primeira fila um aluno não fez e a outra aluna resolveu erradamente e o professor censurou duramente dizendo: *Aqui na sala quem manda sou eu, que os incomodados que se retirem porque eu não chamei ninguém para vir à escola*. Seis minutos depois apareceram dois alunos e não os deixou entrar. Depois escreveu o tema e começou a explicar, não fez a avaliação.

No dia 23/04/2015 durante a aula do professor Tchissingui, um aluno lançou o papel em direção ao cesto de lixeira, mas caiu fora e ele não foi recolher o papel. Um aluno colocou dúvida e o professor ameaçou o mesmo dizendo: *se continuar a falar muito pode reprovar na minha disciplina*. Durante o resumo da aula, uma aluna não conseguiu responder e o professor

criticou dizendo: *és muita burra até isso não sabes?* Pediu um voluntário para explicar, logo levantou-se um outro aluno tentou, mas a resposta não convenceu o professor. Por isso, fez o seguinte comentário: *se não sabes é melhor ficar calado, em boca fechada não entra mosca.*

Maio

No dia 4, as 7 horas 30 minutos a professora Catapepo, orientou a aula com o tema: «Democracia representativa», notou-se a presença de poucos alunos na sala, dos 30 alunos que a turma possui, assistiram a aula apenas 8 alunos, os outros atrasaram e outros foram convidados a saírem pelo fato de não terem participado da «parada» (cerimónia de participação obrigatória em que entoam-se o hino nacional e passa-se algumas informações), por se tratar de Segunda-feira. Fez a correção da tarefa e verificou se todos fizeram. Como houve poucos alunos a professora trabalhou com todos os alunos, tendo a calma e paciência de interagir com os mesmos.

As 13 horas observamos a aula da professora Nhama, que depois da saudação, pediu aos alunos que não participaram da «parada» para saírem da sala, porque não podem assistirem a primeira aula do dia, tal como é corrente o cumprimento da norma da instituição. Ao escrever os preliminares ao quadro, errou em vez de «lição» registou «licão», uma aluna identificou e disse: a professora escreveu errado e em função disso, os alunos começaram a ler em voz alta o referido erro, resultando muito barulho e os que estavam atrás não conseguiam ouvir o que a professora falava. Depois a professora ficou nervosa e pediu aos alunos que prestassem atenção e disse: hoje vamos falar sobre «Eu e os meus colegas» e os alunos ficaram em silêncio e começou-se a exploração do tema com a intervenção dos alunos e alunas dando sugestões.

Quando os alunos colocam as dúvidas a professora dizia que: na próxima aula vamos responder, fica como tarefa, hoje vamos aproveitar escrever. Depois disso, não fez a avaliação contínua e deu por terminada a aula. Ainda dia 11, observamos a aula orientada pela professora Catapepo cujo tema é: «Eu e a adolescência». Depois da saudação verificou nos cadernos dos alunos a tarefa e expulsou os que não resolveram. Depois de 20 minutos, duas alunas vieram bater a porta e entregaram os seus trabalhos individuais. Durante a aula, a professora dedicou-se a dar exemplos da sua história de vida acerca dos sucessos e insucessos que foi tendo na fase da adolescência. Em função da desobediência que ela teve em não cumprir com as orientações que os adultos lhe transmitiam. Depois ela sentou e começou a ditar os conteúdos até que a campanha tocou.

No dia 14 voltamos à Escola 2 de Março e observamos a aula das 11h50 minutos, durante a mesma os alunos pareciam cansados. Por isso, participavam pouco e a professora perguntou: estão muito calados, não comeram? Os alunos responderam: sim. Vamos já sair professora nos dá borla, professora Nzunzi, mas ela disse: que não podia porque estavam muito atrasado. E para sairmos um pouco mais cedo é melhor escreverem já um pouco. Disse mais: registem o título «sexualidade» ditou, ditou, até que os alunos começaram a reclamar que a mão estava doer de tanto escrever, mas ela dizia: falta pouco para terminar. Depois ditou a tarefa e, tocou o sino para saída.

Junho

Dia 18/06/2015 na aula das 9 horas e 10 minutos, orientada pela professora Ndinelau verificou-se bom clima de trabalho, durante a aula sobre a «Democracia representativa», os alunos ficavam atentos a explicação e participavam dando sugestões, não supervisionou o registo dos alunos, as perguntas de consolidação colocadas aos alunos, quando não respondiam acertadamente as mesmas, ela volta a esclarecer acerca do que se estava aprendendo e a aula terminou num clima de alegria e harmonia.

As 11h50 observamos a aula orientada pela professora Nzunzi, na 8^a classe que iniciou com uma pergunta da professora: tinha deixado tarefa? Os alunos responderam: sim. Em seguida pediu aos alunos para lerem no livro o tema: «Democracia representativa», depois houve diálogo com os 4 alunos apenas, porque eram os únicos que tinham livros. Os outros dedicaram-se a ouvir porque segundo a professora os que não têm livros não podiam se juntarem com os que têm livros. Em função disso, houve pouca participação na aula porque outros alunos sentiram-se excluídos.

No dia 22, durante a aula da professora Ndinelau que aconteceu as 9 horas e 10 minutos, depois da saudação, a professora fez a chamada e 5 minutos depois chegaram outros alunos que assistiram a aula, embora tendo já marcado a falta. Anunciou o tema pediu, algumas opiniões e continuou em frente não se movia pelas filas, três alunos sentados atrás não escreviam e estavam se enviando jogos, músicas e outras imagens nos telemóveis.

Ainda no mesmo dia, observamos a aula da professora Catapepo, as 10 horas e começou com o controlo de faltas, mas 5 minutos depois foram aparecendo mais alunos e entraram e assistiram a aula embora o professor já os tinha marcado as faltas. Em seguida perguntou quem fez a tarefa e um aluno leu a resposta e o professor não deu seu parecer se

está certo ou errado. Fez a explicação do tema, não observou o que os alunos escreviam. Durante a consolidação, as perguntas não estavam relacionadas com os objetivos da aula e a tarefa marcada não constava do plano de aula.

Já dia 23 /06/2015, as 8h20 observamos a aula, onde verificou-se que o professor Ndala, sempre atento e preocupado em esclarecer mais o conteúdo para o alcance dos objetivos, para tal houve empenho na elaboração dos meios de ensino, com muitas intervenções dos alunos durante a aula. No final as questões colocadas aos alunos respondiam satisfatoriamente.

Na aula do dia 26/06/2015 verificou-se que o professor Makeyeye, não corrigiu a tarefa dos alunos, logo escreveu o novo tema: «Rituais e valores da nossa cultura» durante a explicação os alunos queriam saber mais acerca do tema se existe aspetos negativos, mas o professor não conseguiu satisfazer as necessidades dos alunos, teve pouco domínio em função da diversidade cultural existe no país. Começou a ditar os apontamentos, ficava apenas em frente, não verificava o que os alunos escreviam, e deixava participar os mesmos alunos, não fez o controlo de presença e saiu tarde, ou seja, geriu mal o tempo consagrado a aula.

Igualmente dia 29 observamos a aula da professora Nhama, realizada as 13 horas, verificou-se boa organização da turma, estabelecendo boa relação com os alunos incentivando-os sempre a participarem da aula e valorizando a contribuição dos mesmos sobre o tema em destaque embora não reforçava ou complementava as respostas dadas pelos alunos e não supervisionava o que os alunos escreviam se está certo ou errado. Finalmente perguntava se os alunos entenderam e terminou a aula.

Julho

No dia 15, pelas 7 horas 45 minutos observamos a aula da professora Mutango, que iniciou com atraso devido a chegada tardia da professora. Durante a realização da aula com o tema: «Auto e mútuo conhecimento», verificou-se que a professora manteve boa relação entre todos integrantes, fez apresentação dos colegas e em seguida advertiu aos alunos que se comportassem bem porque tinham visita. Foi notório que os alunos não se sentiram muito a vontade durante a intervenção da professora e ficavam um pouco tímido, o que contribuiu para a professora usar mais da palavra e fazer registo sem acompanhar as atividades que os alunos realizam, pois tinham alunos a fazerem desenhos nos seus cadernos e não prestavam atenção a explicação.

Dia 16, as 11 horas 50 minutos observamos a aula da professora Nzunzi com o tema: «Eu e os meus colegas» na qual constatou-se a voz muito baixa, os alunos de trás não percebiam a explicação. Por isso, reclamavam que não estão ouvir, houve barulho em determinados momentos perdia o controlo da turma, depois de 15 minutos lembrou-se de escrever os preliminares ao quadro, os alunos respondiam em coro as questões colocadas e não indicava nem pedia o aluno para que se colocasse de pé e dar o seu contributo. Movimentava-se para ver as atividades que os alunos faziam. Escreveu palavras erradas, enquanto no material estão bem escritas, faltou concentração e não realizou a avaliação e terminou a aula.

No dia 24, na aula das 9h10 minutos observamos a aula do professor Makeyeye com o tema: «O que significa comunicação/diálogo», em seguida o professor perguntou: fizeram a tarefa que está no livro? Alguns alunos diziam sim. Ele pediu ao delegado de turma para averiguar os alunos que fizeram e os que não fizeram colocou-os fora da sala. Os alunos tentaram justificarem que não possuem livros, mas o professor disse que é para comprarem. Ainda durante a aula, pediu que os alunos acompanhassem a leitura do texto, mas como entre os 32 alunos apenas 7 alunos têm livros de EMC fez com que houvesse pouca participação, devido a falta de livros. A professora não fornece algum resumo e não permite aos alunos trabalharem ou sentarem em grupo e usando o mesmo livro.

Dia 27, as 13 horas apreciamos a aula «A sexualidade e a lei», nesta aula a professora Nhama explicava com algum receio sobre a temática limitando-se a dizer que o sexo deve ser feito com camisinha, o que criou dúvidas aos alunos. Por isso, um aluno pediu que a professora diferencia-se sexualidade e relações sexuais. A professora tentou explicar, mas os alunos não ficaram convencidos. E quando infelizmente a professora defendeu que abstinência é o melhor método de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis entre os casais. Ali surgiu outra dúvida e a aluna comentou: se depois de casados ainda vamos praticar abstinência é melhor não casarmos, professora. A aula terminou sem consenso porque pareceu que a professora não preparou suficientemente o tema e o conteúdo fornecido é diferente da outra professora.

Na semana seguinte, isto é, dia 28, as 17 horas 20, na aula da professora Catumbo, foi notório que depois da saudação e controlo de ausências, procurou saber se tinha deixado tarefa e os alunos responderem que sim. Mas não se fez a correção da tarefa. Pediu a um dos alunos para ler o último parágrafo da aula anterior. Feito isso, continuou a ditar os conteúdos

e advertiu a turma para lerem a matéria porque vai sair na prova, em seguida marcou outra tarefa e disse que trouxessem numa folha A4 e deu por terminada a aula. Neste período a aula tem duração de 30-35 minutos devido a falta de segurança nesta escola e a presença de meliantes.

Ainda neste dia observamos as 11 horas a aula da professora Cassinda com o tema: «Reconciliação na comunidade», foi notório o interesse da professora em fazer os alunos participarem e falarem mais e ela foi explicando apenas nas situações que carecia de argumentação mais aprofundada ou mais detalhada. Estabeleceu regras para os alunos intervirem durante a aula, o que possibilitou evitar barulho e outras conversas paralelas e mesmo no momento do resumo da aula os alunos explicavam de forma correta o tema abordado e finalmente orientou o trabalho de casa e terminou a aula. Pensamos que houve cumprimento dos objetivos e boa participação devido a metodologia ativa e participativa que a professora utilizou permitindo a existência do modelo de ensino aprendizagem construtivista.

Agosto

No dia 3, as 13 horas e 50 minutos, observamos uma aula de preparação para prova, durante a mesma, a professora Lucombo fez o controlo de presenças bem como a colocação de perguntas orais aos alunos e estes tentaram responder. Mas no decorrer de respostas um aluno duvidou da resposta da professora dizendo que não concordava com a explicação dada e parece mais certa é a resposta dada pelo seu colega. Em função disso, ela exaltou-se e disse que a explicação que deu é a mais aceitável e disse mais: *professora aqui sou eu e estou mais informada do que cada um de vocês devido o meu nível de escolaridade.*

No dia 4, já na aula das 11 horas simplesmente a professora Cassinda saudou, fez chamada escreveu os preliminares e disse os temas que seriam objeto de reflexão durante a prova e em 10 minutos recomendou a lerem em casa os tópicos fornecidos e depois dispensou os alunos e alunas.

No dia 6, as 9 horas e 10 minutos, sendo a semana de revisões a professora Ndinelau saudou, verificou a higiene da sala, fez chamada, perguntou a tarefa e recolheu os cadernos para avaliar e disse: estudem toda matéria deste trimestre porque é a matéria que virá na prova, se tiverem algumas dúvidas podem colocar, caso não vamos terminar a aula e os alunos responderam: não temos dúvidas, então a professora deu por terminada a aula.

Já na escola popular, na aula das 13 horas e 50 minutos da mesma semana de revisões, a professora Lucombo pediu que cada aluno verifica-se se tem lixo na carteira para poderem colocarem no cesto de lixo. Fez a chamada bem como o controlo da tarefa do dia anterior, relativamente a preparação da prova foi trabalhando em função dos tópicos das unidades que serviriam de avaliação.

Depois da realização de provas em bloco, no dia 14 e verificou-se que nas turmas onde os professores dispensaram os alunos na aula de preparação, apresentaram mais dificuldades na interpretação da prova e nas turmas cujos professores deram tópicos e trabalharam neles terminaram mais cedo e consideraram a prova fácil.

Setembro

No dia 24 pelas 9 horas e 10 minutos, a professora Ndinelau orientou a aula cujo tema é: «Violência na família» durante a mesma, foi patente a atitude ameaçadora dela: *quem não prestar atenção vou lhe colocar fora da sala, não vieram para fazer fofocas na minha aula.* Em seguida perguntou ao delegado: já fizeram chamada escrita (avaliação)? Este respondeu: sim, mas ainda não recebemos. A professora disse: «Não faz mal, vamos fazer mais outra no final da aula». No decorrer da mesma disse: que quer ver se todos passaram já a matéria do livro para o caderno. Uma aluna que senta em frente justificou que não terminou porque não tem livro e aproveitou passar uma parte da matéria na escola a partir do livro do colega. E ela pediu que saíssem os alunos que não fizeram a cópia da matéria.

O curioso é que a professora sabe que a maioria dos alunos não possuem livros, dos 30 alunos apenas 5 tinham livros. Depois dos alunos saírem decidiu marcar outra tarefa e dispensou os alunos. Os alunos no corredor faziam tanto barulho que o professor da sala a seguir vinha reclamar e procurou saber o que se passava a professora respondeu que estes alunos não têm material e não estudam. Por isso, lhes coloquei fora, *não dá para dar mimos nestes alunos.*

Ainda as 11 horas 50 minutos voltamos a observar outra aula «Reconciliação na comunidade», a atitude dos alunos foi de muita calma, porque na aula anterior a professora Nzunzi marcou falta indisciplinada e expulsou os três alunos, porque estavam a conversar. Havia recomendado que só voltariam assistirem aulas depois de trazerem os seus encarregados, mas infelizmente durante a aula os encarregados de educação dos meninos não apareceram e conseqüentemente os alunos ficaram sem aulas na disciplina de EMC.

No mesmo dia, pelas 15 horas 40 minutos observamos a aula do professor Tchissingui com o tema: «Eu e a cidadania democrática», constatou-se que os alunos já tinham domínio da matéria, então o professor perguntou como aprenderam? E os alunos responderem que uma professora estagiária na ausência da professora tinha já dado este tema. Então a professora fez uma revisão. Acreditamos que o professor devia estar mais atento e atualizar-se como os colegas acerca das atividades realizadas.

Dia 28, as 13 horas observamos a aula com o tema «Vamos discutir os problemas», depois da escrita dos preliminares pediu ao chefe de estudo para fazer o levantamento dos alunos que não fizeram e constatou-se que a maioria não fez. A professora criticou os alunos por essa atitude e estes em resposta, um aluno disse: não fizemos porque a professora nunca corrigiu a tarefa então sentimos preguiça. A professora Nhama disse: *tu falas muito atoa, se não queres reprovar é melhor calar a boca*. Vamos escrever um pouco, foi ditando... alguns alunos reclamavam que estão atrasados, a professora respondia: correm mais e não repetia a parte em falta...os apontamentos ficaram incompletos.

Dia 29, na sala 7, observamos a aula da professora Catumbo com o tema: «A sexualidade e a lei», foi notória a boa vontade em trabalhar, mas ela grita muito com os alunos, não permite erros do aluno porque pensa que se o aluno não responde bem significa que não se interessou pela aula. E utiliza expressões como: se não sabe nada continua a vir fazer o quê? Se não quer aprender fica em casa. Essa atitude contribuiu para os outros alunos ficarem com receio de participarem mais, dando seus contributos. Ditou e depois perguntou se alguém tem dúvidas, mas infelizmente ficaram calados e o sino tocou para saída. A professora disse ninguém sai, mas um aluno levantou-se e ela marcou a falta de indisciplina.

Outubro

No dia 1, as 15 horas 40 minutos realizou-se a aula com o tema: «O divórcio», na qual identificou-se a boa relação entre os integrantes do processo. Os alunos organizadamente participaram intensamente dando contributo sobre o tema, que o professor Tchissingui não dominava em função da diversidade cultural que apresentam os alunos. O professor mostrou-se humilde e agradeceu a participação dos alunos e deu por terminada a aula porque outro professor já estava na porta a espera para entrar já que houve má gestão do tempo.

Dia 6, as 11 horas observamos a aula com o tema: «Eu, o meu país e a reconciliação nacional», a professora Cassinda fez o controlo de presença, explicou e interagiu com os

alunos. Criticou um aluno dizendo: «tu não tens participado na aula, agora fala!» e o aluno disse: a professora nunca me chamou. Também foi visível a falta de calma na hora de usar o quadro porque escreveu três palavras erradas, durante o registo ditava virada para o quadro e não se movimentava para ver o que os alunos escreviam.

No dia 7, as 11 horas 50 minutos observamos a aula que teve o seguinte tema: «os símbolos que identificam o meu país», a professora Mutango interagiu bem com os alunos num clima de harmonia, os alunos participavam para saberem mais sobre o seu país, mas como o livro apresenta vários elementos que identificam o país, a professora acabou confundindo, alguns símbolos culturais e deixando os mais essenciais. Mais uma vez faltou boa preparação do professor e cooperação entre eles a nível da coordenação, porque para este mesmo tema os conteúdos são diferentes de professor para professor.

Ainda no mesmo dia, as 9 horas observamos a aula com o tema «Vamos discutir problemas», o professor Makayeye, fez a introdução da aula, se dirigiu aos alunos chamando pelos números e não nomes, assim foi chamando pelos números aleatoriamente até de alunos que não estavam presentes na aula. Ficou claro que o professor não conhece os alunos, por isso, dirigia-se à eles pelos números em vez dos nomes. Quando o aluno participa na aula por cada intervenção ele dita o seu número para ter classificação.

Quando eram as 13 horas 50 minutos observamos a aula «A sexualidade e a lei» depois de entrarmos, havia alguns alunos fora pertencentes à turma, mas não entraram para participarem da mesma, depois a professora Lucombo, pediu ao delegado chamarem os colegas. Mas este do seu regresso disse que já foram. Orientou a aula e os alunos participavam entusiasmado em função da curiosidade acerca do tema.

Dia 12, as 7 horas 30 minutos com o tema: «Reconciliação na comunidade», observamos a aula que iniciou com atraso devido a chegada tardia da professora Catapepo, e logo depois da saudação, escreveu os preliminares e começou a ditar, um aluno fez lembrar que tinha tarefa para corrigir. A professora respondeu que: vamos ver no outro dia, orientou o registo até ao toque de saída e não explicou prometendo fazê-lo na próxima aula, razão pela qual os alunos reclamaram de tanto escreverem e por saírem 10 minutos depois.

Dia 16, as 13 horas e 50 minutos observamos a aula com o tema: «Reconciliação na comunidade», no início escreveu erradamente duas palavras e de seguida os alunos corrigiram dizendo à professora que não é assim que se escreviam aquelas palavras. A professora

Lucombo aceitou e se defendeu dizendo que foi um lapso. Primeiro ditou a matéria depois deu a explicação, mas dois alunos conversavam e ela não prestava atenção ao lado esquerdo da sala.

Finalmente dia 20, as 8 horas 20 minutos, observamos a aula do professor Ndala sobre: «Os símbolos que identificam o nosso país», depois de cumprir com as formalidades fez o controlo da tarefa, orientou os alunos em função dos objetivos da aula, explicou e depois pediu as contribuições dos alunos, escreveu algumas palavras ao quadro e depois não apagava o quadro, o que dificultava localizar a nova palavra escrita. Não conseguiu explicar o significado da cor amarela da bandeira nacional, fez o resumo da aula, marcou tarefa e terminou a aula.

Novembro

Do dia 9 até 13, realizou-se a aula de preparação para as provas de escolas (finais), foi visível as dificuldades pelo fato de existir muitos conteúdos e não tendo delimitações por onde começar e terminar. Em 45 minutos por semana é quase impossível rever os conteúdos dados ao longo do ano letivo tendo em conta a proporção de conteúdos que são avaliados ao longo de todo ano. O regulamento da elaboração de provas finais prevê conteúdo na ordem de 20 % referente ao I trimestre, 30 % para o II trimestre e 50 % para o III trimestre.

Dia 21 realizou-se a prova de escola de EMC as 10 horas e constatou-se em algumas turmas muitas lamentações dos alunos pelo fato dos professores não terem dado determinados temas, em função de alguns terem iniciado o ano letivo tarde, devido a falta de condições locais organizativas.

Em certas situações deve-se a falta de cooperação entre as escolas e com a direção de educação, porque as propostas dos professores acerca do grau do cumprimento do programa não são levadas em consideração. Outro caso tem a ver com a escola do interior (meio rural) em que os conteúdos que apareceram na prova de exame, por exemplo das perguntas propostas no enunciado, apenas os alunos conseguiram estudar ao longo das aulas um conteúdo que perfaz uma percentagem de 33,33 % contra os 66,67 % correspondentes ao conteúdo não dado durante o ano letivo de 2015.

5.2.1. Algumas considerações acerca da observação

A observação de aulas foi levada a cabo ao longo de 8 (oito) meses durante o ano letivo de 2015, em três escolas secundárias, o que permitiu-nos fazer algumas considerações acerca da

maneira como desenrolaram as aulas de Educação Moral e Cívica. Assim, como nota de realce, destacou-se que as mesmas estão marcadas pelo excessivo número de alunos por turma a oscilar entre 60 – 70 na escola popular; na escola 2 de Março variam de 50 - 55 alunos e na escola Augusto Ngangula existe uma média de 46 alunos por turma, sendo esta última localizada dentro da capital da cidade.

Outros resultados indicam que algumas atitudes dos docentes não são as mais ideais para que realizem boas práticas educativas, que conseqüentemente contribuam para a existência de um processo de ensino-aprendizagem mais significativo, capaz de desenvolver alunos competentes nos vários domínios do saber. Para tal, há necessidade de se trabalhar mais para se melhorar este quadro, pois, ainda chama atenção alguma evidência da relação professores e alunos durante o processo, tal como se segue nas seguintes constatações:

5.3. Atitude dos docentes na sala de aula

Os professores se movimentam pouco durante a aula e, não fazem o acompanhamento das atividades que realizam os alunos, pelo fato das salas terem muitos alunos e as carteiras ficarem muito juntas. Em outros casos, tal deve-se ao desconhecimento dos professores acerca da necessidade de se fazer tal acompanhamento para supervisionar a atividade a ser realizada pelos alunos. No entanto, é necessário o professor colocar em ação toda sua experiência, saber produzido e adquirido no de melhorar cada vez mais a sua arte de ensinar. Pois, o saber é o que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades, aptidões e as atitudes dos docentes, sobre aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, de saber-fazer e de saber-ser. Assim, se enfatiza que a experiência de trabalho docente se configura em um espaço em que o docente aplica saberes para realizar determinado trabalho mediante a: flexibilidade, reprodução, reiteração daquilo que se sabe, que se sabe fazer, a fim de produzir a sua própria prática profissional (França & Souza, 2018).

5.4. Caracterização dos recursos materiais

Esta dimensão visou descrever a realidade em que labutam dia a dia os professores e alunos, tendo a destacar alguns elementos que podem influenciar as aprendizagens quando não são suficientemente valorizados, tal como podemos conferir mais abaixo.

5.4.1. Mobiliário escolar

Ainda observa-se nestas escolas, a falta de carteiras suficientes, chegando alguns alunos a sentarem dois ou três alunos por carteira, ao passo que noutros contextos, os alunos chegam a sentar por cima de pedra ou tronco cortado e apoiando o caderno na coxa. É essencial o

equipamento escolar para que a aprendizagem ocorra em condições favoráveis, quer da parte do aluno como para os professores. Sem as condições adequadas os docentes não se sentirão confortáveis, nem conseguiram manter a motivação e atenção por muito tempo, daí a necessidade de se apetrechar as escolas.

Por isso, uma escola com mobiliário completo ajuda na convivência e se concebe como o processo mediante o qual todos os membros da comunidade educativa aprendem a viver com os demais. Para Vélez et al. (2015, é o elemento que facilita a aprendizagem e promove o desenvolvimento social e afetivo do aluno. O clima das instituições escolares, se caracteriza por ser um conceito globalizador (referido ao ambiente da escola), multidimensional (determinado pelos elementos estruturais e funcionais da organização), relativamente permanente no tempo, e joga um papel influente no alcance dos distintos objetivos académicos e de desenvolvimento pessoal.

5.4.2. Programas escolares e outros materiais

Esta categoria visou descrever os elementos da componente não pessoal no processo de ensino e aprendizagem, isto é, a realidade material que serve de suporte para o sucesso da mesma. Constatou-se que os programas apresentam deficiências e os livros de igual modo carecem de melhoria de conteúdo. Este dado é reforçado pela visão dos docentes, e relativamente a esta dimensão argumentaram o seguinte:

Não temos programas e materiais excelentes, mas são aceitáveis, a dificuldade reside na materialização daquilo que vêm nestes programas. No entanto, os livros trazem algumas lacunas em termos de informação e com erros (Nhama, entrevista professora 03/11/2015).

Nesta base, na ótica de Barbero Consuegra et al. (2018), os programas que são utilizados na preparação dos professores precisam de considerar as demandas da escola de hoje, em relação a ampliação do conhecimento de base sobre a aprendizagem e ensino. Estas demandas apoiam os professores sobre a aprendizagem no compromisso destas expectativas. Assim, ensinar para a sociedade de conhecimento implica: desenvolver uma profunda aprendizagem cognitiva, a criatividade e iniciativa investigativa dos estudantes, o trabalho em redes e equipas e a formação profissional permanente como docentes.

Deste modo, é crucial promover a resolução de problemas, a eliminação de riscos, a confiança no processo de colaboração, a habilidade para enfrentar-se a mudança e compromisso com a melhoria contínua como organização. De igual modo, é importante que

os livros estejam bem sistematizados, tal como referem Occeli &Valeiras (2013), porque os livros de texto constituem ferramentas pedagógicas mediadoras destinadas a aprendizagem, que traduzem e concretizam significados incluídos no currículo prescrito pelo governo de cada país. Onde impõem a distribuição e hierarquia de ideias tendo em conta a transformação e recriação de conhecimento.

5.4.3. Cumprimento do programa

O contraste verificou-se na escola do interior onde durante as provas de escola e nos exames elaborados pelos técnicos do ministério da educação ou da direção provincial de educação e, distribuídos aos responsáveis ou diretores municipais, consistiram na sua maioria de conteúdos não abordados durante o ano letivo, por incumprimentos dos programas. O que contribui para que nas escolas do interior, os alunos resolvessem poucas questões, chegando a responderem em alguns casos apenas uma ou duas perguntas.

Essa atitude pode ter contribuído pelo elevado grau de aproveitamento escolar, devido a resolução de poucas questões. Ao passo que para a maioria dos professores o cumprimento dos programas é ainda deficiente estando cifrado na ordem de 54,54%, tal como podemos verificar a seguir:

Cumprimento do programa	Frequência	Perctagem
Deficiente	6	54,54
Aceitável	4	36,36
Bom	1	9,10

Tabela 4 - Cumprimento do programa

Fazendo uma representação gráfica, o cumprimento do programa ficou escalonado da seguinte forma:

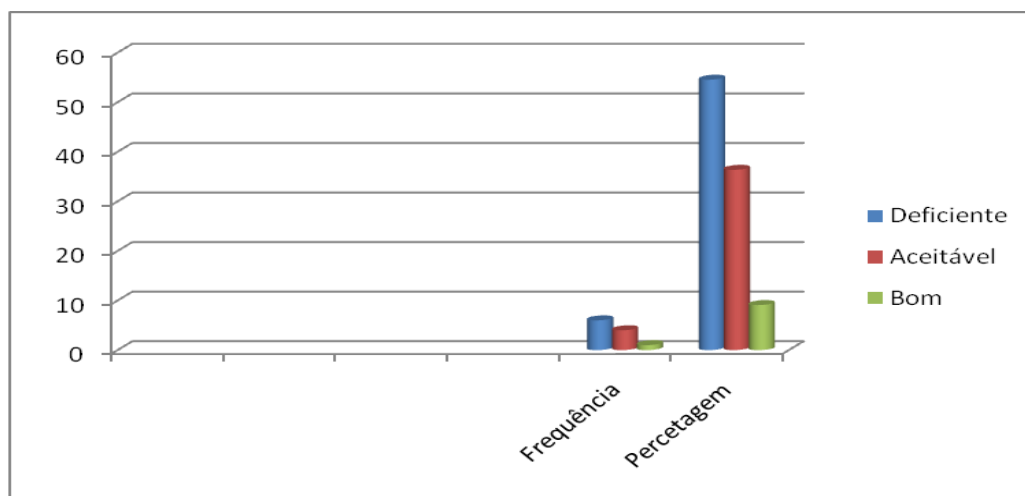


Gráfico 3– Grau do cumprimento do programa

Diante esta situação, é crucial que no processo de ensino-aprendizagem, os diretores escolares cumpram com as suas funções que é de fazerem o acompanhamento e gerir com responsabilidade a organização e gestão do processo educativo em que trabalham, de maneira a promover mudanças e inovação educativa. Pois, em seu papel de liderança se vem obrigado a conhecer e mediar as atitudes, crenças, motivações e comportamentos do professor, assim como implementar e responder de todos os processos de administração, desenvolvimento e inovação de uma organização educativa estabelecida para atender a demanda da educação e atuar em função dos objetivos preconizados no âmbito da inovação educativa. Portanto, eles desempenham um essencial papel para a implementação de estratégias institucionais e sua competência, mediante a aplicação de tecnologias e das mudanças organizativas, bem como o desenvolvimento pessoal de competências pessoais, de maneira modificar as atitudes, modelos pedagógicos através da introdução de novos projetos, materiais curriculares, estratégias de ensino e aprendizagem ou outras formas de organização escolar (Campión et al. 2016).

5.4.4. Livros de textos

A maioria dos alunos não têm livros para poderem dar continuidade com as tarefas escolares. Pois os que possuem os mesmos representam em média 12%, razão pela qual algumas vezes na sua maioria dos alunos são excluídos das atividades escolares por não possuírem os livros de educação moral e cívica. Com essa atitude os docentes pensam que colocando essa pressão

aos alunos, seriam obrigados a comprar os livros. O estudo dos materiais curriculares, estão relacionados com a linha de investigação centrada no pensamento e a prática educativa dos docentes, representando uma área sensível e emergente de investigar.

Assim, a atividade que os alunos realizam sob orientação do professor está relacionado com o tipo de material que terá de usar em função de aula, por isso, é crucial os professores produzam material indispensável para melhoria da aprendizagem. Sabemos que encontramos aqueles professores apegados ao livro ou ao texto único, baseando-se no modelo de ensino tradicional, ao passo que existem outros profissionais que apresentam uma autonomia profissional do livro ou texto único, sendo mais crítico e reflexivo usando materiais ou recursos didáticos mais heterogêneos que contribuem para o desenvolvimento de competências aos alunos (Soto & Travé, 2018).

5.4.5. Caracterização do conteúdo escolar

Existem poucos livros no sistema educativo, e para suprir algumas dificuldades os docentes elaboram algum material escrito à mão, que ao ser analisado relativamente ao conteúdo em termos de apresentação, sistematização e profundidade apresenta as características seguintes:

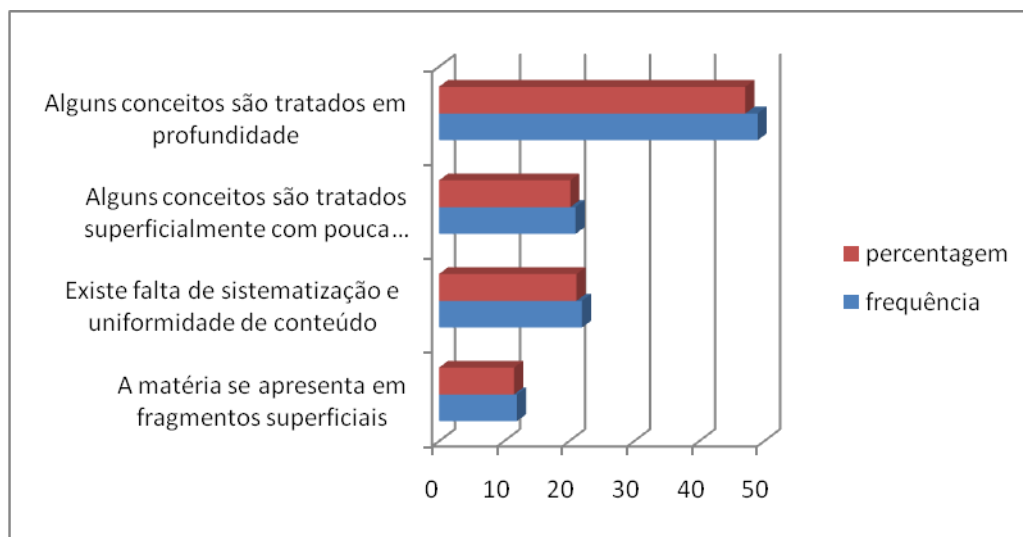


Gráfico 4- Caracterização de conceitos e o conteúdo escolar

Mesmo na representação gráfica a seguir é visível que a maioria dos conteúdos não foram abordados em profundidade entre professores e alunos durante a aula, daí ser crucial que haja mais trabalho por realizar-se para melhor cada vez mais a prática pedagógica, tal como ilustra o gráfico a seguir:

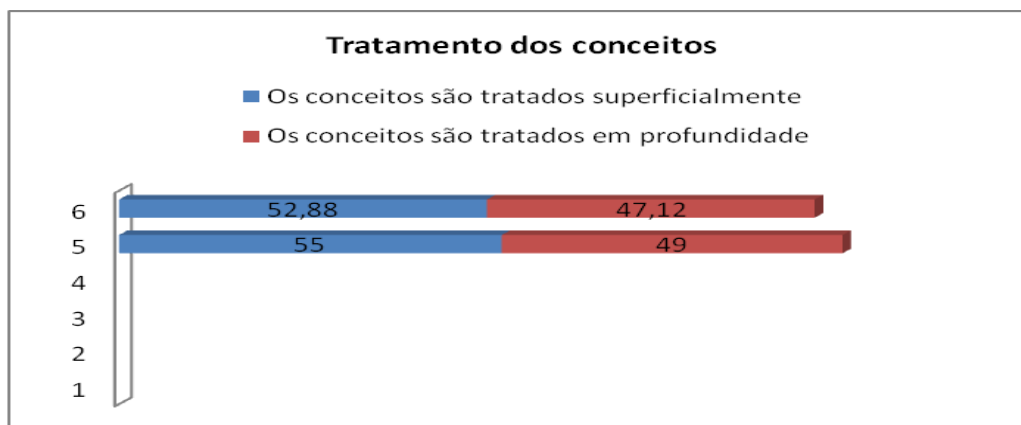


Gráfico 5- Caracterização dos conceitos

As atuais mudanças nas políticas de educação requereram a inclusão de todos alunos com necessidades educativas especiais nas escolas de ensino regular, resultando entre os alunos as dificuldades de adaptação. Pois, não se elaborou material específico para os alunos com necessidades educativas, exigindo que utilizem os mesmos manuais escolares e materiais entre todos os alunos, originando dificuldades de aprendizagem. Para atender a diversidade é importante se produzir manuais e material que responda com a realidade educativa. Nesta ordem de pensamento, Rodríguez & Paiva (2017), mencionam que os manuais e materiais escolares devem providenciar alternativas que promovam atenção a superação das dificuldades de aprendizagem. Assim, os manuais devem conter estratégias e propostas metodológicas orientadoras para ajudar a realizar bem o seu trabalho e superar as insuficiências dos estudantes no processo de construção e formação de atitudes.

5.5. Organização e gestão da turma

Relativamente a organização e gestão da turma durante a aula, foi visível que os docentes demonstram dificuldades nesta dimensão. Os professores ainda sentem dificuldades de gerirem o tempo da aula, em muitos casos são convidados a terminarem a aula e saírem para entrar outro docente, tal como podemos conferir no gráfico a seguir:

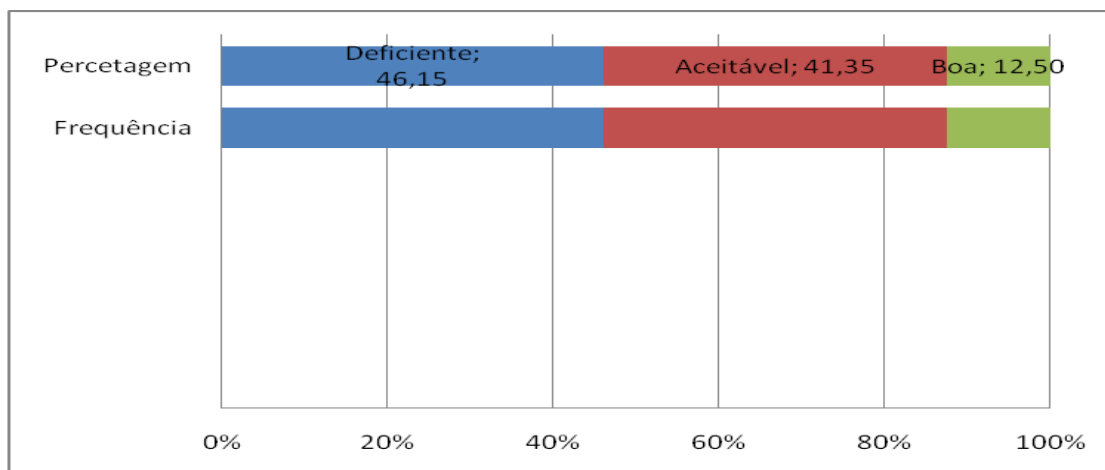


Gráfico 6- Gestão do tempo de aula

Realmente a gestão do tempo é uma qualidade indispensável para que haja boa produção no trabalho que estamos a realizar, para o cumprimento cabal, segundo Carmen & Soledad (2008), é essencial o professor promover a aprendizagem, mediante a boa gestão do tempo, de maneira que haja ordem necessária ao bom funcionamento do trabalho acadêmico proposto. Para tal, é crucial o docente ser pontual no cumprimento do horário, pois a instrução é importante e, para que aconteça é indispensável que exista uma mínima ordem na sala de aula, de forma a poder captar a atenção dos alunos e participar na construção de saberes contribuindo para que aconteça uma aprendizagem significativa.

5.5.1. Planificação de aulas

No que concerne a planificação de aulas, durante a observação chamou-nos a atenção o fato de que a maioria dos professores ia a sala de aula sem antes elaborarem o plano de atividade diário, fazendo improvisado na realização de aula. E fruto disso, não conseguiam esclarecer as dúvidas levantadas pelos alunos, nem orientar o trabalho para os alunos concluírem em casa, porque só a menoria dos docentes é que planificam as aulas, tal como podemos conferir os resultados na tabela seguinte:

Planificação de aulas	Frequência	Porcentagem
Realização de aulas sem plano	67	64,42
Realização de aulas com plano	37	35,58

Tabela 5 – Planificação de aulas

É ainda negativa a atitude dos docentes no que concerne a planificação, pois na sua maioria não o fazem, resultando dificuldades na materialização do cumprimento dos objetivos. Há necessidade de se fazer acompanhamento neste domínio para que se realize uma aprendizagem mais significativa. As planificações de aulas de acordo Elliott (2010), ajudam a estabelecer que aspetos essenciais da matéria devem compreender os alunos tendo em conta as dificuldades particulares em perceber os fenómenos.

5.5.2. Pontualidade

Muitas das vezes verificou-se que a pontualidade e assiduidade por parte dos docentes e alunos na realização das atividades escolares é ainda preocupante devido o equilíbrio dos resultados. Porque essa atitude dos docentes pode condicionar o sucesso do processo educativo, embora o resultado seja aceitável, tal como consta do gráfico seguinte:

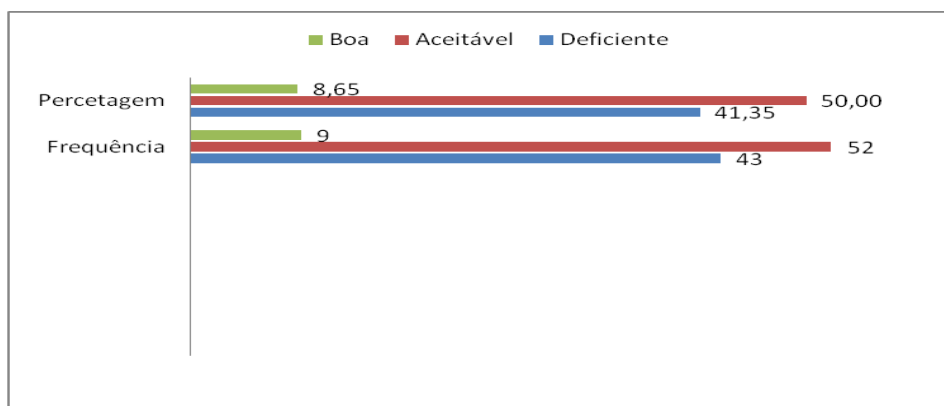


Gráfico 7- Percentagem e frequência da pontualidade

Está claro que é necessário empreender mais esforço para se melhorar a pontualidade dos docentes, pois este elemento é de crucial importância para a boa realização e cumprimento das tarefas a realizar. Por isso, pensamos que a educação da pontualidade do docente deve converter-se em nova ferramenta que permite a melhoria da competitividade e consecução do pleno empenho, de maneira a fomentar as ações coordenadas que dotam os alunos das competências necessárias para transformar-se em líderes sociais. É preciso que se realize mudança educativa e passarmos de uma educação centrada no ensino, na docência há um processo centrado no discente, no aluno. Isto deve fazer-nos refletir e revisar completamente a importância da pontualidade para produzir-se boa programação da aula por parte dos professores de forma que assuma a sua responsabilidade e controlo da aprendizagem, a iniciativa, metas e recursos (Solo de Zaldívar, 2017).

5.5.3. Participação dos alunos na aula

Esta dimensão visou descrever o grau de participação dos alunos durante o processo de ensino aprendizagem. Assim, constatou-se que os alunos envolviam-se mais na aula quando o professor atribui nota, isto é, faz a classificação depois da intervenção dos mesmos, de contrário ficam apáticos, tal como podemos conferir na tabela seguinte:

Participação na aula	Frequência	Percentagem
Participação ativa	45	43,27
Participação passiva	59	56,73

Tabela 6 – Grau de participação na aula

Os alunos argumentam que em determinados momentos educativos preferem não participarem, porque o professor ainda continua humilhar o aluno que erra a atividade que realizou. Como é notório nas duras palavras proferidas pela professora Nzunzi:

Se não sabes é melhor ficar calado, em boca fechada não entra mosca. Em vez da professora ajudar, infelizmente desmotiva ainda mais o aluno. Sabemos que é participando e errando que amanhã sabermos o que é certo e assim termos a possibilidade de aprender mais. Na perspetiva de Rodríguez & Rosquete (2018), é a motivação que ativa e orienta a conduta que sem uma meta determinada não seria possível ou suficiente para realiza-la. Ela se explica em função da base das metas que a pessoa persegue enquanto significa uma série de padrões de ação integrada por crenças, atribuições e afetos ou sentimentos que dirigem as intenções condutais permitindo comprovar que as metas de rendimento académico não eram unidimensionais. Assim, a partir daí se planifica um marco tridimensional a respeito das metas académicas, isto é, transformar as metas de aprendizagem em metas de rendimento, e se diferenciam de acordo algumas tendências, uma para obter bons resultados ou qualificações académicas e avançar nos estudos, outra que mostra que as metas de valorização social se associam a aprendizagem orientado a obter a aprovação e evitar a desconsideração por parte dos professores, colegas e da família.

5.5.4. Estilos de liderança

Outro elemento essencial no processo educativo está relacionado com o estilo de liderança a implementar durante a interação na aula. Porém, as aulas observadas deixaram claro que a liderança autoritária é a mais predominante, dando a entender aos alunos que na sala quem

manda são os professores e as professoras, recorrendo assim ao abuso de poder como podemos confirmar nas expressões dos professores:

Aqui na sala quem manda sou eu, que os incomodados se retirem, porque eu não chamei ninguém para vir à escola (Makeyeye, entrevista professor 08/05/2015).

Os incomodados com o que falo, peço que saiam da aula (...) na sala quem manda são os professores. (Mutango, entrevista professora 29/04/2015).

Ou como diz a outra: *esperem pela vossa vez para mandarem* (Ndinelau, entrevista professora 20/04/2015).

Assim, foi notório que a liderança assumida pelos professores influenciou nas aprendizagens, tendo se destacado alguns estilos que podemos conferir no gráfico seguinte:

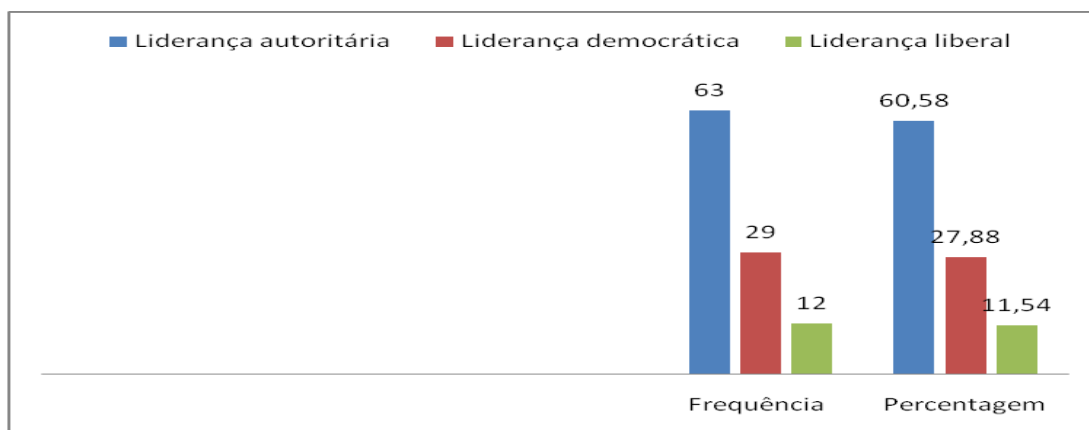


Gráfico 8- Estilos de liderança

Está claro que nas aulas predomina mais o autoritarismo, dificultando as relações interpessoais durante a aprendizagem. O trabalho de (Mulford (2006), refere que o sucesso e a qualidade das atividades escolares depende também da liderança e responsabilização que os docentes utilizam no contexto de trabalho. Daí a necessidade de se compreender a liderança implementada pelos professores e diretores escolares para que haja boa prática educativa, dinâmica, inovadora nas ações a serem empreendidas, nos métodos e estratégias de aprendizagens que favoreçam a colaboração entre todos os responsáveis do processo.

5.5.5. Interação na aula

No que concerne a interação entre professores e alunos na aula, os resultados revelam que a mesma é aceitável, tal como podemos verificar no gráfico abaixo:

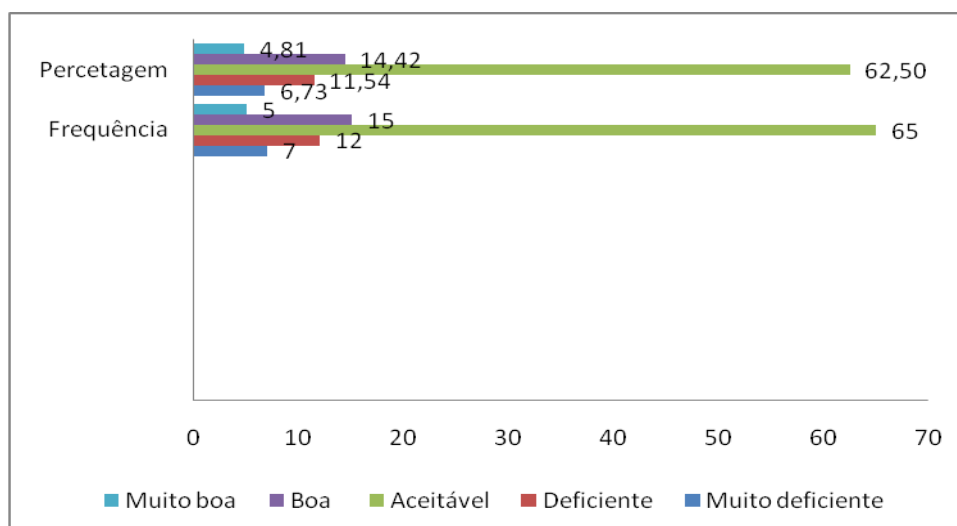


Gráfico 9- Interação entre o professor e o aluno

Nesta dimensão constatou-se que a relação entre o professor e o aluno apenas restringe-se na sala de aula, fora dela não existe outra aproximação ou relação de amizade. Acreditamos que a valorização da convivência e solidariedade é relevante na criação de um clima de interação entre o aluno com pessoas adultas que atuam na escola, tal como argumenta Alvarez & Puigdemívol (2014), que a diversidade de perfis que intervêm na aula não comporta dispersão e muito menos conflito quando a finalidade de todos integrantes é distribuída por todos.

5.5.6. Colaboração entre os intervenientes

Os dados também revelam que existe pouca colaboração entre os atores do processo de ensino-aprendizagem e mesmo a nível institucional também está presente. Constatou-se que há falta de humildade, cooperação ou colaboração entre os professores que lecionam a mesma disciplina e classe durante a transmissão de conhecimentos, o que foi notório devido a igualdade de temas abordados, mas diferenças de conteúdos elaborados e fornecidos pelos docentes aos alunos, tal como está visível na tabela abaixo:

Colaboração entre os atores	Frequência	Percepção
Muito deficiente	11	10,58
Deficiente	34	35,58
Aceitável	37	32,69
Boa	13	12,50
Muito boa	9	8,65

Tabela 7 – Colaboração entre os atores

Graficamente os resultados, que fazem menção a colaboração entre os intervenientes do processo ficaram representados da seguinte maneira:

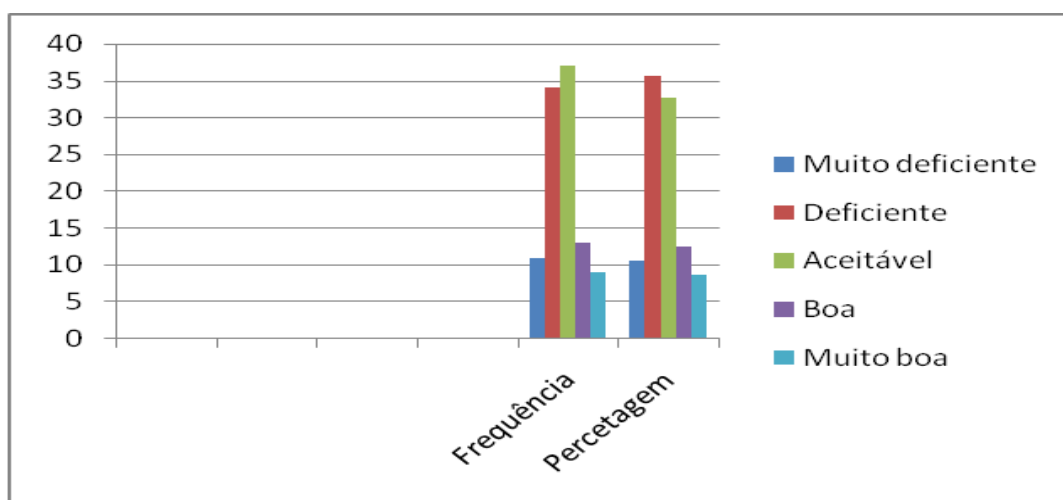


Gráfico 10- Colaboração entre os atores

Apesar de existir boa colaboração entre os professores e outros agentes responsáveis pela educação, ainda assim, no que concerne a correção de comportamentos negativos, essa colaboração não tem sido aceitável e algumas vezes os docentes de outras disciplinas fazem-se acusações mútuas como podemos conferir no seguinte comentário:

Se os alunos se comportam mal, a culpa é dos professores de moral (Tchissingui, entrevista professor 11/06/2015).

Acreditamos que é necessária a colaboração de todos professores para se alcançar bons resultados, independentemente de ser ou não de EMC, uma vez que educar é tarefa de todos. Nesta base, O'Flaherty & Gleeson (2016), adverte que deve-se aproveitar também de forma implícita e não sempre planificada a ajudar a corrigir os desvios eventuais de comportamentos menos dignos que se verificam nos alunos, contando com a interajuda ou colaboração entre os professores e não só.

5.5.7. Modelos de ensino

Durante a observação de aulas verificou-se a predominância da exposição, transmissão por parte dos professores, não dando possibilidade dos alunos intervirem com seus contributos. Isto deve-se a estratégia utilizada, que pensamos que podia variar e apoiar-se em alguns casos a tecnologias como refere Rodrigue-Isquierdo (2015), que é a competência que permite transformar o conhecimento em conhecimento cultural através de interações práticas. Este

conhecimento pode resultar do uso de tecnologia de informação e comunicação, em particular a internet de maneira eliminar as barreiras geográficas e o acesso a diversos conteúdos.

É necessário implementar estratégias mais ativas de maneira despertar o interesse do aluno para a aprendizagem e não dedicar-se a desencorajar: *se não querem estudar deixam lugar para os outros ... não chamei ninguém para vir a escola* (professora Ndinelau) ou em certos casos a intimidar os alunos com expressões: *a paciência tem limites* (Professor Tchissingui).

Diante esta reação, pensamos que os docentes precisam desenvolverem ainda mais a competência intercultural para poderem se relacionarem de acordo a diversidade cultural dos alunos.

5.6. Perfil de saída do aluno

Outro elemento não menos importante faz alusão ao perfil de saída do aluno, em termos de competências e não ter apenas em consideração a elevada percentagem de aprovação, é necessário que se reflita também no domínio do saber, saber fazer e saber ser. Porquanto a estatística da educação refere o índice de aproveitamento escolar calculado na ordem de 90%, semelhante a dos países já desenvolvidos, o que deixa dúvida e provavelmente não seja assim em função da constatação feita.

5.7. Análise da entrevista

Para descrevermos e compreendermos as informações resultantes da observação, tivemos também de fazer a triangulação com a entrevista para verificar a credibilidade do que observamos com o pensamento dos participantes. Assim, entrevistamos os professores, alunos, directores, famílias e outros agentes responsáveis do ministério da educação, perfazendo um total de dezassete entrevistas. Para Gibbs (2012), existem várias formas de transcrever as notas de campo, podendo fazer-na na totalidade, analisar a partir da gravação ou simplesmente destacar as citações mais importantes para análise e interpretação. Deste modo, optamos pela primeira opção, destacando também as citações que consideramos cruciais para compreensão do estudo.

No entanto, fazer a transcrição da entrevista facilita todos os leitores para poderem lerem ou terem uma cópia. Para levar avante este processo, temos a salientar que o primeiro passo foi aquele em que criamos as condições para começarmos com a gravação de entrevistas. Por questão de ética e garantir o anonimato, os nomes dos participantes que aparecem na entrevista são fictícios. Assim, apresentamos apenas algumas narrações dos

participantes sobre a realidade do seu cotidiano laboral com maior incidência as categorias que ajudaram a compreender a realidade da prática educativa realizada em escolas secundárias.

5.7.1. Codificação e categorização

Depois da realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas para se chegar ao processo analítico e iniciar com a análise conceitual, tendo em conta as citações extraídas das entrevistas, que o pesquisador considera coerente, relevante, significativa e indispensável para o próprio processo investigativo. Deste modo, foi necessário fazer a categorização e estabelecer os códigos, considerados como etiquetas com sentido próprio e definidas de forma cautelosa pelo próprio investigador.

5.7.2. Entrevista aos alunos

Esta visou compreender a percepção dos alunos acerca da ocorrência da prática educativa de educação moral e cívica. Assim, os dados provenientes da entrevista foram categorizados, transcritos e codificados em que os números que aparecem serviram para proteger a identidade dos alunos, tal como se pode conferir nos resultados plasmados nas categorias seguintes:

5.7.2.1. História de vida

Esta dimensão visou compreender como é que os alunos desenvolvem-se no seu dia-a-dia e na comunidade onde estão inseridos. Chama atenção ao fato de que, a maioria das famílias dos alunos são monoparentais caracterizadas, pela carência de uma estrutura de convivência, afetividade entre seus membros, já que vivem apenas em muitos casos com um dos progenitores tal como podemos conferir nas seguintes narrações:

Eu desde sempre tive uma infância muito distante dos meus pais, a minha infância foi sempre com o meu irmão mais pequeno que nunca nos deixamos. E os pais separaram-se muito cedo uma vez que ainda éramos pequenos e crescemos com ajuda dada pela igreja (entrevista aluno 5, 04/05/2015).

Diante este quadro a quem desejou crescer sempre ao lado dos seus pais, mas infelizmente as circunstâncias foram diferentes:

A infância não foi assim tão boa, porque naqueles instantes era necessário que os pais tivessem juntos e prontos para que pudessem acompanhar o processo de

desenvolvimento... Seria bom se tivesse um acompanhamento mais viável dos pais e ajudaria muito a relacionar-me com outras pessoas (entrevista aluno 6, 04/05/2015).

Nesta tentativa de entender os currículos escolares e suas relações com as histórias de vida dos professores, Xavier (2014), destaca a importância das vozes dos alunos e professores no processo de investigação sobre a escola, pois considera que a análise das questões curriculares e das práticas pedagógicas pode se beneficiar da atenção para com as histórias de vida dos participantes, de acordo com as suas formas de atuação que no contexto escolar estão diretamente ligadas às suas experiências. O autor argumenta que os dados sobre as vidas dos professores constituem fatores importantes para a investigação educacional, já que os estilos de vida dos professores, dentro e fora da escola, bem como suas identidades e culturas ocultas têm impacto sobre os modelos de ensino, assim como sobre as práticas educativas.

5.7.2.2. A importância da disciplina de EMC

No que diz respeito a disciplina de Educação Moral e Cívica é defendida pelos participantes que é de grande importância, tendo em conta o papel que desempenha na convivência e interação entre os homens na sociedade, tal como se segue nas afirmações abaixo:

A disciplina de EMC é muito fundamental para dotar uma sociedade de bons procedimentos de valores morais, para sabermos como conviver e viver numa determinada sociedade. Ela tem ajudado bastante para a boa convivência para o desempenho e funcionamento normal das atividades na escola (entrevista, aluno 1, 04/05/2015).

A disciplina de EMC vai ajudar o aluno a se relacionar, socializar com os demais membros da própria sociedade, na escola, tanto faz com os colegas, com os professores e todos membros de uma escola (entrevista aluno 2, 04/05/2015).

Neste caso, exige-se tal como refere Domínguez (2017), que haja um compromisso ético-profissional, projetos docentes que haverão de estar impregnados de novas metodologias, atividades práticas e ferramentas didáticas que possibilitam o enriquecimento pessoal e moral em valores dos alunos que dia a dia fazendo da educação de uma nova aventura no sistema educativo democrático. Assim, uma educação válida e eficaz deve consistir em oferecer respostas a todas as dimensões do ser humano para ajudar a desenvolver todas as capacidades maneira ensinar a dar respostas eficazes e humanamente produtivas em

três dimensões básicas e inseparáveis das pessoas: pensar (respostas cognitivas), fazer (respostas condutais) e sentir (respostas emocionais e afetivas).

5.7.2.3. Atividades da direção com os alunos

São aquelas que visam estreitar as relações com os alunos incentivando a participarem nas atividades intra e extra-escolares para se realizar com sucesso este processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, temos a destacar a visão dos protagonistas que defendem o seguinte:

A escola não realiza atividade tendo em conta a resolução de problemas atuais vividos na escola e fora dela, se preocupa mais em interromper as aulas para os alunos assistirem atividades políticas partidárias ou cobrar o dinheiro da participação e emitir ordem de expulsão para aqueles que não pagaram (entrevista aluno 10, 14/08/2015).

A escola ainda peca na transmissão de valores, porque existe muitas paralisações de aulas para se realizar mais atividade de caráter político partidário e não académico como as atividades extra escolares (entrevista aluno 12, 14/08/2015).

É notório que a atividade que a direção da escola realiza com os alunos, ainda não satisfaz aos anseios dos alunos, para tal é imprescindível rever a forma de gestão destas atividades. Segundo Valle et al. (2017), referem que as estratégias de estudo, influidas pela motivação ajuda na forma de conceber a aprendizagem, considera que o enfoque de trabalho que realiza o aluno a fazer os seus deveres escolares segue umas pautas idênticas em seus aspetos motivacionais e cognitivo. Por isso, na ótica de Moral et al. (2016), o êxito da escola depende da habilidade do seu líder, para aproveitar a capacidade de todos integrantes do ensino, de maneira que os elementos que formam parte do processo educativo, possam também construir comunidades mais responsáveis. Assim, a liderança deve ser geradora de comunidade de aprendizagem para melhoria da comunidade da escola e deixar de abandonar a clássica concepção de diretor solitário, heróico-carismático e entendendo a direção como uma tarefa partilhada por toda comunidade escolar.

A atividade restringe-se na sala de aulas, porque o professor não conhece a realidade que vivi o aluno e o professor não tem tempo, devido os seus estudos de ir visitar os alunos (entrevista aluno 13, 14/08/2015).

Neste contexto, para Escudero (2009), os professores ainda necessitam de mais conhecimentos, procedimentos adequados para conhecerem a realidade pessoal e o mundo em que estão inseridos os alunos, de maneira a supervisionar a sua trajetória de aprendizagem bem como o próprio trabalho a desenvolver de maneira a poder fazer reflexão antes, durante e depois das atividades para perspetivar cada vez mais melhorias na prática educativa.

5.7.2.4. Relação entre o professor e o aluno

No que concerne ao relacionamento existente entre os integrantes do processo de ensino-aprendizagem durante a aula, tem se baseado na maneira da atuação dos professores durante a aula que na visão dos participantes está sofrendo alguma mudança, tal como é justificado no exemplo que segue:

Há professores que respeitam os alunos, mas existe outros que não respeitam, criam mau ambiente na sala, e se o aluno reage ou responde a ofensa, o professor expulsa o aluno considerando-o de indisciplinado e fruto disso, o aluno passa a ser um potencial candidato a reprovação (entrevista aluno 5, 04/05/2015).

A relação professor e aluno tende a melhorar, é preciso continuar a acompanhar, pois, o professor ainda continua assumir a liderança autoritária em função das ameaças que faz e ao lembrar sempre aos alunos que ele é a lei na sala (entrevista aluno 21, 16/09/2015).

Sabemos que o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, depende também das relações que se estabelece entre os seus intervenientes. Nesta ordem de ideia, as contribuições dos professores são as seguintes:

Depende do clima criado pelo professor quando trata bem os alunos estes retribuem tratando-o bem. Entendo que se o professor gerir bem o seu comportamento, acredito que poderá ajudar em certa medida que os alunos venham respeitar também o próprio professor (Mutango, entrevista professora 29/04/2015).

Na sala de aula vamos encontrar alguns alunos com comportamento inadequado, para que não haja mau ambiente na relação, o professor tem de ser promotor do bom relacionamento entre os integrantes do processo educativo (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

A relação interpessoal no processo educativo é essencial por isso pretende-se que a escola e os professores atuem com a perspectiva de que todos são capazes de aprender, do seu jeito e no seu tempo. Isso orienta para a utilização de estratégias variadas de ensino, dinâmicas de organização do espaço da sala de aula para identificar e promover competências, interesses e os diferentes estilos ou formas de aprendizagem (Souza, 2018).

5.7.2.5. Interação na aula

Esta categoria tem a ver com a maneira como interagem na aula o professor e o aluno para que haja aprendizagem significativa. A mesma é caracterizada segundo os atores da seguinte forma:

A interação restringe-se na sala de aulas, porque o professor não conhece a realidade que vivi o aluno e justifica tal procedimento, a falta de tempo devido os estudos e, também alegam que não têm tempo de acompanhar os alunos e dizem que o que ganham não é suficiente, saiem cedo para irem fazer outras atividades de colaboração para ter um pouco mais de dinheiro (entrevista aluno 11, 14/08/2015).

O professor pensa que se relacionar com os alunos fora da sala de aulas as pessoas vão pensar mal dele e das suas intenções. As vezes o professor já vêm com as suas frustrações e não tem como interagir bem com os alunos. Cria barreiras na relação com os alunos o que torna difícil as relações interpessoais fora da sala... eles pedem que os alunos façam o que orientam e não façam o mesmo que os professores (entrevista aluno 12, 14/08/2015).

Os resultados revelam que alguma coisa não está bem na interação durante a aula, é necessário que os professores se envolvam mais no processo. Pois, segundo Festas (2015), o pensamento e o conhecimento transcorrem da relação entre os participantes embuidos na atividade em função do contexto em que elas ocorrem, já que a aprendizagem é situada na prática do mundo em que vivemos e resulta da atividade e da participação do indivíduo nessa prática. Para tal, é crucial observar, escutar, agir e participar para que se desenvolva os conhecimentos que futuramente fortificarão a identidade profissional de cada um deles.

5.7.2.6. Relação da família com a escola

É aquela que se estabelece entre o centro educativo e os familiares dos alunos e alunas para se compreender as diferentes vias de atuação dos pais e as mães na educação. Daí a necessidade de se compreender a relação que existe com a escola. Nesta perspectiva, é reconhecido pela

maioria dos participantes que esta relação não é a mais adequada cifrada em 20,19% como podemos conferir no gráfico que se segue:

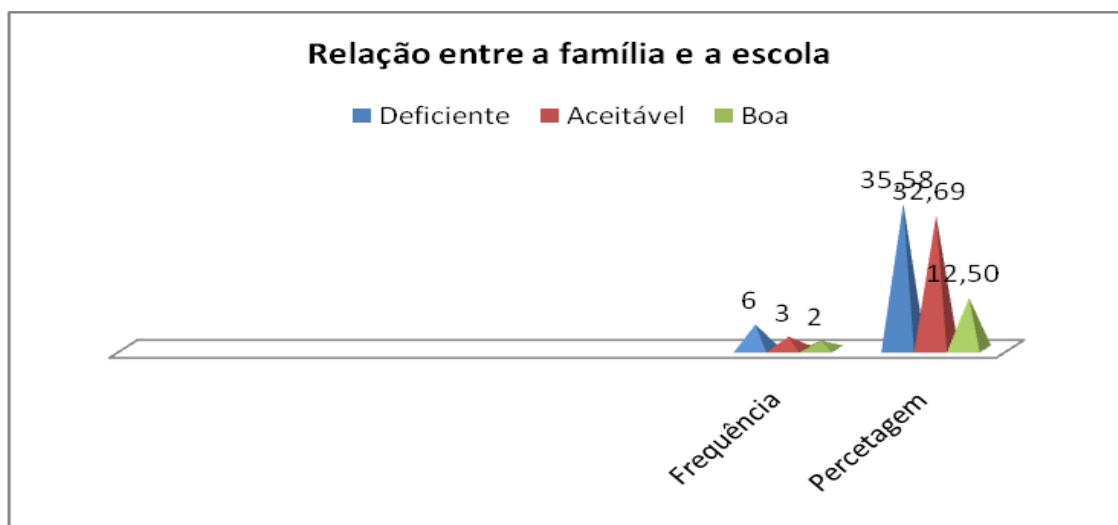


Gráfico 11– Relação entre a família e a escola

E qualitativamente os participantes justificam tal fato salientando o seguinte:

Alguns comportamentos verificados no processo de ensino e aprendizagem dão a entender que não existe interação aceitável entre a escola com a família, porque se assim fosse, não poderíamos ter este tipo de comportamento de pouca afluência da família. E mesmo por minha experiência enquanto encarregado de educação não tenho acompanhado nem me inteirando junto dos meus colegas acerca da maneira que acontece o processo (Mutango, entrevista professora 29/04/2015).

Geralmente os pais não vão ao encontro dos professores a fim de se inteirar acerca da ocorrência do processo educativo, só aparecem no início do ano letivo para fazer matrícula e no fim para reclamar se o filho reprovou, daí a relação ser fraca (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

Nesta dimensão, os entrevistados têm ideias divergentes sobre a relação da família com a escola, como podemos confirmar porque para a maioria dos participantes, a realidade é bem diferente em função dos seguintes argumentos:

A relação entre a família e a escola pode ser boa, mas é necessário o acompanhamento de todos responsáveis deste processo, colaborando e incentivando os participantes a melhorarem cada vez mais essa relação.

Atualmente muitas famílias ainda deixam muito a desejar por não se preocuparem com a formação e a educação dos seus filhos, daí a deficiente presença dos encarregados de educação (entrevista aluno 21, 19/09/2015).

Das vezes que a família vai à escola, é porque o professor ou a direção escolar convidou para comparecer, a fim de resolver a situação em que o aluno está envolvido. Assim, em muitas ocasiões a família se recusa a ir a escola (entrevista aluno 6, 04/05/2015).

Para o sucesso das atividades escolares é imprescindível contar com a participação de famílias neste processo, daí que Colás & Rosado (2013), apresentam uma reflexão sobre os tipos de participação que as vezes adotam as famílias, desde os consumidores – que concebem a educação como um produto de consumo que quando não se está satisfeito elege-se outro. Os clientes que são as famílias que consideram que os professores são especialistas e responsáveis pela educação; já a modalidade de participantes, refere-se as famílias implicadas com a educação dos filhos e filhas, podendo colaborar com os docentes e finalmente, os sócios reportam-se como sendo aquelas famílias que envolvem-se na relação família - escola e colaboram em grande escala na educação dos educandos e educandas, resultando êxitos escolares.

5.7.2.7. Os meios de comunicação social

São aqueles que servem de veículo de comunicação e informação, atualizando as pessoas sobre o que se passa no mundo nos vários domínios. Outra questão que se coloca é de saber qual tem sido a influência/papel dos *mídias* ou dos meios de comunicação na moralização ou aprendizagem da educação moral e cívica por parte dos alunos e alunas. Assim, os participantes defendem o seguinte papel:

Podemos ser educado com os órgãos de comunicação social, mas muitas das vezes o próprio homem é que não sabe usar as tic positivamente chocando com a dignidade humana de qualquer pessoa (entrevista aluno 2, 04/05/2015).

Outro reconhecimento do papel dos meios de comunicação é apresentado nestes argumentos:

Os órgãos de comunicação estatal promovem muito as publicidades de bebidas alcoólicas, e os adolescentes fruto disso, também fazem o consumo das mesmas,

influenciando-os para o fenómeno mata aula realizado as Sextas-feiras (entrevista família 6, 16/10/2015).

Os meios de comunicação social são importantes, mas certos programas de tv como o big brother Angola, promovem comportamentos sexuais negativos e mesmo algumas músicas do estilo «kuduro» transmitem mensagem de contravalores, com letras que são um atentado a moral pública (entrevista família 2, 16/10/2015).

Está evidente na visão dos participantes que os meios de comunicação de social são importantes e quando mal usados concorrem para o mal da sociedade. Hoje vivemos numa sociedade em que a mudança faz parte da nossa vida cotidiana. Temos mudado nossa maneira de relacionar-nos, de comunicar-nos, de trabalhar, de informarmos, aprender, comprar e interagir. As mudanças que se produziram em nossa sociedade nas últimas décadas, deve-se principalmente pela extensão de novas tecnologias de informação e comunicação que geraram as novas maneiras de entender a forma como as pessoas se situam na sociedade em relação a si mesma e as demais. Por isso, segundo Marcelo (2013), são as instituições educativas as que deveriam atuar como modelos no processo de educar aos novos cidadãos e reeducar o desenvolvimnto das pessoas ao longo de toda vida. Assim, a instituição escolar se há convertido em ponto de observação para o bom e para o mal, de uma sociedade que espera que seus sistemas educativos contribuam para promover a existência de cidadãos educados.

5.7.2.9. O comportamento dos alunos e professores

Já a dimensão comportamentos visa perceber essa realidade no seio entre professores e alunos no dia-a-dia, em função das relações/interação que ocorrem durante o processo de ensino-aprendizagem. Nesta perspetiva, os alunos entrevistados são de opiniões diversas alegando que tal atitude deve-se:

A existência de alguns professores que apresentam essa escassez de bons comportamentos, de ato moral com relação aos próprios alunos ... ou deve-se ao fato dos professores não estarem adequadamente formados, para posteriormente também passar essa informação de valores morais sem magoar outrem, porque a base começa com os professores (entrevista aluno 1, 04/05/2015).

O comportamento de alguns professores é bom, mas outros se comportam mal, tal como também podemos igualmente notar nos alunos que alguns têm comportamento muito negativo. Porém, tem a ver com o pouco acompanhamento dos pais a partir de

casa, porque as questões cívicas são feitas de antemão a partir de casa (entrevista aluno 6, 04/05/2015).

Ainda acerca desta posição, uma outra visão para compreensão da mesma é apresentada pelo outro aluno que sustenta, que tal comportamento resulta por exemplo em função:

... do próprio desempenho por parte dos professores, a própria formação por parte dos professores ou se empenham mais na transmissão dos valores, porque as vezes não clarificam aos estudantes e quando estes perguntam ou colocam dúvidas os professores consideram como sendo indisciplina (entrevista aluno 3, 04/05/2015).

Perante este fato e para alcançar o nível de desenvolvimento educacional que se necessita, se exige que se forme professores capacitados para fomentar nos alunos habilidades de pensamento para trabalhar em contexto de diversidade e em muitos casos de vulnerabilidade social e económica. Em virtude disso, diversas publicações têm afirmado a urgente necessidade de melhorar a formação inicial e contínua dos professores, dado que este é um requisito essencial no melhoramento da qualidade de aprendizagem dos alunos. Porque a prática educativa bem sucedida é aquela que contribui para que os alunos tornem-se mais humanos do ponto de vista sócio-histórico de modo a compreender também que bem sucedida é toda prática educativa que afeta os sujeitos de alegria e, contribui para aumentar a potência de ser e agir tanto do professor quanto do aluno. Ou seja, práticas educativas bem sucedidas são aquelas que geram aprendizagem e desenvolvimento humano, porque contribuem para a expansão de afetos alegres que potencializam mentes e corpos humanos a agirem com compromisso social (Marques & Carvalho, 2017).

5.7.2.9.1. Origem de comportamentos negativos

Esta categoria visou abordar aquele comportamento que Tirado Morueta & Conde Vélez (2015), consideram como sendo aquelas ações que dificultam o normal desenvolvimento das classes; indisciplina nas relações entre o professorado e os alunos; problemas relacionais entre o aluno, aqui se podem incluir vandalismo, danos materiais, extorsões, agressões, violência física. Na ótica das famílias esta atitude de comportamento negativo dos alunos tem a ver com os fatores seguintes:

Há muita desigualdade social e problema de extrema pobreza em que estão mergulhados e vivenciando as famílias, que na procura de melhorar as condições

sociais, acabam envolvendo-se na delinquência, alcoolismo, prostituição, desemprego e emprego precário (entrevista família 3, 16/10/2015).

O período de guerra que o país viveu contribuiu para a desestruturação de famílias e afetou bastante a sociedade, colocando as pessoas em situação de pobreza repercutindo-se no comportamento dos adolescentes e os jovens (entrevista família 2, 16/10/2015).

Está evidenciado nos depoimentos que existe vários fatores que contribuem para a existência de comportamentos menos salutares na sociedade, pois segundo Cardoso et. al (2016), o mundo atual tem sido moldado pelas tendências da globalização, e as alterações sociais daí resultantes estendem-se a vários campos, repercutindo-se também no processo de ensino-aprendizagem fruto das transformações que ocorrem na sociedade e consequentemente, a uma crise contemporânea da identidade, que se apresenta simultaneamente como expressão da crise da sociedade e crise da teoria. Daí a necessidade de se compreender bem a globalização e explorar mais os seus benefícios para o bem estar das pessoas.

5.7.2.9.2. A família e a educação dos filhos

Desde a antiguidade, a família é tida como o lugar onde a criança aprende os primeiros ensinamentos que o ajudarão ao longo da vida. Assim, é um agente importante para o sucesso do ensino e constitui a primeira escola do aluno onde aprende alguns conhecimentos que serão desenvolvidos na fase escolar. Quanto à educação proporcionada pela família, os alunos (filhos) relativamente a este aspeto teceram as seguintes considerações:

A educação dos filhos é feita individualmente cada família a sua maneira, alguns pais batem os filhos e quando se pergunta por quê agem assim, eles respondem que estamos a educar os nossos filhos, quer dizer que quanto mais bater pensa que mais está a educar o filho (entrevista aluno 11, 14/08/2015).

A educação dos filhos tem sido difícil por parte das famílias porque há crianças que têm pais não presentes, porque tem duas, três ou mais esposas e fica difícil estar presente com os filhos na mesma semana e participar na educação dos filhos. O que mais fazem é deixar ou entregar dinheiro para as mães verem o que podem fazer para educação dos filhos (entrevista aluno 12, 14/08/2015).

Na mesma temática os professores defenderam o seguinte:

Algumas famílias não estão em condições de ajudar e acompanhar os seus educandos e, em contrapartida vamos encontrar filhos que vivem sozinho e apenas entre irmãos apresentando em alguns casos comportamento inaceitável e transporta-o na relação interpessoal realizada na escola (Makeyeye, entrevista professor 18/05/2015).

Algumas famílias são desestruturadas e não estão em condições de ajudar o filho a mudar de atitude negativa, e acaba sempre estando mais exposto a valores da rua e ao mesmo tempo traz consigo esses valores para a escola. As vezes a família não passa bons ensinamentos para os filhos seguirem ou seja, ela também precisa de educação e há degradação de valores na sociedade e existe muitas famílias monoparentais (Ndala, entrevista professora 20/04/2015).

A família desempenha um papel crucial no sistema educativo, os fatores socioeconómicos têm um maior peso para explicar os desafios educacionais dos alunos. De acordo com esta perspetiva, as classes económicas mais privilegiadas se beneficiam de numerosas vantagens para que os filhos alcancem a excelência escolar, como possuem de capital cultural. O trabalho de Quaresma (2017), refere que já foi comprovado, que existe uma correlação entre êxito escolar e a escolaridade dos pais e mães, a quem compete assegurar o bem estar dos filhos e seu desenvolvimento cognitivo cultural. A capitalização cultural das famílias potencia não apenas a fluidez da interação com a escola e com os seus professores, podendo assim ter um acompanhamento em casa, em função das tarefas que se reveste de um carácter pedagógico. Constitui uma indiscutível vantagem escolar sobre o tipo de acompanhamento que as famílias podem dar aos seus filhos.

No entanto, as famílias encontram dificuldades de orientar as tarefas escolares dos filhos pelo fato de apresentarem um nível de escolaridade ou competência reduzida, limitando-se a fazer a vigilância sobre o cumprimento das tarefas e sua apresentação estética. Os recursos económicos ou financeiros familiares também são essenciais na definição de trajetórias escolares exitosas, pois possibilitam o acesso ao bem estar e serviços escolarmente rentáveis tais como: o capital cultural objetivado, sobretudo em forma de livros, material pedagógico extra e as classes particulares de apoio (Colás & Rosado, 2013).

5.8. Entrevista aos professores e outros responsáveis

Ainda na tentativa de buscar mais informações sobre a prática educativa realizada pelos professores das escolas secundárias, utilizamos a entrevista em profundidade com os docentes cujos resultados estão descritos nas categorias seguintes:

5.8.1. História de vida/ Infância

Relativamente a história de vida dos professores, a maioria deles tiveram uma infância não muito favorável, já que passaram por vários constrangimentos para chegar ao que são na atualidade, tal como por exemplo podemos conferir no discurso a seguir:

Cresci no meio rural, com a minha família, tive a educação religiosa, a infância foi difícil devido a falta de condições sociais, depois fui estudar na escola da missão, fiz o ensino médio em ciências económicas e jurídicas, depois fui admitido como professor atualmente não estou a estudar (Mutango, entrevista professora, 29/04/2015).

Outra história não menos interessante é a que apresenta a maioria de outros participantes que consideram que tiveram dificuldades de integração na sociedade devido ao choque que viveram com a implementação de nova ideologia que se fazia presente tal como podemos conferir no discurso a seguir:

Cresci na área urbana sem os pais, a minha educação ficou afetada devido a nova ideologia baseada no marxismo-leninismo que negava os valores religiosos, depois de concluir a 12ª classe no Instituto Médio Normal, fui admitido como professor e comecei a trabalhar e agora sou licenciada em filosofia (Catumbo, entrevista professora, 14/04/2015).

Está patente que a maioria dos docentes viveu a sua infância na área rural onde receberam influências resultantes da ideologia partidária e a religiosa na altura vigente. No entanto, segundo Grijalva et al., (2018), falar das concepções dos professores sobre os resultados educativos implica falar de suas vivências, suas ideias, crenças, que influenciam diretamente na sua prática diária. Assim, o professor constrói saberes a partir de suas experiências, fundamento ideológico que sustenta seu pensamento e sua ação desde o conhecimento explícito, bem organizado e articulado logicamente com as crenças e pensamento onde se desenvolve os significados ou concepções.

5.8.2. Reforma educativa e seus constrangimentos

Esta dimensão visou descrever a maneira como são realizadas as inovações e políticas curriculares no processo de ensino-aprendizagem. Assim, nesta perspetiva os participantes teceram as seguintes considerações:

Os professores não foram consultados e sensibilizado para a reforma educativa, foram os últimos a saberem e não foram preparados para trabalharem em nenhum subsistema de ensino. Fruto disso, surgiu dificuldade de implementação e por falta também de condições materiais suficientes para professores e alunos bem como a falta de infra-estruturas escolares condignas (Tchissingui, entrevista professor 11/06/2015).

Os representantes do sindicato de professores também não foram consultados a quando da implementação de reforma educativa, a semelhança dos professores ficaram surpreendidos com a decisão do governo em implementar sem consultar os seus parceiros (Representante do sindicato, entrevista 4/11/2015).

Nestes resultados está evidente que não houve a colaboração na aplicação de novas políticas educativas, o que provoca a falta de implicação familiar; desmotivação e desinteresse académico, tanto por parte do aluno como do professor, o grau de absentismo, a prevenção de problemas de convivência e nos projetos educativos de centro e nos planos de convivência desde um enfoque estrutural, em ambos documentos da reforma se deve expressar a necessidade de favorecer a convivência escolar (Tirado Morueta & Conde Vélez, 2015).

5.8.2.1. A formação contínua de professores

A formação é um processo de desenvolvimento e aquisição de habilidades, atitudes em aspetos académicos, emocionais, sociais e morais. Ela é de grande importância para o desenvolvimento profissional dos professores e não só, pois visa capacitar e atualizar sobre as maneiras de atuação que podem ser mais favoráveis para o alcance dos objetivos educacionais. Através desta dimensão, procuramos explorar as opiniões dos docentes acerca da mesma, tal como se defende nas contribuições abaixo:

Algumas vezes dá-se formação contínua, mas não tem ajudado muito na solução dos problemas dos professores, porque não se faz o diagnóstico das reais dificuldades e necessidades dos mesmos, acabando sempre de ser repetitiva e sem muito interesse. Parecendo mais que tem servido apenas como uma medida de ocupar e concentrar os professores nas respetivas escolas (Makeyeye, entrevista professor 08/05/2015).

Somos apologistas que é importante realizar ações de formação que vão de acordo as necessidades dos professores e não formar por formar apenas na

vertente política, elaborando relatório que referem em alguns casos até de formações não realizadas pelas escolas com o objetivo apenas de justificar que tem-se dado formações aos professores, enquanto que não corresponde com a verdade (Ndala, entrevista professora 20/04/2015).

Na visão de Boon (2011) a prestação da qualidade do ensino e da aprendizagem são as influências mais salientes que afetam os resultados quer cognitivos, afetivos e comportamentais dos alunos. No entanto, é essencial existir formação contínua que corresponda com as necessidades e contribua para o desenvolvimento profissional dos docentes de maneira que sejam mais competentes, capazes de contribuir com o seu saber para a qualidade de ensino.

5.8.2.2. A administração escolar e os professores

Esta dimensão visou descrever acerca do relacionamento que existe entre os professores e diretores a fim de compreender e melhorar cada vez mais o processo de ensino aprendizagem. Pois, se trata de uma relação que tem a sua influência direta para existir aprendizagem significativa. Nesta ordem de ideia, os argumentos de razão apresentados referem o seguinte:

A relação entre estes intervenientes não tem sido boa, pois as direções escolares não têm cultura de interagirem com os professores, são muitas apegadas ao estilo autoritário...e não consentem muitas vezes as sugestões e crítica construtiva feita pelos docentes para melhorar o funcionamento escolar, dificultando deste modo as relações interpessoais, tão cruciais no desenvolvimento escolar (Lucombo, entrevista professora 10/04/2015).

A relação do professor com a direção é regular, quando você se submete ao cumprimento de toda orientação dada. Assim, não terá problemas, caso contrário será rotulado como indisciplinado, incumpridor e até pode ser acusado de que está contra a direção ou o programa do partido no poder, e se ocupa algum cargo de chefia é logo exonerado (Cassinda, entrevista professora 22/10/2015).

Pensamos que é indispensável a relação da administração escolar com os professores, pois é ela que deve criar um clima propício para que os professores se sintam a vontade e possa acompanhar a maneira de como vai ajudar a suprir as necessidades. Pois ao longo dos anos foi se realizando investigações, por exemplo do tipo de pesquisa-ação, que segundo

Fagundes (2016), é caracterizado como uma metodologia que serve para ajudar a superar as necessidades trazidas pelos professores. Só com bom clima escolar é que é possível surgir pesquisadores que podem estar envolvidos com a produção de conhecimento para área de educação e que contribuirão para os docentes reconhecerem e reformularem a sua maneira de atuar relativamente no diz respeito o trabalho educativo no contexto da realização de aula.

5.8.2.3. O professor e a continuação dos estudos

No que refere-se, ao professor e a continuação dos estudos, é perceptível que passam por muitas dificuldades criadas pela direção da escola, para o trabalhador estudante, daí que os docentes apelam ao bom senso dos líderes escolares, para terem outro pensamento acerca da importância de estudar no exercício do professorado, facilitando na gestão do mesmo, tal como podemos constatar:

A direção escolar dá uma ajuda deficiente para o professor se formar, em vez de se alegrar, é o contrário. Quando tomam conhecimento de que existe docentes a estudarem, criam problemas de «barramento ou obstáculo», não permitindo que os docentes estudem e possam saber mais do que eles, e são muito autoritário, eu só consegui estudar por influência de alguém que me defendia (Ndinela, entrevista professora 25/05/2015).

Infelizmente a direção da escola não ajuda, deixei de estudar por causa dela, ao se aperceberem que estávamos a estudar, receberam os nossos horários e trocaram com outros professores que lecionavam no período oposto, e que não estavam a estudar. Deram-nos outros horários, que por sinal coincidiam com o horário onde estudávamos. Quando tentei reclamar, o diretor disse que escolhesse uma opção entre trabalhar e estudar, acabei desistindo de estudar e o meu colega, preferiu deixar de trabalhar (Cassinda, entrevista professora 22/10/2015).

É essencial a administração escolar deixar de impedir a formação dos docentes, mas passar a incentivar a formação, pois, segundo Garcia & Garcia (2009), a formação de professor visa dotar aos profissionais não apenas capacidades técnicas para ensinar, mas também de habilidades de investigação adequadas para análise das consequências do que estão fazendo em relação aos alunos, escola e a sociedade com vista ao bem estar. No entanto

relativamente a esta dimensão, os reponsáveis e diretores da educação em sua defesa argumentaram o seguinte:

Não existe política de proteção como tal para o professor continuar a estudar. Simplesmente temos exigido mais que nas escolas haja mais professor não estudantes porque os que estudam acabam se ausentando muito do local de trabalho. Primeiro é trabalhar, se existir espaço é que podem estudar (entrevista diretor 3, 18/11/2015).

Não temos lei de facilitação para o docente aumentar os seus conhecimentos, aliado a falta de vagas nestas instituições, nos baseamos na norma de trabalhador - estudante e não de estudante - trabalhador, para não prejudicar os alunos, mas temos docentes a estudarem nos mais variados níveis (entrevista diretor 2, 18/11/2015).

Não há dúvida que a formação para o docente é crucial para o seu desenvolvimento profissional tal como sustenta Díez Gutierrez (2014), quando refere que se os professores não possuírem boa preparação para trabalhar com a diversidade, pode surgir conflitos, incapacidade e frustração por não saberem como lidar com esta realidade heterogénea, daí a necessidade da formação específica e contínua de professor.

5.8.2.4. Dificuldades no exercício da profissão

As dificuldades têm a ver com o grupo de alterações relacionadas com a formação para aquisição de habilidades, competências metodológica para realizar bem o trabalho. Atendendo a evolução da sociedade, coloca-se ao professor vários desafios para poder dar resposta a esta dinâmica. Em função disso, procuramos compreender o contexto profissional dos docentes tendo em conta as suas competências e dificuldades, a aquisição e uso de habilidades, formação e domínio da metodologia. Nesta perspetiva, os atores teceram as seguintes considerações:

Não tivemos uma formação inicial de professores, introduziu-se a reforma curricular sem se formar primeiro o professor para tal... as dificuldades têm a ver com o distanciamento que existe entre as disciplinas que lecionamos e aquelas em que nos formamos, por exemplo sou docente de Laboral e EMC, mas me formei em ciências económicas e jurídicas... é difícil se enquadrar (Mutango, entrevista professor 29/04/2015).

Ainda continuamos a transmitir os conteúdos, conceitos, mas a vivência das temáticas abordadas durante a aula é uma dor de cabeça. Os professores se preocupam em ensinar ao aluno sobre o que está certo, justo, aconselhado, mas ao sair da escola para casa, ao longo do trajeto depara-se com situações opostas daquilo que aprendeu na escola (...) sinto dificuldade de aliar a teoria e a prática no âmbito da educação moral e cívica e os modelos de aprendizagem (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

Em função deste quadro, há necessidade de se realizar mais formação contínua com os colegas de trabalhos, pois a formação contínua possibilita segundo Navarro et al. (2017), a boa integração e permite que cada participante apresente o conhecimento ao grupo para contribuírem com sugestões para melhoria das deficiências constatadas. Nesta base, os participantes potenciam a sua aprendizagem que os mesmos exteriorizam e compartilham os saberes desenvolvidos em função das experiências e práticas profissionais.

Nesta perspetiva, a formação inicial de professor no entender de Bozu & Aránega (2017), deveria estar desenhada com o fim de conceder aos futuros professores de saberes e competências básicas necessárias para o desenvolverem corretamente o seu trabalho profissional. É necessário a reformulação da formação inicial de docentes, concretamente os planos de estudos, conteúdos relacionados com a área de didática, metodologia e relações interpessoais com os integrantes do processo de ensino-aprendizagem dentro e fora das salas de aulas, bem como incidir em aspetos que respondem as necessidades reais dos docentes no seu trabalho diário na sala de aula e na própria escola.

5.8.2.5. Condição salarial dos professores

Tem a ver com os resultados que aufero o trabalhador depois de cumprir com os deveres e direitos laborais. Nesta perspetiva, os participantes têm a seguinte concepção:

Os professores consideram que o que ganham não é suficiente para garantir a sua vivência de maneira estável, razão pela qual saíem cedo para irem fazer outras atividades lucrativas a fim de suprimir as dificuldades financeiras (entrevista diretor 1, 12/10/2015).

Mesmo com tempo de serviço e habilitações iguais ao dos colegas, recebem salários desproporcionais provocando frustração em alguns casos aos professores. Pois, a atualização de categorias, agora já não é possível realiza-

la por imperativo da lei provocando em certos casos a existência de salário baixo (entrevista diretor 2, 18/11/2015).

Assim, é necessário velar pela situação económica dos docentes, e mesmo Escardíbul Ferrá (2017), refere no âmbito das políticas do professorado este elemento tem recebido bastante atenção recentemente mediante o estabelecimento de programas de incentivo salariais, chamadas de pago por mérito, atuação ou o rendimento. O pagamento por mérito consiste em avaliar a atuação dos docentes e oferecer um um incentivo monetário aos que alcançam determinados níveis. Nestas avaliações existe um peso crucial no rendimento dos alunos em provas externas, pelo que a avaliação de docente depende em grande medida do total de atuação de seus alunos. O pagamento por rendimento consiste em avaliar a atuação dos docentes e oferecer um incentivo monetário aos que alcançam determinados níveis. Nestas avaliações muitos países desenvolvidos têm incentivos salariais baseados na avaliação de professores. Portanto, um dos elementos desta avaliação está constituído pelo rendimento dos alunos. Os incentivos salariais para professor podem incluir algum tipo de incentivo relacionado com o rendimento dos alunos e se valoriza o que fazem para indicar a conveniência de aplicar um determinado tipo de incentivo para os docentes.

Já os docentes têm motivações diferentes dos responsáveis da direção escolar, tal como podemos confirmar nas declarações seguintes:

Os professores aumentam o seu nível académico para melhor servir o ensino, mas não são reconhecidos pelo esforço feito, uma vez que não são enquadrados ou atualizados de categoria salarial na base do novo estudo ou nível académico alcançado (Ndinelau, entrevista professora 25/05/2015).

O processo de ensino aprendizagem exige aumentar os estudos por parte dos professores, só que quando o fazem, infelizmente não existe encorajamento e estímulo. Porque permanece-se nos escalões inferiores mesmo estando formado, pois não se realiza promoção suficiente nem atualização de categoria, contribuindo para o baixo salário (Nzunzi, entrevista professora 17/08/2015).

Acreditamos que qualquer trabalho só pode ser realizado com sucessos se existir incentivos e motivações para o efeito. Daí ser necessário que haja o reconhecimento e resolução da situação que reclamam os docentes em prol do desenvolvimento do ensino, para

Fokkens-Bruinsma & Canrinus (2014), a chave para que o estudante escolha ou se defina pela docência, é a motivação que permite a reafirmação no seu posto de trabalho servindo de catalisador no processo e produto educativo, tanto no ensino primário como secundário. Corroboramos com a ideia de que só um professor motivado é capaz de melhorar a motivação intrínseca dos alunos. Para tal, é essencial que haja satisfação laboral. Estes autores evidenciam as razões motivacionais para se aderir a profissão docente e termos bom desempenho profissional.

5.8.3. Planificação de atividades a nível da coordenação

Sabemos que para boa consecução dos trabalhos pedagógicos, há necessidade de planifica-los para que se evite o imprevisto e assim procurar alcançar os objetivos almejados. Assim, descreve-se como tem decorrido essas atividades de planificação a nível da coordenação de EMC, em função da experiência dos respetivos professores e professoras, a maioria dos participantes defendem que:

Cada integrante anuncia onde parou, se cumpriu com a planificação anterior, em seguida começa por orientar-se o registo de conteúdos que serviram para se trabalhar nos próximos dias, porque só se apresentam os temas aos colegas que lecionam as respetivas classes e que cada um vai procurar trabalhar bem ou mal (Lucombo, entrevista professora 10/09/2015).

Recebe-se as temáticas para cada um trabalhar de acordo a sua maneira, não deixando espaço para se discutir algumas temáticas que podem constituir dificuldades (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

Acreditamos que para o melhoramento da atividade docente é necessário a planificação para se delinear os caminhos a seguir. Porque desde o passado que se tem implementado estratégias para se alcançar o sucesso educativo. Azevedo (2013) defende que a mensagem do professor será recebida pelo aluno se tiver algum interesse para ele, daí a necessidade do professor planificar todas as atividades que realiza com os alunos. A planificação é a base para o sucesso da prática docente e ajuda a decidir, prever, seleccionar, escolher, organizar, avaliar, refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, antes, durante e depois da ação realizada. Portanto, há necessidade de se fazer uma planificação mais orientadora, interativa entre os docentes onde os professores podem fazer a troca de experiência de forma colaborativa acerca da maneira ou estratégias que poderão ser utilizadas na abordagem dos temas seleccionados para aulas.

5.8.3.1. A Planificação de aulas

Relativamente a planificação a curto prazo, ou seja, a planificação diária constatou-se os durante a atividade de campo os resultados seguintes:

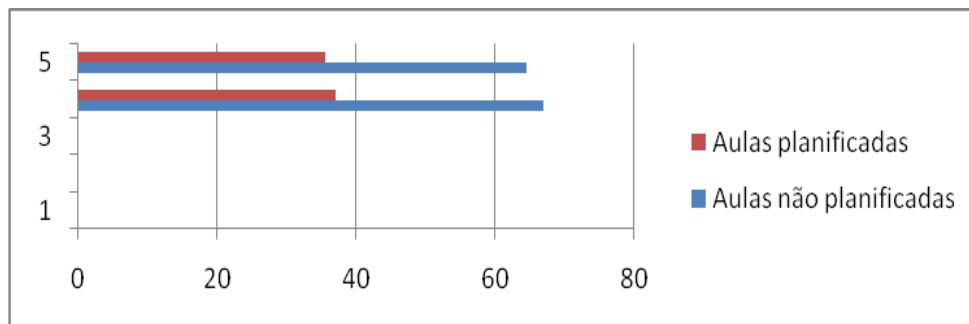


Gráfico 12– Planificação de aulas

Em função da observação de aulas, os dados revelam que apenas 35,58% dos professores planificam as aulas, ao passo que outros fazem improvisos e mesmo as reuniões de coordenação servem apenas para tomada de novos conteúdos para lecionar. Estudos sobre a percepção de futuros docentes destacam a necessidade da planificação ser organizada, flexível e com capacidade de trabalho em equipa. Para tal, quanto maior for a preparação que possuímos do que quer trabalhar em aulas, maior será o controlo antes das adversidades que se apresentam em nossa capacidade de orientar os alunos a atingir êxitos. Entretanto, aqueles professores que dedicam mais tempo à preparação das aulas são os que conseguem que seus alunos aprendam mais (Reloyo et al., 2017). Nesta dimensão, os diretores apresentaram as justificações seguintes:

As reuniões de coordenação ou as planificações são mal feitas num período curto de duas horas no máximo consideradas insuficientes para se planificar as aulas para duas semanas ou para um mês. Em alguns casos os professores trazem apenas os livros... Prestam pouca atenção a própria preparação das aulas, por isso, os professores apresentam muitas dificuldades durante a aula e isso deve-se a falta de comprometimento (entrevista director 1, 12/10/2015).

Nela não se faz a auscultação sobre a maneira como os professores deveriam abordar estes temas, tal como se refere a seguir:

Não se abre momentos para troca de experiência de como abordar determinados temas que podem oferecer mais dificuldades ou grau de

complexidade, não se faz a planificação entre professores que lecionam a mesma disciplina e classe, o que facilitaria o debate entre os colegas (Mutango, entrevista professora 29/04/2015).

Os programas escolares apresentam os conteúdos e objetivos, mas não detalham como trabalhar com os alunos estas matérias. As planificações de atividades escolares segundo requerem uma preparação mais rigorosa para trabalhar bem com grupos de colegas acerca das estratégias e técnicas a serem implementadas durante as aulas, tendo em conta o contexto em que os alunos estão submetidos, de maneira que estes saberes sejam cada vez mais fomentados pelos alunos e encontrem sentido em suas vidas.

Sabemos que a planificação das atividades é essencial para o alcance dos objetivos, pois, os programas apresentam os conteúdos e objetivos mas não detalham como trabalhar com os alunos estas matérias. Nesta perspetiva, a planificação de atividades escolares, no pensar de García-Valcárce et al. (2014), requer uma preparação mais rigorosa para trabalhar bem com grupos de colegas acerca das estratégias e técnicas a serem implementadas durante as aulas, em função do contexto em que os alunos estão submetidos. As planificações de aulas, de acordo Elliott (2010), ajudam a estabelecer que aspetos essenciais da matéria devem compreender os alunos tendo em conta as dificuldades particulares em perceber os fenómenos. Ela é a base para a prática docente e ajuda a decidir, prever, seleccionar, escolher, organizar, avaliar e refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem antes, durante e depois da ação.

5.8.3.2. Modelos de ensino predominante na aula

No que tange as diversas formas de como o professor vai trabalhar na sala de aula com os seus alunos para que realize a aprendizagem mais significativa, depende muito dos modelos a utilizar em função da experiência de cada docente, sendo as mais predominantes as constantes no gráfico abaixo:

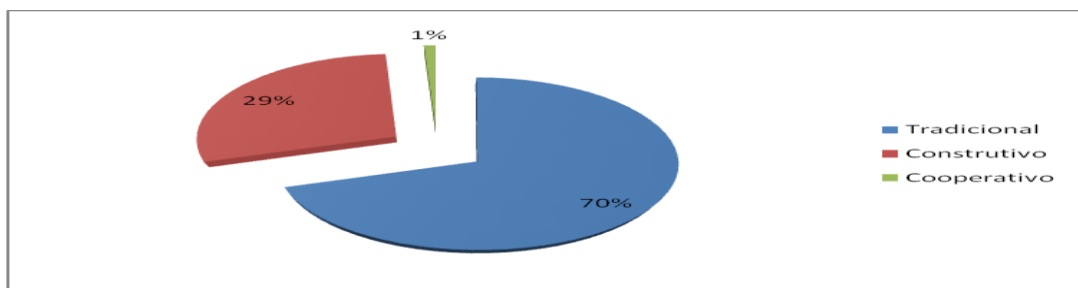


Gráfico 13– Modelos de ensino

Os participantes justificam relativamente a esta categoria o seguinte:

É preciso trabalharmos muito para se alcançar o necessário, em suma quanto falamos de modelos utiliza-se ainda os modelos tradicionais, precisamos acompanhar a dinâmica para que haja um bom desenvolvimento educativo (Ndala, entrevista professor 20/04/2015).

Utilizamos o modelo de ensino que permite os alunos participarem mais na aula, já que o professor já traz todos os conteúdos e o aluno é só prestar atenção. O mais importante é levar os alunos a entender os conteúdos através da transmissão (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

Como sempre no processo educativo houve sempre uma forma de permitir aos alunos a se envolverem nas aprendizagens a serem realizadas. Assim, para a sua concretização é feita por intermédio da prática pedagógica em que a tentativa de ensinar - aprender ocorre de maneira interativa e intencionalidade, mas para tal é necessário que essa atividade seja planificada. Para Franco (2015), as práticas pedagógicas são aquelas que se organizam para concretizar determinadas expectativas educacionais, onde os alunos envolvem-se intelectual e emocionalmente sobre aquilo que o aluno quer que aprende.

5.8.4. A avaliação de aluno e professor

Segundo o documento do Governo de Angola (2016), a avaliação é um indicador que de acordo a lei de Bases nº 17/16, concretamente no artigo 118º, consiste na aferição da qualidade do desempenho e dos resultados alcançados pelas instituições de ensino e demais estruturas. Nesta perspectiva, ela visa recolher um conjunto de dados ou informações que depois de interpretadas ajudam na tomada de decisão em função dos objetivos prosseguidos. Nesta ordem de ideia, a estatística de avaliação indica uma elevada taxa de aprovação de 90%, porém, os sindicalistas relativamente a esta categoria defendem o seguinte:

Não basta só o índice de aprovação elevado em cada escola e em cada aluno, é necessário que essa aprovação queira dizer saber, adquirir competências que os programas têm a oferecer (Representante do Sindicato de professores, entrevista 04/11/2015).

De igual modo, os responsáveis do ministério da educação estão preocupados com os resultados da avaliação no processo de ensino-aprendizagem, pois consideram ela um

indicador importante. Por isso, são protetores da aplicação de mais justiça, tal como podemos verificar no discurso que segue:

Há falta de rigor na avaliação, e é necessário recuperar o rigor colonial ou seja, essa democratização do ensino devia ser acompanhada com o rigor... revendo o perfil do professor e aluno, rigor de conteúdos do ensino e da própria avaliação dos alunos e dos professores. Porque existe muito facilitismo em função das classificações atribuídas e nem sempre conquistadas pelos protagonistas (Responsável 1, entrevista 4/11/2015).

É necessário combater a corrupção ativa e passiva, porque há alunos que não estão preparados para transitarem de classe, mas acabam transitando fruto desse mal que enferma o ensino em Angola (Responsável 2, entrevista 04/11/2015).

Quanto a realização da avaliação dos alunos, os participantes explicam os instrumentos e modalidades que utilizam, embora precisem mais conhecimentos sobre a mesma, pois fazem esforço e demonstram vontade de triunfar, se melhorar as condições organizativas das turmas, tal como referem nas suas explicações:

A reforma prevê avaliação contínua, mas como os alunos são mais de 50 em cada turma, então não conseguimos cumprir. Elaboramos em cada trimestre uma prova e uma chamada escrita. Os alunos respondem tal como está escrito no apontamento. As vezes orientamos o trabalho de grupo ou individual para fazer a vez da prova e, os resultados vão variando em função da capacidade de assimilação... é necessário conhecer os alunos neste aspeto para não avaliar mal (Lucombo, entrevista professora 10/09/2015).

Na avaliação dos alunos existe muita aprovação e que a mesma não se traduz em competência que adquiriram, Já que este perfil está adulterado pelo professor, para não ser sancionado, pois a direção da escola se preocupa muito pela percentagem positiva dos alunos. Obriga os professores a satisfazerem tal propósito, não importa a quantidade de alunos por turma e o contexto em que as aulas são orientadas (Tchissingui, entrevista 11/06/2015).

Relativamente à avaliação de desempenho dos professores, estes narraram as considerações seguintes:

Precisamos que a direção ajude e não chame apenas o docente para assinar a ficha de uma avaliação duvidosa no fim do ano... porque não acompanham, a atividade realizada pelo professor, mas atribuem nota, na base de quê. Não sabemos (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

Esta claro que é necessário os responsáveis da educação acompanharem mais o trabalho que os docentes realizam, para conhecerem as reais condições e dificuldades que vivem no dia-a-dia e perspetivar as soluções, de maneira melhorar a qualidade da aula e sua avaliação. Para tal, é essencial que ela seja feita com maior rigor, tal como referem Bauer et al. (2015), que a prestação de contas acerca do trabalho realizado nas instituições escolares e a responsabilização de diretores e professores pelos resultados obtidos, pode contribuir para que esses ficassem mais comprometidos em melhorar sua prática e garantir uma aprendizagem mais significativa aos alunos, de acordo os padrões estabelecidos pelo ministério da educação, envolvendo neste sentido a responsabilidade também aos governantes.

5.8.5. Perfil do aluno

Este relaciona-se com o conjunto de características do aluno que tem a ver tanto com a personalidade e a formação bem como outras particularidades que o fazem ser diferente.

O perfil de saída dos alunos não tem correspondido de forma significativa em função daquilo que são os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professores durante as aulas, porque se assim fosse poderíamos ter muitos alunos excelentes em termos de instrução e comportamento, temos de trabalhar mais para se alcançar essa qualidade (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

Devido a banalização das atividades educativas, alguns alunos não têm boa imagem acerca da disciplina de EMC, tal como podemos conferir nos seguintes depoimentos:

Os alunos não valorizam esta disciplina pela sua facilidade (aluno 14), ao passo que outros consideram está disciplina como perca de tempo, que é contraste com o que se pretende (entrevista aluno 18, 16/09/2015).

Diante este quadro é importante que haja maior engajamento por parte dos docentes, pois segundo De wever & Voet (2016), só assim é que será possível fornecer oportunidades ao aluno de construir um conhecimento profundo do conteúdo. Mas para tal, é crucial que os

professores orientem atividades que permitem envolverem os alunos no pensamento disciplinar e desenvolver as suas ideias sobre a disciplina. Uma vez que nota-se também:

... Muita aprovação, mas pouca competência nos alunos (Cassinda, entrevista professora 22/10/2015).

É crucial que se trabalhe mais, tal como referem Grasso & Robledo (2010), para que os finalistas da escola secundária, sejam mais competentes e tenham bom perfil de saída para que seja uma nova geração de profissionais competentes e que assumirão responsabilidades de exercerem seus direitos, deveres e outras obrigações.

5.8.6. O uso das tic na aula de EMC

Esta categoria visa descrever o quanto é indispensável o uso das tic no processo de ensino e aprendizagem. Os dados revelam que os professores não utilizam as tic durante as aulas tal como podemos conferir:

Utilização das tic na aula	Frequência	Porcentagem
Sim	0	00
Não	104	100

Tabela 8 – Utilização das tic na aula

Está claro que os professores não utilizam as tecnologias de informação e comunicação para melhorar a aprendizagem, já que durante as observações de aulas, 100% dos docentes não utilizaram as mesmas em nenhuma situação e apresentam qualitativamente o argumento seguinte:

Para sermos sinceros nunca utilizamos as técnicas de informação e comunicação porque apenas uma minoria possui conhecimento nessa área, e pelo fato de não existir tais condições nas escolas e nem sabermos como trabalhar com o computador (Lucombo, entrevista professora 10/04/2015).

As escolas não têm computadores, internet, nem projetor e muitos professores não estão preparados para tal, pois, quando se formaram não existia a disciplina de informática e não receberam preparação para um dia utilizarem as tecnologias de informação e comunicação (Makeyeye, entrevista professor 08/05/2015).

Assim, para González & de Pablos (2015), um dos principais obstáculos para desenvolver o potencial educativo das tic tem a ver com a organização e cultura da escola. A maioria das escolas de ensino, mesmo dos países tecnologicamente desenvolvidos apresentam dificuldades de acesso a computadores e internet. Por isso, são poucos os docentes que utilizam e sentem dificuldades para modificar as suas práticas docentes e suas expectativas. Nesta base, é crucial que os professores aprendam para ensinarem e orientarem bem os alunos de maneira a utilizarem as novas tecnologias de forma correta em benefício de todos, mediante uma atividade colaborativa.

5.8.6.1. O papel das tic na moralização da sociedade

Nesta categoria procurou-se compreender o papel que tem desempenhado as tic na moralização da sociedade tendo em conta a sua influência para mudança de comportamento dos integrantes da sociedade, os depoimentos são os seguintes:

Tem sido através destes meios que se veicula mensagens que visam a moralização da sociedade angolana como na homilia, no próprio discurso do presidente enfim, mas também é a partir destes mesmos meios que se faz passar os contravalores (Makeyeye, entrevista professor 08/05/2015).

Os realizadores dizem que colocam as novelas onde aparecem cenas indecentes para depois se tirar o lado positivo que é o oposto. Mas a realidade é bem diferente, aquilo que se emite de negativo é exatamente o que é colocado em prática, parece está a oficializar a indecência (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

Realmente as tic desempenham um papel essencial na compreensão dos fenómenos que ocorrem na sociedade, há que ter em atenção o seu uso pois, segundo Martínez-Abad et al. (2017), está claro que sem a integração das tic é impossível a aquisição, domínio e compreensão da aplicabilidade das competências relacionadas com a manipulação dos instrumentos e tratamento da informação no processo de ensino-aprendizagem. Para tal, requer desenvolver as capacidades e habilidades que permitem interpretar a informação válida, conhecer a sua origem e avaliar as fontes para que haja informação efetiva.

5.8.6.2. A globalização

Esta dimensão visou descrever a influência das tic nos *modus* vivendo das populações em função da aproximação e da ideia global entre todos os países do mundo. Neste contexto, os participantes defendem o seguinte:

É preciso ter em consideração as influências que vêm para a nossa sociedade muitas vezes pode ser boas, mas são mal interpretadas, digeridas e utilizadas, por falta de orientação a partir de casa (entrevista diretor 2, 18/11/2015).

As tic devem ser usadas para facilitar nos trabalhos escolares para busca de conhecimentos académicos, mas as crianças usam para ver preferencialmente conteúdos indecentes que facilmente estão disponibilizados (entrevista Família 2, 16/10/2015).

Realmente os atores estão de acordo sobre a influência que as tecnologias desempenham no desenvolvimento do ser humano. De acordo com a visão de Navarro et al. (2017), o uso das tecnologias de informação e comunicação desempenham uma crucial importância para o desenvolvimento dos países, pois, constituem um meio de comunicação que fornece mudanças de informação e construção de novos conhecimentos. Assim, estas tecnologias quando bem utilizadas contribuem para a existência de aprendizagem em rede compartilhando as experiências, os saberes com os companheiros, deste modo é possível realizar ou passar um trabalho individual, solitário em uma forma de trabalho mais integrador, que resulta da facilidade de interação com os outros.

5.8.6.3. Atitudes das famílias na educação dos filhos

Alguns pais na área rural, têm uma concepção diferente sobre a educação e em ajudarem os filhos na correção de certos comportamentos negativos, daí que batem os filhos e quando se pergunta por quê agem assim? A resposta é: *estou a educar o meu filho*, quer dizer que *bater é educar* (aluno 11). Assim, o filho cresce com essa concepção errada e na fase escolar encontra dificuldades de integração devido a violência submetida a ele. Foi visível que o comportamento verificado é relativo, em função dos vários extratos sociais, pois em todos eles existem alguns que se comportam mal e outros bem.

Daí que, corroboramos com Muñoz et al. (2014), quando defende que a intervenção sobre condutas negativas deve ser fundamentada em projetos educativos de escolas, de maneira que se desenvolva e implemente o regulamento escolar. Para que ninguém transgrida as normas de convivência harmoniosa entre todos integrantes do processo de ensino-

aprendizagem, prevenindo as condutas negativas e favorecer a resolução de conflito de forma prepositiva em toda comunidade escolar e não só.

5.8.6.4. Referência para os adolescentes

Tem a ver com os indivíduos que apresentam comportamento positivo nos vários setores da sociedade e que servem de inspiração para a nova geração seguir.

Temos algumas referências que fazem a sua parte, mas os adolescentes é que não acatam as orientações dadas pelos adultos ou procuraram seguir aquelas referências que apresentam conduta negativa (entrevista aluno 19, 16/08/2015).

É necessário que os professores realizem bem as suas atividades e vivam para dar um exemplo, até porque os professores são considerados como espelho, para o efeito transmitem aquilo que sabem e não devem trabalhar em função da velha máxima: «ajudem-me para serem ajudados» (Ndinelau, entrevista professora 25/05/2015).

Realmente os integrantes do processo educativo influenciam-se ao longo do processo, nesta ordem de ideia, sabemos que ao longo da história os professores sempre influenciaram o comportamento dos alunos. Assim, os estudos realizados sobre essa temática, de acordo com Brito & Costa (2010), convergem em termos de conclusão, pois ressaltam os docentes como sendo os principais influenciadores dos alunos a par da escola no processo educativo. Neste contexto, os professores por meios das aulas podem influenciar o aluno positiva ou negativamente durante o percurso escolar, contribuindo deste forma, para o sucesso, insucesso ou fracasso escolar, principalmente para aqueles estudantes que apresentam mais dificuldades no momento da aprendizagem. Daí continua a ser imprescindível que o docente esteja preparado e munido de conhecimentos que podem contribuir para orientar e desenvolver a personalidade e identidade do estudante.

5.8.7. Entrevista aos responsáveis da educação

Esta visou compreender a visão que tem estes atores acerca da prática educativa dos professores nos diferentes contextos laborais. Deste modo, as suas contribuições podemos conferir nas categorias que se seguem:

5.8.7.1. A formação académica dos professores

Esta categoria faz referência aos estudos feitos pelos docentes do ensino secundário a quanto do ingresso no setor até aos nossos dias. Nesta perspetiva, é notório que a maioria dos quadros

que estão a servir o setor da educação, ingressaram sem possuírem a formação inicial, tal como está representado graficamente:

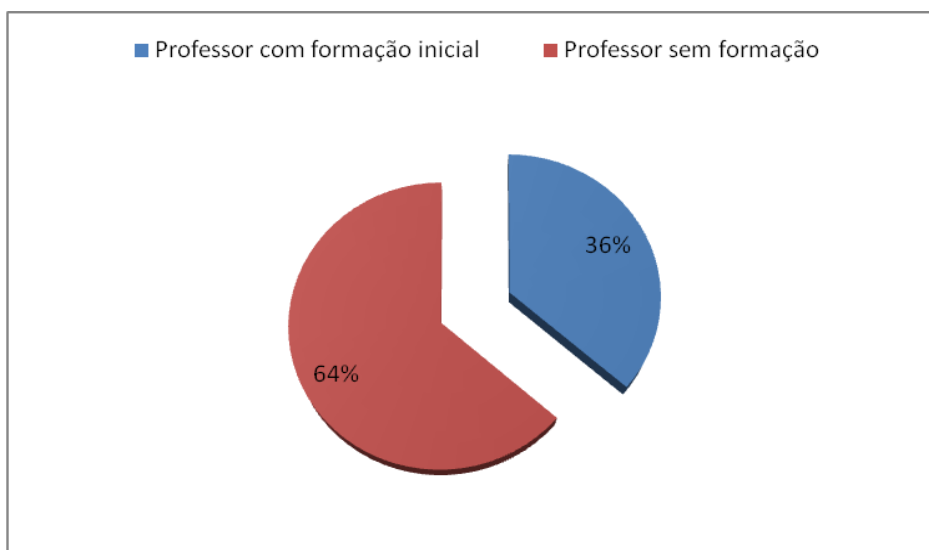


Gráfico 14- Formação dos professores

Está evidente que a maioria dos docentes não possuem a formação inicial de professor e os responsáveis da educação justificam nos seguintes moldes:

Realmente a maioria dos professores não possuem agregação pedagógica ou formação inicial de professores para o efeito, até porque não tem constituído como critério para ser professor. Reconhecemos que muitos apresentam nível baixo de escolaridade e sem boa qualificação. Mas tivemos de arrancar com os estudos para a nova geração estudar e com os docentes que conseguimos, é melhor continuarmos assim do que fecharmos as escolas por faltas de docentes (entrevista Responsável 1, 04/11/2015).

Não houve tempo para se formar os docentes, daí que a maioria dos professores não têm formação aproximada para lecionar a disciplina de EMC, porque não existia no curso de formação de professores especialidade que ajudaria a trabalhar especificamente com essa dimensão do saber (Nzunzi, entrevista professora 17/08/2015).

Realmente os dados do estudo revelam que os docentes não foram formados para lecionarem as disciplinas com que hoje trabalham, embora não existe os dados oficiais de

professores sem formação inicial ao nível do país, mas é notório nesta amostra que algo não vai bem. Afinal não se está muito preocupado em saber a percentagem dos professores sem formação inicial pelo fato dos responsáveis considerarem este elemento como não sendo tão relevante para se ser professor. E prova disso, é que qualquer pessoa desde que tenha o nível exigido, pode ser professor com ou sem formação inicial de professorado.

Por isso, segundo Alfredo et al. (2014), defendem que a qualidade na formação de professor pode ser entendida no sentido daquela que se ajusta as reais necessidades dos docentes em função da diversidade de contextos sociais e profissionais em evolução e que tenha repercussão na qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Ainda o autor acrescenta que a qualidade na formação de professores não é percebida separadamente pelo fato de não se basear simplesmente no conteúdo, mas na dinamização do próprio processo fruto das condições materiais existente, bem como a metodologia eleita durante o plano de ação.

5.8.7.2. Critérios de seleção e admissão de professores

Tem a ver com o perfil de entrada que deve possuir o candidato à docência. No entanto, este processo parece ter pouca credibilidade, tal como é referido no seguinte depoimento:

São admitidos a partir da oitava ou décima segunda classe em diante, a lei não especifica o tipo de formação, se resulta de formação profissional ou geral, podendo para isso ser veterinário, serralheiro, pedreiro também serve para ser professor desde que tenha a habilitação literária exigida (Nhama, entrevista professora 03/11/2015).

Devido a necessidade recrutou-se trabalhadores tendo o nível académico e não profissional para não fechar as escolas e, porque não existia os profissionais, então recrutamos ou fomos buscar, aqueles que apareceram, mas que não tinham competências académicas para poder assegurar o próprio processo de ensino (entrevista Responsável 1, 04/11/2015).

Ainda nesta perspetiva, o representante do sindicato de professores, relativamente a esta categoria teceu o seguinte discurso:

A admissão no concurso para ingresso na educação não tem sido transparente e nem apresenta critérios claros, porque há jovens com formação inicial e que não foram enquadrados em detrimento daqueles que não têm formação inicial de professor (entrevista representante do sindicato de professores, 04/11/2015).

De salientar que para se ser professor ou ser admitido no setor da educação, ao contrário da Espanha tal como refere Villardón-Gallego & de la Hidalga (2015), onde exige-se entre outros elementos associado a identidade profissional por exemplo: o domínio da disciplina ou matéria a ensinar e o aspeto pedagógico de como ensinar, já que para poder exercer a docência no nível secundário era requisito a obtenção do Certificado de Aptidão Pedagógica. Já no contexto da realidade angolana, o mesmo não acontece. Basta ter como mínima habilitação académica a 8ª classe e não existe outra exigência como: domínio da disciplina ou matéria a lecionar, o aspeto pedagógico ou metodológico acerca de como ensinar, uma vez que a maioria não possui agregação pedagógica.

No entanto, o rigor na seleção de profissional pode contribuir para que haja os verdadeiros professores que serão capazes de serem educadores de seus alunos, hoje mais do que nunca, um bom professor deve ser também um bom formador. Para tal, Sanz et al. (2015), defendem que é necessário dar formação específica ao professor do nível secundário, para responder as novas demandas e desafios que o aluno coloca. É crucial que o docente seja selecionado em função da sua qualidade resultante da especialização e, seja capaz de explicar a variação do rendimento escolar dos alunos dentro do sistema educativo.

5.8.7.3. O contexto das escolas secundárias

Sabemos que a escola é uma infra-estrutura que oferece espaço apropriado para que o professor e o aluno trabalhem na consecução do objetivo da educação superiormente emanado. No entanto, elas se caracterizam de diversas facetas em função do contexto, tal como referem os participantes seguintes:

As escolas do interior na sua maioria possuem salas ao ar livre, têm menos qualidade que as escolas urbanas, pois as primeiras, na sua maioria funcionam ao ar livre, sem paredes. Com turmas muito próximas umas de outras, em algumas salas as divisões baseiam-se nas árvores existentes naturalmente ou construindo divisões feita de árvores, algumas turmas a funcionarem nas tendas e outras debaixo das árvores (entrevista responsável 2, 04/11/2015).

As escolas dos centros urbanos têm mais condições materiais e infraestruturas em comparação com as escolas do interior, mas também existe salas debaixo de árvores que apresentam menos qualidade em detrimento de existir poucos recursos quer materiais quer recursos humanos (entrevista diretor 2, 18/11/2015).

Na realidade, as escolas carecem de condições aceitáveis para que haja sucesso e aprendizagem significativa. Para inverter o quadro, na visão de Rivas et al., (2015), a escola deveria ser um lugar prioritário de formação dos alunos, que dá resposta a todos os agentes implicados no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, Peleato (2010), adverte aos professores que se precisarem de uma prática educativa bem-feita, devem exigir uma escola mais apetrechada, democrática, com desenvolvimento de programas e estratégias que garantam a atenção à diversidade existente atualmente nas escolas.

5.8.7.4. Inclusão da EMC no currículo

Esta dimensão visou conhecer a percepção dos professores acerca da inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no plano curricular, nesta base os resultados revelam na ordem de 100 % a favor da inclusão da EMC no plano curricular e os participantes são unânimes em justificarem que:

Espera-se que venha ajudar as pessoas a pensar cada vez mais no respeito pelos valores, não sou contra, sou a favor e sou apologista que melhor, por um lado é necessário aumentar a carga horária e se faça um trabalho mais abrangente. Embora temos os professores propriamente dito de EMC, mas todo professor que pela essência da sua atividade que é instruir e educar, deve ter a obrigação de transmitir os valores através de seus ensinamentos e exemplos de atos humanos às novas gerações (Catumbo, entrevista professora 14/05/2015).

Estou a favor e acrescento um aspeto muito importante, no meu ponto de vista dizendo mais que: podemos ter poucos professores de EMC, mas devíamos ter professores preparados para as aulas. Seja qualquer tipo de aula devia-se em alguns momentos abordarmos questões relacionadas com a educação moral e cívica, de forma que os professores de outras disciplinas como a matemática, física, química, etc., participem deste processo. Mas simplesmente ignoram a disciplina de EMC, o que nos dificulta ainda mais, porque todos professores deviam estar envolvidos na educação da nova geração independentemente da disciplina que leciona (Cassinda, entrevista professora 22/10/2015).

Em função do clima de guerra que o país viveu, trouxe influência negativa nos comportamentos humanos, razão pela qual se introduziu esta disciplina para ajudar a moldar o homem. Para tal, é crucial se fazer um trabalho de equipa entre todos os professores

independentemente da disciplina orienta. Por isso, a reforma curricular na visão de Vallejo & Bolarín (2009), ajuda a melhorar os aspetos que dificultam o bom desenrolar do processo de ensino-aprendizagem tendo em conta o contexto em que se realizam as atividades evitando as barreiras e permitir boa interação para o sucesso da atividade educativa e o mudar este quadro que referem os participantes.

5.8.7.5. Número de alunos por turma

Tem a ver com a quantidade de alunos matriculados em cada turma e que participam do processo de ensino-aprendizagem. Nesta ordem de ideia os responsáveis fazem a seguinte constatação:

O índice de alunos fora do sistema de ensino é ainda elevado, razão pela qual tivemos de constituir turmas pletóricas nas zonas urbanas e rurais com mais de 60 alunos, o que cria constrangimento ao professor no momento de dar aulas, mas é necessário actuarmos assim para diminuir as crianças fora do sistema de ensino (entrevista diretor 1, 12/10/2015).

Existem turmas com elevado número de alunos chegando a albergar mais de 50 alunos por cada turma, o que dificulta o real funcionamento, até porque a reforma educativa prevê constituir turmas com menor número de alunos para ser possível o docente trabalhar com todos alunos ao longo das sessões de aulas (Nzunzi, entrevista professora 17/08/2015).

Para o bom desenvolvimento das aulas também depende da quantidade de alunos por por turmas, daí a necessidade de se constituir turmas com um número razoável para facilitar a interação durante as atividades. Sem dúvida, que este fator escolar também pode jogar um papel relevante, já que outros trabalhos insitem no fomento da assistência e participação regular em classe e a gestão do número de alunos em cada sala de aula (Cordero Ferrera et al 2015). No entanto, uma maneira de se conhecer as experiências é através de leitura e aprender escrevendo, porque aquilo que não se escreveu não se conhece. Infelizmente, os professores no contexto Angolano na sua maioria não escrevem sobre o que fazem na sala devido a falta de condições, incentivos e formação investigadora. Daí que há necessidade de se prever estes saberes na formação dos professores para que uma vez aprendido tenham o interesse e a curiosidade de querer investigar para saber mais acerca da realidade em que se está a trabalhar, e poder publicar a sua experiência com vista a resolução de problemas que surgem de acordo os diferentes contextos educativos (Perines, 2018).

5.8.7.6. Distribuição de materiais escolares

Tem a ver sobre a maneira de como são distribuídos os materiais que servem de apoio e ajudam ao professor e aluno durante o processo de ensino. Na visão dos dirigentes passa-se o seguinte:

O material escolar não é suficiente para todos alunos e a distribuição tem sido mal feita porque em algumas escolas, existe o mesmo material, mas a direção da escola prefere guardar em vez de distribuir (entrevista diretor 2, 18/11/2015).

Os livros não são bem distribuídos devido as falhas, ou os efeitos da corrupção em que os materiais escolares são desviados, pois existem muitos a serem comercializados no mercado informal... os diretores não são polícias para ver onde os livros vão parar (entrevista responsável 2, 04/11/2015).

É notório que que algo não vai bem, relativamente a distribuição dos materiais até porque está evidente que os líderes escolares não têm desempenhado com zelo a função que lhes foi incumbida. É preciso mudar de mentalidade dos gestores porque na visão de Oliveira (2009), a boa gestão da escola pública, consiste em organizar corretamente o funcionamento da escola no que concerne a dimensão: administrativa, política, financeira, tecnológica, pedagógica, tecnológica e cultural cujo objetivo é a construção de saber, ideia e competência visando o alcance de aprendizagem mais significativa. Em suma, é necessário os responsáveis escolares ganhar responsabilidade pela função que desempenha e deve fiscalizar e gerir positivamente os recursos materiais em prol do desenvolvimento escolar e em particular para realizar aprendizagens mais significativas.

5.8.7.7. Ética profissional do trabalhador

Esta dimensão tem a ver com o conjunto valores ou qualidades deontológicas indispensáveis ao bom docente, para que conheça e cumpra com os seus direitos e deveres. Mas na realidade existe pouca dedicação tal como revelam os participantes:

... Os professores faltam muito as aulas pelo fato de não serem residentes dos municípios, percorrem longas distâncias que chegam até 400 km (Tchissingui, entrevista professor 11/06/2015).

Os trabalhadores se ausentam muito das atividades da escola alegando que estudam na cidade, não honram o compromisso esquecem-se que em primeiro lugar são trabalhadores (entrevista diretor 2, 18/11/2015).

Outro argumento dos professores referem que agem desta maneira pelo fato de não possuírem conhecimentos suficientes sobre a ética profissional do trabalhador, tal como se segue nos seguintes discursos:

Não se vê o trabalho como um fator de ascensão na sociedade, porque temos uma cultura de corrupção que faz com que as pessoas tenham outros expedientes e não apenas o seu próprio trabalho, dificultado a maneira de exercer, atuando com mais responsabilidade em cada trabalho (Ndinelau, entrevista professora 25/05/2015).

Pensamos que tal deve-se ao fato dos professores não terem formação inicial e por estarem a beneficiar de formação contínua que não responde as dificuldades dos docentes. Por isso, Fernández et al. (2016), destacam que para o professor, a aprendizagem permanente não pode ser vista como uma opção apenas, mas deve sim ser encarada como uma obrigação moral para uma profissional comprometido com o conhecimento para realizar com sucessos as atividades académicas.

Ainda sobre essa dimensão, alguns diretores têm a seguinte visão sobre os professores:

Alguns dão aulas porque gostam e se comprometem com a profissão e outros vendem as aulas, por não serem profissionais e estão apenas no setor para ganhar dinheiro, mas não ganharam maturidade de poderem ter um outro sentido de responsabilidade para o trabalho (entrevista diretor 2, 18/11/2015).

Nesta base, Jara & Dagach (2014), justificam que os docentes e os futuros professores devem ou deverão ter não só bons resultados académicos e excelentes habilidades interpessoais, sem que haja também um profundo compromisso pessoal para ensinar e trabalhar nas escolas. O compromisso dos professores é fundamental na melhoria do ensino para que haja qualidade na educação.

Os diretores acerca desta categoria justificam o seguinte:

... falta de criatividade de alguns professores na realização, produção e publicação de obras, porque temos professores a trabalharem mais de 20 anos, mas nunca escreveram uma linha sobre aquilo que pensam e aquilo que constitui seu trabalho (entrevista diretor 1, 12/10/2015).

Em certos casos, *os professores as vezes ficam duas ou três semanas sem trabalharem* (entrevista diretor 3, 18/11/2015).

Entretanto, como fundamenta Korthagen (2010) para que haja boas práticas educativas entre professores e alunos é necessário que a escola se converta em comunidade de prática, com professores comprometidos em desenvolverem suas habilidades, competências de forma a realizar aprendizagem cooperativa e colaborativa.

5.8.7.8. Prática educativa

Esta dimensão visou descrever a maneira como é realizada a prática educativa dos professores de Educação Moral e Cívica, os resultados revela que a prática ainda é deficiente tal como se segue:

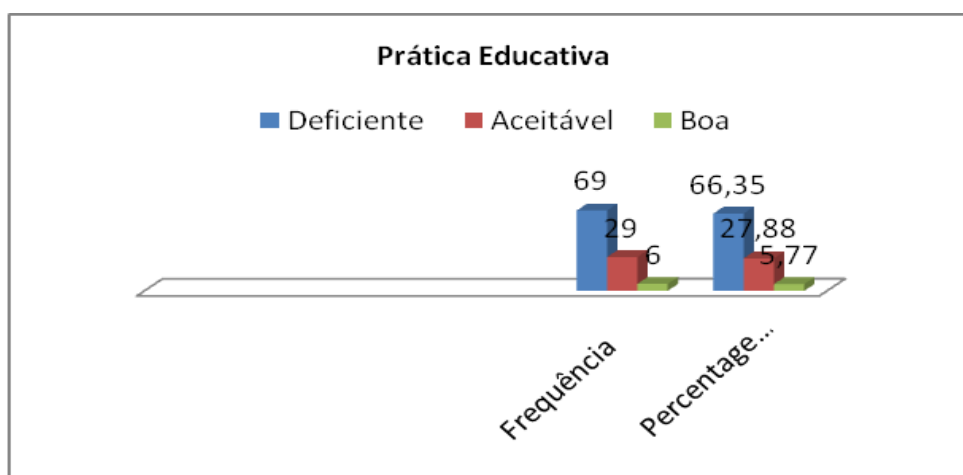


Gráfico 15 – Prática educativa

Os participantes caracterizaram-na qualitativamente com os seguintes argumentos:

A prática educativa de EMC constitui uma dor de cabeça ... é verdade que se tem dado alguns passos positivos, mas na verdade temos muitas dificuldades na condução da aula. Os alunos participam pouco, no grupo nenhum docente tem agregação pedagógica para dar aulas de educação moral e cívica. Estamos a remediar, o importante é ter bom perfil de aproveitamento da turma. Precisamos de formação mais prolongada, para se abordar outros temas desde, a planificação até a concretização da aula (Nzunzi, entrevista professora 17/08/2015).

Mesmo com dificuldades de preparação da aula, digo que a prática tem decorrido bem, porque transmito o conteúdo, explico e os alunos ficam calados, depois pego o livro e digo a matéria. Os alunos estão a compreender bem e mesmo na prova muitos conseguem bom resultado, e isto é o que a direção pediu (Nhama, entrevista professora 03/11/2015).

Está evidente que os professores encontram dificuldades de adaptação no exercício da sua atividade, por carecerem de formação inicial e contínua onde aprenderiam aspetos ligados a didática de ensino. Nem toda gente que dá aula é um professor, e o ministério da educação trabalhou de forma contrária, implementou a reforma educativa e a renovação do plano curricular sem antes primeiro formar os docentes para as respetivas disciplinas. A investigação de Cerecer & Gutiérrez (2014), demonstrou que para a realização de qualquer reforma educacional, deve ser precedida de uma reestruturação de organização, formação de professores, uma mudança de condições de trabalho para os professores, de maneira a proporcionar um desenvolvimento profissional ao longo da carreira.

Ainda nesta senda sobre a prática educativa dos docentes de escolas secundárias os diretores e responsáveis da educação teceram algumas narrações, que podemos examinar a visão destes sobre a prática dos docentes nos discursos seguintes:

A prática educativa não é boa, é essencial envidar esforço para melhorarmos, pois, ainda verifica-se uma relação arcaica entre o docente e o aluno com recurso aos métodos de transmissão de conteúdos, sem utilizar os métodos mais ativos, não há recursos as novas tecnologias. É preciso inovar e repensarmos a sala de aulas, os currículos, competências, a frequência, para melhorar e não evocar sempre a guerra como justificativa (Diretor 2, entrevista 12/10/2015).

A prática educativa é razoável, existem alguns fatores que estão na base destas atuações e entre elas temos a destacar, a atitude quer do professor quer da liderança escolar que fazem pouco. Não temos muitos professores qualificados, pois tivemos de avançar com os que apareceram para não fechar as escolas. Precisamos formadores competentes, inspetores e supervisores suficientes, porque na realidade não se faz sentir o trabalho que prestam na observância da componente letiva e não letiva dos docentes (entrevista, responsável 4/11/2015).

Esta situação é preocupante, já se passaram 11 anos desde que se implementou a reforma educativa e até agora os resultados dizem que a prática educativa não é boa. Defende-se a necessidade de quadros competentes, mas o ministério não incentiva a formação dos professores. A prática é um momento chave na formação de professores que tradicionalmente tenha favorecido a integração de matérias do plano de estudo com a prática do processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Entender a prática propicia o contato com a realidade educativa das aulas, também abre o caminho, faz a reflexão sobre a prática pedagógica. Ela é uma oportunidade que representa a prática para a análise das relações existentes que denominam o conhecimento na aprendizagem, conhecimento para aprendizagem e conhecimento na aprendizagem.

Deste modo, apostamos por uma prática que se apoia em recursos materiais que evite a desnaturalização da aprendizagem e dote de coerência e sentido (Castro-Zubizarreta & García-Ruiz, 2016). Não basta reconhecer as fraquezas, é preciso mostrar com o trabalho essa atitude de mudança. Como não se resolveu os problemas, então estamos atualmente numa fase de acusações: para uns a culpa é do professor, ou do diretor que falhou, ou inspetor, ou é culpa da guerra. É necessário que haja mais comprometimento do ministério da educação na gerência do sistema educativo e não estar apegado ao passado. Lembremos que Angola não realiza concurso de ingresso de novos professores a 6 anos. A educação é dinâmica e precisa do empenho de todos os técnicos qualificados.

5.8.8. Fator que influencia a prática educativa

Para o sucesso ou insucesso prática educativa existem alguns elementos que concorrem para tal desiderato conforme narraram os participantes nos discursos seguintes:

Existem alguns fatores que estão na base de fracas práticas educativas, elas têm também a ver com a atitude quer do professor quer da liderança escolar. É necessário que o docente tenha a formação inicial, trabalhe num contexto apropriado, esteja comprometido com a profissão, onde a liderança escolar intervenha no asseguramento e acompanhamento das atividades educativas (entrevista responsável 2, 04/11/2015).

Existe problema de pontualidade e assiduidade dos docentes e alunos e pelo fato da componente letiva e não letiva, na prática não ser observada suficientemente para permitir corrigir as principais insuficiências que prejudicam o sucesso do processo de ensino (entrevista responsável1, 04/11/2015).

Este resultado evidencia que muito deve-se fazer para melhorar essas práticas, em função também da liderança e gestão escolar, de maneira que ela desempenhe o seu real papel, uma vez que segundo Maureira et al. (2014), a liderança escolar e o clima escolar são fatores que geram condições favoráveis para um clima, caracterizado por altas expectativas de rendimento para os professores, alunos, com espírito de superação, comprometidos com a escola e satisfeito com o que fazem, poderá nos conduzir às boas práticas e bons resultados.

Outro fator desestabilizador é a liderança na sala de aulas tal como podemos aferir no seguinte discurso:

Os incomodados que se retirem (...) na sala quem manda sou eu... (Mutango, entrevista professora 29/04/2015).

Ou como diz a outra: *esperem pela vossa vez para mandarem* (Ndinelau, entrevista professora 25/05/2015).

Está claro que essa atitude desencoraja os alunos, é necessário segundo Fernández & Hernández (2013b), que a liderança exercida por aqueles que ocupam cargo de direção a nível das escolas, joguem um papel crucial na implementação de uma liderança mais democrática e participativa e concorra para o desenvolvimento de mudanças qualitativas das práticas docentes e que influenciem igualmente a qualidade de aprendizagem dos alunos das escolas secundárias e não só.

5.8.8.1. A Supervisão pedagógica

Esta dimensão visa controlar, acompanhar, prestar apoio didático, pedagógico e técnico a todos os processos de ensino-aprendizagem, em função de cada subsistema tal como consta no documento do Governo de Angola (2016), no artigo 116º da Lei nº 17/16. Assim, ela é um órgão de apoio escolar que serve para diagnosticar e acompanhar a maneira que os professores realizam as suas atividades académicas, de maneira a ajudar naquilo que for necessário. No que diz respeito a supervisão de atividades dos docentes pelos responsáveis do setor, os participantes explanaram qual tem sido o procedimento dos técnicos, tal como podemos conferir nos discursos seguintes:

O acompanhamento de aulas é feito pelo coordenador, uma vez por ano, já que ele não tem tempo, por estar muito sobrecarregado e, a direção não ajuda na observação das aulas. O inspetor e supervisor não são conhecidos, porque nunca apareceram na escola (Makeyeye, entrevista professor 08/05/2015).

Não se faz sentir, porque desde o início do ano letivo até ao fim, não aparece ninguém para observar a aula. Assim, fica difícil o professor progredir, porque nunca saberemos se temos realizado bem as atividades na sala de aula, em função dos métodos utilizados. Precisamos que a direção ajude e não chame apenas o docente para assinar a ficha de uma avaliação duvidosa no fim do ano... porque não acompanham, mas atribuem nota na base de quê. Não sabemos (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).

Se não se observa a aula orientada por um professor sem agregação pedagógica, a direção da escola não tem como saber o indicador principal acerca deste processo, se tem resultado uma aprendizagem significativa. Porque o perfil elevado de aproveitamento na mini pauta que o docente apresenta, pode não corresponder com as competências dos alunos. Os responsáveis da administração escolar deviam observar a aula dos professores, de forma a deixarem a atitude passiva de ficarem fechados nos gabinetes e passariam a realizar um trabalho colaborativo para ajudar na observação da aula do professor, para que este melhore a sua prestação laboral e passe a ser avaliado com honestidade. Também para Day (2013), a observação de aula é bastante importante no processo de ensino-aprendizagem, pois, ajuda a melhorar e a trocar experiências para que se realizem boas práticas educativas.

Os diretores e outros responsáveis da educação, no que diz respeito a supervisão pedagógica argumentaram o seguinte:

A figura de supervisor legalmente não existe e continuamos a fazer pouco acompanhamento aos professores, e sobre o trabalho que realizam durante a componente letiva e não letiva. O professor é um empregado, precisa de ser acompanhado, inspecionado, para prestar bom serviço, é necessário continuar a atuar de maneira mais colaborativa entre o coordenador de disciplina, turno, inspetor, supervisor, diretor e subdiretor (Responsável1 entrevista 4/11/2015).

Os inspetores e supervisores são poucos, e por falta de transporte têm pouca capacidade de ação, razão pela qual, não ser muito visível o trabalho que prestam. O ministério está atento e tem previsão de reforçar as condições e o pessoal desta área para fazerem o acompanhamento às escolas, de maneira garantir a eficiência e eficácia no ensino (Diretor 2, entrevista 12/10/2015).

A supervisão e a inspeção escolar constituem outra dificuldade que influencia a aprendizagem negativamente, quando não desempenha a sua real função. Parece ridículo, criar-se figura de supervisor que o próprio ministério não reconhece, e ainda assim ter nesta ilegalidade a função de controlar as aprendizagens. É preciso mais organização para o acompanhamento das atividades escolares, pois a educação não se desenvolve com promessas, mas com ações que visam introduzir a qualidade de ensino. Assim, o supervisor é usualmente um profissional que depende da instituição formadora que acompanha os estudantes e docentes durante a sua experiência de prática. Para tal, é crucial observar o seu desempenho na sala de aula e reúne periodicamente com eles para analisar esta experiência (Salinas-Espinosa et al., 2019).

Infelizmente, a província da Huíla continua sem inspetores suficientes, o último reajustamento de trabalhadores deste setor aconteceu em 2012, perfazendo um total de 12 supervisores para 1.826 escolas. Um número bastante ínfimo e como se não bastasse, não possuem transporte para fazer cobertura a uma área de superfície de 3.140 Quilómetros quadrado. É importante existir inspetores no ensino, e mesmo Soledad & Carmen (2009), já preveniram que é necessário acompanhar os docentes nos seus processos de desenvolvimento profissional e conhecer como atuam na aula, o que fazem, como vivem o seu trabalho, a interação entre o professor e o aluno, porque as boas práticas não são perfeitas, precisam de ser planificadas para melhorar a qualidade de ensino.

5.8.8.2. Métodos e modelos de ensino

Apesar da diversidade de vários métodos existentes para serem utilizados na aula, com maior incidência os professores privilegiaram ou utilizaram os que podemos verificar no gráfico que se segue:

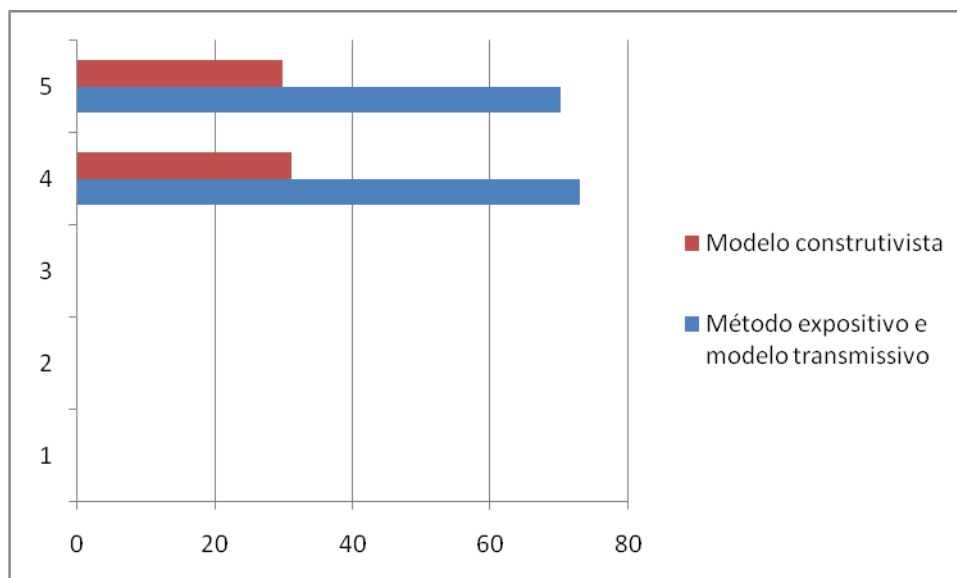


Gráfico 16– Método e modelo de ensino

Está confirmado que durante o processo de ensino e aprendizagem predomina na ordem de 70,19% o método tradicional (expositivo e o modelo transmissivo) e os diretores acrescentam justificando qualitativamente o seguinte:

Predomina a exposição devido a pouca preparação dos professores (entrevista diretor 1, 12/10/2015).

... Os professores dedicam-se a transmitir conhecimentos (entrevista diretor 3, 25/11/2015).

Relativamente aos métodos de ensino frequentemente usados, os professores das escolas secundárias justificam tal postura da seguinte maneira:

O professor da escola secundária precisa de mais saberes metodológicos para realizar as aprendizagens mais significativas, pois que hoje o professor continua a usar o método expositivo frequentemente e não há e nem se faz recursos as novas tecnologias, é preciso repensarmos a sala de aulas (Tchissingui, entrevista professor 11/06/2015).

... Utilizamos ainda os modelos tradicionais, precisamos acompanhar a dinâmica para que haja um bom desenvolvimento educativo (Ndala, entrevista professor, 20/04/2015).

Corroboramos com o trabalho de Luzón et al. (2009), onde refere que para existir boa prática educativa é crucial que ela não seja fixa, absoluta, mas deve ser dinâmica e inovadora nas ações a serem empreendidas, mesmo nos métodos porque o nível e a rapidez de compreensão varia de aluno para aluno. É necessário implementar estratégias de aprendizagens que favoreçam a redução de desigualdades e tendem a aumentar a igualdade, reflexão e colaboração para que haja melhoria na qualidade de vida das pessoas e do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Santiago et al. (2016), a melhoria de utilização dos métodos durante aula, passa também pelo uso das TIC, pois quando bem exploradas, contribuem para se alcançar os bons resultados escolares em diversos materiais e competências básicas tendo em conta o desenvolvimento de novas habilidades por parte dos alunos relacionados com o âmbito prático, criativo, crítico e novos modelos de aprendizagem baseados no trabalho autónomo e colaborativo. Para tal, é necessário que a escola tenha: condições de estrutura que suporta a inovação (quer tecnológica, quer organizativa), a produção de práticas inovadoras e a difusão de sua atividade.

5.8.8.3. Qualidade dos docentes do ensino secundário

Esta categoria tem a ver com o conjunto de competências que o docente possui para exercer com mestria a atividade de ensinar. Nesta base, a qualidade do perfil do docente do I ciclo do ensino secundário é pobre, já que a maioria não possuem formação inicial de professor e qualitativamente os responsáveis da educação justificam:

A qualidade de docentes ainda não é a ideal pois, devido a necessidade recrutou-se trabalhadores tendo o nível académico e não profissional, porque estes na sua maioria frequentaram formação geral sem especialização ou formação inicial para a arte de ensinar e educar (entrevista diretor 3, 25/11/2015).

Fomos buscar aqueles professores que apareceram, mas que não tinham qualidade e competências académicas para poder assegurar o próprio processo de ensino-aprendizagem, mas tivemos de trabalhar com eles devido as circunstâncias. Isso levou-nos as consequências que atualmente estamos a viver no próprio sistema de ensino, que é a dita falta de qualidade, tudo tem a ver com o passado da colonização e da guerra civil que o país viveu (entrevista Responsável 1, 04/11/2015).

Como é de esperar o processo de ensino-aprendizagem pode estar afetado, tal como consta do trabalho de Larrosa (2010), onde ressalta que nem toda gente serve para esta

profissão, daí a necessidade de se selecionar aqueles candidatos com perfil adequado, competentes, capazes de dedicar-se a profissão com bom desempenho ético.

Na visão dos professores, relativamente a qualidade dos mesmos, também são unânimes em referirem o seguinte:

Muitos docentes na atualidade não possuem a formação inicial de professor... não têm agregação pedagógica. O processo de ensino tem a ver com a questão pedagógica, formadores competentes, porque nem toda gente que dá aulas é um professor, é necessário de fato que o professor tenha preparação profissional a nível do saber, fazer, ser e saber estar, indicadores que muitos docentes não possuem (Tchissingui, entrevista professor 11/06/2015).

Dainte este quadro, há necessidade de realizar formação contínua em vários domínios, de maneira que os docentes sejam competentes na orientação das práticas pedagógicas que levam o alu o a constuir o saber. Assim, os conteúdos não importam tanto que eles sejam nominais, mas que sejam bons com valores, princípios, concepções, crenças e práticas educativas. Daí, a necessidade de incidir cada vez mais na formação de professor pelo fato de ser de capital importância para promover sujeitos críticos e transformadores da realidade educativa (Dominguez & Entrena, 2017).

5.8.8.4. Qualidade de ensino

Ainda procuramos saber dos participantes, acerca da qualidade de ensino. Nesta categoria, relataram que algo está sendo feito, mas ainda não é boa. Daí ser necessário que se faça a revisão da política educativa, investimentos nas infra-estruturas escolares e nos recursos humanos para se alcançar a qualidade almejada, como pode conferir nas declarações seguintes dos professores:

A qualidade de ensino é negativa, falar de educação é falar de desenvolvimento. O ensino está ainda a ser visto como transmissão de conhecimentos, e não como construção e produção de conhecimentos. Temos problema da aprendizagem, pois, nem sempre aquilo que se ensina é o que o aluno aprende, precisamos de formadores competentes e escolas apetrechadas e com líderes escolares democráticos (Nzunzi, entrevista professora 17/08/2015).

A qualidade de ensino ainda não é boa, é preciso rever os resultados esperados nos currículos e seus objetivos gerais. Existem insuficiências e agora é hora de pensarmos na reformulação do sistema educativo. Se tivermos políticas educativas organizadas, interventivas e um trabalho colaborativo, acredito que algumas das deficiências apontadas podem ser ultrapassadas (Tchissingui, entrevista professor 11/06/2015).

Aqui é necessário um certo consenso para se perspetivar mudança positiva para a educação. Falarmos que a qualidade é boa, estaríamos a ser desonestos. Para uma educação, realizada maioritariamente em escolas sem condições (muitas salas ao ar livre ou debaixo da árvore), falta de material escolares, professores na sua maioria sem preparação, outros docentes desmotivados com as condições sociais e financeiras, excessivo números de alunos por turmas, com fortes assimetria ao acesso, sem liderança participativa e que recebe do Orçamento Geral do Estado uma média aproximada de (7%) anualmente e sendo a mais baixa da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC). Não temos como ter boa qualidade, porque ao longo da guerra civil, o orçamento era prioritariamente atribuído ao ministério da defesa. É momento de investir mais na educação para se buscar a qualidade de ensino almejada.

Ainda sobre a qualidade de ensino no ensino secundário, em função do contexto em que a prática educativa é executada, os diretores e responsáveis manifestaram os argumentos seguintes:

A qualidade de ensino não é má, não basta criticar é necessário criar estratégias para melhorar a qualidade, e os professores são os principais atores no processo. A qualidade é um processo que não se alcança rapidamente, precisa de ter boas infra-estruturas, professor formado e preparado, porque não basta só níveis académicos altos, mas acima de tudo competência suficiente para poder trabalhar e moldar as nossas crianças (entrevista Diretor 1, 12/10/2015).

A dita falta de qualidade tem a ver com a guerra, que destruiu as escolas, e não tivemos tempo de pensar na qualidade, simplesmente tivemos de admitir as crianças que estavam fora do sistema. Sabemos que, um aluno no centro urbano tem mais acesso ao ensino, ao passo que no interior, o aluno espera pelo docente que em alguns casos vive a 400 km. Pensarmos que o ensino é

uniforme, é um equívoco, precisamos rever os critérios de colocação dos docentes e outras condições (Responsável 3, entrevista 4/11/2015).

É altura do ministério fazer um pouco mais para melhorar a qualidade de ensino, porque se antes a prioridade era massificar o ensino, de forma a incluir mais crianças no sistema, agora há que criar condições de recursos humanos para estarem capacitados, integrados socialmente nos locais onde residem e trabalhem em infra-estruturas escolares adequadas para que aconteça a aprendizagem significativa. Na visão do sindicalismo de professores:

O ensino público deixa muito a desejar e essas questões da qualidade de ensino devemos ver como algo não muito polémico (entrevista representante do sindicato, 04/11/2015).

No entanto, as políticas educativas são boas, mas a implementação é deficiente, torna-se imperioso fazer um investimento a nível de todas as necessidades, que permitam materializar os desafios do ensino para se melhorar a sua qualidade. Segundo Sánchez (2012), para existir a qualidade de ensino, é necessário que o governo se envolva enquanto órgão planificador e coordenador de toda a política educativa, averiguando os projetos educativos, avaliação da atividade educativa e sua gestão, contando para tal com a coordenação de todos os integrantes: diretores, docentes, coordenadores, supervisores, alunos e famílias que diretamente estão implicadas no desenvolvimento de competências básicas dos alunos. Para tal, deve criar equipas de supervisão para monitorar a avaliação das programações didáticas e orientar aos professores acerca do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem significativo bem como avaliar os alunos. Portanto, é necessário o Estado intervir seriamente no setor da educação em função do quadro em que ela se encontra de maneira a inverter a qualidade de ensino almejada e que esteja de conformidade aos indicadores da UNESCO.

5.9. Análise da entrevista com os pais/encarregados de educação

Procuramos descrever a percepção que têm as famílias sobre o processo de ensino-aprendizagem e seu real papel para o desenvolvimento das aprendizagens significativas. Os nomes que apresentamos na entrevista são fictícios para salvaguardar a identidade dos participantes, utilizamos (F = família, n° = participante, D = Diretor, R- Responsável). Depois de respeitado o acordo feito com os participantes acerca da garantia de guardar o anonimato, passamos à fase de recolha de informações tendo se destacado o resultado que em seguida apresentamos a descrever nas diversas dimensões ou categorias que se seguem:

5.9.1. Nível acadêmico das famílias

Visou descrever o grau de escolaridade das famílias e sua influência no acompanhamento e orientação dos filhos. Os intervenientes fazem menção o seguinte:

Infelizmente a maioria das famílias ainda não sabem ler e escrever e têm dificuldades ao acompanharem e orientarem os filhos durante o processo de ensino-aprendizagem, pelo fato de não terem estudado, devido a falta de oportunidade para todos (entrevista diretor 2, 18/11/2015).

Existe poucas famílias que sabem ler e escrever, a maioria teve dificuldade de integração, e em muitos casos tal deve-se a insuficiência da rede escolar e de professores no país aliado os longos anos de guerra que também contribuiu para a existência do analfabetismo (entrevista Família 3, 16/10/2015).

Perante está situação, na ótica de Tirado & Conde (2015), para se inverter o quadro, a solução passa pela formação da comunidade escolar: alunos, professores e famílias. Para tal, é importante realizar ações preventivas sobre a violência escolar e outros tipos, de maneira promover a boa convivência. Nesta base, é crucial que os agentes responsáveis pela educação estejam formados para que se convertam em agentes de mudanças socioeducativo, capazes de detetar, solucionar e prevenir os problemas. Acreditamos que é necessário implementar o ensino para todos os níveis com professores profissionais para ajudar as famílias aumentar o nível de escolaridade ou pelo menos saber ler e escrever. Deste modo, a família também desempenharia um papel positivo e mais participativo no processo de ensino e aprendizagem.

5.9.2. Valorização da escola pelas famílias

Nesta dimensão procuramos compreender a visão que as famílias têm acerca da função social da escola. Assim, os participantes teceram as seguintes opiniões:

Na área rural o pai em vez de mandar o filho ir à escola prefere que vá apascentar o gado (entrevista Família 1, 16/10/2015).

Algumas famílias valorizam mais o gado, considerado como riqueza que garante o bem estar dos homens, do que perder o tempo a estudar, para no final não ser nada na sociedade e levar uma vida cheia de várias dificuldades económicas. Há muita gente que não sabe ler e escrever, mas socialmente está num nível mais alto e melhor em relação aquele que trabalha, surgindo também

o ceticismo pelos estudos ao contrário da área urbana (entrevista Família 3, 16/10/2015).

Ainda nesta dimensão sobre o papel da família, os docentes têm a seguinte visão:

Na área rural o pai em vez de mandar o filho ir à escola, algumas vezes prefere que vá apascentar o gado, por ser o bem mais precioso na maneira de pensar. O gado ajuda a superar qualquer problema financeiro, por isso, deve ser bem cuidado para garantir o bem estar das populações. Aquela velha ideia de que só conseguiríamos fazer algo, se for formado, começa a desaparecer, porque há quem não está formado, mas encontra-se melhor posicionado socialmente em relação aquele que estudou (Catapepo, entrevista professora, 22/06/2015).

Geralmente os pais só aparecem no início do ano letivo para fazer matrícula e no fim para reclamar se o filho reprovou, daí a relação ser fraca (Lucombo, entrevista professora 10/09/2015).

A qualidade da relação entre a escola e a família segundo Gomilla & Pascual (2015), é um dos aspetos que influenciam em grande medida os comportamentos e atitudes dos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem, em função da implicação ou não da família. No entanto, sabemos que a participação da família só é possível quando existe um clima escolar harmonioso a nível das escolas ou centros educativos, de forma a facilitar o seu acesso e cooperação nas atividades e sobretudo quando são escutados e respeitados na tomada de decisões. Ainda acerca desta dimensão, os alunos fazem a apreciação seguinte:

... A família só vai a escola do aluno quando for convocado e mesmo assim muitas vezes recusa ir (entrevista aluno 5, 04/05/2015).

Já os argumentos do diretores das escolas consideram que as famílias não valorizam a escola pelo fato de:

Muitas famílias não aparecem com regularidade na escola, pelo fato dos pais não possuírem a formação, não compreendem bem a importância dos estudos para a vida cotidiana, razão pela qual não valorizam muito a escola (entrevista Diretor 2, 12/10/2015).

A maioria das famílias são monoparentais e a sua relação com a escola está avaliada em 45,19 %, em função da procedência ou origem das famílias, já que umas valorizam o papel da escola, ao passo que outras não. Desta forma, a realidade educativa atual está marcada por dificuldades para fazer-se efetiva a participação das famílias nas escolas, e para existir mudança qualitativa, que segundo Veloso et al (2012), é fundamental que a escola enquanto entendida como uma organização de prestação de serviços (educação, formação), deve afirma-se como um espaço diferentemente construído, o qual ainda que indo ao encontro das diretrizes emanadas do ministério da educação, corresponde as diferentes intensidades de uso dos termos educação, formação e instrução.

Portanto, estes termos e suas respectivas práticas, encontram-se vinculados aos projetos educativos das escolas, de acordo a mudança espacial e temporal. No entanto, para a escola desempenhar o cabal papel é fulcral que a família esteja envolvida e participe do projeto escolar de maneira a contribuir para o sucesso do processo educativo.

5.9.3. Relação entre pai e filhos

Esta dimensão visou compreender como é a relação entre pais e filho, pois em Angola ainda existe de forma oculta a poligamia não reconhecida legalmente, mas é uma realidade existente. No entanto, os participantes teceram as seguintes declarações:

A relação é boa porque não há tantas desavenças, mas as mães não conversam connosco o suficiente acerca de alguns cuidados a ter na adolescência, e a responsabilidade também é do pai, mas que no momento não está, porque tem várias famílias (esposas), acaba sobrando apenas para as mães (entrevista aluna 22, 16/09/2015).

A relação é aceitável embora haja dificuldades, uma vez que devido a falta de emprego e frustração por não consegui-lo, faz com que atualmente haja pais que perderam autoridade perante os seus filhos, porque quem não dá sustento, também não tem e perde autoridade (entrevista Família 3, 16/10/2015).

Apesar de dificuldades existentes no seio familiar, ainda assim elas conseguem superar a necessidade e perspectiva de dar o melhor aos filhos, devido ao importante papel que desempenham os pais enquanto tutores. Por isso, segundo Santos et al. (2016), existe um grande consenso entre investigadores sobre a importância do papel da família na educação dos filhos, uma vez que quando estão implicadas ajudam na melhoria do rendimento académico e

motivacional dos alunos, daí as estratégias de: socialização académica, que é aquela que se associa com o rendimento académico; a implicação baseada na escola, menos associada no rendimento académico e denomina-se «participação familiar» e a implicação que apresenta resultados mistos e com rendimento académico adequado.

5.9.4. A Relação da família e a escola

Relativamente ao papel da família no processo de ensino-aprendizagem é pouco visível, parecendo que a família demitiu-se do seu papel na relação com a escola, tal como podemos confirmar na seguinte declaração de um familiar:

Hoje muitos pais em função da luta para diminuir as dificuldades económicas e sociais, para uma estabilização social, não temos tempo de participar da educação dos filhos. Porque acordamos muito cedo para procurar e realizar um serviço, de maneira a ganhar alguma coisa, que contribuirá para no final do dia levar o alimento para os filhos, espero que a escola faça tudo (entrevista Família 1, 16/10/2015).

Daí que Bolivar (2006), explica que muitos encarregados ou famílias são consideradas «clientes» dos serviços educativos e limitam-se a exigirem serviços e eleger o centro que mais satisfaz as suas preferências em vez de participarem diretamente na educação dos filhos.

Ainda nesta relação, os alunos têm a seguinte opinião:

A relação da escola com a família é fraca, não se nota muita presença dos pais nas escolas (entrevista aluno 2, 04/05/2015).

A família só vai a escola do aluno quando for convocado e mesmo assim muitas vezes não aceita ir alegando falta de tempo (entrevista aluno 19, 16/09/2015).

Assim, para algumas famílias, a escola é considerada um cenário de continuidade para o desenvolvimento do aluno, ao passo que para outras, a escola é apenas um cenário de muitas dificuldades para o filho. Para o bom relacionamento entre todos agentes é necessário tal como refere o trabalho de Rivas & Ugarte (2014), que as famílias só participaram ativamente nas decisões, se as famílias estarem formadas. Para tal, é necessário que haja mais responsabilidade, tempo, recursos necessários e uma liderança escolar participativa na tomada de decisões.

5.9.5. Resumo do capítulo V

Neste capítulo se apresentou descritivamente e analiticamente os resultados da investigação, bem como a copilação da informação considerada relevante para responder aos objetivos da pesquisa. Para tal, foi crucial descrever pormenorizadamente o processo de codificação e caracterização da informação recolhida, em função da utilidade para classificar os resultados de maneira mais sistematizada e organizada. Reforçamos a descrição sobre o perfil dos participantes no âmbito da experiência profissional, contando com uma média de tempo de serviço calculado em 16 anos e o nível de escolaridade dos professores a variar da 12^a até a licenciatura.

Com a finalidade de compreender o desenrolar da prática educativa dos professores, realizamos uma categorização das principais ideias fruto da observação e entrevista. Entre elas destacamos: o contexto escolar e seus materiais, a formação de professores as vezes descontextualizada bem como a formação contínua que ainda não responde as reais necessidades dos docentes para o processo de construção dos saberes pelo próprio aluno, o papel da administração escolar, o excessivo número de alunos por turma, a insuficiente supervisão das atividades e de colaboração, dificuldades dos docentes na planificação de atividade, associada ao uso de metodologias pouco atrativas (tradicionalistas) e as barreiras para a continuação dos estudos mereceram os destaques.

Todos estes indicadores têm uma influência negativa para melhoria da prática educativa, que para inversão das mesmas é notório a vontade dos próprios docentes em quererem aumentar os seus conhecimentos, fruto do reconhecimento das debilidades e fortalezas de cada um visando a superação das insuficiências e fortificação dos aspetos positivos. Portanto, entendemos que a prática pressupõe, um contexto adequado para lograr com o propósito e objetivo da educação.

CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO

CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO

Nesta presente investigação utilizamos o conceito de prática educativa para nos referirmos as atividades realizadas pelos seus intervenientes durante o processo docente. Assim, persistimos nas carências e dificuldades constatadas durante o processo de profissionalização dos docentes para o ensino secundário, o que traz um problema fundamental relativamente a configuração da prática educativa, mormente no que concerne as deficientes estruturas de formação e capacitação de professores. O plano de formação a nível nacional não apresenta políticas bastante atrativas para enquadrar alunos com talento, ética e vocação de ser docente, o que tem dificultado na programação e planificação da formação, devido também a redução do incentivo financeiro para o setor educativo.

Um profissional da educação precisa de um conhecimento especializado, com capacitação permanente de alto nível, com boa organização e supervisionamento do conteúdo e das atividades a realizar, reconhecimento salarial e elevadas normas sobre a ética profissional (Herrera Pastor, 2010). A profunda imersão ajudou a buscar resposta acerca da problemática em estudo nesta investigação. Assim, tratamos de descrever as práticas educativas dos professores do ensino secundário que lecionam a disciplina de Educação Moral e Cívica. Nesta pesquisa, fizemos menção as práticas pedagógicas que são realizadas em três escolas secundárias que funcionam em contextos totalmente opostos em termos de condições laborais, bem com a presença de alguns comportamentos negativos entre os atores integrantes do processo educativo.

Utilizamos uma metodologia de corte qualitativo e caráter interpretativo com enfoque etnográfico, que combina o registo de observação realizada diretamente aos professores durante as aulas e a realização de entrevista. Estes métodos ajudaram a descrever a situação real em que trabalham os docentes e a verificar se existe relações entre outros agentes responsáveis pelo ensino. Em suma, tentamos procurar usar estas técnicas que podem ser mais apropriadas para caracterizar e descrever de forma objetiva, sistemática e qualitativa, os conteúdos implícito nos dados, buscando a forma de compreender o que fazem, e como fazem os professores para orientarem a aprendizagem dos alunos.

Perante o crucial desafio que tínhamos, em função da problemática, levou-nos a realizar um estudo em profundidade com os principais atores do processo educativo das escolas secundárias, apoiando-se na observação participante, análise documental e entrevistas em profundidade, que contribuiu para o desenvolvimento de várias ideias ou categorias acerca da

prática educativa que foram indispensáveis para conhecer as suas características, qualidades ou indicadores que a identificam.

Para a consecução do mesmo, contamos com o auxílio dos programas informáticos para o armazenamento da informação e depois fizemos a codificação, categorização, copilação e estruturação da informação e sua teorização. Partindo das narrações, testemunhos e práticas dos professores e professoras que dia a dia trabalharam, foi notório que os mesmos procuravam dar o seu melhor em situação difíceis devido a falta de condições e de formação inicial e contínua adequada. Neste contexto, o trabalho de campo deste estudo, ajudou no aprofundamento sobre a percepção cada vez mais sobre a prática educativa e os problemas mais comuns encontrados no seu cotidiano laboral.

Depois da apresentação, discussão e interpretação dos resultados obtidos nesta tese doutoral, através do uso dos métodos qualitativos (observações e entrevistas), pensamos que as conclusões deste estudo de caso, parecem ser consistentes com a revisão de literatura realizada em função dos objetivos traçados. Assim, nesta seção nos cingimos nas conclusões tendo em conta a seguinte ordem:

6.1. Práticas educativas dos professores de EMC

Estas práticas são consideradas deficientes na visão dos participantes alegando para tal, a falta de formação inicial dos professores associado a liderança autoritária predominante nas aulas, bem como a falta do trabalho de equipa entre todos colaboradores do processo e o pouco acompanhamento das atividades realizadas pelos professores. Para Saavedra Macías et al. (2013), as boas práticas são descritas como sendo exemplo exitoso de mudanças e modo de fazer que melhoram um estado de coisas existentes e que comportam uma série de critérios que se apegam em princípios que visam o desenvolvimento de competências ou considera-se a boa prática como aquela atividade, conjunto de atividade que cumprem uma série de critérios ou indícios de qualidade e que a certificam como adequada, pertinente, ajustada e indicada para o contexto sociocultural do centro em que se desenrola. É necessário que se aprove a figura de supervisor para fazer o acompanhamento das atividades dos docentes a serem realizadas, porque em certos casos alguns professores orientaram a aula já bêbados e fica difícil ensinarem ou influenciarem com bons valores aos adolescentes.

O estilo de liderança que os professores utilizaram influenciou bastante na maneira como poderão relacionar-se com os alunos e vice-versa (Maureira, Moforte, & González, 2014). No entanto, relativamente a maior participação dos alunos durante a aula deve-se ao

fato de que depois da intervenção, o aluno é avaliado ou atribuído uma classificação ou valor. Existe ainda a predominância de método expositivo durante a aula, associado ao modelo tradicional muito transmissivo em detrimento do construtivismo, o que faz com que haja pouco pensar e participação na busca de conhecimento. A utilização frequente da liderança autoritária, fazendo constantes ameaças aos alunos tem também influenciado as práticas pedagógicas, retirando a vontade de participar na aula bem como evitar humilhação dos professores em relação aos alunos.

É necessário os professores enfrentarem a dinâmica desta era globalizante, utilizando estratégias inovadoras e estilos de liderança mais democráticos que respondem a desenvoltura atual durante a realização de aulas. Estes fatores quando não são levados em consideração afetam o verdadeiro caráter profissional dos docentes e conseqüentemente da prática educativa que vier a realizar tendo em conta a realidade contextual. Acreditamos que o sucesso da prática educativa depende da formação do professor e da área de ensino em que se especializou, para que tal aconteça, é necessário participar de uma formação inicial e contínua que contribuirá para o desenvolvimento da identidade profissional do docente de secundária e não só, pois essa formação é seguida ao longo da história de vida de cada docente no exercício da sua função. As expectativas dos participantes na investigação fazem inferir que a vocação, a formação inicial e contínua contribui para o desenvolvimento das competências do docente e alunos dentro da dimensão profissional, a fim de se redescobrir quem deseja ser ou exercer essa profissão e como poderá atuar face a diversidade e o contexto escolar (Muñoz, 2009; Escudero, 2009a).

6.2. Indicadores positivos da prática educativa

Para caracterizar uma boa prática educativa dos professores, pressupõe mencionar os elementos que contribuem para que haja motivação, estímulo e reconhecimento nas atividades a serem realizadas e metas a alcançar. Assim, procuramos fazer uma abordagem sobre os eventos profissionais que podem influenciar positivamente na realização de atividades académicas, favorecendo o desenvolvimento da profissão e expectativa de realização exitosa da prática educativa dos professores, tal como em seguida passamos a descrever:

6.2.1. A Formação de professores

No passado a formação de professores foi feita em estabelecimento público estatal, e com pouca oferta formativa. Hoje, é feita nas várias áreas do saber e contando com a parceria de instituições públicas e privadas. Alguns professores estão formados pelas escolas secundárias

de formação geral, outros nas escolas de formação profissional de professores, que prepara docentes para o ensino primário, I e II ciclo do ensino secundário. Para se realizar as boas práticas, é imprescindível que os docentes, também estejam qualitativamente formados a nível profissional, isto é, sejam capazes de aliar a teoria, a prática e o estágio pedagógico para se desenvolver as competências do professorado com vista a termos professores qualificados.

Deste modo, é indispensável na formação de professores colocar-se em prática as atuais políticas educativas, que no entender de Martínez-Abad, et al. (2017), concorrem para a consagração de um modelo de formação baseado em competências em detrimento de um modelo baseado nos objetivos. Este modelo cujo objetivo é conceber um maior equilíbrio entre a teoria e a prática foi se consolidando e adaptando com as necessidades educativas no marco da sociedade de informação e conhecimento, o que permite avaliar as capacidades, habilidades, destrezas, atitudes dos estudantes em diferentes etapas educativas, originando o surgimento de novas metodologias e inovação curricular relacionada com a inserção das tecnologias de informação e comunicação no setor educativo.

Porque improvisar professores não contribui para o desenvolvimento da educação e do país, face ao défice de professores é essencial implementar o desafio de aumentar o número de estudante nas instituições de magistérios ou outras vocacionadas para formar professores. Pois, só a província da Huíla está com um défice de mais de 3000 mil professores, fruto disso, muitas crianças ficaram fora do sistema de ensino. As escolas implantadas na cidade oferecem um número de finalista muito inferior, anualmente está calculada aproximadamente em 30% em relação a procura.

6.2.2. A formação contínua para melhoria profissional

Sabemos que a formação contínua de professor é uma atividade complexa e dinâmica, que contribui para uma rigorosa formação específica, em função das necessidades dos docentes dentro do campo da didática, metodologia, psicologia bem como em outras áreas transversais que justificam tal proeza. Ela ajuda no desenvolvimento de atitude profissional que implica compromisso com os valores deontológicos, para exercer a docência com mais satisfação laboral na interação com os alunos antes, durante e depois da aula. Essa atitude coadjuvará na reflexão, interpretação e transformação qualitativa da prática educativa realizada em vários contextos educacionais. Reconhece-se que é um requisito indispensável para os professores realizarem boas práticas educativas, que contribuam para existência de aprendizagem mais significativa. Através dela o docente fica atualizado sobre os novos modos de operar e

colocar em práticas as competências na facilitação dos saberes (Luzón et al., 2009; Saavedra Macías et al., 2013).

Pensamos que, é necessário se fazer mais diagnóstico e auscultação dos docentes acerca das dificuldades que apresentam no processo de ensino aprendizagem, uma vez que esta classe defende que a formação que tem beneficiado ajuda pouco, pelo fato de não se basear nas reais dificuldades ou necessidades que sentem e, por serem também muito repetitivas e servirem mais como forma de controlar a presença dos docentes nas escolas com estes seminários descontextualizados. É essencial continuar-se a realizar formações contínuas diversificadas, pois ela é fundamental para melhorar o processo educativo, daí que Pamela (2017), refere que atualmente existe uma preocupação no que concerne ao desenvolvimento de políticas de formação de quadros com um pendor de impacto político, institucional e curricular que tem a ver com a formação de professores com a finalidade de melhorar a qualidade de ensino ou dos programas educativos das escolas em todos os seus níveis, devido a importância que tem no bem estar dos membros da sociedade. Por isso, é importante melhorar com maior brevidade a preparação dos professores de maneira que sejam bons, capazes de aperfeiçoar o processo escolar e as experiências de aprendizagens para todos os alunos, independentemente do seu nível socioeconómico, pois, está é a única forma de ajudar os cidadãos a participarem na edificação de sociedade mais democráticas e equitativas.

Em suma, é necessário elaborar e aplicar políticas, que incentivem mais a formação contínua de professores e de diretores para mudar o seu modo de gestão e deixem de impedir os docentes que pretendem se formar. Se existir mais incentivo para que haja mais professores em fase de formação contínua, é evidente que o setor ganhará técnicos bem formados, competentes (no domínio do saber, fazer, ser e estar e conviver juntos) e capazes de contribuir com novos saberes no processo educativo com vista a melhoria da qualidade do desenvolvimento de competência dos alunos.

6.2.3. A planificação de aulas

Este é um indicador bastante importante para realização com sucesso de qualquer atividade, porque visa fazer a previsão do que se pretende realizar e ajuda no momento de verificar em jeito de balanço se atingimos os objetivos preconizados. É importante realizar-se mais formação contínua de maneira a capacitar os docentes também nessa área, pois muitos não planificam as atividades, vão a sala de aulas fazendo improvisado. Os participantes defenderam-

se que nunca lhes foi ensinado a planificar a curto, médio e longo prazo, razão pela qual não conseguem realizar tão bem a referida planificação.

Neste contexto, segundo Brito-Lara et al. (2019) salientam que planificar é uma tarefa pertencente ao trabalho do professor onde faz a previsão sobre o que deseja realizar. É na planificação didática onde se articulam as atividades de aprendizagem e avaliação que ajudam alcançar determinadas metas educativas sendo indispensável a mediação docente. Avaliar também equivale valorizar o processo de desenvolvimento de competências com base em evidências de cada estudante e se dê conta como está decorrendo o processo de formação profissional, de forma a se introduzir outros apoios necessários que ajudam a desenvolver os pilares da educação: aprender a ser, aprender a saber, aprender a fazer e aprender a viver juntos. Deste modo, é essencial evitar-se esforço para se eliminar essa dificuldade, porque pode condicionar o sucesso das aprendizagens significativas. Só planificando é que saberemos como estamos trabalhando em função das competências e objetivos formulados nos programas escolares de cada disciplina.

6.2.4. O reconhecimento laboral dos professores

Existe pouco reconhecimento do trabalho que é realizado pelos intervenientes no processo, o que tem a sua influência no rendimento profissional dos docentes. Daí ser indispensável e valorizar a situação financeira para o docente conseguir manter a sua subsistência, pois devido a inflação o docente sente na hora de frequentar os supermercados, isto é, o seu salário perdeu o poder de compra.

Há necessidade do governo evitar esforço para dar um lugar condigno e merecido aos professores, criando mais condições laborais e o reconhecimento do valor financeiro, de forma a diminuir esta desproporcionalidade salarial existente entre os docentes que possuem mesmas experiências, título e tempo de serviço. Procedendo desta forma, acreditamos que os docentes poderão se implicar com mais comprometimento no projeto educativo, melhorando igualmente a pontualidade e assiduidade dos trabalhadores. Os incentivos salariais são importantes, mas para ser um bom professor para Valenzuela et al. (2018), não basta estar motivado, também se requer contar com as oportunidades de formação e ao mesmo tempo, ter capacidade para chegar a ser um bom professor com capacidades pessoais e académicas e saber aproveitá-las. Assim, os três elementos: motivação, oportunidades e capacidades são fundamentais. Caracterizar motivacionalmente os estudantes permitiria por uma parte, concentrar esforços em estimular aos estudantes nas variáveis específicas que sejam

pertinentes segundo o seu perfil e por outra, cuidar para que os mais motivados não percam o necessário para aproveitar as oportunidades de formação que proporcionam as instituições formadoras.

6.2.5. Perfil dos docentes das escolas secundárias do I ciclo

Devido a situação de guerra que se viveu não permitiu formar-se quadros competentes e suficientes para fazer cobertura a rede nacional de ensino. Assim, temos professores no sistema com habilitações inferiores ao ensino médio variando até a licenciatura, alguns com agregação pedagógica e outros sem a mesma e que continuam a dar o seu contributo na instrução e educação da nova geração. Na visão dos responsáveis do Ministério da Educação justificam a falta de qualidade de alguns docentes justificando que: *tivemos de admitir todos que apareceram, embora não possuem competência académica, mas foi necessário para não se fechar as escolas e massificar mais o ensino para todos.*

O perfil de entrada dos professores é essencial para poder realizar condignamente o seu trabalho e nesta base González & López (2017), apregoam que a formação que o docente possui tendo em conta as atitudes e disposições, se derivam da participação em atividades formativas, pode admitir-se a existência de certo impacto da formação continuada se os docentes estimam que teve um efeito nos seguintes aspetos: planificação do ensino (metas e atividades adequadas), utilização de novas metodologias (trabalho de conteúdo desenvolvendo habilidades, diálogo e contextualização), clima de aula, relações, motivação e implicação do aluno (aspetos emocionais e sociais), melhoria da aprendizagem do aluno (foco na experiência escolar e resultados), atenção a diversidade de alunos e respostas segundo as necessidades. Portanto, é crucial conhecer e pôr em prática as novas metodologias ou materiais didáticos. No atual contexto é necessário que se faça concurso e sejam admitidos aqueles docentes que estão preparados para o efeito de maneira que contribuam para o desenvolvimento de competências dos alunos.

6.2.6. Interação do professor e aluno na aula

Esta relação é aceitável, mas pode se fazer mais e não restringir-se apenas dentro da sala de aulas, pois, alguns alunos participam timidamente na construção e domínio do conteúdo. O professor não conhece a realidade que vive o aluno, devido a pouca interação com ele, alegando que tal deve-se a falta de tempo de conhecer um pouco mais os alunos. Por isso, saíem cedo alegando baixos salários o que faz com que trabalhe como colaborador em outras instituições. Assim, os docentes sentem receio de interagirem com os alunos fora da sala de

aula, declarando que é a forma de evitar ser censurado por outras pessoas e surgir uma má interpretação. Portanto, para existir aprendizagem é necessário que se crie um bom clima de convivência e solidariedade entre os atores do processo (Rodríguez & Fernández, 2015).

Devido a falta de bom acompanhamento e orientação dos adolescentes, alguns apresentam comportamentos negativos. Os docentes têm sentido dificuldades em ajudar os alunos, por demonstrarem pouco controlo da dimensão emocional. Porém, essa relação é de capital importância, e mesmo Estrada et al. (2015), defendem que a relação entre os intervenientes no processo de ensino e aprendizagem desde uma ótica interativa e interdependente é essencial, sendo considerada uma questão chave para poder tomar decisões docentes que se repercutem eficazmente na aprendizagem dos alunos. Pois quando a mesma não flui bem resulta com demasiada frequência insucesso devido a falta de esforço, interesse, pela aprendizagem ou a falta de progresso entre outras, são situações cotidianas nas escolas que seguramente estão relacionadas, entre outras variáveis com o contexto de aprendizagem. Por isso, o interesse, o esforço e o progresso na aprendizagem dos estudantes de maneira conjunta com o processo docente destinado a despertar seu interesse pela matéria a ensinar, a ajudar a aprender e promover uma cultura de esforço na aula, é uma questão chave no momento atual.

6.2.7. Ética no trabalho

É uma componente associada a boa realização das atividades, fornecendo conhecimentos sobre os direitos e deveres dos trabalhadores. E a disciplina de EMC é importante por trabalhar com aspetos socioafetivos, fornecendo regras de como devemos nos comportar na sociedade. É uma componente também em falta em alguns docentes, pelo fato de não se terem beneficiado do saber ligado a esta área, daí estar evidente a falta de pontualidade, assiduidade e responsabilidade de comprometimento com os afazeres diários no local de trabalho. No entanto, na visão dos diretores de escolas, estes professores não ganharam maturidade e responsabilidade pelo trabalho. Porque segundo os responsáveis, em vez dos docentes trabalharem, vão fazer outros expedientes que não tem nada a ver com o seu trabalho de professor e verifica-se uma cultura de corrupção.

Por isso, pensar a educação na atualidade, segundo Guichot (2013) é refletir sobre a formação que devem receber os docentes como agentes educativos de primeira ordem, supõe contar com o que se denomina clareza política, isto é, uma visão consciente e continuamente revisada acerca do modelo de sociedade que consideramos mais idóneo para o

desenvolvimento de ser humano, porque devemos nos orientar nos projetos educativos, que inclua uma formação que visa o desenvolvimento de uma forma de vida baseada em valores tais como: a liberdade, tolerância, autonomia crítica, igualdade, solidariedade, responsabilidade e justiça social. Portanto, é relevante que se trabalhe com os professores a vertente ética para se desenvolver o valor pelo trabalho e criar condições motivacionais para contribuírem para o desenvolvimento da educação e conseqüentemente o país sair a ganhar com quadros bem formados, motivados e implicado com o trabalho.

6.2.8. A avaliação no sistema de ensino

Ela desempenha uma função importante à medida que serve de indicador para a recolha de informações acerca da maneira como está sendo levado a cabo o processo de ensino-aprendizagem, e ajudar na tomada de decisão, com o fim de melhorar cada vez mais o próprio processo. O que contribui desta forma para que o professor e o aluno façam introspecção e reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, com vista a elaborar um juízo de valor. Na visão de Junior et al. (2015), a avaliação constitui um importante instrumento para acompanhar os alunos, as escolas e a tomada de decisões ou seja, os processos de avaliação são instrumentos usados para conhecer a eficiência e a equidade de qualquer sistema educativo. É um indicador essencial no processo de ensino-aprendizagem, e em qualquer sistema de ensino, o seu impacto é conhecido mediante a avaliação, pois fornece os resultados sobre a qualidade de educação que está sendo proporcionada em cada país.

É necessário diversificar mais as questões das provas e exigirem mais reflexão, porque é com esta complexidade que exigirá do aluno a refletir e mobilizar vários saberes para dar solução ao problema e tornar-se criativo e competente e não continuar a dedicar-se a copiar e colar conteúdos. Por isso, no entender de Linares & Roda (2018), existe um tipo de avaliação com sentido prospetivo, isto é, encaminhada a informar e tomar decisões a respeito dos processos de ensino e aprendizagem que vai suceder-se, e não unicamente valorizar os pretéritos. É uma avaliação congruente e com uma formação de prática reflexiva, pois favorece que o aluno tome consciência de sua evolução e desenvolver as capacidades de autoregular a sua aprendizagem e controlar o processo, avaliá-lo para detetar possíveis falhas e conseqüentemente transferir tudo isso para uma nova situação de aprendizagem não basta o índice elevado de aprovação, é necessário que ela corresponda com a capacidade de saber, fazer, saber ser e estar. Ou seja, ser competente de acordo com os conteúdos que o programa tem a

oferecer, uma vez que os professores defendem que o perfil de saída do aluno não tem estado em consonância com os objetivos modelados no programa.

6.2.9. A qualidade de ensino

Existe pouca qualidade no ensino, embora não seja suficiente devido a falta de boas infra-estruturas escolares e outros materiais ou equipamentos escolares, bem como a insuficiência qualificação dos docentes, de maneira que sejam mais ativos. É necessário também que o alto nível de aprovação corresponda com as competências para se desenvolver o ensino e se evite algum facilitismo que se verifica e que mancha o ensino. Nesse ponto, é preciso evitar aquilo que Souza (2014) faz lembrar o contexto histórico no qual está assentada a questão de falta de qualificação de docentes na educação. Conforme se destaca dava suporte ao ingresso de professores leigos na rede pública de educação básica, em virtude da insuficiência de professores devidamente habilitados para o exercício da docência em algumas regiões, além do predomínio de práticas clientelistas características do campo da educação no interior resultante da contratação de professores leigos.

No entanto, ainda existe atualmente um contingente considerável de professores da educação básica sem a qualificação necessária, e segundo Sarceda-Gorgoso et al. (2017) pode estar na base da desvalorização da profissão em virtude dos baixos salários e do baixo reconhecimento social, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, a atual estrutura do capitalismo valoriza a atuação desses docentes para a preparação de quadros de trabalhadores necessários a sua manutenção, em contexto de globalização e da competição existente. Há que se mudar o quadro, porque a maioria dos docentes não sabem fazer o uso do computador, fazer investigação e os docentes chegam a trabalharem muitos anos até irem a reforma sem nunca chegarem a escreverem algo sobre o trabalho que fazem

Para que haja qualidade no ensino, é fundamental, o professor possuir uma formação qualificada em vários domínios de saber, tendo em conta as escolas com boas condições de trabalho para que os alunos e professores possam realizar a atividade educativa condignamente. Neste sentido, a polivalência não significa que um único profissional seja capaz de fazer tudo sozinho nem desenvolver todas as estratégias (animação sociocultural, educação especializada, animação sociolaboral), nem todos os níveis de intervenção (ação, planificação, coordenação, investigação e desenho de políticas). Assim, para chegar a ser um bom professor precisa de fazer um trabalho em equipa, colaborativo com outros para que desta ação realmente resulte ou chegue a ser um bom professor (Herrera Pastor, 2010).

Por outro lado, as escolas não estão apetrechadas com tecnologias que servem de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, mas existem também poucos docentes que possuem conhecimentos de informática e igualmente não fazem a exploração das TIC durante as aulas. A cifra atribuída à educação está avaliada anualmente em uma média de 7% do Orçamento Geral do Estado Angolano, sendo insuficiente para debelar os problemas do setor. É ponto assente que investe-se pouco no setor da educação e os docentes podem introduzir inovações na dinâmica de funcionamento e desempenho nas atividades escolares, se existir maior investimento e velar pelo cumprimento dos programas. Por isso, é muito importante que o governo implemente mais políticas educativas e financie os bons projetos educativos, evitando os docentes a caminharem mais de 30 km a pé. Só deste modo é que teremos boas práticas educativas, se existir também bons professores que de acordo com um contexto que possui condições apropriadas, poderão realizar aprendizagem mais significativa.

6.2.10. Colaboração entre docentes na prática educativa

Um outro guia crucial para que o processo de ensino-aprendizagem decorra da melhor maneira possível e realizar aprendizagem mais significativa, é apoiarmo-nos na colaboração porque, contribui positivamente para que se realize boas práticas educativas. Infelizmente é notório, que existe pouca colaboração entre os docentes, tal como ficou demonstrado nas aulas ministradas em turmas diferentes o mesmo tema e a mesma classe, mas com conteúdos diferentes. Por isso, na visão de Barbero Consuegra et al. (2018) o professor pode ver-se na necessidade de colaboração quando cada um dos objetivos é dirigido individualmente. Se lamenta o pouco espírito colaborativo entre a classe docente. No entanto, as capacidades de cada docente aumentam se trabalhar em um contexto colaborativo, quanto mais difícil é a situação de um centro educativo, então se requer prestar mais atenção ao conhecimento e competências profissionais dos professores.

É necessário que haja maior entrosamento colaborativo entre todos os professores, de maneira a serem mais humildes, isto é, reconhecerem que não são detentores de todos os saberes e podem assumir e superar as debilidades (Navarro, López & Hernández, 2017). Porquanto, devemos continuar a estar lúcido e demonstrar humildade, pois, não sabemos tudo acerca da ciência, e precisamos começar a desapegar a aprender algo com o colega. Ainda assim, existe falta de colaboração na educação, porque quando um aluno se comporta mal, os docentes não atuam em conjunto para corrigir e superar o comportamento negativo verificado

na instituição escolar, simplesmente dedicam-se a acusarem os professores que lecionam a EMC como sendo os únicos culpados.

6.2.11. A Relação entre a direção escolar e a direção provincial da educação

Verifica-se ainda a existência de pouca colaboração entre as direções de escolas com a direção provincial, porque a prova de escola (final) traz sempre perguntas cujos conteúdos não foram abordados no presente ano letivo. O que faz entender que não são levadas em consideração as propostas temáticas trabalhadas pelos professores das diferentes escolas. As instituições devem colaborar, pois segundo Rodriguez et al. (2017), as escolas onde se desenvolvem as práticas pedagógicas devem colaborar na medida do possível na organização de disciplinas, planificação da intervenção, os conteúdos formativos a desenvolver e os sistemas de avaliação e supervisão, que especialmente se pretende ao estabelecer um equilíbrio entre as instituições onde se sentem partícipes e comprometido com o processo avaliativo. Acreditamos que o sucesso de qualquer atividade passa pelo trabalho de equipa, daí a necessidade de estreitar mais as relações de maneira que haja colaboração e se alcance os objetivos preconizados.

6.2.12. Relação entre pai e filhos

Esta relação é boa quando o pai se assumir como tal, conquistando o respeito em relação aos filhos e vice-versa, quando se comporta como pretendido. Alguns pais, fruto da desestruturação familiar e por não velarem pela boa educação dos filhos e nem garantir as necessidades básicas, contribuiu para que os pais perdessem o respeito pelos filhos. Em outros casos, os filhos reclamam que os pais não entendem os filhos e nunca têm tempo para ficarem com eles, e tentarem ouvir e ajudar na busca de solução dos problemas que lhes afligem. Por sua vez, os pais alegam não terem tempo para acompanhar as atividades dos alunos, mas Padilla-Carmona (2013), defende e acredita que é possível conciliar as exigências do trabalho com a família, bem como a necessidade básica para participar de atividades de lazer, deve ser um objetivo importante dos programas de orientação de carreira. É necessário que os pais se entreguem e se dediquem mais na relação com todos os filhos resultantes das várias esposas que alguns possuem, contribuindo para a estruturação das famílias.

6.3. Indicadores críticos da prática educativa

Esta dimensão tem a ver com aqueles fatores ou elementos que quando não resolvidos atempadamente, provocam dificuldades para o cumprimento ou obter sucessos na atividade por realizar. Assim, em seguida apresentaremos o conjunto de elementos críticos e que são

problemáticos para o bom desenrolar da atividade pedagógica e que afetam de que maneira a prática educativa dos professores de educação moral em escola secundária. Portanto, embora os professores, identifiquem diferenças nos aspetos intraescolares, em função das dificuldades constatadas em certas dimensões como: reforma educativa, a fraca participação da família no processo educativo, a metodologia mais predominante na aula sem recurso ao uso das tic, diferenças de relacionamento e colaboração com a direção escolar, pais e alunos, contexto escolar, falta de colaboração na abordagem dos conteúdos e nas formas de avaliação, uso diferenciado dos recursos escolares, bem como procurar não vincular as diferenças existente em cada instituição com as relações intraescolares verificadas em cada escola.

6.3.1. Reforma educativa

Ela é uma revolução importante porque visa inovar e adequar o ensino de acordo ao desenvolvimento económico e científico. No contexto angolano, a reforma educativa foi implementada sem a existência de condições básicas eficiente para tal, resultando atualmente muitas debilidades que vão desde a falta de sistematização dos programas, conteúdos, falta de livros suficientes, preparação ou formação de professores, a falta de mais salas para substituírem as aulas orientada ao ar livre, debaixo de árvore ou na tenda. Nesta ordem de ideia, sempre que for necessário, as reformas devem continuar para se melhorar o processo educativo e responder aos novos desafios do mundo globalizante (Michels, 2006).

Para diminuir o elevado número de crianças fora do sistema de ensino, então passou-se a constituir as turmas «pletóricas» assim denominadas devido o excessivo número de alunos que albergam, chegando a suportar mais de 60 alunos por turma. Porém, é necessário rever o excessivo número de alunos, pois os professores que só lecionam a disciplina de EMC chegam a trabalhar com 12 turmas cada, perfazendo também 12 tempos semanais, trabalhando com um total de alunos que varia entre 400 a 720 alunos por cada professor. Número bastante elevado para se melhorar a qualidade da aprendizagem.

6.3.2. Escassa participação das famílias na escola

É muito comum ouvirmos pessoas a defenderem que a família é a base da educação e é a primeira escola do aluno, base fundamental para o desenvolvimento de valores para uma convivência e integração na sociedade. Mas atualmente a realidade é oposta, onde esses valores já não são tão evidentes no viver das pessoas como era no passado, abrindo espaço para o surgimento do desvalor ou ausências de valores, devido a escassa colaboração das

famílias, que na sua maioria estão demitindo-se deixando ou remetendo essa tarefa também para a escola.

Assim, na área rural as famílias não têm uma relação fluente com a escola, já que possuem o ceticismo em relação a mesma, em função do momento difícil que viveram as pessoas que tinham um nível elevado de escolaridade, auferindo um salário baixo que não chegava para suprir as necessidades. Estas expectativas e angústias fazem com que o pai em vez mandar o filho para ir à escola, prefere que vá apascentar o gado. Este constitui o único bem precioso que ajuda a viver e melhorar o seu nível social. Fruto disso, valorizam mais o gado bovino, caprino como a riqueza mais importante em detrimento do ensino. Na área urbana, as famílias que na sua maioria são monoparentais aparecem poucas vezes à escola, em algumas vezes tal fato acontece quando elas são chamadas. Porém, muitas vezes as famílias se fazem representar por alguém, alegando falta de tempo e por considerar que a escola é que tem de velar pela educação dos filhos.

A relação da escola com a família, na sua maioria está influenciada pela origem e visão que têm as famílias, e espera-se e apela-se a deixarem de desempenhar o papel de clientes e passem a ser sócio da educação de maneira que se comprometam mais com a escola e acompanhem, apoiem e ajudem as atividades académicas dos filhos, para que haja bom progresso educativo. Assim, entendemos a relação família-escola como o vínculo que interliga estas duas instituições e que podem desencadear interações positivas ou negativas. Com o termo participação, nos referimos a implicação dos progenitores no centro escolar que se sustenta numa atitude de colaboração que se fomenta no centro educativo quando há o clima que favorece em seus integrantes a percepção de sentir-se escutados, respeitados e valorizados. Os estudos que abordam a relação e participação das famílias no contexto escolar referem que não se tratam de uma relação fácil, mas complexa e indispensável (Gomilla & Pascual, 2015; Colás & Rosado, 2013). A dificuldade desta relação é entendida como um desafio no qual o desencontro e a distância debilitam uma relação que deve fragar-se com vocação de serviço as crianças. Para superar as dificuldades e obstáculos que minam esta relação, considera-se crucial a planificação de níveis ou marcos de participação nas escolas e sejam capazes de canalizar a boa predisposição das famílias para fazer participes do que acontece no contexto escolar, pois demandam das oportunidades de colaboração (Castro-Zubizarreta & García-Ruiz, 2016).

Nesta perspectiva, é necessário desafiar e envolver mais a família no supervisionamento, para não continuar a aparecer na escola apenas no momento da matrícula ou reclamar sobre a reprovação do aluno. Mas para que tal aconteça, é necessário que a escola proporcione um bom clima escolar e harmonioso com há respeito mútuo entre todos integrantes do processo de ensino e aprendizagem de maneira que melhore a prática educativa e conseqüentemente se alcance aprendizagem significativa.

6.3.3. As debilidades da formação inicial

Com a independência, surgiu a massificação do ensino, a maioria dos professores não era formado, e viram-se privados de uma das melhores forma de aprender metodologia, técnicas e habilidades para resolver conflitos e só foi possível adquirir ao longo do tempo com a experiência. Para colmater essa situação, no passado ministrava-se o curso básico de formação de professores de curta duração, que devido a sua ineficácia foi abolida. Atualmente a formação inicial realizada em escolas de formação de professores, é ainda feita em especialidades que nem sempre correspondem as disciplinas ministradas no plano curricular do ensino secundário, como é o caso das disciplinas de Educação Moral e Cívica, Educação Laboral e outras.

A este respeito, a revisão da literatura indica que as oportunidades de aprender durante as práticas dependem do desenho da formação docente que se realiza nas instituições escolares de formação de formação de professores. É nestes centros e durante as aulas que se desenvolve a prática, já que estes podem potenciar a transferência dos conhecimentos aprendidos em função de suas características concretas. A questão chave é conhecer que tipo de práticas escolares são as que deveriam levar-se acabo e que condições podem servir para contribuir para a adequada formação de professores. Sendo a prática uma parte importante do período de formação de docente, é evidente que deve planificar-se de maneira que aporte oportunidades de aprendizagem valiosa para os estudantes e que sirvam para pôr em prática o manifesto de aquisição, construção de competências que habilitam o futuro docente para o bom desempenho de sua profissão (Gálvez & Martín, 2016)

Deste modo há necessidade de se implementar a formação inicial para essas disciplinas, tal como está previsto no plano curricular nacional de formação de professores. No entanto, é crucial criar-se boas condições de formação, contando com professores formadores mais competentes, bons materiais escolares e infraestruras apetrechadas, quer nos magistérios como nas escolas de aplicação. Desta forma, teremos professores formados na

dimensão teórica e prática capazes de introduzirem mais inovação no desenvolvimento do perfil dos alunos das escolas secundárias.

6.3.4. A planificação de atividades educativas

É um elemento a ter em conta e contribui bastante na qualidade de ensino, quando bem explorada para o sucesso e concretização de atividades escolares e não só. Pois, ela serve de base de orientação tendo em atenção ao que se pretende. Foi visível durante a investigação que alguns professores orientavam aulas sem mesmo antes planifica-las, o que criava momento de constrangimento por parte dos professores e professoras pelo fato de não terem domínio do conteúdo dos temas, dificultando fazer uma abordagem mais profunda. Nas escolas do interior cada professor é coordenador de si mesmo, razão pela qual não realiza reunião de planificação, ao passo que as escolas da zona urbana realizam reuniões de planificação, que servem apenas para ditarem os conteúdos, não existindo momentos de troca de experiência em função das dificuldades dos docentes.

Nesta perspetiva, Quaresma (2017), menciona que as práticas pedagógicas dependem da capacidade de planificação das aulas pelos docentes, de maneira que as classes se mantenham adequadamente um clima de tranquilidade e de respeito mútuo que exige o método adaptado ao contextos e objetivos, diversificando suas atividades, e gerir corretamente o tempo de aprendizagem, diagnosticar regularmente os progressos dos alunos, incentivar a cooperação com seus colegas e mostrar flexibilidade e abertura a suas ideias para estimular iniciativas e estabelecer facilmente a comunicação. É indispensável a planificação de atividades para não se improvisar, e aproveitar ao máximo as reuniões a fim de se colmatar as dificuldades resultantes da sala durante a orientação de aulas.

6.3.5. A globalização e sua influência no comportamento dos adolescentes

Este fenómeno contribui para que os habitantes dos vários países do mundo pudessem estar mais próximas umas das outras, recorrendo ao uso das tic. Infelizmente por falta de orientação os alunos fazem mal exploração e interpretação das tecnologias e fruto disso, existem alunos que apresentam modos de falar com expressões insultuosas, vestir-se indecente, o que choca em relação aos valores da sociedade angolana. Nesta perspetiva, mesmo os meios principais da comunicação (televisão e rádio), em certos programas como *big brother* promovem comportamentos negativos, e devido essa decadência, as referências positivas para os adolescentes se inspirarem atualmente são poucas. No entanto, a maioria das famílias não são

usuárias de internet, por isso sentem dificuldades em ajudar e orientar o filho no uso correto e positivo das tecnologias.

Sabemos que existe um interesse e uma necessária adaptação do ensino à sociedade de acesso a informação. Para Albertos & De la Herrán, (2018), atualmente grande parte da população possui telefone que pode acessar em pouco tempo e pesquisar sobre o saber acumulado pela humanidade. Por isso, o desafio para os professores não é só ensinar conteúdos enciclopédicos nem como aceder a eles, sem filtrar a levada quantidade de informação disponível para ser aplicado num determinado contexto, mas ajudar os alunos a usar corretamente em benefício da própria sociedade. Pois atualmente, existem algumas razões para explicar a crescente importância do pensamento crítico nos últimos tempos: mudança acelerada, maior complexidade, interdependência crescente, incremento de perigo e de sofrer outras manipulações. Deste modo, os professores são desafiados a viverem e trabalharem para darem um exemplo de referência positiva. As TIC ajudam a eliminar barreiras e o acesso aos diversos conteúdos. Por isso, os professores devem desenvolver a competência intercultural para poderem se imporem como educador e formador neste mundo multicultural e globalizante, se conseguirem dominar também as referidas tecnologias.

6.3.6. Critérios de admissão de professores

Dos vários concursos já realizados no setor até ao presente momento, o único critério que se utilizou para ser selecionado como professor é, ser maior de 18 anos, ter o nível de escolaridade mínimo exigido a 9ª classe em diante. Não importa em que escola se formou, e se fez uma formação compatível para a docência, pois o importante é a habilitação literária. Não existe boa transparência na maneira como se tem gerido o processo, porque na sua maioria se tem admitido candidatos que não têm a formação de professores, ficando excluídos em muitos casos os candidatos com agregação pedagógica.

O apelo vai a quem de direito para velar pelo profissionalismo, de maneira admitir os candidatos que possuem formação profissional de professor ou caso de ser inferior o número de candidatos pode-se completar admitindo outros para essa profissão, mas é crucial que se dê formação prolongada e não três ou cinco dias, como se tem feito. Porque não se forma um bom professor em 5 dias, é necessário encarar o ensino com mais responsabilidades para se melhorar as atividades que os docentes realizam com os alunos e consequentemente alcançar bons resultados no processo educativo, de maneira existir mais qualidade na prática educativa e melhorar a imagem degradada da educação pública e todos os males que vão desde as

estratégias metodológicas, corrupção e alunos desmotivados. Estes elementos quando não ponderados, podem comprometer o caráter da prática educativa e da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

6.4. Limitações e propostas de estudo

No que diz respeito aos resultados da investigação temos a salientar que os mesmos são satisfatórios, pois que respondem aos objetivos pretendidos. Assim, uma vez finalizado o estudo de opiniões dos participantes da investigação foram emitidas algumas conclusões. Neste contexto, os participantes manifestaram que se sentem identificados e reconhecem de maneira clara e certa sobre seus métodos, formas e maneiras de atuação em relação as práticas educativas dos professores e alunos das escolas secundárias.

Não se trata de um trabalho de investigação absoluto, é importante continuar a fazer esforço para se compreender cada vez mais as realidades das práticas educativas, a escola e a reforma em andamento antes de se querer fazer quaisquer mudanças. Por essa razão, as propostas que apresentamos se baseiam na ideia de mudança e inovação nas atuais escolas. Para tal, sugerimos que se faça mais investigações no âmbito educacional de forma que se possa gerar mais conhecimentos sobre as práticas educativas dos professores tendo em conta o seu contexto em Angola e prevenir a existência de comportamentos negativos na escola.

Pensamos que se os professores colaborarem na realização de atividades escolares, mutuamente ajudarão na troca de experiência valiosa para se melhorar a qualidade de ensino, já que ninguém é perfeito. Mas o docente é um ser único e irrepetível com grande capacidade para fazer o que lhe propõem desde que lhe deíam a formação específica. Assim, este trabalho que estamos apresentar, ao nosso ver apresenta algumas implicações concernentes as várias dimensões tais como:

A formação inicial precisa de ser modernizada e reorientada em função do desenvolvimento que se verifica no mundo globalizante. Daí a necessidade de se continuar a fazer reformas para se melhorar a qualidade das práticas pedagógicas dos professores do ensino secundário;

- Investigar mais acerca das atividades realizadas durante a aula no ensino primário e no I ciclo do ensino secundário;

- Fazer estudo comparativo mais aprofundado nos vários contextos escolares acerca das funcionalidades das escolas da zona urbana e as escolas da zona rural;

- Investigar sobre a liderança escolar, organização e sua implementação ou implicações no âmbito da reforma educativa e sua influência no processo de ensino-aprendizagem.

Em suma, não se trata de uma investigação absoluta e com resultados generalizados, devido a metodologia e amostra selecionada. Por isso, as pesquisas futuras são necessárias no âmbito educacional de forma a produzir mais conhecimentos no contexto angolano para compreender e melhorar o sistema de educação, gestão, formação e a prática educativa dos professores em função dos desafios atuais do mundo globalizante e perspetivar continuamente o intercâmbio internacional.

Referências bibliográficas

Referências bibliográficas

- Abdiam, g. Andrade, E. & Parro, A. (2017). Sentidos de política e/de gestão nas pesquisas sobre escola. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 43, n. 3, pp. 727-742.
- ADRA. (2016). *Educação no Orçamento Geral do Estado*. Luanda. Angola. Disponível em http://www.adra-angola.org/wp-content/uploads/2016/07/Analise-ADRA_OGE-2016_Educacao.pdf Acesso em: dez. 2016.
- Afonso, M. & Agostino, S. *Metodologia de avaliação no contexto escolar*. Luanda: INIDE, 2005.
- Alberto, J. (2010). Paradigmas e cognições no campo da administração educacional: das políticas de avaliação à avaliação como política. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, pp. 456-592.
- Albertos, D. & De la Herrán, A. (2018). Desarrollo del pensamiento crítico en estudiantes de Educación Secundaria: diseño, aplicación y evaluación de un programa educativo. Profesorado. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 4, pp. 269-285.
- Alderete, M.; Meglio, G. & Formichella, M. (2017). Acceso a las TIC y rendimiento educativo: ¿una relación potenciada por su uso? Un análisis para España. *Revista de Educación*, n. 377, pp. 54-81.
- Altuna Urdín, J.; Amenabar Perurena, N. & Morentin de Goñi, J. (2017). Teaching and learning theories and internet resources: its confluence in primary schools. *Revista Estudios sobre educación*, v. 33, pp. 145-167.
- Álvarez, C. & Puigdellívol, A. (2014). Cuando la comunidad entra en la escuela: un estudio de casos sobre los grupos interactivos, valorados por sus protagonistas. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 18, n. 3, pp. 239-253.
- Álvarez, C. (2012). La relación teoría-práctica en los procesos de enseñanza-aprendizaje. *Educativo Silo XXI*, v. 30, n. 2, pp. 383-402.
- Alves, W. (2016). Avaliar e gerir: força e miséria de um ideário presente nas políticas educacionais contemporâneas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 64, pp. 189-207.

- Amorim, A. (2017). Gestor escolar inovador: educação da contemporaneidade. *Revista Lusófona de Educação*, n. 35, pp. 67-82.
- Angrosino, M. (2012). *Etnografía y observación participante en Investigación Cualitativa*. Madrid. Editorial: Morata.
- Ayala, C., Molina, V. & Prieto, R. (2012). Singular Agreements between the Administration and Schools for Educational Success. *Revista de Educación*, n. Extraordinario, pp. 195-219.
- Banks, M. (2010). *Los datos visuales en Investigación Cualitativa*. Madrid. Editorial: Morata.
- Barbero Consuegra, G.; Pérez Ferra, M. & Pérez-García, P. (2018). Teacher training in areas of exclusion: problems, expectations and needs. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 1, pp. 561-578.
- Barbour, R. (2013). *Los grupos de discusión en Investigación Cualitativa*. Madrid. Edición: Morata.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70.
- Barrios-Martínez, D. M.; Zuluaga-Ocampo, Z. P.; García-Cepero, M. C.; Gómez-Hernández, F. A.; Santamaría, A.; Castro-Fajardo, L. E. & SánchezVallejo, A. (2019). Comunidades de práctica como marco comprensivo del talento docente. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 11, n. 23, pp. 75-94.
- Barron, C. (2015). Concepciones epistemológicas y práctica docente. Una revisión. *Revista de Docencia Universitaria*, v. 13, n. 1, pp. 35-56.
- Bauer, A., Olavarse, O. & Oliveira, R. (2015). Avaliações em larga escala: uma sistematização do debate. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. Especial, pp. 1367-1382.
- Beltrán-Véliz, C.; Masilla-Sepúlveda, G.; Del Valle-Rojas, B. del & Navarro-Aburto, A. (2019). Prácticas de enseñanza de profesores en contextos interculturales: obstáculos y desafíos. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v.11, n. 23, pp. 5-22.
- Bernardes, J. & Rothen, J. (2016). O campo da Avaliação da Educação Superior: foco na Comissão Própria de Avaliação. *Revista Meta: Avaliação* | Rio de Janeiro, v. 8, n. 23, p. 248-277.
- Bilbao, A. & Villa, A. (2018). The evaluative competence as a key factor in teaching quality: analysis on the pre-service teachers training. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 4, pp. 171-195.

- Bolívar, A. (2006). Familia y escuela: dos mundos llamados a entenderse. *Revista de Educación* 339, pp. 119-146.
- Bozu, Z. & Aránega, S. (2017). La formación inicial de maestros y maestras a debate: ¿qué nos dicen sus protagonistas? Profesorado: *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v, 21, n. 1, pp. 143-163.
- Brás, J. & Gonçalves, M. (2017). *A gravitação dos valores educativos no colonialismo e no pos-colonialismo em Angola*. Espanha. Edições Universidad de Salamanca.
- Brito, M. & Costa, M. (2010). Práticas e percepções docentes e suas relações com o prestígio e clima escolar das escolas públicas do município do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, pp. 500-510.
- Brito-Lara, M.; López-Loya, J. & Parra-Acosta (2019). Planeación didáctica en educación secundaria: un avance hacia la socioformación. *magis. Revista Internacional de Investigación en educación*, v. 11, n. 23, pp. 55-74.
- Buendía Eisman, L.; Exposito López, J.; Aguadez Ramírez, Eva M.; Sánchez Núñez, Christian A. (2015). Análisis de la convivencia escolar en las aulas multiculturales de Educación Secundaria. *Revista de Investigación Educativa*, v. 33, n. 2, pp. 303-319.
- Caloia, F & Barboza, J. (2014). Formação de professores em Angola: o perfil do professor do ensino básico. *Revista EccoS*, São Paulo, n. 33, pp. 125-142.
- Campión, S.; Nalda, N. & Celaya, A. (2016). Perceptions of School Leaders about the Use and Value of ICT for Educational Change and Innovation. *Revista Estudios sobre educación*, v. 30, pp. 145-174.
- Cardoso, M, Batista, P. & Graça, A. (2016). A identidade do professor: desafios colocados pela globalização. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 65. pp. 371-390.
- Carlomagno, M. & Da Rocha, L. (2016). Como criar e classificar categorias para fazer a análise de conteúdo: Uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, n.7, pp. 173-188.
- Carmen, P. & Soledad, G. (2008). Prácticas de enseñanza y diversidad. *Revista del centro del profesorado de Osuna-Écija*. Nº 8, pp.1-150.

- Castillo, J.; Felip, N.; Quintana, A. & Torti, A. (2014). Hay lugar para las familias en la educación secundaria? Percepciones y propuestas para una transformación del programa institucional de los centros educativos. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 18, n. 2, pp. 81-97.
- Castro-Zubizarreta, A. & García-Ruiz, R. (2016). Vínculos entre familia y escuela: visión de los maestros en formación. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 9, n. 18, pp. 193-208.
- Cebrián-Robles, V., Raposo-Rivas, M., Sarmiento-Campos, J. (2016). Ética o prácticas deshonestas? El plagio en las titulaciones de Educación. *Revista de Educación*, 374, pp. 159-182.
- Cerecer, P. & Gutiérrez, L. (2014). Diálogo del profesorado en un desarrollo profesional centrado en el alumnado en una escuela secundaria de los Estados Unidos de América. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, n. 24, pp. 199-224.
- Changwoo, J. & Hyemin, H. (2013). Exploring the Relationship Between Virtue Ethics and Moral Identity, *Ethics & Behavior*, v. 23, n. 1, pp. 44-56.
- Clock, L.; Pereira, A.; Lucas, L. & Mendes, T. (2018). Profissão docente no século XXI: concepções do professor sobre seu papel na sociedade contemporânea. *Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul*, v. 23, n. 1, pp. 77-96.
- Colás, P. & Rosado, J. (2013). La participación de las familias en los centros de Educación Primaria. *Revista de Investigación Educativa*, v. 31, n. 2, pp. 485-499.
- Colén Riau, M.; Jarauta, B. & Castro L. (2015). Reflexive learning in pre-service training of primary school teachers: from experience to assimilation of contents. *Revista Complutense de Educación*, v. 27, n. 1, pp. 179-198.
- Colomer, A. et al. (2010). Elementary teacher`s opinion about professional development activities and its influence in their classroom practice. *Revista electrónica "actualidades investigativas en educación"*, v.10, n. 3, pp. 1-15.
- Cordero Ferrea, J.; Chaparro, F. & Simancas Rodríguez, R. (2015). Factores del éxito escolar en condiciones socioeconómicas desfavorables. *Revista de Educación*, 370, pp. 172-198.
- Cortez et al. (2013). Teacher`s beliefs of proficient teachers and their impact on pedagogical practices. *Estudios Pedagógicos XXXIX*, n. 2: pp. 97-113.

- Day, R. (2013). Peer observation and reflection in the elt practicum. *Journal of Language and Literature Education*, n. 8, pp. 1-8.
- De wever, B. & Voet, M (2016). History teachers' conceptions of inquiry-based learning, beliefs about the nature of history, and their relation to the classroom context. *Teaching and Teacher Education* n. 55, pp. 57-67.
- Decreto Presidencial n.º 109/11 de 26 de Maio, artigo 2.º, ponto. *Diário da República*. Angola. Luanda.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2013). *Las estrategias de Investigación Cualitativa*. Barcelona. Editorial: Gedisa.
- Denzin, N. & Lincoln, Y (2012). *El campo de la Investigación Cualitativa*. Barcelona. Editorial: Gedisa.
- Diago Egaña, M. L., Cuetos Revuelta, M. J., González González, P. (2018). Análisis de las herramientas de medición de los Estilos de Aprendizaje. *Revista de Educación*, n. 381, pp. 95-113.
- Díez Gutiérrez, J. (2014). La práctica educativa intercultural en secundaria. *Revista de Educación*, n. 363, pp. 12-34.
- Díez, A. (2011). Aprendizaje cooperativo para una educación inclusiva: desarrollo del programa PAC en un aula de educación primaria. *Estudios sobre educación*, v. 21, pp. 199-216.
- Dominguez, B.; & Entrena, M. L. (2017). Los Contenidos del Desarrollo Profesional Docente. Presencias y Omisiones. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 21, n. 3, pp. 41-61.
- Domínguez, P. (2017). Nuevas maneras de enseñar y aprender Teoría de la Educación en el EEE. Maletas educativas como recurso didáctico. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, n. extraordinario, pp. 505-532.
- Elliott, J. (2010). El “estudio de la enseñanza y del aprendizaje. una forma globalizadora de investigación del profesorado. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, v. 68, n. 24,2, pp. 223-242.

- Escardíbul Ferrá, J. O. (2017). Incentivos salariales para el profesorado vinculados con el rendimiento de los estudiantes: análisis y propuestas, considerando el modelo catalán. *Revista de Educación*, n. 377, pp. 9-29.
- Escudero, M. (2009a). La formación del profesorado de Educación Secundaria: contenidos e aprendizajes docentes. *Revista de Educación*, n. 350, pp. 79-103.
- Escudero, M. (2009b). Best practices and special programs for students at risk of educational exclusion. *Revista de curriculum y formación del profesorado*, v. 13, n.3, pp. 108-141.
- Estrada, J.; Giménez, A. & Fernández-Río, J. (2015). Perfil contextual y su relación con las variables disposicionales en el aprendizaje del alumnado de Educación Secundaria. *Estudios sobre educación*, v. 28, pp. 29-50.
- Fagundes, T. (2016). Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 65, pp. 281-298.
- Fernández Díaz, M. Rodríguez Mantilla, J. & Fernández Cruz, F. (2016). Evaluación de competencias docentes del profesorado para la detección de necesidades formativas. *Revista Bordón*, v. 68, n. 2, pp. 85-101.
- Fernández, J. & Hernández, A. (2013a). Liderazgo directivo e inclusión educativa Estudio de casos. *Periles Educativos*, v. XXXV, n. 142, pp. 27 – 41.
- Fernández, J. & Hernández, A. (2013b). Leadership as a Quality Criterion for Inclusive Education. *Estudios sobre educación*, v. 24, pp. 83-100.
- Fernández, J. & Mayordomo, A. (2014). Moral and Civic Education. The New School's Contribution. *Estudios sobre educación*, vol. 26, pp. 197-217.
- Fernández, M.; Rodríguez, J; & Fernández, F. (2016). Evaluación de competencias docentes del profesorado para la detección de necesidades formativas. *Revista Bordón*, v. 68, n. 2, pp. 85 – 101.
- Ferreira, C. (2016). A Avaliação Externa de Escolas em Portugal: reflexões sobre potencialidades e constrangimentos. *Meta: Avaliação*, v. 8, n.23, pp.359-379.
- Festas, M. (2015). A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 3, pp. 713-728.

- Figueiredo, C, Leite, C. & Fernandes, P. (2018). Uma tipologia para a compreensão da avaliação de escolas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, pp. 1-27.
- Flick, U. (2015). *El diseño de Investigación Cualitativa*. Madrid. Editorial: Morata.
- Flick, U. (2013). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa. Edição: Monitor.
- Flick, U. (2012). *Introducción a la investigación cualitativa*. Madrid. Editorial: Morata.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Flick, U. (2007). *Introducción a la Investigación cualitativa*. Madrid, España: Edición: Morata.
- Fokkens-Bruinsma, M. & Canrinus, E. (2014): Motivation for becoming a teacher and engagement with the profession: evidence from different contexts. *International Journal of Educational Research*, n. 65, pp. 65–74.
- Fraile, M. (2015). La cultura escolar y el oficio de maestro. *Educación XXI*, v. 18, n. 1, pp. 147-166.
- França, F. & Souza, G. (2018). Quem ensina também aprende”: a formação pela prática de professores primários na província do Paraná. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, pp. 1-18.
- Franco, M. (2015). Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 3, pp. 601-614.
- Gálvez, I. & Martín, E. (2016). Determinants of the Connection between Theory and Practice in Teacher Education Practicum Experience: Evidence from TEDS-M. *Revista Estudios sobre educación*, v. 30, pp. 217-237.
- García, C.; B., Loredo, J. & Carranza, G. (2008). Análisis de la práctica educativa de los docentes: pensamiento, interacción y reflexión. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, Especial. <http://redie.uabc.mx/NumEsp1/contenido-garcialoredocarranza.html>
- García, J.; Mena Lorenzo, J. & Conill, J. (2018). La superación del profesor tutor de los estudiantes de formación pedagógica durante sus prácticas laborales. *Revista MENDIVE*, v. 16, n. 1, pp. 5-19.
- García, J.; Rius, M. & Malo, A. (2014). Cómo cambiar las conductas pasivas en el aula. *TESI*, v. 15, n. 3, pp. 1-25.

- García, M.; Núñez, M.; C. Biencinto & E. Carpintero (2014). Enfoques de atención a la diversidad, estrategias de aprendizaje y motivación en educación secundaria. *Perfiles Educativos*, v. XXXVI, n. 145, pp. 1-16.
- García, S. & García, C. (2009). La solución la tienes tú!. El proceso de formación de un profesor novel. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 13, n.1, pp. 127-140.
- García-Valcárce, A.; Basilotta, V. & López, C. (2014). Las TIC en el aprendizaje colaborativo en el aula de Primaria y Secundaria. *Comunicar*, v. XXI, n. 42, pp. 65-74.
- Gargallo, B.; Sahuquillo Mateo, P.; Verde, I.& Almerich, G. (2018). Qué ocurre cuando los profesores utilizan métodos centrados en el aprendizaje? Efectos en los enfoques de aprendizaje, en las capacidades del alumno y en su percepción del entorno de aprendizaje. *Revista de Educación*, n. 382, pp. 163-197.
- Geijo, P. (2008). Estilos de aprendizaje: pautas metodológicas para trabajar en el aula. *Revista Complutense de Educación*, v. 19, n. 1, pp. 77 - 94.
- Gibbs, G. (2012). El análisis de datos cualitativos en Investigación Cualitativa. Madrid. Editorial: Morata.
- Goetz, J. & Lecompte. M. (2010). *Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa*. Madrid. Ed. Morata.
- Gómez, A. Cañas, M., Gutiérrez, S. & Martín-Díaz, J. (2014). Ordenadores en el aula: ¿estamos preparados los profesores? *Enseñanza de las Ciencias*, v. 32, n. 2, pp. 239-250.
- Gómez, M. (2010). Competencias interculturales en instructores comunitarios que brindan servicio a la población indígena del estado de Chiapas. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 12, n. 1, pp. 1-25.
- Gomilla, M. & Pascual, B. (2015). La participación de las familias en el sistema educativo: la percepción del profesorado en formación. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, v. 18, n. 3, pp. 99-112.
- González, A. & De Pablos, J. (2015). Factores que dificultan la integración de las TIC en las aulas. *Revista de Investigación Educativa*, v. 33, n. 2, pp. 401-417.

- González, M. & López, M. (2017). The Continuous Training of Compulsory Education Teachers: Influence in teaching practice and in student's learning. *Revista de Currículo y Formación de Profesorado*, v. 21, n. 3. pp. 103-122.
- Governo de Angola (2016). *Lei de Bases do Sistema de Educação nº 17/16*. Diário da República. I série nº 170. Luanda.
- Governo de Angola (2010). *Constituição da República de Angola*. Luanda.
- Governo de Angola (2004). *Currículo da Formação de Professores do 1º Ciclo do Ensino Secundário*. Luanda. 1ª edição. INIDE.
- Governo de Angola (2001). *Lei de Bases do Sistema de Educação nº 13/2001*. Diário da República. Luanda.
- Grasso, L. & Robledo, A. (2010). Qué piensan los jóvenes acerca de la escuela? La opinión de los estudiantes que finalizan el nivel secundario. *Diálogos pedagógicos*, v. VIII, n. 15, pp. 13-36.
- Gregori, P. & Cervantes, O. (2012). El que hacer docente y la educación en valores. *Revista Teoría de la Educación: Educación y Cultura en la Sociedad de la Información*, v. 13, n. 3, pp. 28-48.
- Guerra, M. (2010). Una pretensión problemática: educar para los valores y preparar para la vida. *Revista de Educación*, n. 351, pp. 23-47.
- Guerrero, A. (2011). Postmodernization and education. notes for a discussion of an identity based pedagogical narrative. *Educación XXI*, v. 14, n. 2, pp. 285-302.
- Guichot, V. (2013). La capacidad reflexiva, factor esencial de la identidad profesional del profesorado: reflexiones en torno a las propuestas de John Dewey y Martha Nussbaum. *Cuestiones Pedagógicas*, n. 22, pp. 183-202.
- Gutiérrez, M. & Lozano, J. (2015). Citizen education: concept and development of social and civic competence. *Educación XXI*, v. 18, n.1, pp. 259-282.
- Helena, R. (2014). *O ensino da História em Angola entre 1960 e 2012: Evolução, formação de professores e cooperação internacional*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto. Lisboa.

- Hernández, C.; Nista, M.; Ibarra, R. & Bertran, A. (2013). Prácticas educativas y creencias de profesores de secundaria pertenecientes a escuelas de diferentes contextos socioeconómicos *Perfiles Educativos*, v. XXXV, n. 139, pp. 1-20.
- Hernández, M^a. & Álvarez, P. (2015). La participación de las familias en la educación escolar. *Revista Complutense de Educación*, v. 26, n. 3, pp. 799-804.
- Herrera Pastor, D. (2010). Un acercamiento a la situación formativa de las educadoras y educadores sociales. *Revista de Educación*, n. 353, pp. 641-666.
- INIDE (2004). *Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação*. Luanda. Ministério da Educação de Angola. Angola.
- Jara, R. & Dagach, P. (2014). Compromiso docente, una interpelación al sentido de la profesionalidad en tiempos de cambio. *Estudios Pedagógicos*, v. 15, número especial 1, pp. 257-273.
- Jaramillo-Echeverri, L. J. & Aguirre-García, J. C. (2015). La investigación escolar y la formación de formadores. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 8, n. 16, pp. 169-180.
- Javier, M., Hidalgo, N. & Flores, S. (2015). Incidencia del contexto socio-económico en las concepciones docentes sobre evaluación. Profesorado, *Revista de currículum y formación del profesorado*, v. 20, n.3, pp. 251-281.
- Jordi et al. (2016). Pupil participation in school life: an approach from the educational community. *Revista Complutense de Educación*, v. 27, n. 2, pp. 437-456.
- Juan, N., Celia, F., Jaime, L. & Fernando, G. (2015). The relationship between teacher's autonomy support and students' autonomy and vitality. *Teachers and Teaching: theory and practice*, v. 21, n. 2, pp. 191-202.
- Junior, A., et al. (2015). Eficiencia en la Gestión Escolar: búsqueda de las mejores prácticas en las escuelas municipales brasileñas de la enseñanza primaria. *Revista Meta: Avaliação* | Rio de Janeiro, v. 7, n. 19, p. 85-122.
- Júnior, G. & Gariglio, J. (2014). Saberes da docência de professores da educação profissional. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 59, pp. 871-892.

- Kalmus, J. & Souza, M. (2016). Trabalho e formação: uma análise comparativa das políticas de formação de professores em serviço no Brasil e no México. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n.1, pp. 53-66.
- Korthagen, F. (2010). La práctica, la teoría y la persona en la formación del profesorado. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, n. 68, pp. 83-101.
- Kundongende, J. (2013). *Crise e resgate dos valores morais, cívicos e culturais na sociedade angolana*. Huambo: Ministério da Educação de Angola.
- Kvale, S. (2011). *Las entrevistas en Investigación Cualitativa*. Madrid. Editorial: Morata
- Larrosa, F. (2010). Vocación docente versus profesión docente en las organizaciones educativas. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, v. 13, n. 4, pp. 43-51.
- Leguizamon, G. (2013). La construcción de saberes pedagógicos en la formación del profesorado. *REICE*, v. 12, n.1, pp. 35-54.
- Lei de Bases do Sistema de Educação nº 13/2001 de 31 de Dezembro. *Diário da República*. Luanda, 2002.
- Leite, A., Cortes, P. & Rivas, J. (2015). La escuela como contexto de la formación inicial del profesorado: aprendiendo desde la colaboración. Profesorado: *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 19, n. 1, pp. 228-242.
- Liberato, E. (2014). Avanços e retrocessos da educação em Angola. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 59, p. 1003-1031.
- Linares, A. & Rada, T. (2018). Los Procesos de Retroalimentación y la Evaluación Formativa en un Practicum Reflexivo de Maestros. *Revista Meta: Avaliação* | Rio de Janeiro, v. 10, n. 30, pp. 533-554.
- Locke, R. & Sunley, R. (2010). Exploring UK secondary teachers' professional values: an overview of the literature since 2000. *Educational Research*, v. 52, n. 4, pp. 409- 425.
- López Yáñez, J., Sánchez Moreno, M. & Altopiedi, M. (2011). Professional Communities of Practice that Sustain School Improvement Processes. *Revista de Educación*, pp. 109-131.

- Lorenzo, J.; Muñoz, I. & Bias, M. (2015). Models of initial training of secondary school teachers in Spain from a European perspective. *Revista Complutense de Educación*, v. 26, n. 3, pp. 741-757.
- Luzón, A.; Porto, M.; Torres, M. & Ritacco, M. (2009). Buenas prácticas en los programas extraordinarios de atención a la diversidad en centros de educación secundaria. Una mirada desde la experiencia. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, vol. 13, núm. 3, pp. 217-238.
- Marcelo, C. (2013). Las tecnologías para la innovación y la práctica docente. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 52, pp. 25-47.
- Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. Sísifo. *Revista de Ciências da Educação*, n. 08, pp. 7-22.
- Marcelo, C. (2009a). Formalidad e informalidad en el proceso de aprender a enseñar. *Revista de Educación*, 350, pp. 31-55.
- Maria, F. (2015). Teacher learning and learning from teaching, *Teachers and Teaching: theory and practice*, v. 21, n.1, pp. 1-3.
- Marques, E. & Carvalho, M. (2017). Prática educativa bem-sucedida na escola: reflexões com base em L. S. Vigotski e Baruch de Espinosa. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 71, pp. 1-17.
- Martínez, F. & Mercado, A. (2015). Estudios sobre prácticas de evaluación en el aula: revisión de la literatura. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 17, n.1, pp. 17-32.
- Martínez-Abad, F., Bielba-Calvo, M., Herrera-García, & M. (2017). Evaluación, formación e innovación en competencias informacionales para profesores y estudiantes de Educación Secundaria. *Revista de Educación*, n. 376, pp. 110-134.
- Martín-Romera, A. & García-Martínez, I. (2018). Teaching professionalism today: contributions to professional development. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 1, pp. 7-23.
- Maset, P. (2012). Aulas inclusivas y aprendizaje cooperativo. *Educatio Siglo XXI*, v. 30, n. 1, pp. 89-112.

- Maureira, O., Moforte, C. & González, G. (2014). Más liderazgo distribuido y menos liderazgo directivo Nuevas perspectivas para caracterizar procesos de influencia en los centros escolares. *Perfiles Educativos*, v. XXXVI, n. 146, pp. 1-20.
- Mayor Paredes, D. & Rodríguez Martínez, D. (2016). Aprendizaje-servicio y práctica docente: una relación para el cambio educativo. *Revista de Investigación Educativa*, v. 34, n. 2, pp. 535-552.
- Medina, J. & Pérez, M. (2017). La construcción del conocimiento en el proceso de aprender a ser profesor: la visión de los protagonistas. *Profesorado: Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 21, n. 1, pp. 17-38.
- Meléndez, P., Carrera, C. y Barrera, P. (2018). Concepciones de los profesores sobre resultados escolares. *Profesorado. Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 4, pp. 223-244.
- Mentado Labao, T.; Medina Moya, J. & Cruz Garcette, L. (2017). Prepare for Learning: a Manifestation of Pedagogical Content Knowledge in Practice. *Revista Estudios sobre educación*, v. 33, pp. 27-48.
- Michels, M. (2006). Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 33, pp. 406-423.
- Molina, O. (2012). El profesor ante la formación de valores. Aspectos teóricos y prácticos. *Revista TESI*, v. 13, n. 3, p. 240-267.
- Monarca, H. (2017). Políticas públicas de apoyo educativo y configuración de trayectorias escolares. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 10, n. 20, pp. 69-84.
- Monteagudo, J. (2012). Los contextos del trabajo docente: el aula, el centro y los sistemas institucionales y socioculturales. *Revista Presente Histórico Y Contexto*, nº 1, pp. 41-56.
- Montenegro, H. & Guerra, P. (2017). Conocimiento pedagógico: explorando nuevas aproximaciones. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 663-680.
- Moral, C.; Javier, f. & Ritacco, M. (2016). Liderazgo distribuido y capacidad de mejora en centros de educación secundaria. *Estudios sobre educación*, vol. 30, pp.115-143.

- Mulford, B. (2006). Leadership for improving the quality of secondary education: some international developments. *Revista de currículum y formación del profesorado*, v. 10, n. 1, pp. 1-22.
- Muñoz, T., Lucero, A., Cornejo, A., Muñoz, A. & Araya, E. (2014). Convivencia y clima escolar en una comunidad educativa inclusiva de la Provincia de Talca, Chile. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 16, n. 2, pp. 16-32.
- Muñoz, J. (2009). La formación del profesorado de Educación Secundaria: contenidos y aprendizajes docentes. *Revista de Educación*, n. 350, pp. 79-103.
- Navarro, I.; González, C.; López, B. & Botella, P.(2015). Aprendizaje de contenidos académicos y desarrollo de competencias profesionales mediante prácticas didácticas centradas en el trabajo cooperativo y relaciones multidisciplinares. *Revista de Investigación Educativa*, v. 33, n. 1, pp. 99-117.
- Navarro, M.; López, A. & Hernández, M. (2017). El trabajo colaborativo en red impulsor del desarrollo profesional del profesorado. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 70, pp. 1-17
- Nunes, C. & Oliveira, D. (2017). Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 43, n.1, pp. 65-80.
- Núñez, A.; Arévalo, A. & Ávalos, B. (2012). Profesionalización docente: ¿es posible un camino de convergencia para expertos y novatos? *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 14 (2), pp. 10-24.
- Occeli, M. & Valeiras, N. (2013). Los libros de texto de ciencias como objeto de investigación: una revisión bibliográfica, *Enseñanza de las Ciencias*, v. 31, n. 2, pp. 133-152.
- Ochoviet, C. y Daiana Rodríguez-Larzabal, D. (2018). El análisis de las actividades novedosas como herramienta para enriquecer el conocimiento didáctico del contenido del profesor. Profesorado. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 4, pp. 305-325.
- O'Flaherty, J. & Gleeson, J. (2016). The teacher as moral educator: comparative study of secondary teachers in Catholic schools in Australia and Ireland. *Teaching and Teacher Education*, n. 55, pp. 45-56.
- Olabuénaga, R. (2012). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: 5ª Edição. Editora: Deusto.

- Oliveira, A. (2009). Gestão Escolar e Qualidade No Ensino: Uma relação inseparável. *Revista Amazônica*, v.2, n. 3, pp. 146 - 159.
- Oliveira, de S. (2012). Modos de vida da pobreza em Angola. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 9, pp. 125-134.
- Pacheco, J. & Lima, J.(Orgs.), (2006). *Fazer investigação: contributos para elaboração de dissertações e teses*. Lisboa: Porto editora.
- Padilla-Carmona, M. (2013). Importancia del trabajo, la familia y el ocio para las alumnas al final de la educación obligatoria. *Revista de Educación*, n. 361, pp. 490-512.
- Palma, S. (2010). *Las creencias y actuaciones curriculares de los profesores de ciencias de secundaria de Chile*. Tese de Doutoramento. Universidad complutense de Madrid. Madrid.
- Pamela, A. (2017). *La formación inicial en didáctica de la motricidad de las profesoras de educación infantil e chile: un estudio de caso*. Tese de doutoramento. Universidad de Granada. Espanha.
- Patton, M. (2015): *Qualitative research & evaluation methods*. USA: SAGE. 4ª ed.
- Peleato, I. (2010). Implicaciones educativas del contacto entre culturas. *Revista TESI*, v. 11, n. 3, pp. 302-305.
- Peña, S. (2011). Values of Equity and Acceptance in the School Environment in Indigenous Contexts: the Situation of Teachers' Ethnical Prejudice Against Mapuche Students in Chile. *Revista de Educación*, n. Extraordinario, pp. 163-181.
- Pérez, A. (2010). Aprender a educar. Nuevos desafíos para la formación de docente. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, v. 68, n. (24,2), pp. 37-60.
- Pérez-Mate, M.; Romero, M. & Romeu, T. (2014). La construcción colaborativa de proyectos como metodología para adquirir competencias digitale. *Comunicar*, v. XXI, n. 42, pp. 15-24.
- Perines, H. (2018). Why research education no impact on teaching practice? *Revista Estudios sobre educación*, v. 34, pp. 9-27.

- Pineda-Alfonso, J. & García-Pérez, F. (2017). La enseñanza del conflicto y la convivencia en la educación secundaria. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 10, n. 20, pp. 143-158.
- Quaresma, Maria Luísa (2017). Factores de excelencia y prácticas escolares desde la perspectiva de los discentes. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 10, n. 20, pp. 183-200.
- Quinta, J.; Brás, J. & Gonçalves, M. (2017). O Umbundo no poliedro linguístico angolano: a Língua Portuguesa no entrelaçamento do colonialismo e pós-colonialismo. *Revista Lusófona de Educação*, n. 35, pp. 137-154.
- Raiza, G. & Trina, N. (2010). Formación de valores ético-morales en adolescentes de la tercera etapa de Educación Básica. *Académica*, v. 2, n. 3, pp. 102-125.
- Ramos, I. & González, M. (2016). Docentes y tic: un encuentro. *Revista contextos educativos*, n. 19, pp. 147-159.
- Rapley, T. (2014). *Los análisis de la conversación, del discurso y de documentos en Investigación Cualitativa*. Madrid. Editorial: Morata.
- Raúl Santiago, C. Navaridas, F. & Alberto L. (2016). Perceptions of school leaders about the use and value of ICT for education change and innovation. *Estudios sobre educación*, v.30, pp. 145-174.
- Rebollo-Catalán, A. & Jiménez-Cortés, R. (2018). *El rigor de la investigación cualitativa para garantizar su publicación*. Aula Magna 2.0. [Blog]. Recuperado de: <https://cuedespyd.hypotheses.org/5148>.
- Rekalde, I.; Vizcarra, M. & Macazaga, A. (2014). La observación como estrategia de investigación para construir contextos de aprendizaje y fomentar procesos participativos. *Educación XXI*, v. 17, n. 1, pp. 199-220.
- Reoyo, N., Carbonero, M. Á., & Martín, L. J. (2017). Características de eficacia docente desde las perspectivas del profesorado y futuro profesorado de secundaria. *Revista de Educación*, n. 376, pp. 62-86.
- Ribeiro, F. (2015). Educação e ensino de História em contextos coloniais e pós-coloniais. *Caicó*, v. 16, n. 36, pp. 27-53.

- Ricardo, A. (2012). A natureza política da gestão escolar e as disputas pelo poder na escola. *Revista Brasileira de Educação*. V. 17, n. 49, pp. 159-174.
- Ritacco, M; Luzón, A; Porto, M. & Torres, M. (2009). Buenas prácticas en los programas extraordinarios de atención a la diversidad en centros de educación secundaria. Una mirada desde la experiencia. *Revista de currículum y formación del profesorado*, v. 13, n. 3, pp. 218-238.
- Rivas, J., Leite, A. & Cortes, P.(2015). La escuela como contexto de la formación inicial del profesorado: aprendiendo desde la colaboración. Profesorado: *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 19, n. 1, pp. 228-242, 2015.
- Rivas, S. & Ugarte, C. (2014). Teacher Training and a Participative Culture in Schools: Keys for Encouraging Family-School Partnership. *Estudios sobre educación*, v. 27, pp. 153-168.
- Roa, O. (2014). Teorías implícitas y explícitas en los procesos de enseñanza y aprendizaje del solfeo. *Civilizar*, v. 14, n. 26, pp. 177-188.
- Rocha, et al. (2016). *Estudos sobre a Diversificação da Economia Angolana*. Universidade Católica de Angola. Luanda. Angola.
- Rodríguez, D. & Rosquete, R. (2018). Relationship between Motivational Profile and Academic Achievement in Compulsory Secondary Education. *Revista Estudios sobre educación*, v. 34, pp. 199-217.
- Rodríguez, J. & Paiva, M. (2017). Dificuldades de aprendizagem nos manuais e materiais didáticos em Portugal. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 43, n. 3, pp. 765-784.
- Rodríguez, M. & Fernández, J. (2015). Design and validation of a climate measurement instrument in Secondary Schools. *Educación XXI*, v. 18, n. 1, pp. 71-98.
- Rodríguez-Gómez, D., Armengol, C., Meneses, J. (2017). La adquisición de las competencias profesionales a través de las prácticas curriculares de la formación inicial de maestro. *Revista de Educación*, n. 376, pp. 229-251.
- Rodríguez-Izquierdo, R. (2015). Las tic como ecosistema para la construcción de la competencia intercultural. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 19, n. 1, pp. 309-329.

- Rodríguez, D., Armengol, C. & Meneses, J. (2017). La adquisición de las competencias profesionales a través de las prácticas curriculares de la formación inicial de maestros. *Revista de Educación*, n. 376, pp. 229-251.
- Rubia, B. & Guitert, M. (2014). Revolution in Education? Computer Support for Collaborative Learning (CSCL). *Comunicar*, v. 42, n. XXI, pp. 10-14.
- Rubin, Herbert & Rubin, Irene (2012): *Qualitative interviewing: the art of hearing data*. USA: SAGE.
- Ruiz Quiroga, M.; Ortiz Castiblanco, C. & Soler Mejía, J. (2013). Análisis crítico de la práctica pedagógica de docentes en formación. *Praxis & Saber*, n. 8, v. 4, pp. 157-171.
- Ruiz, José Ignacio (2012): *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto. 5ª ed.
- Saavedra Macías, F.; Bascón Día, M.; Prados Gallardo, M. & Sabuco I Cantó, A. (2013). Indicadores y criterios de calidad de buenas prácticas coeducativas. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 17, n.1, pp. 201-220.
- Saiz Linares, A. & Susinos Rada, T. (2018). Practicum or how to learn through collaborative reflection. The case of Elena's problem. *Profesorado: Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 1, pp. 393-411.
- Salazar, J. (2015). Learning in teachers and how teachers integrate their acquired. Knowledge into classroom practices. *Perspectiva Educacional Formación de Profesores*, v. 54, n. 1, pp. 55-74.
- Salinas-Espinosa, Á. L.; Rozas-Assael, T.; Cisternas-Alarcón, P. & González-Ugalde, C. (2019). Factores asociados a la práctica reflexiva en estudiantes de pedagogía. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 11, n. 23, pp. 95-114.
- San Fabián, J. (2011). El papel de la organización escolar en el cambio educativo: la inercia de lo establecido. *Revista de Educación*, n. 356, pp. 41-60.
- Sánchez, J. (2012). From Concept into Structures: Organizational Implications of Competency-Based Approach in Educatio. *Bordón*, v. 64, n. 1, pp. 127-140.

- Sanderse, W. (2013). The meaning of role modelling in moral and character education. *Journal of Moral Education*, v. 42, n. 1, pp. 28 – 42.
- Sanhueza, S. V., Friz, M. C. & Quintriqueo, S. (2014). Estudio exploratorio sobre las actitudes y comportamiento del profesorado de Chile en contextos de escolarización de alumnado inmigrante. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 16. n. 3, pp. 148 - 162.
- Santaella, C.; Fernández, F. & Real, M. (2016). Liderazgo distribuido y capacidad de mejora en centros de educación secundaria. *Revista Estudios sobre Educación*, v. 30, pp.115-143.
- Santos, A. (2018). Angola - Um estudo de caso”. Lisboa. Universidade Autónoma de Lisboa.
- Santos, M. (1970). História do ensino em Angola. Luanda. Angola: Edição dos Serviços de Educação.
- Santos, M., Gódas, A., & Lorenzo, M. (2016). Can Parental Involvement Improve their Children’s School Performance? Study Results of an Educational Program. *Estudios sobre educación*, v. 30, pp. 9-30.
- Sanz Ponce, J.; Hernando Mora, I. & Mula Benavent, J. (2015). La percepción del profesorado de Educación Secundaria de la Comunidad Valenciana acerca de sus Conocimientos profesionales. *Revista Estudios sobre educación*, v. 29, pp. 215-234.
- Sanz, J., Hernando, I. & Mula, J. (2015). The Self-perception of In-service Secondary Teachers of the Comunidad Valenciana in relation to their Professional Knowledge. *Estudios sobre educación*, v. 29, pp. 215-234.
- Sarceda-Gorgoso, M.C., Santos-González, M.C. & Sanjuán Roca, M.M. (2017). La Formación Profesional Básica: ¿alternativa al fracaso escolar? *Revista de Educación*, n. 378, pp. 78-102.
- Scribano, A. (2007): *El proceso de investigación social cualitativo*. Buenos Aires: Prometeo.
- Silva, A. (2013). Currículo e representações sociais de homem e natureza: implicações à prática pedagógica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 55, pp. 865-876.
- Simons, H. (2011). *El estudio de caso: Teoría e práctica*. Madrid: Morata.

- Solo de Zaldívar, I. (2017). Mejora de competencias: Introducción de la gestión de calidad en nuevas metodologías educativas. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, n. extraordinario, pp. 279-308.
- Soto, A & Travé, G. (2018). Pensamiento del profesorado acerca de los materiales curriculares en la enseñanza natural y social tipologías docentes. Profesorado. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 4, pp. 423-442.
- Souza, A. (2018). As práticas pedagógicas e a inclusão dos estudantes com necessidades educacionais específicas. *Revista Tendencias pedagógicas*, n. 31, pp. 97-111.
- Souza, V. (2014). Política de formação de professores para a educação básica a questão da igualdade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 58, pp. 626-653.
- Standish, P. (2016). La enseñanza como exposición: La educación en negación. *Revista de Educación*, n. 373, pp. 109-129.
- Tejada-Fernández, J.; Carvalho-Dias, M. & Ruiz-Bueno, C. (2017). El prácticum en la formación de maestros: percepciones de los protagonistas. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 9, n.19, pp. 91-114.
- Tirado, R. & Conde, S. (2015). Relations between some Preventive Actions on Peaceful Coexistence at School in Centers of Good Practices. *Estudios sobre educación*, v. 29, pp. 29-59.
- Tojar, C. (2006). *Investigación cualitativa. Comprender y actuar*. Madrid: La Muralla.
- Torras, M. (2013). Online Collaborative Learning and Ethics of Care. *Estudios sobre educación*, v. 24, pp. 149-171
- Tovar-Gálvez, J. (2018). Teachers' research training: the problem as product of the problematization process. *Profesorado: Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 22, n. 1, pp. 117-132.
- Traibas, G. (2008). El nuevo perfil profesional del profesorado de secundaria. *Revista Educación XXI*, n. 11, pp. 183-209.
- Travé, M. & Mendieta, I. (2013). Apoyo social, clima social y percepción de conflictos en un contexto educativo intercultural. *Anales de psicología*, v. 29, n. 1, pp. 108-122.

- Travería, G. (2008). El nuevo perfil profesional de los profesores de secundaria. *Educación XXI*, n. 11, pp. 183-209.
- Valenzuela, J.; Muñoz, C.; & Marfull- Jensen, M. (2018). Motivational profiles among pre-service teachers' training. *Revista de curriculum y formación del profesorado*, v. 22, n.1, pp. 325-346.
- Valle, A.; Regueiro, B.; Suárez, N.; Núñez, C.; Rosário, P. & Pan, I. (2017). Rendimiento académico, enfoques de trabajo e implicación en los deberes escolares. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 10, n. 20, pp. 123-142.
- Vallejo, M. & Bolarín, M. (2009). Los programas de atención a la diversidad y los centros de educación secundaria: claves organizativas, recursos, adscripción del profesorado y valoración de los programas por el profesorado. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, v. 13, n. 3, pp. 143-155.
- Vallejos, R. & Dujo, Á. (2011). Los límites de la educación en valores cívicos: cuestiones y propuestas pedagógicas. *Educación XXI*, n. 14.2, pp. 263-285.
- Valles, M.S. (2007). *Entrevistas cualitativas*. Colección cuadernos metodológicos. Madrid: Centro de investigaciones sociológicas.
- Vargas, I. (2012). La entrevista en investigación cualitativa: nuevas tendencias y retos. *Calidad en la Educación Superior*, v. 1, n. 3, pp. 119-139.
- Vázquez, V. & Escámez, J. (2010). La profesión docente y la ética del cuidado. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, n. Especial.
- Vélez, A.; Goñi, J. Osés, A. & Azpíro, C. (2015). Clima escolar y percepciones del profesorado tras la implementación de un programa de convivencia escolar. *Revista Estudios sobre educación*, v. 28, pp. 9-28.
- Velloso, L. & Granja, T. (2016). Práticas docentes e políticas curriculares: implicações no currículo em diferentes contextos escolares. *Revista Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 2, pp. 208-224.
- Veloso, L., Graveiro, D. & Rufino, I. (2012). Participação da comunidade educativa na gestão escolar. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 38, n. 04, pp. 815-832.
- Vergara, M. (2015). Didáctica, temporalidad y formación docente. *Revista Brasileira de Educação*, v. 20, n. 62, pp. 595-617.

- Villalta, M. & Palacios, D. (2014). Discourse and Pedagogical Practice in High-performance School Framework. *Estudios Pedagógicos XL*, n. 2, pp. 373-389.
- Villardón-Gallego, L. & de la Hidalga, Z. (2015). La imagen del profesor de educación secundaria en la formación inicial. *Revista de Currículum y Formación de Profesorado* [online] 19: [Date of reference: 18 / enero / 2016] Available in:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=56738729027>> ISSN 1138-414X.
- Werneck, V. (2006). Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, v.14, n.51, p. 173-196.
- Wittorski, R. (2014). A contribuição da análise das práticas para a profissionalização dos professores. *Cadernos de pesquisa*, v. 44, n. 154, pp. 894-911.
- Xavier, L. (2014). A construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 59, pp. 827-849.
- Yáñez, J. (2010). The practice of innovation in education and our knowledge about it. *Revista de currículum y formación del profesorado*, v. 14, n. 1, pp. 1-5.

ANEXOS

Anexo 1

Carta de autorização e consentimento

Lubango, aos 16 de Março de 2015.

Excelentíssimos Senhores Directores das Escolas

«Popular, 2 de Março, Augusto Ngangula»

Venho por intermédio desta para comunicar o nosso interesse em realizar durante o ano lectivo de 2015, uma investigação sobre o processo de ensino-aprendizagem de educação moral e cívica nas turmas da 9ª classe com os professores desta escola, que inicialmente se intitula: «Os Professores de “Educação Moral e Cívica” nas escolas secundárias de Lubango (Angola): contextos institucionais, modelos de ensino-aprendizagem, práticas educativas e influências sobre os alunos. Uma abordagem etno-biográfica».

O objectivo central desta tese é observar, descrever e compreender as práticas educativas e curriculares dos professores de E.M.C. em escolas secundárias de Lubango, incluindo as actividades de aula, o uso dos materiais curriculares e as relações que estabelecem com os estudantes.

No processo de elaboração dos dados da investigação resultantes da observação e o conteúdo das entrevistas recolhidos serão utilizados exclusivamente para a realização da nossa tese doutoral e serão também de conhecimento exclusivo do investigador e não serão comunicados a nenhuma pessoa nem a nenhuma outra instituição ou organismo. Durante a escritura da tese os dados relativos às pessoas estarão sujeitos ao anonimato e privacidade com alto grau de sigilo possível, para salvaguardar ou evitar a identificação das pessoas participantes nesta pesquisa.

Vem mui respeitosamente solicitar ao Exmo. Senhor Director que se digne autorizar a realização do referido estudo e contar com vossa colaboração bem como a do resto da comunidade educativa no que for resultar necessário para o desenvolvimento da investigação.

Sem outro assunto de momento, cordiais saudações.

Dr. José González Monteagudo

Manuel Caluvi Nicolau

Director da Tese Doutoral

Estudante de Doutoramento

Universidade de Sevilha (Faculdade de Educação)

Faculdade de Educação

Anexo 2

Dados resultantes da observação

Abril - Novembro 2015

Abril

No dia 07/04/2015, na Escola Popular do I ciclo, situada ao lado de mercado informal, no interior do quintal (pátio) da mesma escola, funciona outras 24 turmas pertencentes a escola do ensino primário, cujas aulas são dadas ao ar livre e debaixo das árvores. Ao passo que as aulas do I ciclo do ensino secundário são realizadas em salas com paredes e cobertura. Observou-se as aulas na 7^a, 8^a e 9^a classe com a duração de (45) minutos. A aula teve início as 8h20 e nela verificou-se algumas evidências registadas no diário de campo, estando patente que o professor Ndala durante a aula, fez a chamada através dos números dos alunos e não por nomes. Fato interessante de observar, pois quando o aluno é chamado pelo nome ganha a sua identidade e não pelo número. Na aula havia conversas paralelas entre os alunos e alunas, mas sempre o professor procurava manter a organização, pedindo silêncio e perguntando se já haviam terminado de escrever, as vezes adverte e chama atenção aos mesmos. Os alunos e alunas só participam da aula, quando o professor regista e atribui nota (classificação), daí que cada aluno que dá sua contribuição, depois de terminar diz o seu número ao professor a fim de registar e atribuir na caderneta a pontuação obtida. O professor tem um tom de voz baixo e se movimenta pouco.

Ainda no mesmo dia 07/04/2015, também observamos a aula da professora Catumbo, realizada na mesma instituição as 17h20, tendo se verificado pouca participação dos alunos, fraca exploração do tema e começou logo a ditar os apontamentos, não supervisionou o que os alunos escreviam. Durante o resumo da aula os alunos respondiam em coro lendo nos cadernos, resultando barulho pelo que não foi bem feita a avaliação contínua durante a aula. O curioso é que a aula teve o mesmo tema com o professor Ndala, mas apresentaram conteúdos (matérias) diferentes para o mesmo tema. Pensamos que esta falha deve-se a falta de sistematização dos conteúdos e uniformidade nos mesmos bem como a falta de trabalho colaborativo.

No dia 14, observamos a aula do professor Ndala com o título «Nem sempre é fácil aceitar ou negar algo». Constatou-se que a organização inicial foi bem feita, bem como a tarefa do dia anterior, motivando os alunos, prestou atenção e teve controlo da turma, e no final fez o resumo do tema abordando terminando com a marcação da tarefa. Notamos a falta da realização de avaliação contínua. Porém, os objetivos não estavam bem formulados em relação ao conteúdo.

Ainda no mesmo dia, observamos também a aula da professora Catumbo, tendo se evidenciado algumas dificuldades desde a organização inicial, muito barulho na sala, dificultando os alunos sentados atrás participarem. Teve dificuldade em controlar a turma, bem como motiva-los para nova aprendizagem. O tema abordado foi «comportamentos sexuais na família e na sociedade». Os alunos ficaram confundidos com a explicação dada pela professora e na diferenciação entre sexo e sexualidade. Foi muito evidente que a professora não tinha domínio conteúdo e este a contradizer-se na abordagem do tema. Não realizou avaliação contínua nem marcou o trabalho para casa, porque a campainha já tinha tocado.

Já no dia 15/4/2015 na escola 2 de Março, situada em frente de uma igreja. Observou-se a aula da professora Mutango e, nela foi visível que a maioria dos alunos não têm livros e a professora não fornece resumo ou registo dos conteúdos (matéria) para os alunos. Alguns alunos atiravam papéis aos colegas distraindo os mesmos durante a aula. A professora escreveu o tema explicou, não pediu opinião dos alunos e alunas. Utilizou muita exposição e transmissão de conteúdos durante a aula por parte da professora. Não prestava atenção individual aos alunos, daí que três alunas comiam durante a aula, uma deixava o lixo cair no chão, outras colocavam o lixo debaixo das carteiras. No final da aula colocou perguntas aos alunos e alunas, mas perante a passividade dos mesmos na participação do tema em estudo, a professora comparou-os com os «mortos» e disse mais *se não querem estudar deixem lugar para os outros*.

Dia 17/04/2015 estivemos na Escola Augusto Ngangula, onde observamos a aula do professor Makeyeye, tendo se constatado o seguinte:

Depois da saudação, procurou saber quem fez a tarefa e na primeira fila um aluno não fez e a outra aluna resolveu erradamente e o professor censurou duramente dizendo: *Aqui na sala quem manda só eu, que os incomodados que se retirem porque eu não chamei ninguém para vir a escola*. Seis minutos depois apareceram dois alunos e não os deixou entrar. Depois escreveu o tema e começou a explicar, não fez a avaliação.

No dia 21 de Abril, observamos a aula do professor Ndala, que teve como tema «eu, meu atos e minhas participações», foi visível que o professor estava muito cansado e não conseguia manter um bom dinamismo durante a aula, e ficou impaciente sobre as perguntas que os alunos colocavam. Um aluno perguntou: *Porquê é que o professor atrasou?* O docente respondeu que: *não era da vossa conta e não tenho que dar-vos satisfação*. Ao escrever os preliminares tinha uma palavra errada, o aluno reclamou: dizendo: *Tem uma palavra escrita erradamente na segunda linha*, mal o professor sem humildade suficiente e meias medidas, retorquiu dizendo que: *não tem erro nenhum*. Faltou mais atenção por parte do professor ao escrever e ler as palavras. Fruto da relação e o clima pesado na aula, os alunos ficaram tímidos e o professor dedicou-se a ditar a matéria, sem mesmo explicar, nem supervisionar a atividade que os alunos realizavam. Optou por uma metodologia que não encoraja suficientemente os alunos a participarem intensamente na aula. Mesmo no fim da aula, não procurou saber se os alunos perceberam o tema. Pediu ao delegado que apontasse os números dos alunos que fizessem barulho, e deu por terminada a aula com a promessa de que explicaria na próxima aula.

Dia 22 de Abril, observamos a aula com o tema «Em busca da comunicação de qualidade, onde verificamos que a professora Mutango no seu plano, não havia correspondência ou relação entre os objetivos com o conteúdo, não fez o controlo de presenças nem da tarefa. A metodologia utilizada foi predominantemente tradicional, fazendo recurso ao método expositivo. Fez de forma não aprofunda a abordagem do tema, não realizou a avaliação nem marcou exercício para casa devido a deficiência gestão do tempo.

No dia 23/04/2015 durante a aula do professor Tchissingui, um aluno lançou o papel em direcção ao cesto de lixeira, mas caiu fora e ele não foi recolher o papel. Um aluno colocou dúvida e o professor ameaçou o mesmo dizendo: *se continuar a falar muito pode reprovar na minha disciplina*. Durante o resumo da aula, uma aluna não conseguiu responder e o professor

criticou dizendo: *és muita burra até isso não sabes?* Pediu um voluntário para explicar, logo levantou-se um outro aluno tentou, mas a resposta não convenceu o professor. Por isso, fez o seguinte comentário: *se não sabes é melhor ficar calado, em boca fechada não entra mosca.*

Dia 24 do mesmo mês, observamos a aula na turma professor Makeyeye, com o tema: democracia representativa, e constatou-se a boa interação entre professor e aluno embora foi se dirigindo aos mesmos pelos números e não nomes. E frequentemente cada participação do aluno, ele mesmo adianta ditando o número ao professor a fim de atribuir uma classificação. Não supervisionou a tarefa anterior e entrou no novo tema, utilizou uma metodologia participativa, embora alguns momentos os alunos ficavam tímido quando o professor faz ameaças acerca dos alunos que participam bastante com sugestões e dúvidas. O docente, agiu assim porque pareceu não muito seguro sobre o domínio do conteúdo. Ficou muitos momentos sem atividade e mesmo assim, 7 minutos antes do toque o professor deu por terminada a aula embora tenha tempo, não fez o resumo nem orientou a marcação da tarefa.

Dia 30 de Abril, na aula orientada pelo professor Tchissingui, verificou-se a organização inicial, controlo da tarefa do dia anterior, fez controlo de presença. Procurou saber se os alunos têm dúvida em relação a aula anterior. Em seguida, escreveu o novo tema «Ser um bom cidadão é fácil ou difícil». Explicou a matéria e começou a ditar os apontamentos e fazia pausa para ouvir comentário por parte dos alunos acerca de cada parágrafo registado, embora não controlava se os alunos sentados atrás estão realmente escrevendo. No tanto, não comentava e nem aprofundava as contribuições dos alunos. Em alguns casos, indicava o aluno para dar sua contribuição. No final da aula, fez a consolidação e resumo da aula, escreveu a tarefa no quadro e terminou o tempo.

Maio

No dia 4, as 7 horas 30 minutos a professora Catapepo, orientou a aula com o tema: «Democracia representativa», notou-se a presença de poucos alunos na sala, dos 30 alunos que a turma possui, assistiram a aula apenas 8 alunos, os outros atrasaram e outros foram convidados a saírem pelo facto de não terem participado da «parada» (cerimónia de participação obrigatória em que entoam-se o hino nacional e passa-se algumas informações), por se tratar de Segunda-feira. Fez a correcção da tarefa e verificou se todos fizeram. Como houve poucos alunos a professora trabalhou com todos os alunos, tendo a calma e paciência de interagir com os mesmos.

As 13 horas observamos a aula da professora Nhama, que depois da saudação, pediu aos alunos que não participaram da «parada» para saírem da sala, porque não podem assistirem a primeira aula do dia, tal como é corrente o cumprimento da norma da instituição. Ao escrever os preliminares ao quadro, errou em vez de «lição» registou «lição», uma aluna identificou e disse: a professora escreveu errado e em função disso, os alunos começaram a ler em voz alta o referido erro resultando muito barulho e os que estavam atrás não conseguiam ouvir o que a professora falava. Depois a professora ficou nervosa e pediu aos alunos que prestassem atenção e disse: *hoje vamos falar sobre «Eu e os meus colegas»* e os alunos ficaram em silêncio e começou-se a exploração do tema com a intervenção dos alunos e alunas dando sugestões.

Quando os alunos colocam as dúvidas a professora dizia que: *na próxima aula vamos responder, fica como tarefa, hoje vamos aproveitar escrever*. Depois disso, não fez a avaliação contínua e deu por terminada a aula.

Ainda dia 11/05, observamos a aula orientada pela professora Catapepo cujo tema é: «Eu e a adolescência». Depois da saudação verificou nos cadernos dos alunos a tarefa e expulsou os que não resolveram. Depois de 20 minutos, duas alunas vieram bater a porta e entregaram os seus trabalhos individuais. Durante a aula, a professora dedicou-se a dar exemplos da sua história de vida acerca dos sucessos e insucessos que foi tendo na fase da adolescência. Em função da desobediência que ela teve em não cumprir com as orientações que os adultos lhe transmitiam. Depois ela sentou e começou a ditar os conteúdos até que a campainha tocou.

No dia 14 voltamos à Escola 2 de Março e observamos a aula das 11h50 minutos, durante a mesma os alunos pareciam cansados. Por isso, participavam pouco e a professora perguntou: *estão muito calados, não comeram?* Os alunos responderam: *sim. Vamos já sair professora nos dá borla, professora Nzunzi*, mas ela disse: *que não podia porque estavam muito atrasado*. E para sairmos um pouco mais cedo é melhor escreverem já um pouco. Disse mais registem o título «sexualidade» ditou, ditou até que os alunos começaram a reclamar que a mão estava doer de tanto escrever, mas ela dizia *falta pouco para terminar*. Depois ditou a tarefa e, tocou o sino para saída.

No dia 18/04/2015, observamos a aula da Catapepo, com o tema «Reconstruindo a unidade nacional», durante a qual destacou-se o seguinte: realizou a organização inicial, consolidação dos conhecimentos anteriores, manteve os alunos motivados embora não explorou o suficiente as iniciativas dos alunos. Houve um domínio suficiente do conteúdo, passando os aspectos educativos. Utilizou inadequadamente o quadro e apagador. Não se elaborou os meios de ensino, colocou as perguntas de controlo, mas os alunos não conseguiam responder e perante esse fato não voltou a explicar marcou a tarefa de casa, e disse: *vão pedir aos vossos pais para vos ajudarem* e deu por terminada a aula. Por falta de espaço na sala, a professora ficava sentada em frente nem podia verificar as atividades que realizam os alunos devido o excessivo número de alunos.

No dia 21 de Maio, na aula da professora Nzunzi, com o tema «Importância da comunicação», chamou atenção o fato de entrarmos e minutos depois a professora diz *hoje vamos sair cedo, porque o professor vai trabalhar um pouco cedo na escola onde colabora. A vida está difícil, não dá confiar só num lugar*. Assim, foi visível a falta de cumprimento de horário na escola estatal e falta de honestidade do professor em relação ao trabalho prestado. Não fez o controlo da aprendizagem anterior nem a correção da atividade de casa. Tirou da pasta três folhas de papel A4 e deu ao delegado para tirarem cópia e lerem porque orientou que na próxima aula que terão nesta disciplina fariam chamada escrita com esse conteúdo não trabalhado diretamente com o aluno, mas considerado dado pelo fato de ter distribuído segundo o argumento da professora. Em 15 minutos terminou a aula, não planificada, mas improvisada pela professora.

Junho

Dia 18/06/2015 na aula das 9 horas e 10 minutos, orientada pela professora Ndinelau verificou-se bom clima de trabalho, durante a aula sobre a «Democracia representativa», os

alunos ficavam atentos a explicação e participavam dando sugestões, não supervisionou o registo dos alunos, as perguntas de consolidação colocadas aos alunos, quando não respondiam acertadamente as mesmas, ela volta a esclarecer acerca do que se estava aprendendo e a aula terminou num clima de alegria e harmonia.

As 11h50 observamos a aula orientada pela professora Nzunzi, na 8^a classe que iniciou com uma pergunta da professora: tinha deixado tarefa? Os alunos responderam: sim. Em seguida pediu aos alunos para lerem no livro o tema: «Democracia representativa», depois houve diálogo com os 4 alunos apenas, porque eram os únicos que tinham livros. Os outros dedicaram-se a ouvir porque segundo a professora os que não têm livros não podiam se juntarem com os que têm livros. Em função disso, houve pouca participação na aula porque outros alunos sentiram-se excluídos.

No dia 22, durante a aula da professora Ndinela que aconteceu as 9 horas e 10 minutos, depois da saudação, a professora fez a chamada e 5 minutos depois chegaram outros alunos que assistiram a aula, embora tendo já marcado a falta. Anunciou o tema pediu, algumas opiniões e continuou em frente não se movia pelas filas, três alunos sentados atrás não escreviam e estavam se enviando jogos, músicas e outras imagens nos telemóveis.

Ainda no mesmo dia, observamos a aula da professora Catapepo, as 10 horas e começou com o controlo de faltas, mas 5 minutos depois foram aparecendo mais alunos e entraram e assistiram a aula embora o professor já os tinha marcado as faltas. Em seguida perguntou quem fez a tarefa e um aluno leu a resposta e o professor não deu seu parecer se está certo ou errado. Fez a explicação do tema, não observou o que os alunos escreviam. Durante a consolidação, as perguntas não estavam relacionadas com os objectivos da aula e a tarefa marcada não constava do plano de aula.

Já dia 23 /06/2015, as 8h20 observamos a aula, onde verificou-se que o professor Ndala, sempre atento e preocupado em esclarecer mais o conteúdo para o alcance dos objectivos, para tal houve empenho na elaboração dos meios de ensino, com muitas intervenções dos alunos durante a aula. No final as questões colocadas aos alunos respondiam satisfatoriamente. Foi notório que os alunos alcançaram os objectivos da aula propostos para aquela aula. Finalmente, fez o resumo, marcou e orientou o trabalho para casa.

No dia 25/06/2015, durante a aula da professora Ndinela, com o tema «Reconstruindo a unidade nacional, Constatou-se a verificação dos conhecimentos anteriores, perguntou pela tarefa, mas não corrigiu, fez o controlo de presenças feita segundo o número de ordem, correção da tarefa, embora não definiu se a mesma estava certa ou errada. Começou a nova aula sem motivar os alunos e pediu que estes registassem a matéria. Os alunos tinham dificuldades em escrever certas palavras, mas o professor não tinha giz para escrever, e os alunos foram escrevendo a sua maneira. Durante a consolidação da matéria, respondiam sempre os mesmos alunos e outras vezes em coro, provocando barulho para outras salas. Não realizou avaliação contínua e teve dificuldade em gerir o tempo.

Na aula do dia 26/06/2015 verificou-se que o professor Makeyeye, não corrigiu a tarefa dos alunos, logo escreveu o novo tema: «Rituais e valores da nossa cultura» durante a explicação os alunos queriam saber mais acerca do tema se existe aspectos negativos, mas o professor não conseguiu satisfazer as necessidades dos alunos, teve pouco domínio em função da diversidade cultural existe no país. Começou a ditar os apontamentos, ficava apenas em

frente, não verificava o que os alunos escreviam, e deixava participar os mesmos alunos, não fez o controlo de presença e saiu tarde, ou seja, geriu mal o tempo consagrado a aula.

Igualmente dia 29 observamos a aula da professora Nhama, realizada as 13 horas, verificou-se boa organização da turma, estabelecendo boa relação com os alunos incentivando-os sempre a participarem da aula e valorizando a contribuição dos mesmos sobre o tema em destaque embora não reforçava ou complementava as respostas dadas pelos alunos e não supervisionava o que os alunos escreviam se está certo ou errado. Finalmente perguntava se os alunos entenderam e terminou a aula.

No dia 30 do corrente mês, observamos a aula do professor Ndala, tendo se destacado o seguinte: a aula começou com 15 minutos de atraso, justificado pelo professor com alegação de demora de transporte. Rapidamente fez a organização inicial, controlo da tarefa, mas não supervisionou quem fez ou não e também não fez a correção adequada, pois pediu um aluno para ler a resposta. Feito isso, não comentou se a resposta está certa ou não. Pediu que os alunos escrevessem o tema «Nem sempre é fácil aceitar ou negar algo», e logo começou a ditar, mas o conteúdo era diferente de outros colegas de escola. No final procuramos saber, e ela respondeu: *que tinha conseguido a matéria a partir do sobrinho que estuda a mesma classe numa outra escola*. Não dominou o conteúdo, e utilizou com frequência o método expositivo. Não fez a consolidação e resumo devido o término do tempo.

Julho

No dia 15, pelas 7 horas 45 minutos observamos a aula da professora Mutango, que iniciou com atraso devido a chegada tardia da professora. Durante a realização da aula com o tema: «Auto e mútuo conhecimento», verificou-se que a professora manteve boa relação entre todos integrantes, fez apresentação dos colegas e em seguida advertiu aos alunos que se comportassem bem porque tinham visita. Foi notório que os alunos não se sentiram muito a vontade durante a intervenção da professora e ficavam um pouco tímido, o que contribuiu para a professora usar mais da palavra e fazer registo sem acompanhar as actividades que os alunos realizam, pois tinham alunos a fazerem desenhos nos seus cadernos e não prestavam atenção a explicação.

Dia 16, as 11 horas 50 minutos observamos a aula da professora Nzunzi com o tema: «Eu e os meus colegas» na qual constatou-se a voz muito baixa, os alunos de trás não percebiam a explicação. Por isso, reclamavam que não estão ouvir, houve barulho em determinados momentos perdia o controlo da turma, depois de 15 minutos lembrou-se de escrever os preliminares ao quadro, os alunos respondiam em coro as questões colocadas e não indicava nem pedia o aluno para que se coloque de pé e dar o seu contributo. Movimentava-se para ver as actividades que os alunos faziam. Escreveu palavras erradas, enquanto no material estão bem escritas, faltou concentração e não realizou a avaliação e terminou a aula.

No dia 22, observamos a aula da professora Mutango com o tema «A turma legisla. Nós queremos mudar o mundo», assistimos a organização inicial, com a verificação dos conhecimentos anteriores de maneira aprofundada com uma boa participação dos alunos emitindo suas opiniões e dúvidas. Em seguida, formulou perguntas sobre o tema em estudo, orientou o registo da matéria, mas não prestou a devida atenção aos alunos que escreviam a matéria de outras disciplinas, os alunos ficaram muito distraídos. A estratégia utilizada na

aula, não contribuiu para boa interacção com os alunos. A explicação não foi feita de maneira profunda resultando muitas dúvidas no momento da consolidação. Manteve conversa por muito tempo com os alunos sobre o assunto que não tem nada a ver com o tema em estudo, fruto disso geriu mal tempo.

Na aula do dia 23, orientada pela professora Nzunzi com o tema «Dignidade humana: os porquês», constatou-se que inicialmente procurou saber a tarefa, mas não verificou se os alunos fizeram ou não a actividade, prometeu fazê-lo no outro dia, houve pouca participação dos alunos em função da estratégia utilizada. Ditou a matéria de maneira muito rápido, mas os alunos não percebiam em devido a dificuldade do professor de pronunciar certas palavras em português, devido a influência da língua materna que não apresenta alguns sons existentes em português. Não escrevia ao quadro as palavras desta natureza, dificultando o apontamento dos alunos. Explicou superficialmente o tema num tom de voz baixo, nem referiu os conceitos-chaves e fruto disso, houve muitas dúvidas no momento da consolidação, pois não conseguiam responder as questões formuladas. Os alunos que pediam para ir ao wc, já não regressavam a sala até ao final da aula. Ainda assim, o docente não fez o controlo de presença e deu por encerrada a aula.

No dia 24, na aula das 9h10 minutos observamos a aula do professor Makeyeye com o tema: «O que significa comunicação/diálogo», em seguida o professor perguntou: *fizeram a tarefa que está no livro?* Alguns alunos diziam *sim*. Ele pediu ao delegado de turma para averiguar os alunos que fizeram e os que não fizeram colocou-os fora da sala. Os alunos tentaram justificar que não possuem livros, mas o professor disse que é para comprarem. Ainda durante a aula, pediu que os alunos acompanhassem a leitura do texto, mas como entre os 32 alunos apenas 7 alunos têm livros de EMC fez com que houvesse pouca participação, devido a falta de livros. A professora não fornece algum resumo e não permite aos alunos trabalharem ou sentarem em grupo e usando o mesmo livro.

Dia 27, as 13 horas apreciamos a aula «A sexualidade e a lei», nesta aula a professora Nhama explicava com algum receio sobre a temática limitando-se a dizer que o sexo deve ser feito com camisinha, o que criou dúvidas aos alunos. Por isso, um aluno pediu que a professora diferenciava sexualidade e relações sexuais. A professora tentou explicar, mas os alunos não ficaram convencidos. E quando infelizmente a professora defendeu que abstinência é o melhor método de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis entre os casais. Ali surgiu outra dúvida e a aluna comentou: *se depois de casados ainda vamos praticar abstinência é melhor não casarmos*, professora. A aula terminou sem consenso porque pareceu que a professora não preparou suficientemente o tema e o conteúdo fornecido é diferente da outra professora.

Na semana seguinte, isto é, dia 28, as 17 horas 20, na aula da professora Catumbo, foi notório que depois da saudação e controlo de ausências, procurou saber se tinha deixado tarefa e os alunos responderem que *sim*. Mas não se fez a correcção da tarefa. Pediu a um dos alunos para lerem o último parágrafo da aula anterior. Feito isso, continuou a ditar os conteúdos e advertiu a turma para lerem a matéria porque vai sair na prova, em seguida marcou outra tarefa e disse que trouxessem numa folha A4 e deu por terminada a aula. Neste período a aula tem duração de 30-35 minutos devido a falta de segurança nesta escola e a presença de meliantes.

Ainda neste dia observamos as 11 horas a aula da professora Cassinda com o tema: «Reconciliação na comunidade», foi notório o interesse da professora em fazer os alunos participarem e falarem mais e ela foi explicando apenas nas situações que carecia de argumentação mais aprofundada ou mais detalhada. Estabeleceu regras para os alunos intervirem durante a aula, o que possibilitou evitar barulho e outras conversas paralelas e mesmo no momento do resumo da aula os alunos explicavam de forma correcta o tema abordado e finalmente orientou o trabalho de casa e terminou a aula. Pensamos que houve cumprimento dos objectivos e boa participação devido a metodologia activa e participativa que a professora utilizou permitindo a existência do modelo de ensino aprendizagem construtivista.

Agosto

No dia 3, as 13 horas e 50 minutos, observamos uma aula de preparação para prova, durante a mesma, a professora Lucombo fez o controlo de presenças bem como a colocação de perguntas orais aos alunos e estes tentaram responder. Mas no decorrer de respostas um aluno duvidou da resposta da professora dizendo que não concordava com a explicação dada e parece mais certa é a resposta dada pelo seu colega. Em função disso, ela exaltou-se e disse que a explicação que deu é a mais aceitável e disse mais: *professora aqui sou eu e estou mais informada do que cada um de vocês devido o meu nível de escolaridade.*

No dia 4, já na aula das 11 horas simplesmente a professora Cassinda saudou, fez chamada escreveu os preliminares e disse os temas que seriam objecto de reflexão durante a prova e em 10 minutos recomendou a lerem em casa os tópicos fornecidos e depois dispensou os alunos e alunas.

No dia 6, as 9 horas e 10 minutos, sendo a semana de revisões a professora Ndinela saudou, verificou a higiene da sala, fez chamada, perguntou a tarefa e recolheu os cadernos para avaliar e disse: *estudem toda matéria deste trimestre porque é a matéria que virá na prova, se tiverem algumas dúvidas podem colocar, caso não vamos terminar a aula e os alunos responderam: não temos dúvidas,* então a professora deu por terminada a aula.

No dia 10, na escola popular, na aula das 13 horas e 50 minutos da mesma semana de revisões, a professora Lucombo pediu que cada aluno verifica-se se tem lixo na carteira para poderem colocarem no cesto de lixo. Fez a chamada bem como o controlo da tarefa do dia anterior, relativamente a preparação da prova foi trabalhando em função dos tópicos das unidades que serviriam de avaliação.

No dia 11 do corrente mês, pelas 11 horas observamos a aula da professora Cassinda com o tema «Não a discriminação, sim a tolerância». Verificou-se que durante a organização inicial, não fez o controlo da atividade do dia anterior, os alunos reclamavam pelo fato de não se corrigir a tarefa. Escreveu os preliminares no quadro e logo começou a ditar o conteúdo sem mesmos os alunos darem as contribuições acerca da temática. Não utilizou o livro durante aula, na definição dos objetivos foi notório que não corresponderam com o conteúdo, não se faz o uso de outros meios de ensino, tirando o apagador, giz e quadro preto. Os alunos não conseguiam responder as perguntas colocadas pelo professor. Existia barulho na sala e dificuldade do professor controlar a turma, não se realizou a avaliação contínua não escreveu sumário e não fez o controlo de presenças, teve dificuldades de gerir o tempo de aula.

Depois da realização de provas em bloco, no dia 14 e verificou-se que nas turmas onde os professores dispensaram os alunos na aula de preparação, apresentaram mais dificuldades na interpretação da prova e nas turmas cujos professores deram tópicos e trabalharam neles terminaram mais cedo e consideraram a prova fácil.

No dia 17, na aula da professora Lucombo, com o tema «A amizade e o diálogo», constatou-se na organização inicial a falta do controlo da tarefa do dia anterior, verificou-se o domínio do conteúdo, boa orientação dos meios, mas predominou muito barulho por falta de controlo, ficou muito apegada ao plano de aula boa relação entre conteúdo e meios de ensino. Não utilizou convenientemente os métodos selecionados, escreveu erros ortográficos e de expressão oral, houve desavenças entre os alunos, dificultando a boa interação. Não marcou a tarefa nem fez a consolidação e resumo da aula e deu por terminada a aula.

No dia 19 na aula da professora Cassinda que teve como tema «o que acontece quando não se vive uma sexualidade responsável», constatou-se na organização inicial a preocupação em saber porque os alunos estavam distraídos. Em seguida escreveu o tema e começou a ditar a matéria. Foi escrevendo alguns erros ortográficos e tendo dificuldades de pronunciar certas palavras em português devido a influência das línguas locais. Alguns alunos sentados atrás não escreviam por já possuírem o conteúdo. Não deu possibilidade dos alunos interagirem muito na abordagem da temática, e quando o faziam resultava em barulho por responderem todos ao mesmo tempo. Não realizou a consolidação para verificar se os alunos alcançaram os objectivos da aula, nem realizou a avaliação contínua. Não fez bom uso dos recursos materiais, marcou a tarefa escrevendo-a ao quadro e recomendou a ler a matéria por ser importante para a prova. No final da aula notamos que a professora não se fazia acompanhar do plano de aula ou outro guião orientador na realização da referida aula.

No dia 20, pelas 11 horas, a professora Ndinela, não fez o controlo da tarefa do dia anterior, começou logo por explicar sem mesmo escrever o tema ao quadro, no momento de orientar o apontamento do conteúdo, é quando escreveu o tema ainda constatou-se que não havia relação da temática «Como votar», com os objetivos formulados, chamou a atenção o fato dos alunos darem respostas diferentes em relação aos objetivos, houve pouca participação dos alunos, escrita de erros ortográficos, e falta de humildade durante a reclamação e correção que os alunos faziam ao professor e pouco domínio do conteúdo. A metodologia utilizada não contribuiu para a boa interação na aula, seguida de ameaças feitas aos alunos acerca de opinar com sugestões desnecessárias, dificuldades nas relações humanas entre o professor e alunos. Não se realizou a avaliação contínua, fez a consolidação superficialmente e sem resumo no final da aula, marcou a tarefa e deu por terminada a aula dentro do horário estabelecido.

Ainda no dia 24, observamos a aula da professora Lucombo, constatou-se que iniciou com a verificação da higiene da sala e dos alunos, seguida do controlo de presenças e da tarefa do dia anterior e a apresentação e correção da tarefa. Fez a orientação até aos objetivos e apresentou o tema, pediu a contribuição dos alunos, em seguida deu uma explicação e depois orientou os alunos a realizar o registo do conteúdo. Boas relações humanas, boa criatividade na elaboração dos meios de ensino, A consolidação foi bem feita, mas não se aproveitou para realizar a avaliação contínua, o professor teve domínio do conteúdo, Não utilizou devidamente os meios de ensino e os alunos responderam satisfatoriamente as perguntas

colocadas. Não se fez o resumo, nem a marcação do trabalho de casa devido a mal gestão do tempo de aula.

No dia 27 voltamos a observar a aula da professora Ndinelau, onde verificou-se a organização inicial, controlo de presenças e correção da tarefa, não fez a verificação dos conhecimentos referentes a aula anterior, escreveu o tema «Eu e os meus colegas», em seguida pediu que os alunos escrevem e começou a ditar o conteúdo até ao fim, não explicou, escreveu erros ortográficos, havia barulho porque alguns alunos estavam atrasados durante o registo, e o professor não teve paciência de repetir. As relações humanas ficaram afectadas pelo estilo autoritário predominante na aula. As perguntas formuladas eram confusas, no final ficou consumado que o professor não tinha planificado a aula, dificultando os alunos a responder, não fez o resumo e da aula e a mesma terminou sem o professor escrever o sumário e a tarefa, devido a deficiente gestão do tempo.

Ainda no dia 31, observamos a aula com o título «Eu e a cidadania responsável», verificou-se a organização inicial, fez o controlo de presença e a correção da tarefa, não verificou o grau de compreensão do tema dado anteriormente. Em seguida começou a ditar o conteúdo, não explicou bem e nem apresentou exemplos reais em função da temática. a relação entre o professor e seus alunos caracterizou-se como deficiente, pois o professor algumas vezes humilha o aluno ao ou não responder as perguntas. Faltou o domínio do conteúdo para se perceber a finalidade e objetivo do tema. Na consolidação os alunos respondiam poucas vezes acertadamente, não fez o resumo da aula e nem realizou a avaliação contínua e deu por encerrada a aula.

Setembro

No dia 24 pelas 9 horas e 10 minutos, a professora Ndinelau orientou a aula cujo tema é: «Violência na família» durante a mesma, foi patente a atitude ameaçadora dela: *quem não prestar atenção vou lhe colocar fora da sala, não vieram para fazer fofocas na minha aula.* Em seguida perguntou ao delegado: *já fizeram chamada escrita (avaliação)?* Este respondeu: *sim, mas ainda não recebemos.* A professora disse: *não faz mal, vamos fazer mais outra no final da aula.* No decorrer da mesma disse que quer ver se todos passaram já a matéria do livro para o caderno. Uma aluna que senta em frente justificou que não terminou porque não tem livro e aproveitou passar uma parte da matéria na escola a partir do livro do colega. E ela pediu que saíssem os alunos que não fizeram a cópia da matéria. O curioso é que a professora sabe que a maioria dos alunos não possuem livros, dos 30 alunos apenas 5 tinham livros. Depois dos alunos saírem decidiu marcar outra tarefa e dispensou os alunos. Os alunos no corredor faziam tanto barulho que o professor da sala a seguir vinha reclamar e procurou saber o que se passava a professora respondeu que *estes alunos não têm material e não estudam.* Por isso, lhes coloquei fora, *não dá para dar mimos nestes alunos.*

Ainda as 11 horas 50 minutos voltamos a observar outra aula «Reconciliação na comunidade», a atitude dos alunos foi de muita calma, porque na aula anterior a professora Nzunzi marcou falta indisciplinada e expulsou os três alunos, porque estavam a conversar. Havia recomendado que só voltariam assistirem aulas depois de trazerem os seus encarregados, mas infelizmente durante a aula os encarregados de educação dos meninos não apareceram e conseqüentemente os alunos ficaram sem aulas na disciplina de EMC.

No mesmo dia, pelas 15 horas 40 minutos observamos a aula do professor Tchissingui com o tema: «Eu e a cidadania democrática», constatou-se que os alunos já tinham domínio da matéria, então o professor perguntou como aprenderam? E os alunos responderem que uma professora estagiária na ausência da professora tinha já dado este tema. Então a professora fez uma revisão. Acreditamos que o professor devia estar mais atento e actualizar-se como os colegas acerca das actividades realizadas.

Dia 28, as 13 horas observamos a aula com o tema «Vamos discutir os problemas», depois da escrita dos preliminares pediu ao chefe de estudo para fazer o levantamento dos alunos que não fizeram e constatou-se que a maioria não fez. A professora criticou os alunos por essa atitude e estes em resposta, um aluno disse: *não fizemos porque a professora nunca corrigiu a tarefa então sentimos preguiça*. A professora Nhama disse: *tu falas muito atoa, se não queres reprovar é melhor calar a boca*. Vamos escrever um pouco, foi ditando... alguns alunos reclamavam que estão atrasados, a professora respondia: *correm mais* e não repetia a parte em falta...os apontamentos ficaram incompletos.

Dia 29, na sala 7, observamos a aula da professora Catumbo com o tema: «A sexualidade e a lei», foi notória a boa vontade em trabalhar, mas ela grita muito com os alunos, não permite erros do aluno porque pensa que se o aluno não responde bem significa que não se interessou pela aula. E utiliza expressões como: *se não sabe nada continua a vir fazer o quê? Se não quer aprender fica em casa*. Essa atitude contribuiu para os outros alunos ficarem com receio de participarem mais, dando seus contributos. Ditou e depois perguntou se alguém tem dúvidas, mas infelizmente ficaram calados e o sino tocou para saída. A professora disse ninguém sai, mas um aluno levantou-se e ela marcou a falta de indisciplina.

Outubro

No dia 1, as 15 horas 40 minutos realizou-se a aula com o tema: «O divórcio», na qual identificou-se a boa relação entre os integrantes do processo. Os alunos organizadamente participaram intensamente dando contributo que o professor Tchissingui não dominava em função da diversidade cultural que apresentam os alunos. O professor mostrou-se humilde e agradeceu a participação dos alunos e deu por terminada a aula porque outro professor já estava na porta a espera para entrar já que houve má gestão do tempo.

Dia 6, as 11 horas observamos a aula com o tema: «Eu, o meu país e a reconciliação nacional», a professora Cassinda fez o controlo de presença, explicou e interagiu com os alunos. Criticou um aluno dizendo: *tu não tens participado na aula, agora fala!* e o aluno disse: *a professora nunca me chamou*. Também foi visível a falta de calma na hora de usar o quadro porque escreveu três palavras erradas, durante o registo ditava virada para o quadro e não se movimentava para ver o que os alunos escreviam.

No dia 7, as 11 horas 50 minutos observamos a aula que teve o seguinte tema: «os símbolos que identificam o meu país», a professora Mutango interagiu bem com os alunos num clima de harmonia, os alunos participavam para saberem mais sobre o seu país, mas como o livro apresenta vários elementos que identificam o país, a professora acabou confundindo, alguns símbolos culturais e deixando os mais essenciais. Mais uma vez faltou boa preparação do professor e cooperação entre eles a nível da coordenação, porque para este mesmo tema os conteúdos são diferentes de professor para professor.

No dia 8 na aula do professor Tchissingui notamos que realizou bem a organização inicial, depois escreveu o tema «Direitos humanos» e começou a orientar o apontamento sem explicação nem contribuição dos alunos. Não tratou do tema de maneira mais aprofundada, utilizou bem os meios materiais, escrita de erros por falta de calma e humildade durante a correção feita pelos alunos. Manteve um controlo suficiente da turma, os alunos igualmente colaboraram durante a construção de novos saberes. Não marcou a tarefa nem fez controlo de presenças, porque já estava em crise de tempo. Alguns alunos questionaram sobre os trabalhos que o professor ainda não devolveu aos alunos. Este em resposta disse que *vocês no sabem nada, só reclama, mas não estudam nada*.

Ainda no mesmo dia, as 9 horas observamos a aula com o tema «Vamos discutir problemas», o professor Makayeye, fez a introdução da aula, se dirigiu aos alunos chamando pelos números e não nomes, assim foi chamando pelos números aleatoriamente até de alunos que não estavam presentes na aula. Ficou claro que o professor não conhece os alunos, por isso, dirige-se à eles pelos números em vez dos nomes. Quando o aluno participa na aula por cada intervenção ele dita o seu número para ter classificação.

Ainda as 13 horas 50 minutos observamos a aula «A sexualidade e a lei» depois de entrarmos, havia alguns alunos fora pertencentes à turma, mas não entraram para participarem da mesma, depois a professora Lucombo, pediu ao delegado chamarem os colegas. Mas este do seu regresso disse que já foram.

Dia 12, as 7 horas 30 minutos com o tema: «Reconciliação na comunidade», observamos a aula que iniciou com atraso devido a chegada tardia da professora Catapepo e logo depois da saudação, escreveu os preliminares e começou a ditar, um aluno fez lembrar que *tinha tarefa para corrigir*. A professora respondeu que: *vamos ver no outro dia*, orientou o registo até ao toque de saída e não explicou prometendo fazê-lo na próxima aula, razão pela qual os alunos reclamaram de tanto escreverem e por saírem 10 minutos depois.

No dia 13, na aula da professora Cassinda com o tema «Definição da amizade, a companhia e o diálogo», ficou evidente que os alunos estavam entusiasmados e bem motivados devido a metodologia participativa que adotou a professora. Notou-se o bom domínio do conteúdo, assim como utilização de boa linguagem, utilização dos meios de ensino e boa gestão do tempo. Fez o resumo e consolidação da aula com a participação sempre dos alunos. A relação entre os intervenientes foi boa, e finalmente fez a chamada pelos números, escreveu o sumário e marcou a tarefa para casa e deu por encerrada a aula.

Dia 16, as 13 horas e 50 minutos observamos a aula com o tema: «Reconciliação na comunidade», no início escreveu erradamente duas palavras e de seguida os alunos corrigiram dizendo à professora que não é assim que se escreviam aquelas palavras. A professora Lucombo aceitou e se defendeu dizendo que foi um lapso. Primeiro ditou a matéria depois deu a explicação, mas dois alunos conversavam e ela não prestava atenção ao lado esquerdo da sala.

Dia 19, as 7h30, observamos a aula da professora Catapepo, verificamos que a professora interagiu bem com os alunos, mas ao longo da aula as explicações dadas, não correspondiam com o tema em estudo «A sexualidade na adolescência» induzindo aos alunos em erros, utilizando predominantemente uma metodologia que contribuiu para a passividade dos alunos. Em conversa com ela justificou que tal deve-se às dificuldades em não saber o que podia se

ensinar com aquele tema. Quando verificamos o esboço do plano de aula constatamos que os objetivos formulados no presente do indicativo. Não ficou claro se os alunos alcançaram os mesmos devido a falta do momento da consolidação e resumo da aula.

Finalmente dia 20, as 8 horas 20 minutos, observamos a aula do professor Ndala sobre: «Os símbolos que identificam o nosso país», depois de cumprir com as formalidades fez o controlo da tarefa, orientou os alunos em função dos objetivos da aula, explicou e depois pediu as contribuições dos alunos, escreveu algumas palavras ao quadro e depois não apagava o quadro, o que dificultava localizar a nova palavra escrita. Não conseguiu explicar o significado da cor amarela da bandeira nacional, fez o resumo da aula, marcou tarefa e terminou a aula.

Dia 23, observamos a aula da professora Lucombo, com as seguintes evidências, boa organização inicial, controlo da tarefa do dia anterior, fez a orientação até ao objetivo e os alunos participaram bastante no tema «A vida em família começa na família», não elaborou os meios de ensino. Conseguiu manter a turma controlada e teve domínio do conteúdo. No final da aula não fez a consolidação da aula, mas fez o resumo da aula e marcou a tarefa e não fez o controlo de presença. Observado o plano, constatou-se a mal na formulação de objetivos específicos, nem estava no modo infinitivo.

No dia 20, durante a aula do professor Ndala, verificou-se que o professor tinha elaborado o plano com boa formulação dos objetivos e na organização fez o controlo da tarefa do dia anterior, fez o controlo de presença pelos números, escreveu o sumário e começou a explicar os subtemas e os alunos escutavam atentamente e questionou se havia dúvida, quando os alunos respondia que não há, então passava para outro tema. Não forneceu apontamentos para os alunos e nem os alunos possuem livros. Mas o professor pensa que esta é a maneira de obrigar os alunos a comprarem livros. No final da aula marcou a tarefa e recomendou os alunos que comprassem livros e estudassem todos os temas já abordados, porque sairia na prova. E assim terminava mais uma aula, alguns alunos triste por não terem oportunidade de registarem alguma coisa.

Novembro

Do dia 9 até 13, realizou-se a aula de preparação para as provas de escolas (finais), foi visível as dificuldades pelo facto de existir muito conteúdo e não tinham por onde começar. Em 45 minutos por semana é quase impossível rever os conteúdos dados ao longo do ano lectivo tendo em conta a proporção de conteúdos que são avaliados ao longo de todo ano. O regulamento da elaboração de provas finais prevê conteúdo na ordem de 20 % referente ao I trimestre, 30 % para o II trimestre e 50 % para o III trimestre.

Dia 21 realizou-se a prova de escola de EMC as 10 horas e constatou-se em algumas turmas muitas lamentações pelo facto dos professores não terem dado determinados temas, em função de alguns terem iniciado o ano lectivo tarde devido a falta de condições locais organizativas.

Em certas situações deve-se a falta de cooperação entre as escolas ou com a direção de educação, porque as propostas dos professores acerca do grau do cumprimento do programa não são levadas em consideração. Outro caso tem a ver com a escola do interior (meio rural) em que os conteúdos que apareceram na prova de exame, por exemplo das perguntas

propostas no enunciado apenas os alunos conseguiram estudar ao longo das aulas um conteúdo que perfaz uma percentagem de 33,33 % contra os 66,67 % correspondentes ao conteúdo não dado durante o ano lectivo de 2015.

Anexo 3

Guião de Entrevista para Professor

A presente entrevista visa descrever e compreender as práticas educativas e curriculares dos professores de EMC em escolas secundárias de Lubango (Angola), tendo em conta as actividades de aula, o uso dos materiais curriculares e as relações com os estudantes. Solicitamos e agradecemos pela sua colaboração e disponibilidade, sua contribuição será de grande valor para o desenvolvimento educativo. Durante a escritura da tese os dados relativos às pessoas estarão sujeitos ao anonimato e privacidade com alto grau de sigilo possível, para salvaguardar ou evitar a identificação das pessoas participantes nesta pesquisa.

- 1 - Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida?
- 2 - Descreva a sua trajectória académica e como começou a trabalhar na educação e como professor de EMC?
- 3 - No que diz respeito a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo, esta a favor ou contra? Pode aclarar a resposta?
- 4 - Descreve como tem decorrido a prática educativa de Educação Moral e Cívica e sua qualidade?
- 5 - Analise os modelos e métodos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC? Justifica.
- 6 - Aclare como avalia os seus alunos e como é avaliado?
- 7 - Explica como tem decorrido o processo de planificação diária e a nível da coordenação?
- 8 - Analise e aclare os comportamentos dos alunos da escola secundária e que factores estão na sua base?
- 9 - Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula no âmbito da educação moral e cívica? Pode aclarar?
- 10 - Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica. Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.
- 11 - Descreva como os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professores e alunos durante a aula têm contribuído para o bom perfil de saída do aluno no contexto de Angola?
- 12 - Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar?
- 13 - Tendo em conta as mudanças sociais. Como avalia o salário dos professores em Angola? Pode justificar?

14 - Como professor, analise a formação que tem beneficiado para o seu desenvolvimento profissional.

15 - Avalie o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

16 – Explica a relação que estabelece com o aluno e que liderança predomina no processo de ensino-aprendizagem.

17 – Caracteriza e analisa qual é o papel que a família tem desempenhado na educação dos filhos?

Anexo 4

Transcrição das entrevistas dos professores

Entrevista ao professor Ndala 20/04/2015

- E. Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida e como começou ingressou na educação?

R - Devido a guerra cresci longe da família, comecei a trabalhar quando conclui a 8ª classe, depois conclui a 12ª na especialidade de ciências físicas e biológicas, não estou a estudar.

E. No que diz respeito a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo, esta a favor ou contra? Pode aclarar a resposta?

R. - Pela sua essência da sua actividade que é instruir e educar deve ter a obrigação de transmitir os valores através de seus ensinamentos e exemplos de actos humanos as novas gerações. Estou a favor da inclusão da disciplina até porque tem se notado a perda de valores morais. Esta disciplina vem mesmo com o objectivo de ajudar aconselhar fazendo palestras em relações aos problemas que a nossa sociedade enfrenta.

E. Descreve como têm decorrido as práticas educativas de EMC?

R - Por falta de maior empenho, dedicam-se a ditarem muita matéria e estão muito preso ao livro. Por exemplo, pouca busca ou pesquisa por parte dos professores. Eles apresentam dificuldades de preparação de aulas e na realização prática das aulas, na relação entre professores e o seu no novo contexto de trabalho, sobretudo os que trabalham no interior das capitais de cidade. Estamos distante daquilo que se pretende porque daquilo o que os manuais trazem se temos cumpridos talvez é na ordem de 50 ou 60 por cento.

E. Analise os modelos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC. Justifica.

R - É preciso trabalharmos muito para se alcançar o necessário. Em suma, quando falamos de modelos utiliza-se ainda os modelos tradicionais, precisamos acompanhar a dinâmica para que haja um bom desenvolvimento educativo. O professor ainda usa métodos tradicionais porque não recorre ao uso diversificado de estratégias nem meios, tão pouco sabe usar as tic para a aula. Ainda procuramos compreender os outros modelos para melhorar o trabalho. Predomina mais o modelo tradicional devido a falta de condições o professor é o único que traz saber para os alunos. É notório em muitos casos que a aula está centrada no professor e o aluno é visto como alguém ou tábua rasa ou sem luz e as tecnologias não eram tão desenvolvidas como nos dias de hoje. Pena é que os docentes na sua maioria não usam e aproveitam as mesmas para melhorarem o trabalho que fazem no seu dia a dia. O que faria com que o aluno seja um membro activo no processo de ensino-aprendizagem.

E. Explica como tem decorrido as planificações a nível da coordenação?

R - Não se abre momentos para troca de experiência de como abordar determinados temas que podem oferecer mais dificuldades ou grau de complexidade, não se faz a planificação entre professores que leccionam a mesma disciplina e classe o que facilitaria o debate entre os colegas. Têm decorrido de forma sistemática, isto é do que tenho observado em que o coordenador que dirige esta mesma planificação, a princípio fala das actividades realizadas e das actividades por se realizar. Ele situa sobre o que vai ser feito, quais são os temas a serem ensinados durante um mês, ai vai decorrendo as actividades. Cada um vai opinando sobre o que deu, ou falta por dar. Elas têm sido até certo ponto interessantes, isto porque além de distribuírem os temas que serão leccionados durante os próximos dias. Dão certas dicas sobre o comportamento dos alunos da mesma escola e por fim lembrar os docentes acerca das normas.

E. Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula? Pode aclarar?

R - As tic são importantes para formação e informação do indivíduo e ajuda no processo de socialização do indivíduo, o uso das tic durante a aula é crucial embora depende das condições do professor que vai leccionar esta aula. Porque é necessário que ele tenha domínio da mesma, mas não estou de acordo como alguns professores que exageram demais o seu uso. Pois, todo trabalho pequeno, pede que envie no facebook do professor. Elas são importantes no processo de ensino aprendizagem quando bem exploradas ajudam a estar actualizados e permite a busca de novos saberes. Infelizmente muitas vezes são mal uso e interpretados por exemplo, as publicidades e novelas que passam o que tem contribuído para desestruturação do pensar e comportamento.

E. Analise o papel que os meios de comunicação social têm desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

R - Se coisas boas passam com aquela intensidade, coisas más ao passarem com a mesma intensidade é mais fácil influenciar-se pelas coisas negativas. Desempenham um papel importante no que tange a transmissão de valores morais e cívicos. Existem certos programas que têm ajudado no relacionamento com a sociedade atendendo a nossa realidade angolana. Há pais que não têm tempo para sentarem com os filhos, de modo que os seus filhos, não se deixem levar pelas más influências desta. Por outro lado, tem ajudado na sensibilização da sociedade de modo a evitar a violência doméstica.

E. Descreva até que ponto os conteúdos programados e os materiais utilizados têm contribuído para o bom perfil de saída do aluno.

Os conteúdos programados e outros materiais utilizados nas aulas são bons e contribuem para um bom perfil de saída dos alunos. O que tem dificultado é a falta de boa utilização dos mesmos de formas racional. Encontramos valores bons nos nossos materiais, a grande dificuldade tem sido a transferência dos conteúdos programados à prática. No entanto, em alguns temas existem algumas insuficiências no livros já que falta sistematizar bem. Contudo, os materiais utilizados são bons e contribuem para um bom perfil de saída dos alunos, o que tem dificultado é a falta de boa utilização dos mesmos de formas racional.

E. Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar.

R - A formação média ou superior não tem nada a ver com a disciplina que lecciono. A experiência como coordenador ajuda a perceber as dificuldades dos professores relativamente ao processo de ensino-aprendizagem de EMC. Apresentam dificuldades de domínio do conteúdo. Por vezes, nota-se que o professor não planificou antes de vir na sala de aula e transporta os problemas de casa para turma e desconta nos alunos. Outra dificuldade prende-se ao facto de compreender, quando o aluno tem problemas.

E. Descreve como é a relação entre o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

R - Entendo que para o professor se gerir bem o seu comportamento acredito que poderá ajudar em certa medida que os alunos venham respeitar o próprio professor. A relação tem melhorado significativamente devido os conhecimentos que os professores que continuam a estudar estão adquirindo.

E. Quais são os critérios de admissão como professor na educação?

R - Alguns são admitidos mediante um teste e entrevista, outros não fazem teste, são admitidos mesmo assim. E o teste não tem nada a ver com a especialidade que cada seguiu é mais conhecimentos de cultura geral, português e matemática. Tem existido pouca transparência no processo.

E. Aclare como avalias os seus alunos e como és avaliado?

R - Ela feita mediante a participação nas aulas individualmente ou em grupo mediante a realização de tarefas e chamadas escritas, trabalhos de grupos. Os alunos são avaliados todos os dias de aula, o professor faz a selecção de alunos que têm avaliações em atraso. O professor faz a avaliação oral e escrita de maneira obter a média de avaliação contínua.

E. Analise a relação da família com a escola e que papel tem jogado na educação dos filhos? Pode justificar?

R - Apesar do esforço das escolas a relação ainda é débil e também falo por experiência própria como professor e como pai que sou também não tenho passado pelas escolas onde estudam os filhos. É fraca a relação da família com a escola porque o sucesso das aprendizagens escolares depende do comprometimento das famílias, o que não tem se verificado na prática. Porque as famílias demitiram-se desse papel devido as desculpas de falta de tempo. Por esta razão, tem havido incompreensões, porque as famílias não acompanham os filhos e não sabem o tipo de comportamento fora de casa. Infelizmente, apenas se preocupam em matricular os seus educandos, depois volta a passar no fim do ano lectivo para saber o aproveitamento. As famílias deixam a tarefa de educar os seus filhos na responsabilidade da escola em velar pela educação e instrução dos filhos. Seria bom que existisse colaboração entre as instâncias responsáveis pela educação. Sabemos que o Lubango

é uma sociedade com muitos problemas, em termos de moral, já que devemos reconhecer que há degradação de valores na sociedade, existe muitas famílias monoparentais.

E. Descreva acerca da formação contínua dada aos professores

R - Atualmente ela está melhor, atendendo as tecnologias alguma coisa está mudar pois, a mudança pode significar desenvolvimento. Mas tem se dado as vezes formação muito repetida, já que os professores têm dúvidas que as vezes não são respondidas nesta formação ou seminários organizados. Um tenho a formação inicial e estes conseguem se adaptarem com facilidade, já que possuem agregação pedagógica. Em outros casos, os docentes que não possuem formação inicial, tem participado em seminários que tem ajudado pouco, por não fazerem referências as dificuldades dos docentes.

E. Como avalia a condição salarial dos professores

R - Ainda estamos mal atendendo as possibilidades que o nosso país tem, os professores merecem muito mais do que aquilo que ganham. Sem se esquecer do atraso quanto ao pagamento do mesmo, já basta ser pouco e ainda tem que demorar um ou dois meses. Sinto que o Estado exige muito dos professores e ele faz muito pouco para os professores. No entanto, apesar das dificuldades existe professores que apresentam amor pelo que fazem, empenhando-se com todo esforço e vontade mesmo sendo mal pagos. Infelizmente o salário em certos casos é miserável, sendo o professor um grande participante indirecto da vida do homem, isto porque é ele que forma todas as profissões. Acho que os professores poderiam ser um pouco mais valorizados e bem remunerados. Existe professores com nível superior, mas continuam a ganharem como técnicos médios, devido a falta de actualização das categorias dos docentes.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista a professora Mutango 29-04-2015

E. Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida e como começou ingressou na educação?

R - Cresci no meio rural, com a minha família, tive a educação religiosa. A infância foi difícil, devido a falta de condições sociais. Depois fui estudar na escola da missão, fiz o ensino médio em ciências económicas e jurídicas, depois fui admitido como professor actualmente não estou a estudar.

E. No que diz respeito a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo, esta a favor ou contra? Pode aclarar a resposta?

R - Estou a favor, com esta disciplina os alunos aprendem sobre os valores morais e éticos, seus direitos e deveres. Se um aluno é mal comportado em casa e na escola, a EMC estará ali para ajudar a moldar a atitude do aluno. Espera-se que venha ajudar as pessoas, a pensar cada vez mais no respeito dos valores.

E. Descreve como têm decorrido as práticas educativas de EMC?

R - Elas têm decorrido a bom nível, mas apesar da ausência de alguns professores das disciplinas. Ela é importante por ser o pilar para uma boa aula e, com a planificação conseguimos ministrar bem as aulas. Mas na realidade, a planificação não tem sido muito boa porque para planificar é necessário ir ao contexto da realidade, planificar uma coisa e dão outra coisa, porque o que está na planificação não condiz com o meio. A prática de EMC têm decorrido a medida do possível, constitui desafio trabalhar com os alunos de culturas diferentes.

E. Analise o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - Na minha opinião, não se faz sentir o papel da supervisão das actividades que os professores realizam. Isto porque, durante os anos que estou a trabalhar, nunca me observaram em nenhuma aula. Esta a falta de acompanhamento do trabalho dos professores tem contribuído para que não haja planificação, daí que os professores têm falhado em aspectos muito mais importantes na orientação de aulas. Duma maneira geral, podemos afirmar que não se faz sentir, acabando muitas das vezes em dar liberdade do bem fazer. Com a supervisão das actividades escolares, elas decorreriam da melhor maneira possível, permitindo que os professores planifiquem as aulas e que orientem os professores a ultrapassarem as dificuldades, que apresentam e sejam mais responsáveis no trabalho.

E. Analise e aclare os comportamentos dos alunos da escola secundária e que factores estão na sua base?

R - Atualmente tenho a dizer, que a assiduidade é um dos factores muito raramente verificada, já que tem se notado muita falta dos alunos nas aulas. Por incrível que pareça, alguns só aparecem no dia da prova. Outro factor, é a pontualidade já que muitos deles têm imensos problemas em chegar cedo. Contudo, digo que se estes aspectos continuarem, teremos imensas dificuldades em acompanhar o rendimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Bem como pode resultar em alunos deformados, em termos de conhecimentos. Acho que tal deve-se, a falta de responsabilidade, pouca segurança naquilo que fazem. A falta de respeito também tem a ver com o egoísmo e o imediatismo que os adolescentes perseguem. É necessário os adultos darem bons exemplos, para os adolescentes seguirem e não simplesmente criticarem.

E. Analise os modelos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC. Justifica.

R - Muitas questões que o professor traz, esta já tudo direccionado e, os alunos prestam atenção a exposição e não precisam de ajudar na formulação ou construção destes saberes durante a aula. Na sala de aulas, o professor é o orientador das aprendizagens e facilitador dos conhecimentos, ao passo que o aluno é o elemento que é orientado, o receptor dos conhecimentos, bem como aquele que está aprendendo e buscando mais conhecimentos.

E. Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula? Pode aclarar?

R - As tecnologias de informação e comunicação podem ajudar significativamente no decurso do processo de ensino-aprendizagem, mas que nem todas escolas têm esta possibilidade de adquiri-los, outras até têm tais recursos ou há um défice no seu uso. Também pelo facto, dos professores não dominarem as mesmas. Nas aulas não se faz sentir o uso das tic, nunca utilizamos e nem possuímos tais meios, talvez um dia iremos aprender, para podermos utilizar nas aulas se é bom ou não.

E. Explica como tem decorrido as planificações a nível da coordenação?

R - Cada integrante anuncia onde parou, se cumpriu com a planificação anterior, em seguida começa por orientar-se o registo de conteúdos, que serviram para se trabalhar nos próximos dias. Assim, apresenta-se e orienta-se os colegas a registar os temas que leccionarão as respectivas classes e, que cada um vai procurar trabalhar bem ou mal isoladamente, já que não se dá nenhuma orientação metodológica.

E. Descreve como avalia os alunos e que tipo de prova se aplica?

R - Os alunos são avaliados mediante as provas orais e escritas, trabalhos em grupo, individual, tarefas. Alguns professores obrigam o aluno a decorarem o conteúdo. Os alunos são avaliados mediante a chamada oral, escrita com relação a matéria abordada, realizando alguns trabalhos individuais.

E. Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

R - Através dos meios de comunicação, recebemos informações bastante ricas, quer através dos nossos cantores, peças de teatro, novelas e filmes. Quando mal usadas, podem contribuir para deturpar a mente dos alunos, sobretudo as informações resultantes de novelas, programas do big brother e, trazem influências negativas, porque os adolescentes por falta de orientação acabam imitando aquilo que observaram.

E. Descreva até que ponto os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professores e alunos durante a aula têm contribuído para o perfil de saída do aluno no contexto de Angola.

R - Não temos materiais excelentes nem programas, mas são aceitáveis. A dificuldade reside na materialização daquilo que vêm nestes programas. Os materiais são suficientemente bons, para se levar em frente essa missão. Embora em certos temas, o livro só apresenta actividades sem conteúdo para fornecer. Ainda assim, podemos considerar como suficientes, para ajudar o aluno a ter bom perfil de saída, porque vem de uma forma e quando saí, nota-se diferença a nível comportamental. Os conteúdos abordados ajudam, a ter pensamento diferente, lógico e crítico com relação as coisas e a ter um comportamento aceitável perante a sociedade.

E. Quais são os critérios de admissão como professor na educação?

R - São admitidos através de concursos públicos, são os critérios que usam independentemente da formação que possuem, já que cada candidato não é inserido de acordo a formação que possui. Existe um concurso que é feito, mas não tem havido transparência, tem havido injustiça. Porque os candidatos que deviam ser admitidos, são aqueles que possuem a formação inicial de professores, que possuem competências pedagógicas, mas que na prática acabam ficando fora, não ficando admitido.

E. Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar.

R - Sim, porque não tivemos uma formação inicial de professores, introduziu-se reformas curriculares sem se formar professor para tal. As dificuldades têm a ver com o distanciamento que existe, entre as disciplinas que leccionamos e aquelas em que nos formamos. Os professores sentem dificuldades de gerirem o tempo, mal planificação de aulas, a falta de saberes e bom domínio dos conteúdos a abordar.

E. Como professor, analise a formação que tem beneficiado para o seu desenvolvimento profissional.

R - Geralmente não se realiza a formação com regularidade, quando se organiza e se dá uma formação contínua aos professores, que na realidade não reflecte aquilo que é indispensável, para os professores no momento. Fica-se uma semana a abordar questões repetitivas sobre a avaliação e não ensinam como orientar bem a aula.

E. Descreva a rotina semanal de práticas educativas de EMC.

R - Ao longos dos dias procuramos realizar as nossas actividades, planificando quando possível as aulas e dando as mesmas. Depois regresso a casa e, assim se desenrolam as aulas. O momento difícil é planificar sem programas.

E. Descreve como é a relação entre o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

R - Depende do clima criado pelo professor, quando trata bem os alunos, estes retribuem tratando-o bem. No entanto, em muitos casos esta relação não é boa, porque os professores abusam de poder, humilhando os alunos sem mesmo terem feito algo relevante. Esta relação tem sido boa no processo de ensino-aprendizagem, mas tem sempre alguns professores, que querem competir com os alunos em termos de conhecimentos e em outros casos, consideram o aluno como receptor de conteúdos e nada mais.

E. Analise a relação da família com a escola e que papel tem jogado na educação dos filhos? Pode justificar?

R - Constitui um elemento importante em conexão com a escola, para o sucesso do aluno. Pois, a família conhece o aluno de uma maneira geral e individual, ao passo que a escola busca conhecê-lo de forma mais particular. Portanto, a família têm o papel de ajudar a escola a educar o aluno da melhor maneira possível. Existem ainda muitas famílias, que depois de

matricularem seus filhos, já não fazem acompanhamento, jogam essa tarefa para a escola e o professor, porque pensam que é exclusivamente a tarefa do professor e ganham para o efeito. Alguns comportamentos dão a entender, que não existe interação entre a escola com a família, porque se assim fosse não poderíamos ter este tipo de comportamento.

E. Analise o papel da família na educação dos filhos. Pode justificar?

R - No passado os pais eram mais pacientes na educação dos filhos, agora têm muitas ocupações e não têm tempo de sentarem com os filhos. Anteriormente, primava-se mais pelo ensinamento dos valores humanos e respeito pela vida. Já actualmente, devido o aparecimento da globalização, os valores mudaram em tempo, provocando a relativização dos mesmos. As famílias desestruturadas, não estão em condições de ajudarem os filhos, a mudarem de atitudes negativas e, acabam sempre estando mais expostos a valores da rua e, ao mesmo tempo, trazem consigo esses valores para escola.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista ao professor Makeyeye

08-05-2015

E. Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida e como começou ingressou na educação?

R - Cresci na área rural e junto com os meus avós. Recebi uma educação religiosa, fruto disso, os pais levarem-me sempre a igreja. Tive momento de adaptação difícil, devido os valores que fui adquirindo na escola e os ensinamentos da doutrina do marxismo-leninismo. Doutrina considerada então, radical que nega a existência dos valores sagrados, que então nós acreditávamos. Quando conclui a 11ª na especialidade de ciências humanas, depois fui apurado para ser professor e deram-me o horário da disciplina de EMC e, actualmente não estou a estudar.

E. No que diz respeito a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo, esta a favor ou contra? Pode aclarar a resposta?

R - Estou muito de acordo e acho que o governo fez bem ao incluir esta disciplina no currículo. Por isso, sou a favor e sou apologista que melhor... Por um lado é necessário aumentar a carga horária e que se faça um trabalho mais abrangente.

E. Caracterize como tem decorrido a prática educativa de Educação Moral e Cívica?

R - O professor era o centro de tudo, era tido como aquele que soubesse tudo e todas as coisas. O aluno simplesmente é o receptor do conteúdo e, tudo quanto o professor falava, é o que era certo. O professor é o transmissor do conhecimento, o aluno não era livre de exprimir seus próprios pensamentos, suas ideias e muito mais. Hoje a educação é para todos sendo rico ou pobre mais é para todo. Actualmente o professor é o centro do processo de ensino aprendizagem, mas sim o aluno sendo o docente, o orientador das aprendizagens e o aluno é o construtor do seu conhecimento.

E. Analise e aclare os comportamentos dos alunos da escola secundária e que factores estão na sua base?

R - Atualmente tenho a dizer que a assiduidade é um dos factores muito raramente verificada, já que tem se notado muita falta dos alunos nas aulas. Por incrível que pareça, alguns só aparecem no dia da prova. Outro factor, é a falta de pontualidade de muitos deles, pois têm imensos problemas em chegar cedo. Contudo, digo que estes aspectos se continuarem, teremos imensas dificuldades em acompanhar o rendimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, para não resultar alunos deformados em termos de conhecimentos. Os alunos se comportam mal, devido a dificuldade no cumprimento as normas pré-estabelecidas e outras que procuram estar de maneira mais correcta possível. Há muitos factores, que condicionam tal situação desde o comportamento e perfil do professor, as expectativas e angústias por parte dos alunos, ao verem que a escola não está como eles desejam. Deste modo, não têm um comportamento aceitável, porque muitos deles já não têm aquela vontade de estudar como antigamente. As vezes a culpa é também dos pais e dos próprios professores. Não estão a realizarem o seu real papel como educador. Muitos deles vestem-se mal, ou apresentam-se mal na sala de aulas, as vezes não conseguem responder uma simples pergunta, que já é muito preocupante. Alguns factores são: a falta de interesse, o mau uso das tic, falta de acompanhamento dos pais e o desinteresse por parte dos próprios alunos.

E. Descreve como têm decorrido as práticas educativas de EMC.

R - Atualmente ouve-se falar da existência de novas metodologias activas e participativas, mas na prática os professores encontram muitas dificuldades. De facto se faz esforço, mas há dificuldade de utilizar estas metodologias ,daí a predominância da transmissão. Na sala de aulas, o professor é o orientador das aprendizagens e facilitador dos conhecimentos ao passo que, o aluno é o elemento que é orientado, o receptor dos conhecimentos, bem como aquele que está aprendendo e buscando mais conhecimentos.

E. Explica como tem decorrido a sua rotina semanal de práticas educativas de EMC.

R - Tem sido boa, sempre vou a escola depois vou na faculdade. Quando regresso, preparo as aulas do dia seguinte, depois vou trabalhar num bar. Na madrugada voltou para casa, descanso um pouco. Muito cedo acordo e me preparo para ir trabalhar, quando possível tenho participado da reunião pedagógica.

E. Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

R - Desempenham um papel importante e positivo por um lado por ajudar no desenvolvimento de hábitos morais correctos, mas por outro lado, tem influenciado negativamente na exposição ou apresentação de muitos programas e publicidades, que distorcem a imagem ou perfil do que se pretende criar na sociedade a nível da formação moral e cívica.

E. Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula? Pode aclarar?

R - Alguns professores fazem o uso das tic, mas a maioria não, porque não dominam as mesmas e nem sabem usar. Acho mesmo que é devido a falta de conhecimento. Eles são importantes no processo de ensino-aprendizagem, à medida que ajudam aos alunos na compreensão dos temas em abordagem. É benéfico também, porque as aulas têm mais motivação e o aluno fica mais interessado em aprender, já que ele ganha essa curiosidade. Por isso, é bom quando sabemos usar, embora não se faz sentir com muita frequência o uso das tic. Mas elas são cruciais no desenrolar das aprendizagens, é pena que a maioria dos docentes não usa por falta de conhecimento.

E. Analise os modelos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC. Justifica.

R - Apesar do esforço de uma minoria utilizar as tic durante as aulas, muitos continuam a preferirem o modelo tradicional por ser aquele que de acordo a realidade de formação de professores é único que os professores mais dominam. Assim, o modelo mais predominante ao longo das aulas é o modelo tradicional, transmissivo e mesmo isso é notório também nas provas, porque as questões colocadas exigem do aluno simplesmente decorar e reproduzir os conhecimentos.

E. Explica como tem decorrido as planificações a nível da coordenação?

R - A planificação a nível da coordenação servem para registar os temas, para os dias seguintes e são realizadas quinzenalmente ou mensalmente. Nela fazem parte todo grupo: professores da 7^a, 8^a e 9^a classe e não há outra para professores que leccionam a mesma classe e disciplina.

E. Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica. Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

R - Tem sido através destes meios que se veicula mensagens, que visam a moralização da sociedade angolana como na homilia, no próprio discurso do presidente enfim. Mas também é a partir destes mesmos meios que se faz passar os contravalores.

E. Descreva até que ponto os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professores e alunos durante a aula têm contribuído para o perfil de saída do aluno no contexto de Angola.

R - Os programas apresentam algumas insuficiências, os livros não estão bem sistematizados, porque em alguns casos só apresentam os temas sem conteúdos. De certo modo, tem dificultado a existência de um bom perfil de saída dos nossos alunos com competências, aptidões e capazes de resolver os problemas que afectam a sociedade. Não temos maus programas e materiais, o problema tem sido este: de os nossos alunos assimilarem apenas os valores e acabando de não viverem os mesmos.

E. Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar.

R - Tem a ver com a falta de condições de ensino, muitas vezes a escola não tem condições, para fornecerem aos professores, de modo que o trabalho dos professores seja facilitado. Já que, a sociedade espera um ensino de qualidade e competente. Embora, continuamos a transmitir os conteúdos, conceitos, mas a vivência das temáticas abordadas durante a aula é uma dor de cabeça.

E. Como professor, analise a formação que tem beneficiado para o seu desenvolvimento profissional.

R - Algumas vezes dá-se formação contínua, mas não tem ajudado muito na solução dos problemas dos professores, porque não se faz diagnóstico das reais dificuldades e necessidades dos mesmos. É necessário o governo continuar a investir na formação de professores, para que possa formar professores competentes e, sejam capazes de introduzirem inovações nas reais condições de trabalho.

E. Descreve como é a relação entre o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

R - A relação as vezes é ruim, porque existem professores, que não respeitam os alunos e são muito autoritários. Se as famílias colaborassem, haveria bons resultados na educação. Infelizmente as famílias têm estado muito longe da realidade das escolas, já que não fazem o devido acompanhamento da vida escolar dos seus educandos, deixando simplesmente esta tarefa para a escola. Esquecendo-se que para melhor desenvolver os alunos, é necessário que a família participe deste processo. Na sala de aulas, o professor é o orientador das aprendizagens e facilitador dos conhecimentos, ao passo que o aluno é o elemento que é orientado, o receptor dos conhecimentos, bem como aquele que está aprendendo e buscando mais conhecimentos. Esta relação tem sido boa no processo de ensino-aprendizagem, mas tem sempre alguns professores, que querem competir com os alunos em termos de conhecimentos e em outros casos, consideram o aluno como receptor de conteúdos e nada mais.

E. Analise a relação da família com a escola e que papel tem jogado na educação dos filhos? Pode justificar?

R - Alguns problemas vividos na escola relacionados com os alunos dão a entender, que não existe interação escola com a família. Mas algumas famílias se preocupam bastante com a educação dos seus filhos. Passam com regularidade a escola e contactam os professores dos referidos filhos.

E. Analise o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - Não se faz sentir o acompanhamento das actividades escolares realizadas pelos professores. Pensamos que quando as aulas são supervisionadas, tendem a serem melhores. O professor observado consegue melhorar o seu trabalho se for orientado em termos

metodológicos mediante as críticas e conselhos construtivos. Se assim for, o professor conseguirá desenvolver as suas competências, capacidades, potencialidades e avaliar suas limitações de forma a autosuperar-se. Se os supervisores desempenharem o seu papel, servirá de estímulo à pesquisa por parte do professor a ser observado e, também motiva o professor a ser observado e auxiliado na teoria e prática com o objectivo de tornar seus conhecimentos em sabedoria, podendo desta forma alcançar os objectivos traçados para cada aula.

E. – Caracteriza e analisa qual é o papel que a família tem desempenhado na educação dos filhos? Pode justificar?

R - Algumas famílias não estão em condições de ajudar e acompanhar os seus educandos, em contrapartida vamos encontrar filhos que vivem sozinhos apresentando, comportamento inaceitável e transporta-o para escola.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista de professor Tchissingui 11/06/2015

E. Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida e formação?

R - Cresci com o meu avô, um período ia a escola e no outro ia pastar os bois. Tive dificuldade de porque fiz isso num período de guerra. A igreja nos ensinava a amar o próximo e acreditar na existência de Deus, já a doutrina do marxismo nos ensinava o contrário. Actualmente conclui a 12^a classe.

E. Caracterize a inclusão da disciplina de EMC no currículo?

R - Com a inclusão desta disciplina, espera-se que venha ajudar as pessoas a pensarem cada vez mais no respeito dos valores. Embora temos os professores propriamente dito de EMC, mas todo professor que pela sua essência e da sua actividade que é instruir e educar, deve ter a obrigação de transmitir os valores. Pode faze-lo através de seus ensinamentos e exemplos de actos humanos as novas gerações.

E. Descreve como deve ser o perfil do professor de EMC?

R - Entendo que o professor de EMC deve diferenciar-se, possuindo ou seja, o seu papel é: instruir, definir e exemplificar esses valores. Mas na prática deve ser de todos os professores, porque todos em sua plena actividade, deviam praticarem valores positivos e que esses serviriam de exemplo de inspiração dos seus alunos (pausa), é outra forma de ensinar os valores. E os professores de EMC não devem ensinar só os conceitos devem ir mais além, não ficando apenas nos valores como por exemplo: a solidariedade, amizade é necessário praticar, viver os mesmos nas acções a realizar.

E. Descreve a rotina semanal de práticas educativas de EMC?

R - Ainda encontramos muitas dificuldades, porque os professores formaram-se nas outras áreas do saber que não tem a ver com a formação de professores. Quer dizer, fizeram o ensino médio noutras instituições escolares que não têm nada a ver com a formação de professores. O mais agravante, os professores não estão a estudar para auto superar-se para realizar bem as práticas educativas. O resultado é aquele em que o aluno estagiário vem leccionar e o professor tutor por falta de humildade, repudia negativamente o aluno, enquanto este tem preparação pedagógica para esta disciplina. Por isso, precisamos mais de encontro e cooperação com os colegas, para podermos superar o mar de problemas que vivemos sobre a prática.

E. Aborde os modelos de ensino-aprendizagem mais utilizados

R - Apesar do esforço de uma minoria utilizar as tic durante as aulas, muitos continuam a preferirem o modelo tradicional por ser aquele que de acordo a realidade de formação de professores é único que têm mais domínio. O modelo de ensino mais predominante nas aulas é o tradicional porque não se recorre ao trabalho muito interactivo e colaborativo e nem se faz o uso de outras formas de construir o conhecimento de maneira libertar o aluno na realização e participação de todas actividades da aula.

E. Explica como tem decorrido as planificações a nível da coordenação?

R - As escolas mais afinçadas procuram levar o processo de ensino-aprendizagem com mais responsabilidade. Fruto disso, nestas reuniões para com vista a dar mais ênfase o coordenador convoca os professores onde apresentarão propostas de como ensinar certos temas na sala de aulas e se possível um professor disponibiliza-se a simular uma aula durante a planificação. Tem decorrido a bom nível, mas apesar da ausência de alguns coordenadores das disciplinas. Ela é importante por ser o pilar para uma boa aula, e com a planificação conseguimos ministrar bem as aulas. Mas na realidade a planificação não tem sido muito boa, porque para planificar é necessário ir ao contexto realidade, planificar uma coisa e dão outra coisa, porque o que está na planificação não condiz com o meio.

E. Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula de educação moral e cívica? Pode aclarar?

R - Para sermos sinceros nunca utilizamos as técnicas de informação e comunicação durante a aula. Não se faz sentir devido a falta de condições nas nossas escolas, uma vez que não têm internet, projector, nem computador, também muitos professores não estão preparados para tal.

E. Descreve o papel dos meios de comunicação

R - Olhando para os aspectos positivos através dos meios de comunicação recebemos informações bastante ricas quer através dos nossos cantores, peças de teatro, novelas, filmes. Mas ao mesmo tempo o outro lado é assistirmos algumas novelas e ouvirmos se é desabafo de coisas que não dignifica para nossa geração e a questão do mal quando se passa com a ideia de que se vai extrair o bem porque o mal que aparece é para dizer que não é assim mas é o

oposto deste. Não concordo porque devia existir mais censura porque quem assiste interpreta o contrário, se coisas boas passam com aquela intensidade, coisas más ao passarem com a mesma intensidade é mais fácil influenciar-se pelas coisas negativas. Quanto as publicidades não vamos só pensar no dinheiro existe várias formas de ganhar dinheiro e não usarmos o corpo da mulher quase nua ou semi-nua para fazer publicidade com o intuito de que assim é que vamos ter clientes, são situações que não ajudam na moralização da própria sociedade.

E. Descreve como são os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professor de EMC?

R - Não temos materiais excelentes nem programas, mas são aceitáveis a dificuldade reside na materialização daquilo que vem nestes programas, neste conteúdos programados tem sido muito pouca. Encontramos valores bons nos nossos materiais, a grande dificuldade tem sido a transferência dos conteúdos programados à prática, daí que apesar do perfil de saída do nosso aluno nas instituições escolares seja ela do primário, I ciclo podem ter até ponto os valores, mas a materialização na prática ou a vivência destes valores, sua concretização está muito longe dessa realidade.

E. Sente dificuldade em trabalhar com essa dificuldade disciplina?

R - Sim, porque não tivemos uma formação inicial de professores, outras tem a ver com o distanciamento que existe entre as disciplinas que leccionamos e naquelas em que nos formamos. A formação média ou superior não tem nada a ver com a disciplina que lecciona. A experiência como coordenador ajuda a perceber as dificuldades dos professores relativamente ao processo de ensino-aprendizagem de EMC.

E. Qual deve ser o perfil do professor de EMC?

R - Existe várias qualidades que deve possuir o professor. Assim, deve ter todas qualidades indispensáveis para ser professor, mas acima de tudo deve procurar educar na base dos seus actos, porque não basta que fale bem, é importante passar essa mensagem através de actos ... deve ser assíduo, pontual, actualizado que procura fazer o bem e na sala de aula procurar fazer o bem e ajudar a corrigir comportamentos negativos procurar nas suas acções transmitir uma mensagem positiva não é só falar coisas boas o bem não pode ficar no conceito deve ser vivido por exemplo não podemos estar em frente dos alunos embriagado dai o professor deve ficar atento nas suas acções e não estar a falar coisa boa e faço o contrário. O professor deve procurar com as suas acções fazer o bem, pois ensinar valores é necessário vivenciar os mesmos.

E. Como caracteriza a formação contínua de professores

R - Tem se dado uma formação contínua aos professores, mas que na realidade não reflecte aquilo que é indispensável para os professores no momento e fica-se uma semana a abordar questões repetitivas. É preciso realizar acções de formação que vão de acordo as necessidades dos professores e não formar por formar apenas na vertente política não estamos a fazer nada porque em certos casos como não se faz diagnóstico das reais dificuldades e necessidades dos

professores e depois se dar alguns contributos. Outra situação é que o formador seleccionado devia ser um professor com maior experiência para poder interagir bem com os colegas.

E. Avalie o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - A supervisão do trabalho que o professor orienta não é devidamente acompanhado, não se faz sentir. Hoje, muitos professores não cumprem com os seus deveres, aparecem na escola apenas para assinar o livro de maneira evitar falta e não dão aulas. Outros até podem dar, mas não dominam o conteúdo e não conseguem ter boa relação com os alunos. Não se faz sentir acabando muitas das vezes em dar liberdade do bem fazer, com a supervisão das actividades escolares, elas decorreriam da melhor maneira possível, permitindo que os professores planifiquem as aulas que orientam os professores a ultrapassarem as dificuldades que apresentam e sejam mais responsável no trabalho.

E. Explica a relação que estabelece com o aluno e que liderança predomina no processo de ensino-aprendizagem

R - As vezes o comportamento do aluno é reflexo do comportamento do professor e normalmente entendo que para os professor terem mau relacionamento com os alunos depende da gestão do professor, porque se o se gerir bem o comportamento acredito que poderá ajudar em certa medida que os alunos venham respeitar o próprio professor. Agora nós como professor devemos estar preparados que na sala vamos encontrar alguns alunos com comportamento inadequado e sabermos corrigir para que não haja mau ambiente na relação professor aluno como ele geralmente é que tem de ser promotor do bom relacionamento por mais que seja mais novo como professor. Mas se ele se relacionar bem com os alunos mais velhos a relação será boa de contrário será censurado com críticas de o professor é menor de idade apesar de ter estudado deve também nos respeitar.

E. Aborde a relação da família com a escola e que papel tem jogado na educação dos filhos? Pode justificar?

R - Se se cumprisse com essa relação, acredito que muitos problemas estariam resolvido a nível da escola. Tem se constatado, que convoca-se os pais /família nem se quer se fazem presente. Numa turma de mais de trinta alunos podem aparecer 4, por isso alguns casos nem a própria relação existe. Porque normalmente problemas que podiam ser resolvidos durante o decorrer das aulas seriam, resolvidos antes de se chegar ao fim com o ano lectivo.

E. Descreva o que está na base de comportamentos inaceitáveis dos adolescentes?

R - Na minha opinião em relação ao que tenho visto acerca dos alunos que apresentam um comportamento inaceitável tem muito a ver com a nossa própria realidade da nossa própria sociedade. Eu tenho pensado mesmo que isso é resultado da influência da crise de valores que se verifica na nossa sociedade e como nós temos algumas famílias em plena desestruturação não estão em condições de ajudar o filho a mudar de atitude negativa e acaba sempre estando mais exposto a valores da rua e ao mesmo tempo traz consigo esses valores para escola e a

tendência é que aquele que tem família estruturada acaba tendo bom comportamento e aqueles que apresentam famílias desestruturadas é que apresentam ausência de bom comportamento, não fazem tarefas e as vezes são muitos arrogantes. Devemos reconhecer que o comportamento do aluno é reflexo do comportamento do professor porque quando o professor se comporta mal, o aluno também se comportará mal, o próprio comportamento do professor deve ser exemplar.

E. Descreve como avalia os alunos e que tipo de prova se aplica?

R - Ela feita mediante a participação nas aulas individualmente ou em grupo mediante a realização de tarefas e chamadas escritas, trabalhos de grupos. São avaliados mediante as provas orais e escritas, trabalhos em grupo, individual, tarefas, alguns professores obrigam o aluno a decorarem o conteúdo. Os alunos são avaliados mediante chamada oral, escrita com relação a matéria abordada, realizando alguns trabalhos individuais. A avaliação que faz acaba adulterando o perfil de aproveitamento para não ser sancionado.

E. Como avalia o salário dos professores face a inflação? Pode justificar?

R - Infelizmente o salário em certos casos é miserável, sendo o professor um grande participante indirecto da vida do homem, isto porque é ele que forma todas as profissões. Acho que os professores poderiam ser um pouco mais valorizados e bem remunerados. Existe professores com nível superior, mas continuam a ganharem como técnicos médios devido a falta de actualização das categorias dos docentes. O nível social de alguns professores é baixo e por isso, andam descontentes com o rendimento que obtém da sua actividade. Infelizmente sou licenciado, mas estou enquadrado como técnico médio. A entrega e motivação não é tanta porque é necessário colaborar em outros sectores para poder ganhar mais dinheiro e diminuir as dificuldades.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista a professora Nzunzi 17/08/ 2015

E. Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida e como começou ingressou na educação?

R - Eu vim do governo provincial e a minha vida foi de colaborador, estive 4 anos na escola secundária, minha vida sempre foi esta. Antes disso, fui militar cumpri o serviço militar e depois fui para o governo e depois fui colocado aqui. Dei continuidade a minha formação na área de educação.

E. Será que existe diferença entre a educação no passado e actualmente?

R - A diferença que existe é que, no passado que vivemos anteriormente, é muito diferente dos dias de hoje, só estamos com 40 anos de independência e 13 anos de paz, então tudo leva tempo, as memórias ainda estão mais magoada por vivermos período conturbado do período de guerra e não é fácil termos condições que possam satisfazer as necessidades das nossas

crianças e pelo facto de existir crianças e mais velhos de ruas que de dia passam o dia a mendigar. Mais tudo leva tempo, razão pela qual está se construindo moradias para albergar os velhos com excepção na província do Cunene onde os líderes defendem que os velhos devem viverem com os seus filhos.

E. Como avalia a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no Currículo.

R - O tempo é muito curto e é necessário mais tempo já que nós hoje vivemos de período do fenómeno das tic... e as pessoas são influenciadas pelas essas informações resultantes das tecnologias. Por isso, o aparecimento da EMC nas escolas é muito importante por ajudar a esclarecer aos alunos o que é que deve-se efectivamente fazer para as pessoas não confundirem o que assistem na televisão e aquilo que deve ser nossa realidade. Por isso, essas tic beneficiam as crianças se forem muito bem aproveitadas tirando o positivo e separar do negativo. É preciso esclarecer como devem ser as coisas é necessário paciência, tempo para as pessoas mudarem de mentalidade do contrário desvirtua mesmo as pessoas.

E. Caracteriza e analisa o papel da família na educação dos filhos?

R - É saber esclarecer aos filhos os aspectos negativos dos positivos nas redes sociais há casos que agente assiste para tirar algumas ilações porque nem tudo que passa os meios de comunicação servem de exemplo, regras para isso é necessário que os pais desempenhem um papel preponderante e ajudem os professores... para além da educação de casa é complementada com a do professor da escola é normal o professor de EMC ter falhas, o erro é natural, o negativo é repetir muitas vezes.. Perguntam quem é o professor de EMC quando se nota desvio na conduta do filho naquilo que deve seguir, o papel do professor de moral e cívica é este...tem esse papel de acompanhar os alunos, mas é associadas a contribuição da família porque se ela não fazer nada... Fica difícil o professor sozinho trabalhar essa dimensão... é necessário dar indicações as crianças para se enquadrar na sociedade e os pais devem também orientarem os filhos como complemento das actividades realizadas na escola.

E. Descreve como tem sido a rotina semanal de prática docente de EMC?

R - Durante a semana, cada professor tem o seu horário e dá cumprimento ao mesmo dando aulas e cumprindo os seus deveres e obrigações da actividade laboral, que é ensinar durante a semana. Assim, ao longos dos dias procuramos, realizar as nossas actividades planificando quando possível as aulas e dando as mesmas. Depois regresso a casa e assim se desenrolam as aulas.

E. Como é a relação entre professor e aluno e que liderança utiliza?

R - A principio deve ser boa, mas nós lutamos para que haja boa relação porque só assim é que conseguimos atingir os objectivos. Também existe casos que quando o professor é democrático dizem tem um espírito de deixa andar, há momentos que o professor tem que adoptar o estilo autoritário, isso vêm em função do comportamento dos alunos porque se formos liberais cairemos na libertinagem. Professor é aquele ou deve ser aquele que morde e sopra para deixar os outros respirarem bem e se sentirem a vontade e o aluno também só

assimila se estiver bem posicionado em termos de comportamento sossego tem de sentir que está com o professor e o professor está ali e é um elemento que dirige e algumas vezes depende do aluno valorizando a ideia dos alunos...se for muito autoritário os alunos não se abrem com receio de retalhar. É necessário permitir existir disciplina na aula.

E. Aclare como é feito a avaliação no processo de ensino aprendizagem?

R - O professor avalia em função do seu comportamento, conforme o nosso sistema os alunos participam e há sempre aqueles que se destacam mais e as notas vão variando em função da sua capacidade de assimilar porque não somos iguais cada um é diferente a quem assimila rápido e outras lentas, é necessário não colocar os alunos em pé de igualdade... É necessário conhecer os alunos, neste aspecto para não avaliar mal, não pelos nomes, mas conhecimentos em termos de assimilação.

E. Como avalia a distribuição e os materiais da reforma educativa em função do contexto angolano?

R - Por mim acho que o governo tem feito esforço e os materiais da reforma estão bem a quem diga não porque devia se ver porque para se andar bem é necessário levar tempo há sempre aqueles caminhos que agente atropela. Acho estão bem, alguma coisa pode não estar, mas quem inventou isso, foi chamado atenção para melhorar. Quanto a distribuição dos materiais tem havido reclamações de que não há material suficiente, mas vemos vendedoras informais a venderem materiais que não se sabe quem fornece esse material. É necessário a inspecção trabalhar e investigar mais para se saber de onde as vendedoras conseguem adquirir o material porque tem havido fuga de material com envolvimento dos responsáveis do sector.

E. Como é feito o acompanhamento ou supervisão aos professores pela direcção da escola.

R - O que está primado é que devia acompanhar, mas na realidade eles dizem que acompanham (riso), mas nunca vi e não se faz sentir... em escolas primárias poucas vezes se faz, já no ensino secundário não se faz sentir... o professor quando chega está mais preocupado em regressar para cidade devido outros compromissos que o professor tem... os professores fazem pouco tempo no local de trabalho, porque precisa de dar continuidade aos estudos. E para não quebrar o princípio de unidade nacional que faz com que sejam admitidos trabalhadores não residentes que vivem a 300 ou 400 km da cidade e as aulas é de segunda a sexta. Logo, o professor falta muitas vezes pelo facto de estudar na capital da província... os jovens trabalham um ano lectivo e no ano seguinte, com o rendimento (salário) que auferi, decide aumentar o seu nível académico matriculando-se numa faculdade e tendo recurso para pagar a propina. Por outro lado, prejudica bastante no seu local de trabalho. Porque quando volta esta atrasado em termos de planificação e acaba não tendo paciência para ensinar todos os temas programados mesmo a avaliação que faz acaba adulterando o perfil de aproveitamento para não ser sancionado e ser louvado de maneira que se fique com a impressão que trabalhou bem. O professor de EMC não deve se comportar desta forma porque os professores devem ser exemplos para a juventude porque um jovem mal preparado a sociedade futura também estará mal preparada. É próprio de um país que vem da guerra e é muito que se faz que comparando com outros países que tem independência a muitos anos 50,

80, 100 muitos não chegaram aquilo que fizemos até ao momento e estamos num bom caminho e o futuro é promissor esses desvios podem ser ultrapassados quando colocarmos os pés assentes no chão não podemos dizer que tão rapidamente que tudo está bem com o tempo as coisas vão melhorar e a EMC é muito importante e a religião ajuda bastante a sociedade para moralização dos espíritos e construção de uma sociedade séria e verdadeira.

E. O professor de moral está preparado para esta actividade de docência?

R - Não. A maioria dos professores não têm formação aproximada para leccionar a disciplina de EMC, porque não têm agregação pedagógica, mas é melhor continuarmos assim do que fecharmos as escolas, vamos ter que aguentar mesmo assim... quando termos quadros formados para leccionar a disciplina de EMC então iremos fazer o devido enquadramento. As escolas de formação de professores quando formarem muitos, então teremos docentes preparados para tal.

E. Descreva e analise até que ponto a formação que tem recebido tem contribuído para o seu desenvolvimento profissional?

R - O que temos notados é que quando se dá o seminário é para o refrescamento do professor e recuperar aquilo que tem sido o seu dia a dia pois que com ele se torna mais fácil estar em frente do aluno. A quem vai ao seminário como passatempo para não verem as pessoas em casa... e chega na sala de aula o professor não é inovador é muito tradicional, não investiga porque acha que já sabe o caminho... quando a formação não é dirigida em função das necessidades dos professores fica difícil introduzir nova dinâmica nas actividades pedagógicas... é necessário temas de interesses e que ajudam na actividade docente como o uso das tic de forma que os professores sejam pesquisadores e inovar os conteúdos para não ser como agora em que alguns professores não investigam, ficam com o mesmo plano todos os dia até o papel ficar rasgado e mesmo na correcção querem o aluno responda tal como o professor ditou, qualquer diferença o professor risca... os seminários são importantes e têm beneficiado bastante aqueles que participam e reconhecem a importância de seminários. Caso contrário, seremos sempre os mesmos ano após ano. Durante a formação devia se dar o que realmente os professores precisam se de antemão realizarem um diagnóstico e não ser cada prelector abordar tema que ele achar conveniente.

E. Aclare os modelos de ensino-aprendizagem mais predominante na aula?

R - Na aula combina-se o modelo tradicional com o construtivista, mas predomina mais o modelo tradicional por ser aquele que os professores mais dominam e porque estão mais preparados e foram formados na base deste modelo.

E. Conte acerca do papel que desempenha os meios de comunicação social de acordo a realidade angolana.

R - A rádio estatal e privada em qualquer parte do mundo serve para moralização dos espíritos se forem bem utilizadas. Actualmente se for bem utilizadas tem jogado o duplo papel porque algumas vezes passa publicidade indecente... melhorou com a comunicação social, é normal

os outros defenderem o contrário... os problemas das novelas é que o importante é não confundir as coisas porque o que for bom devemos seguir e o negativo colocar de parte.. devemos deixar as crianças assistirem e depois corrigir o certo e o errado... mas os pais nem sempre estão presente na hora que em apresenta a novela devido a dinâmica da vivência nas cidades. Algumas pessoas religiosas não deixam os filhos assistirem novelas... assistimos aqui quando estavam a distribuir preservativos os alunos foram negando alegando que se os pais vissem estes preservativos teriam problemas em casa... ainda muitos pensam que distribuindo os preservativos é promover a prostituição... é preciso conversarmos mais com os filhos, amadurecer as consciências, as novelas são muito importantes é necessário orientar as crianças acerca do que se deve seguir porque a evolução resulta também dessa abertura.

E. Explique como são feitas as reuniões ou planificações pedagógicas na coordenação?

R - Têm sido regulares e é assim mesmo como os conselhos de direcção, servem para balancear as actividades realizadas num determinado período e planificar outras para o período seguinte é importante isso e só quem trabalha é que faz isso. Cada um diz onde chegou e explica as razões do atraso. Não se vive momento de troca de experiência entre colegas nem debater como se irá abordar temas que podem constituir dificuldade. As reuniões pedagógicas são importantes, necessárias e servem de guia para nossas acções.

E. Que dificuldades / necessidades sentem os professores durante a actividade educativa?

R - Na área urbana as turmas variam de 46 a 50 alunos contra os 35 previstos na reforma educativa. Outra dificuldade prendem-se com a falta de material, o nosso material é de apanhar aqui e ali o professor é que tem de fazer alguns apanhados e «desarrascar» o termo é mesmo esse. Agora durante as aulas as dificuldades que os professores podem encontrar... o elevado número de alunos por turma... o comportamento dos alunos por não se envolverem muito nas actividades escolares... falta de salas de aulas porque as aulas ao ar livre não contribuem para o bom clima de aprendizagem.

E. Analise a relação da família com a escola e que papel joga na educação dos filhos?

R - Primeiro é que deve ser saudável, mas na prática a família não tem muito tempo para acompanhar as crianças... já na área rural o filho em vez de ir a escola vai apascentar o gado. Não aparece com regularidade na escola porque os pais sem formação não compreendem bem a importância dos estudos para a vida quotidiana por isso, valorizam mais o gado considerado como riqueza. Portanto, a relação está a melhorar um pouco.

E. Como os alunos tratam os professores e vice-versa?

R - Depende, cada aluno tem a sua forma de proceder alguns tratam o professor como professor e deve ser aquele que os alunos devem respeitar, mas há alunos cujo comportamento é bastante negativo... existe professores que deixam muito a desejar... os professores que temos apresentam dificuldades.

E. Actualmente existe uma valorização do (salário) do professor em função do nível académico que possui?

R - O problema é os escalões existentes, o que faz com que haja diferença salarial abismal com os colegas e nesta promoção os que mereciam ser promovido ficaram de fora em detrimento de outros cujos nomes não constaram na proposta...não há transparência na promoção dos trabalhadores, não existe uma satisfação salarial porque não chega para suprir as necessidades... o que tem influenciado no desenrolar do processo porque as vezes os professores têm de sair um pouco mais cedo para poder ir atender outros afazeres de maneira obter mais dinheiro para o seu sustento.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista de professora Cassinda 22/10/ 2015

E. Conte um pouco acerca da História de vida: origem, educação

R - Nasci na área rural tive a educação familiar, a minha infância ficou um pouco atrapalhada, quando tinha 6 anos. Aprendemos muita coisa no seminário, mas depois tivemos de adoptar outro comportamento com o aparecimento do marxismo-leninismo que negava a existência de Deus. Foi difícil porque tínhamos tendência de ir a igreja, mas as coisas complicaram e deixamos de ir. Me formei graças as missões da igreja católica. Conclui a 12^a classe na especialidade de ciências económicas e jurídicas, depois fui recrutado para ser professora.

E. Descreve acerca da inclusão da disciplina de EMC no currículo?

R - Espera-se que venha ajudar as pessoas a pensar cada vez melhor, antes de agir porque esta disciplina os ensinamentos que concorrem para a existência de comportamentos bons na sociedade. Ajudando a tornar as relações interpessoais mais amigáveis com todos integrantes da sociedade. No entanto, é pena que a carga horária atribuída não tem sido suficiente para se abordar assuntos de tal importância.

E. Descreva a rotina semanal de práticas educativas de EMC?

R - A prática educativa de EMC constitui uma dor de cabeça (risos) ... é verdade que se tem dado alguns passos positivos que ainda assim consideramos poucos, mas na verdade temos muitas as dificuldades porque os professores de educação moral e cívica na sua maioria tiveram formação noutras áreas, o que normalmente os alunos dizem acerca dos professores contraria não só em determinados passos metodológicos mas também o próprio comportamento do professor que deixa muito a desejar, não estou a dizer que nós os professores de EMC somos perfeitos. Estou a dizer que os tais professores que estão a dar essa disciplina deixam muito a desejar por outro lado, refere-se as metodologias porque nós procuramos seguir... não é fácil transferir as questões metodológicas na prática porque na sua implementação encontramos muitas dificuldades.

E. Analise os modelos e métodos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC? Justifica.

R - O modelo mais predominante apesar de cumprir com as metodologias activas e participativas como: diálogo, discussão, debate, chuva de ideias que permite uma boa interacção. A maior parte usa o método tradicional que não tem nada a ver com as metodologias recomendadas, há muitas questões que o professor trazem esta já tudo direccionado e os alunos prestam atenção a exposição e não precisam de ajudar na formulação ou construção destes saberes durante a aula. É preciso trabalharmos muito para se alcançar o necessário em suma quanto falamos de modelos utiliza-se os modelos tradicionais, precisamos acompanhar a dinâmica para que haja um bom desenvolvimento educativo, porque ter nota alta não importa é necessário praticar os valores e por isso as provas que são elaboradas permitem o aluno responder na base do que o professor ensinou. É preciso nos adaptar ao desenvolvimento da própria dinâmica educacional. Acho que o mais predominante, é o modelo tradicional, transmissivo e mesmo isso é notório também nas provas. Porque as questões colocadas exigem do aluno simplesmente decorar e reproduzir os conhecimentos, copiar e colar já que não ajudam o aluno a criar e a construir o seu pensamento.

E. Explica como tem decorrido o processo de planificação diária e a nível da coordenação?

R - Durante a reunião pedagógica cada integrante anuncia onde parou se cumpriu com a planificação anterior, em seguida começa por orientar-se o registo de conteúdos que serviram para se trabalhar nos próximos dias porque só se apresenta os temas aos colegas que leccionam as respectivas classes e que cada um vai procurar trabalhar bem ou mal, pois que não se abre momentos para troca de experiência de como abordar determinados temas que podem oferecer mais dificuldades ou grau de complexidade, não se faz a planificação entre professores que leccionam a mesma disciplina e classe o que facilitaria o debate entre os colegas. Devia se planificar para todo grupo e outra para professores que leccionam a mesma classe e disciplina de forma que possam discutir algumas temáticas que podem constituir dificuldades.

E. Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula? Pode aclarar?

R - As tic são importantes para formação e informação do indivíduo e ajuda no processo de socialização do indivíduo, o uso das tic durante a aula é crucial embora depende das condições do professor que vai leccionar esta aula. Porque, é necessário que ele tenha domínio da mesma, mas não estou de acordo como alguns professores exageram demais o seu uso já que todo trabalho pequeno pede que envie no facebook do professor. Para sermos sinceros nunca utilizamos as técnicas de informação e comunicação durante a aula. Não se faz sentir devido a falta de condições nas nossas escolas uma vez que não têm internet, projector, nem computador, também muitos professores não estão preparados para tal.

E. Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica. Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

R - Tem duas respostas que podem ser contraditória se por um lado tem sido através destes meios que se veicula mensagens que visam a moralização da sociedade angolana como na homilia, no próprio discursos do presidente enfim, mas também é a partir destes mesmos

meios que se faz passar os contravalores podemos falar das publicidades que visam apenas buscar o lucro desrespeitando a própria natureza humana, as novelas que não estão bem censuradas... há questão importante para se reflectir porque eles dizem que colocam as novelas onde aparecem cenas indecentes para depois se tirar o lado positivo que é o oposto. Mas a realidade é bem diferente daquilo que sai, que se aprendem é exactamente o negativo, que é colocado em prática.

E. Descreve como são os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professor de EMC?

R - Não temos materiais excelentes nem programas, mas são aceitáveis a dificuldade reside na materialização daquilo que vem nestes programas, neste conteúdos programados tem sido muito pouca. Encontramos valores bons nos nossos materiais, a grande dificuldade tem sido a transferência dos conteúdos programados à prática, daí que apesar do perfil de saída do nosso aluno nas instituições escolares seja ela do primário, I ciclo podem ter até ponto os valores, mas a materialização na prática ou a vivência destes valores, sua concretização está muito longe dessa realidade. Não temos maus, programas e materiais, o problema tem sido este de os nossos alunos assimilarem apenas os valores e acabando de não viverem os mesmos, é preciso assimilar o conteúdo e depois esse conteúdo se conseguirmos compreendermos e depois nos reveremos com estes conteúdos para transferirmos na prática. Precisamos de compreender, rever assimilar e depois influenciar no nosso comportamento, no meu ponto de vista o perfil de saída não tem correspondido aquilo que são os conteúdos programáticos e os materiais utilizados pelos professores durante as aulas, não tem correspondência porque se houvesse poderíamos ter bons alunos em termos de instrução e comportamento.

E. Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar?

R - Sim, porque não tivemos uma formação inicial de professores, outras tem a ver com o distanciamento que existe entre as disciplinas que leccionamos e naquelas em que nos formamos. A formação média ou superior, não tem nada a ver com a disciplina que lecciona. A experiência como coordenador, ajuda a perceber as dificuldades dos professores relativamente ao processo de ensino-aprendizagem de EMC. Para trabalhar, eu acho que ainda continuamos a transmitir os conteúdos, conceitos, mas a vivência das temáticas abordadas durante a aula é uma dor de cabeça, se calhar também tem a ver com a maneira como vamos ensinando, os tais contrastes que existe daí a tal crise de valores que na nossa sociedade enfrenta. Porque se por um lado, os professores se preocupam em ensinar o que está certo, justo, aconselhado, mas ao sair da escola para casa ao longo do trajecto depara-se com situações opostas aquilo que aprendeu na escola ... dificuldade de aliar a teoria e a prática no âmbito da educação moral e cívica e os modelos de aprendizagem.

E. Caracteriza como deve ser o perfil do professor?

R - Duma forma geral o professor deve ter as três competências básicas: científica que lhe permite ter o domínio dos conteúdos que ele vai ensinar, é necessário a competência didáctica-pedagógica para saber como orientar uma aula, para não dificultar a aprendizagem,

para cada tema metodologias próprias e a última que é importante é a competência interpessoal que tem a ver com a boa interação, estar preparado para qualquer tipo de comportamento e poder corrigir nas situações que não seja bom para evitar conflito com os alunos. Quando se fala do professor de emc deve ter essa competência de forma conciliar com o saber, saber fazer e saber ser, que é capaz de investigar, resolver os problemas que surgem no contexto.

E. Como professor, analise a formação que tem beneficiado para o seu desenvolvimento profissional?

R - Tem se dado uma formação contínua aos professores, mas que na realidade não reflecte aquilo que é indispensável para os professores no momento e fica-se uma semana a abordar questões repetitivas. É preciso realizar acções de formação que vão de acordo as necessidades dos professores e não formar por formar apenas na vertente política. Não estamos a fazer nada porque como não se faz diagnóstico das reais dificuldades e necessidades dos professores, para depois se dar alguns contributos. Outra situação é que o formador seleccionado devia ser um professor com maior experiência para poder interagir bem com os colegas.

E. Avalie o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - O acompanhamento de aulas é feito pelos coordenadores já que não se faz sentir a figura do supervisor porque ainda não está criada, temos inspector que fazem acompanhamento de algumas actividades escolares e o seu papel é diferente do que vai desempenhar o supervisor. Relativamente a liderança na aula utiliza-se os três estilos de liderança: democrático, liberal e autoritário. Não existe o melhor estilo por isso aplica todos dependendo do contexto. O mau ambiente resulta também do estilo de liderança a utilizar pelo professor.

E. Explica a relação que estabelece com o aluno e que liderança predomina no processo de ensino-aprendizagem?

R - As vezes o comportamento do aluno é reflexo do comportamento do professor e normalmente entendo que para os professor terem mau relacionamento com os alunos depende da gestão do professor, porque se o se gerir bem o comportamento acredito que poderá ajudar em certa medida que os alunos venham respeitar o próprio professor. Agora nós como professor devemos estar preparados que na sala vamos encontrar alguns alunos com comportamento inadequado e sabermos corrigir para que não haja mau ambiente na relação professor aluno como ele geralmente é que tem de ser promotor do bom relacionamento por mais que seja mais novo como professor. Mas se ele se relacionar bem com os alunos mais velhos a relação será boa de contrário será censurado com críticas de o professor é menor de idade apesar de ter estudado deve também nos respeitar.

E. Apresenta a relação existente entre a família e a escola?

R - Se se cumpre-se com essa relação acredito que muitos problemas estariam resolvido a nível da escola tem se constatado que convoca-se os pais /família nem se quer se fazem

presente. Numa turma de mais de trinta alunos podem aparecer 4 por isso alguns casos nem a própria relação existe. Porque normalmente problemas que podiam ser resolvidos durante o decorrer das aulas seriam, resolvidos antes de se chegar ao fim com o ano lectivo. Alguns comportamentos dão a entender que não existe interacção escola com a família porque se assim fosse não poderíamos ter este tipo de comportamento. Apesar do esforço das escolas a relação ainda é débil e também falo por experiencia própria. Eu sou professor e também sou pai, mas não tenho tido tempo de passar pelas escolas onde estudam os meus filhos. Geralmente os pais só aparecem no início do ano lectivo para fazer matrícula e no fim para reclamar se o filho reprovou.

E. Caracteriza o que está na base de comportamentos inaceitáveis?

R - Como é uma fase turbulenta para os alunos em aparecem comportamentos inadequados, mas por outro lado analisamos a questão de factores que podem contribuir para isso, sabemos que é uma sociedade com muitos problemas em termos de moral já que devemos reconhecer que há degradação de valores na sociedade. Assim, também muitas famílias não estarão em condições de ajudar os seus educandos em contrapartida vamos encontrar os filhos que vivem sozinhos, porque fazem o que querem ninguém repreende orienta os pais, não estão em condições de acompanhar os filhos e admitimos que esse tipo de comportamento pode vir a escola, e trazendo aqui na escola e se nós não encontrarmos professores capazes de darem exemplo para inverter o comportamento negativo do aluno, que puxa o aluno para o positivo e pelo contrário incentiva para mal é evidente que vamos ter este tipo de comportamento inadequado, e nós aqui olhamos pela própria sociedade, pela própria família, o meio onde estamos até certa medida o próprio comportamento do professor pode contribuir negativamente porque alguns professores na sua maneira de actuar, se relacionar com os alunos, a indumentária que usa as vezes não é adequada, outro aspecto tem a ver com o uso de bebidas alcoólicas que retira a boa apresentação do professor na sala de aulas nem os alunos passam a respeitar o professor devido essas falhas os alunos vão apresentando diferentes comportamentos que é necessário corrigir para que haja bom comportamento quer por parte do professor como do aluno. Na minha opinião em relação ao que tenho visto acerca dos alunos que apresentam um comportamento inaceitável tem muito a ver com a nossa própria realidade da nossa própria sociedade. Eu tenho pensado mesmo que isso é resultado da influência da crise de valores que se verifica na nossa sociedade e como nós temos algumas famílias em plena desestruturação não estão em condições de ajudar o filho a mudar de atitude negativa e acaba sempre estando mais exposto a valores da rua e ao mesmo tempo traz consigo esses valores para escola e a tendência é que aquele que tem família estrutura acaba tendo bom comportamento e aqueles que apresentam desestruturadas que apresentam muitas ausências, não fazem tarefas e as vezes são muitos arrogantes. Devemos reconhecer que o comportamento do aluno é reflexo do comportamento do professor porque quando o professor se comporta mal, o aluno também se comportará mal, o próprio comportamento do professor deve ser exemplar.

E. Como avalia o salário dos professores face a inflação? Pode justificar?

R - O nível social de alguns professores é baixo e por isso, andam descontentes com o rendimento que obtém da sua actividade. Infelizmente sou licenciado, mas estou enquadrado como técnico médio, por isso, a entrega e motivação não é tanta porque é necessário colaborar em outros sectores para diminuir as dificuldades.

E. Aborde a reforma educativa, sua qualidade e seus constrangimentos?

R - A qualidade de ensino é ainda negativa, todos compreendem que a educação em Angola não vai bem.

Como avalia o perfil de saída do aluno?

R - Noto que existe muita aprovação, pouca competência.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista professora Catapepo 22/06/ 2015

E. Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida?

R - Fruto da guerra não tivemos boa infância, não tivemos tempo para brincar o suficiente e nos divertirmos porque tínhamos de estar atentos para fugir sempre que o perigo estive a se aproximar. Mesmo os que cresceram junto dos pais apresentam dificuldades, os professores deveriam mais conviver com os alunos de maneira saber como ele é fora da escola e que dificuldade vive e o que fazem ou deixam de fazer fora da escola, porque uns parecem anjinhos, mas na prática tem mal comportamento. Conclui o ensino médio e comecei a trabalhar. Quando estudava, os professores não davam espaço para os alunos se exporem ou colocarem as suas impressões.

E. Caracterize a inclusão da disciplina de EMC no currículo

R - Realmente se justifica em função do contexto, porque em casa aprende-se o princípio da educação no seio familiar, mas é na escola onde se faz um estudo mais sistematizado e aprofundado sobre estes conhecimentos.

E. Narre sobre a importância da EMC no plano curricular?

R - Tenho a certeza que é importante estudar esta disciplina pois em casa não se ensina tudo, tem coisas que não aprendemos em casa. Os pais ainda sentem receio de falarem certas coisas, mas já na escola existe mais abertura de se falar sobre os diversos temas.

E. Analise e aclare os comportamentos dos alunos da escola secundária e que factores estão na sua base?

R - Muita gente ou pais ainda pensam que principalmente na aula de educação moral e cívica, geralmente só se fala de assunto relacionados com laços afectivos, amorosos e sexuais. Mas

na realidade não é isso até porque como diz o nome tem a ver com a forma de nos comportar em casa, na rua questões associadas ao patriotismo.

Descreve o papel das e sua influência no comportamento?

R - Influencia muito e negativamente porque em algumas pessoas ou o angolano não está preparado para essas coisas maior parte de nós usamos no sentido negativo as redes sociais, fazemos coisas que não devíamos. Já que podíamos usar as tic para pesquisar de maneira desenvolver e melhorar as nossas atitudes, expressão, capacidade e competências, mas na realidade usamos mais para praticar acções não muito boas, outros fins.

E. Descreve o papel que a família tem desempenhado na educação dos filhos?

R - Depende dos pais porque existem alguns que não se importam e deixam os filhos fazerem tudo. Existem pais «fantasmas» porque quando despertam, os filhos ainda estão a dormirem e quando volta do trabalho de noite encontra já o filho a dormir. Deste modo, não têm como ajudarem os filhos e pelo facto dos pais terem mais de um emprego. Há pais que têm desejo de educar os filhos, mas como chegam tarde e fruto disso em alguns caos também os filhos dormem tarde na esperança de receber alguma orientação para vida e as vezes os pais não ligam e há essa rotina então de dormirem tarde.

E. Os professores e a escola o que fazem?

R - Fazem muita coisa e desempenham dupla função de professor e de pai como segundos pais porque sempre que o aluno precisar de algum conselho o professor está lá para isso, orientar naquilo que ele precisar de forma a ter e realizar acções aceitáveis na convivência dentro da sociedade.

E. Explica como tem decorrido o processo de planificação diária e a nível da coordenação?

R - Durante a planificação, os professores fazem balanço da planificação anterior e, depois tomam nota ou temas para os dias seguintes... Os professores interagem e cooperaram no que for necessário, quem tem mais experiência ajuda os outros.

E. Avalie o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - Não se faz sentir a presença dos coordenadores ou subdirectores a observarem a aula. Não me lembro nem sequer uma única vez ter observado a minha aula. Sempre trabalhei sozinho sem acompanhamento de nenhum elemento afecto a direcção. É mania dos professores utilizarem os mesmos métodos e não querem mudar e por não saber outros. Não se faz sentir o acompanhamento das actividades escolares realizadas pelos professores. Pensamos que quando as aulas são supervisionadas tendem a serem melhores. Já que o professor observado, consegue melhorar o seu trabalho se for orientado em termos metodológicos mediante as críticas e conselhos construtivos. Se assim, for o professor conseguirá desenvolver as suas competências, capacidades, potencialidades e avaliar suas limitações de forma a autoperfeccionar-se. Se os supervisores desempenharem o seu papel servirá de estímulo à pesquisa por parte do

professor a ser observado e também motiva o professor a ser observado e auxiliado na teoria e prática com o objectivo de tornar seus conhecimentos em sabedoria, podendo desta forma alcançar os objectivos traçados para cada aula.

E. Explica a relação que estabelece com o aluno e que liderança predomina no processo de ensino-aprendizagem?

R - Existe muito o estilo autoritário e não se deixa muito os alunos interagirem sobre que o pensam acerca do tema ou assunto em abordagem, geralmente por ser o estilo mais predominante dificulta os alunos participarem devido as ameaças que os docentes fazem. O professor utiliza mais o método expositivo e durante toda aula e só pará quando a aula acabar. É necessário maior liberdade para que haja boa participação.

E. Descreve a sua rotina semanal de trabalho?

R - Antes de ir à escola planifico as aulas, os materiais necessários que devo usar na sala de aula. Faço os planos de aula para ensinar bem aos alunos o conteúdo, preparo algumas técnicas e meios para trabalhar até ao fim e atingir os objectivos e eles receberem a informação. A minha rotina de trabalho é planificar as aulas, ir dar as mesmas depois regresso a casa onde permaneço porque não estou a estudar.

E. Explica a relação existente entre a família e a escola

R - Não é tão boa porque os pais atribuem toda responsabilidade aos professores e os pais vão mais a escola no princípio do ano para matricularem os filhos e depois vão lá mais no fim do ano lectivo para irem ver as pautas se aprovaram ou não enquanto que não devia ser assim, é obrigação dos pais manter contacto com os professores e saberem como os filhos se comportam pode até não ser toas semanas, mas pelo menos três vezes ao ano e interagir com os docentes. Por isso, ainda está relação é bastante fraca por não se verificar com frequência a presença dos pais nas escolas. Os pais nunca sabem o que o filho faz na escola, mesmo indisciplinado acaba em alguns casos transitar de classe, se calhar os pais se dessemphassem o seu real papel não aceitariam que com esse comportamento negativo o filho aprovasse de classe.

E. Como é feito o uso das tic na aula?

R - Ainda estamos distantes, e é raro porque não se verifica os docentes a fazerem o uso das mesmas durante as aulas. Não sei como justificar, mas não se faz sentir a não ser orientar os alunos a fazer um trabalho informatizado, mas na aula como tal nunca usei e nunca vi alguém usar.

E. Porque os professores não usam?

R - Pode ser a falta de condições, mas esse tempo os alunos têm telefone e podiam muito bem orientarem os alunos que investigassem e depois debatessem. É necessário computador com internet, outro fator é que os professores ainda não dominam muito bem as referidas tecnologias. As escolas também não facilitam devido a falta de condições e, nas que existem

computadores os alunos sentam os 4 (quatro) num único computador é difícil trabalhar neste contexto.

E. Quais são os critérios de admissão para os professores na educação?

R - Faz-se mediante um concurso, os que forem admitidos ingressam, embora tem sido difícil conseguir um lugar, porque não tem havido muita transparência no processo. Daí que ingressam mais aqueles que não possuem formação inicial de professores e, estes últimos ficam de fora da selecção em detrimento daqueles que possuem formação geral, mas sem agregação pedagógica. Outros porque são protegidos pelo facto de serem filhos de responsáveis e consequentemente terem as vagas já garantidas. É uma questão de sorte conseguir uma vaga quando não temos influências.

E. Explica como estão organizadas as escolas e como é feita a distribuição do material escolar?

R - Nos livros de EMC por exemplo, há mais desenhos, perguntas do que a matéria. Como tal deveria haver mais matéria e não desenhos porque há mais desenhos e, isso dificulta trabalhar e há contraste entre as actividades e o conteúdo. Porque as actividades estão numa forma e o conteúdo está de outra forma. O professor tem de investigar porque senão o professor perde-se muito. E havendo mais que tem vezes que na reunião de planificação só dão os temas e o conteúdo o professor investiga e o conteúdo as vezes dados pelo coordenador é bastante amplo e é necessário resumir. O que torna difícil porque as vezes retiramos aquilo que é importante e fica complicado devido a falta dessa colaboração e unificar aquilo que trabalhos e não cada um investigar e fazer o que entender com os seus alunos.

E. Como é feita a avaliação e tipo de provas se aplica?

R - Agente avalia todos os dias, ela é diária e as respostas que os alunos vão dando ao longo da aula e seu comportamento é que vai determinar a nota subir ou descer. Tem que estar no mesmo nível o comportamento com a nota. Avalia-se mediante a realização da chamada escrita, orais e provas. Geralmente as questões colocadas nas provas exigem copiar e decorar, mas os alunos não estão acostumados a resolverem perguntas complexas por exigirem mais reflexão e existe muita aprovação fruto destas actividades.

E. Qual é o papel dos meios de comunicação e que papel desempenha na moralização da sociedade?

R - Antes havia muita novela, agora há mais coisas educativas e contribui para moralização porque agora há muitos temas construtivos que vale apenas sentar e ver e existe programas interactivos e mesmo na rádio. Geralmente aprende-se muito em programas de crianças, mas na realidade existe défice de programas infantis, as crianças passam mais tempo ver televisão do que noutros sítios e programas para elas são raros e elas estão sempre expostas a ver coisas que não são para elas. Programas big brother, publicidades indecentes de festas e bebidas. Devia existir lei para regularizar a venda e consumo de bebidas porque parece que quem consumir será muito feliz tal como se constata nas publicidades enquanto a realidade é outra.

E. Descreve a formação de professores e desafios dos professores?

R - Não sei como era antigamente, mas os que exercem agora alguns estão preparados, já que a autoridade do professor reside no domínio do conteúdo. O tempo e a dedicação é que contribuirão para o desenvolvimento profissional. A formação contínua é feita algumas vezes, numa periodicidade de uma vez por ano e não trazem temas interessantes em função das dificuldades dos professores de maneira responder os anseios dos alunos.

E. Como analisa a condição salarial e o nível social dos professores?

R - Existem professores que têm um nível social aceitável, mas para a maioria passam dificuldades já que o que ganham não permite ter um nível social aceitável por ser baixo e não corresponder com o poder de compra em função do agregado familiar dos docentes. Infelizmente o salário do professor é, baixo não chega para satisfazer as necessidades básicas do professor e sua família e ainda o próprio salário atrasa. É preciso prestar atenção ao sector da educação para se desenvolver e melhorar a qualidade de ensino para se evitar a falta de pontualidade nas escolas porque os professores do interior a sua viagem ou deslocação para o local de trabalho depende deste salário.

E. Narre com é a relação entre o professor e aluno

R - Ela é boa quando o professor também é bom. Se não respeita os alunos claro que eles não respeitarão o professor, embora seja dever do aluno respeitar o professor ainda assim é bom quando existe reciprocidade de respeito para que o processo de ensino decorra num bom clima de harmonia e colaboração. Há casos que os professores se comportam mal, mas mesmo que se fazer queixa, o aluno perderá sempre o caso diante a direcção de escola e assim o aluno será sempre obrigado a respeitar o professor. Mas ainda assim, existem aqueles professores que sabem tratarem os alunos como tal., professores humanistas e respeitam os alunos e fazem com que a relação seja melhor. Há boa relação entre professores e alunos apesar de existir professores de não me toques criando distância entre ele e o aluno.

E. Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar?

R - Existe porque há sempre alunos que não colaboram e faz com seja difícil trabalhar com eles ainda mais agora com a inclusão de todos alunos nas escolas e numa mesma turma com aqueles que apresentam necessidades educativas especiais. O professor deveria ter uma formação a esse nível, de forma facilitar o processo e interagir com alunos que apresentam deficiência sobretudo a visual e auditiva. Outras tem a ver com a falta de condições de ensino, muitas vezes a escola não tem condições para fornecerem aos professores de modo que o trabalho dos professores seja facilitado, já que a sociedade espera um ensino de qualidade e competente. Ainda apresentam dificuldades de domínio do conteúdo, por vezes nota-se que o professor não planificou antes de vir na sala de aula, transportar os problemas de casa na turma e descontar nos alunos, falta de dificuldade de compreender quando o aluno tem problemas ditam muita matéria e estão muito preso ao livro por exemplo pouca busca ou pesquisa por parte de outros professores.

E. Descreve a sua rotina de trabalho semanal

R - Semanalmente vamos a escola trabalhar, mas antes precisamos de planificar as actividades depois realizamos os trabalhos e no período oposto vou a escola. Quando estou muito sobrecarregado faço um pequeno esboço com conteúdo e tarefa para casa e numa folha A4 é suficiente. Mas os professores planificam mais quando tem garantia de que alguém vai assistir a sua aula.

E. Que análise faz acerca da qualidade de ensino

R - Não estamos bem nem mal, talvez 50 % da qualidade de ensino em todo sistema educativo, quanto a problemática das escolas privadas possuem mais qualidade de ensino, mas não acredito que tenham mais qualidade porque o professor é mesmo para os dois sistemas. Não há muita serenidade na avaliação porque no privado o professor é obrigado a realizar avaliações até que o aluno tenha positiva e aprove de classe, mesmo não tendo competência.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista professora Catumbo 14/04/2015

E. Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida e como começou ingressou na educação?

R - Cresci na área urbana, sem os pais e a minha educação ficou afectada, devido a nova ideologia baseada no marxismo-leninismo, que negava os valores religiosos. Depois de concluir a 12ª classe no IMN, fui admitido como professor e comecei a trabalhar, e agora sou licenciada em filosofia.

E. No que diz respeito a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo, esta a favor ou contra? Pode aclarar a resposta?

R - Vai ajudar a reflectir cada vez mais e sou apologista que se melhor. É preciso fazer um trabalho mais aturado. Estou a favor porque ela visa regular as acções humanas e permite interagir com outros membros da comunidade. Pois, ajuda a reflectir antes de realizar determinada acção. Esta disciplina de educação moral e cívica é de grande importância, porque ajuda os alunos a prepararem-se para as grandes mudanças a lidar com os problemas do quotidiano, além disso é uma grande ferramenta fundamental, para o resgate dos valores éticos e morais dos adolescentes.

E. Descreve como têm decorrido as práticas educativas de EMC?

R - A prática educativa de EMC constitui uma dor de cabeça (risos), é verdade que se tem dado alguns passos positivos, que ainda assim consideramos poucos, mas na verdade temos muitas dificuldades.

Analise os modelos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC. Justifica.

R - O modelo de ensino mais predominante nas aulas, é o tradicional porque não se recorre ao trabalho muito interactivo e colaborativo. E nem se faz exploração sobre o uso de outras formas de construir o conhecimento, de maneira libertar o aluno e ajuda-lo na realização e participação de todas actividades da aula. O mais importante é levar os alunos a entenderem os conteúdos através da transmissão.

E. Explica como tem decorrido as planificações a nível da coordenação?

R - As escolas mais afinçadas procuram levar o processo de ensino-aprendizagem com mais responsabilidade, fruto disso, nas reuniões com vista a dar a maior ênfase, o coordenador convoca os professores onde apresentarão propostas de como ensinar certos temas e se possível um professor disponibiliza-se a simular uma aula durante a planificação. Recebe-se as temáticas para cada um trabalhar de acordo a sua maneira, não deixando espaço para se discutir algumas temáticas, que podem constituir dificuldades.

E. Analise o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - Quando se deseja qualidade, é necessário a supervisão das actividades que os professores realizam com os seus alunos, de forma que o processo decorra da melhor maneira possível relativamente ao cumprimento dos objectivos. É necessário, que haja acompanhamento para que os professores se sintam motivados e continuem a fazer o trabalho com a devida competência. Uma vez que quanto mais haver supervisão escolar, os professores deixarão de negligenciar o trabalho profissional. A supervisão do trabalho que o professor orienta não é devidamente acompanhado, não se faz sentir e hoje muitos professores não cumprem com os seus deveres, aparecem na escola as vezes para assinar o livro, para evitar falta e não dão aulas. Outros até podem dar, mas não dominam o conteúdo e não conseguem ter boa relação com os alunos.

E. Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica. Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

R - Há questão importante para se reflectir, porque os realizadores dizem que colocam as novelas onde aparecem cenas indecentes, para depois se tirar o lado positivo que é o oposto. Mas a realidade é bem diferente, aquilo que se emite de negativo, é exactamente o que é colocado em prática, parece está a oficializar a indecência.

E. Analise e aclare os comportamentos dos alunos da escola secundária e que factores estão na sua base?

R - Os alunos se comportam mal, devido a dificuldade no cumprimento as normas pré-estabelecidas. E outras que procuram estar de maneira mais correcta possível. Há muitos factores que condicionam tal situação: desde o comportamento e perfil do professor, a expectativas e angústias por parte dos alunos, ao verem que a escola não está como eles

desejam. Ainda assim, o comportamento dos alunos é bom, embora existem aqueles alunos que faltam respeito aos outros.

E. Descreva até que ponto os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professores e alunos durante a aula têm contribuído para o perfil de saída do aluno no contexto de Angola.

R - O perfil de saída dos alunos não tem correspondido, aquilo que são os conteúdos programáticos. Os materiais utilizados pelos professores durante as aulas, não têm correspondência, porque se houvesse poderíamos ter bons alunos em termos de instrução e comportamento.

E. Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar.

R - Os professores se preocupam em ensinar ao aluno sobre o que está certo, justo, aconselhado, mas ao sair da escola para casa ao longo do trajecto depara-se com situações opostas, em relação aquilo que aprendeu na escola (...) sinto dificuldade de aliar a teoria e a prática, no âmbito da educação moral e cívica e os modelos de aprendizagem.

E. Como professor, analise a formação que tem beneficiado para o seu desenvolvimento profissional.

R - Na realidade as formações que nos dão, são repetitivas e não ajudam muito. Outra situação é que o formador seleccionado devia ser um professor com maior experiência, para poder interagir bem com os colegas.

E. Descreve como é a relação entre o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

R - Na sala de aula vamos encontrar alguns alunos com comportamento inadequado, para que não haja mau ambiente na relação, o professor tem de ser promotor do bom relacionamento. A relação professor aluno é boa embora, há sempre pequenos atritos com alguns alunos, já que a liderança escolar implementada as vezes não facilita muito nas relações interpessoais ou na interacção durante a aula. A relação entre os actores influencia bastante no processo de ensino-aprendizagem, daí a necessidade de se continuar a estreitar cada vez mais essa relação.

E. Conte quais são os critérios de admissão de professores?

R - Alguns são admitidos mediante um teste e entrevista, outros não fazem teste, são admitidos mesmo assim. E o teste não tem nada a ver com a especialidade que cada seguiu é mais conhecimentos de cultura geral, português e matemática. O teste segundo os responsáveis visa descobrir o nível de competências que possuem os candidatos, se conseguirem obter uma nota positiva serão admitidos.

E. Analise a relação da família com a escola e que papel tem jogado na educação dos filhos? Pode justificar?

R - Geralmente os pais só aparecem no início do ano lectivo para fazer matrícula e no fim para reclamar se o filho reprovou, daí a relação ser fraca. Constitui um elemento importante em conexão com a escola, para o sucesso do aluno, porque a família conhece o aluno em casa e escola procura trabalhar mais com o mesmo a fim de ajuda-lo a se conhecer melhor. Portanto, a família não deve excluir-se têm o papel da ajudar a escola a alcançar e realizar aprendizagem mais significativa. Infelizmente existem ainda famílias que não cooperam com a escola nem com o professor.

E. Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar?

R - O momento difícil é planificar as actividades sem programas para se basear. Outra tem a ver com a falta de sala de aula com condições para se realizar bem as aulas. Outra está relacionada comigo. Estou a estudar, o meu horário coincide com o trabalho. Pedi a direcção para trocar, mas infelizmente não estão aceitar. Dizem para eu escolher entre o emprego e a formação. Assim, como é que o professor vai se desenvolver com essas barreiras fica muito difícil.

E. Analise o papel da família na educação dos filhos. Pode justificar?

R - Algumas famílias passam boa educação aos filhos, mas existem outras que não fazem o mesmo. Por um lado, devido a ausência constante e por outro, por negligenciar este aspecto. Fruto disso, alguns alunos apresentam um comportamento inaceitável, resultando a crise de valores.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista professora Lucombo 10/09/2015

E. Por favor, apresenta-se e conte a sua origem, história de sua vida e da sua formação?

R - Cresci no convento, os pais morreram durante a guerra. Comecei a trabalhar depois de concluir a 10ª classe, actualmente sou estudante do 1º ano da faculdade de economia. Alguns ingressam fazendo concurso tem sido assim, mas na minha vez, fui eu e meus irmãos bater a porta do papá a dizer que queríamos emprego. O papá resolveu esta situação, não concorremos, mas todos temos emprego na educação, nenhum dos meus irmãos fez concursos.

E. No que diz respeito a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo, esta a favor ou contra? Pode aclarar a resposta?

R - Sim, estou a favor embora na família aprende-se também a moral, mas nela não temos muita abertura para abordar determinados temas. Esta disciplina ajuda a romper certos preconceitos sobretudo as doenças sexualmente transmissíveis. Por isso, considero está disciplina importante e se justificar a sua inclusão no currículo.

E. Descreva a rotina semanal de práticas educativas de EMC.

R - Os professores preparam as aulas e, vão dando as mesmas. Muitos professores não planificam as aulas, alguns planificam. Uma vez o director perguntou, se nós tínhamos planificado, eu respondi que não e ele disse: «é preciso passarem a planificarem, mesmo que seja aula de revisão». Muitas vezes não planifico, devido a falta de tempo, já que tenho de ir estudar.

E. Se não planificar consegue orientar bem a aula?

R - Sim, consigo porque o fato de não planificar não é sinónimo de realizar mal a aula. Consigo fazer um improviso. Mas há situações que também têm sido difíceis, porque se você não planificar encontra muitas dificuldades por não conseguir dominar a matéria. Para tal, é necessário investigar para ter argumentos para trabalhar melhor. Quando temos dificuldades, as vezes partilhamos com os colegas, mas existem muitos colegas que não dizem nada acerca das suas debilidades e saiem com dúvidas e notamos que ao longo da semana comentem erros.

E. Explica como tem decorrido as planificações a nível da coordenação?

R - E mesmo na planificação uns ficam só calados porque sentem complexo de inferioridade para não serem corrigidos se errarem. No entanto, o coordenador procura trocar experiência com os colegas. Também procurar saber onde cada um chegou e depois disso os atrasos procuram recuperar e os avançados esperam, dando revisões dos temas já abordados. Aqueles que têm dúvidas, são esclarecidas quando os professores se abrem naquilo que não dominam.

E. Analise os modelos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC. Justifica.

R - As vezes os professores tentam utilizarem outros modelos mais modernos, mas estamos longe daquilo que são os desafios actuais. Os professores ainda estão limitados porque dominam mais o modelo tradicional fruto da formação que também receberam. Assim, procuram sempre fazerem tudo para poderem transmitir os conhecimentos... e por isso, as provas que são elaboradas exigem do aluno responder taxativamente na base do que o professor ensinou. É preciso nos adaptar ao desenvolvimento da própria dinâmica educacional.

E. Descreve como avalia os alunos e que tipo de prova se aplica?

R - Realizamos a avaliação contínua através de chamadas orais, escritas e as próprias provas. Ainda verificamos os cadernos e as tarefas feitas pelos alunos. As questões da prova são de fácil compreensão e muitos alunos acabam tendo uma percentagem alta de resultados ficando acima de 70 %. No entanto, as provas que são elaboradas exigem do aluno, responder taxativamente na base do que o professor ensinou. É preciso nos adaptar ao desenvolvimento da própria dinâmica educacional.

E. - Analise e aclare os comportamentos dos alunos da escola secundária e que factores estão na sua base?

R - Alguns alunos comportam-se bem e outros mal. Há alunos que em casa é malandro na escola também o é. Outros são calmos na escola, mas em casa se comporta mal e vice-versa. Alguns justificam que em casa se comportam bem, porque de contrário são castigados, batidos.

E. O que está na base desses comportamentos?

R - Penso que tem a ver com as amigadas ou o facto dos pais não prestarem a devida atenção aos filhos.

E - Caracteriza e analisa o papel da família na educação dos filhos?

R - Na sua maioria alguns pais tentam educarem os filhos, embora não sendo muito presentes. Porque há quem está presente, mas também acaba não orientando. Por causa das dificuldades da vida obrigam os homens a terem outros costumes. Assim, há pai que sai de manhã e volta a noite e cansado que já consegue orientar os filhos e vai dormir. Em outros casos já encontra os filhos a dormirem, e os filhos só conseguem ver o pai no Domingo, é complicado.

E. Aborde a relação da família com a escola e que papel tem jogado na educação dos filhos? Pode justificar?

R - Os alunos fazem tarefas erradas porque os pais não têm tempo para acompanharem. Em muitos casos deve-se ao facto dos encarregados de educação possuírem um nível baixo de escolaridade. Ainda existe falta de orientação, porque o aluno só faz mesmo errado para evitar castigo. Os pais e encarregados dos alunos problemáticos não aparecem quando são convocados, alegam a falta de tempo devido os trabalhos. Porque pensam que os professores é que exclusivamente tem esta tarefa e, ganham para o efeito. Se as famílias colaborassem, haveria bons resultados na educação. Infelizmente as famílias têm estado muito longe da realidade das escolas, já que não fazem o devido acompanhamento da vida escolar dos seus educandos. Deixando simplesmente esta tarefa para a escola, esquecendo-se que para melhor desenvolver os alunos, é necessário que a família participe deste processo.

E. Descreve o papel dos meios de comunicação na educação dos adolescentes?

R - Desempenha bom papel, é pena que certos programas indecentes as crianças assistem quando os pais estão fora de casa. Faltando a orientação daquilo, que estão observando e do que é a realidade e comportamento considerado certo. Assim, devido a falta de mais diálogo com os pais, as novelas têm influenciado negativamente a medida que imitam mais a parte negativa das mesmas. Existem publicidades indecentes, que promovem atitudes menos aceitáveis. Os alunos ao contrário dos professores utilizam mais as redes sociais para interagirem entre eles através do facebook e o whatsapp.

E. Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula no âmbito da educação moral e cívica? Pode aclarar.

R - A maioria não usa, devido a falta de domínio das mesmas. Em certos casos, os professores não têm computador e não sabem usá-los. E muitos mesmo, não elaboram as provas manuscritas ou ir a cónica pagar para informatizar a prova. Muitas escolas não possuem condições para tal, daí que as minipautas são também manuscritas.

E. Descreva como os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professores e alunos durante a aula têm contribuído para o bom perfil de saída do aluno no contexto de Angola?

R - Têm falhas, erros e há temas que constam do programa, mas no livro não tem ou no livro tem, mas no programa não tem e está muito resumido e exige os professores enriquecerem mais.

E. Como caracteriza a distribuição do material escolar

R - Há atraso na distribuição do material escolar, e o material não é suficiente para todos e por causa disso, há desvio do mesmo para o mercado informal. Os programas existem em pequena quantidade e quem precisa do mesmo tem de fotocopiar porque a instituição só possui um exemplar.

E. Tendo em conta as mudanças sociais. Como avalia o salário dos professores em Angola? Pode justificar?

R - Existe um trabalho e pouco salário, aquilo que o professor faz não é reconhecido mesmo depois de estar formados porque não há muita transparência na gestão das categorias dos docentes. Alguns são licenciados e recebem salário de técnico médio ou básico .

E. Avalie o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - Não se faz sentir, porque desde o início do ano lectivo até ao fim não parece ninguém para observar a aula. Assim, fica difícil o professor progredir porque não terá um indicador de como está realizar as actividades na sala de aula. Quer dizer, o coordenador, subdirector ou director nunca saiem dos gabinetes para supervisionar o trabalho feito pelos docentes.

E. Explica a relação que estabelece com o aluno e que liderança predomina no processo de ensino-aprendizagem.

R - A relação é boa, apesar de em alguns momentos se verificar algum mal entendido, penso que é próprio da relação. Sabemos que tem professores que criam barreiras para que haja boa relação e interacção entre os mesmos. Esta varia de professor para professor em função do seu carácter, interagem também de forma diferentes. Uns sabem lidar com os alunos e outros não, uns são mais compreensíveis, mais afectivos, mais solidários em relação aos outros. Assim, a relação tem dependido do estilo que o docente utiliza, pois se for autoritário cria mal clima de interacção, haverá falta de colaboração. Daí adequar a liderança escolar de acordo ao estilo mais favorável à realização de aprendizagens significativas. Há momentos que os professores utilizam a liderança democrática, mas os alunos abusam desta. O que obriga ao professor a ser

mais autoritário para repor a ordem na sala. O professor deve demonstrar que na sala, ele manda e os alunos têm de cumprir com as orientações.

E. Como professor, analise a formação que tem beneficiado para o seu desenvolvimento profissional.

R - Quando se ingressa, é interessante participar destes seminários, mas já nos anos a seguir nota-se que já é pouco interessante. Porque são sempre muitos repetitivos nos seus temas, acabando parecer que são dados somente para ocuparem os professores. Neste período e não propriamente orientarem os professores de acordo as suas reais dificuldades na sala de aulas.

E. Que análise faz sobre a qualidade de ensino?

R - Não é tal mal, mas temos dificuldade porque nem todos professores estão bem preparados para a profissão que estão a exercerem. As escolas não possuem condições para que haja boa qualidade de ensino e aprendizagem. Há incumprimento dos programas e um alto nível de aprovação.

E. Aborde as dificuldades da formação do docente

R - As dificuldades têm a ver com o grupo de alterações relacionadas com a aquisição e uso de habilidades com a formação, metodologia. Nesta perspectiva os actores revelam: A direção escolar não ajuda para o professor se formar, em vez disso quando se apercebe que está estudar, cria problemas de «barramento ou obstáculo», não permitindo que os docentes estudem e possam saber mais do que eles.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista a professora Nhama

03/11/2015

E. No que diz respeito a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica no currículo, esta a favor ou contra? Pode aclarar a resposta?

R - Estou a favor, com esta disciplina os alunos aprendem sobre os valores morais e éticos, seus direitos e deveres. Se um aluno é mal comportado em casa e na escola, estará ali para ajudar a moldar o aluno. Ainda digo que estou a favor, porque ela visa regular as acções humanas e permite interagir com outros membros da comunidade, pois ajuda reflectir antes de realizar determinada acção.

E. Narre sobre a importância da EMC no plano curricular?

R - A disciplina de educação moral e cívica é de grande importância porque ajuda os alunos a prepararem-se para as grandes mudanças a lidar com os problemas do quotidiano, além disso é uma grande ferramenta fundamental para o resgate dos valores éticos e morais dos adolescentes. Estou a favor da inclusão da disciplina até porque tem se notado a perda de valores morais. Esta disciplina vem mesmo com o objectivo de ajudar aconselhar fazendo palestras em relações aos problemas que a nossa sociedade enfrenta.

E. Avalie o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - Era feita através da inspecção. Actualmente não se faz sentir o papel da supervisão das actividades que os professores realizam. Isto é, durante os anos que estou a trabalhar nunca me observaram em nenhuma aula. Esta a falta de acompanhamento do trabalho dos professores tem orientado as suas aulas de uma maneira normal têm falhado em aspectos muito mais importantes. Quando se deseja qualidade é necessário a supervisão das actividades que os professores realizam com os seus alunos de maneira que o processo decorra da melhor maneira possível relativamente ao cumprimento dos objectivos. É necessário que haja acompanhamento para que os professores se sintam motivados e continuem a fazer o trabalho com a devida competência, uma vez que quanto mais houver supervisão escolar melhor, porque os professores deixarão de negligenciar o trabalho profissional.

E. Descreve qual tem sido o papel dos meios de comunicação social na moralização dos adolescentes

R - Eles são importantes no processo de ensino, quando bem exploradas ajudam a estar actualizados e permite a busca de novos saberes. Infelizmente muitas vezes, são mal usadas e interpretadas. Como por exemplo: as publicidades e novelas que passam o que tem contribuído para desestruturação do pensar e comportamento. Quando mal usadas, podem contribuir para deturpar a mente dos alunos sobretudo as informações resultantes de novelas, programas do big brother trazem influências negativas, porque os adolescentes por falta de orientação acabam imitando aquilo que observaram.

E. O material (livro) que é utilizado durante a aula facilita a compreensão? Pode aclarar?

R - Os livros trazem muitas lacunas em termos de informação e com erros (Nhama, entrevista professora. Os materiais são suficientemente bons, para se levar em frente essa missão embora em certos temas, o livro só apresenta actividades sem conteúdo como tal para fornecer. Podemos considerar como suficientes para ajudar o aluno a ter bom perfil de saída porque vem de uma forma e quando sai nota-se diferença a nível comportamental. Os conteúdos abordados, ajudam a ter pensamento diferente, lógico e crítico com relação as coisas a ter um comportamento aceitável perante a sociedade.

E. Analise e aclare os comportamentos dos alunos da escola secundária e que factores estão na sua base?

R - Já não têm um comportamento aceitável, porque muitos deles já não têm aquela vontade de estudar como antigamente. As vezes a culpa é também dos pais e dos próprios professores. Não estão a realizarem o seu real papel como educador. Muitos deles vestem-se mal ou apresentam-se mal na sala de aulas, as vezes não conseguem responder uma simples pergunta que já é muito preocupante. Alguns factores são: a falta de interesse, o mau uso das tecnologias de informação e comunicação. O comportamento dos alunos é bom embora existem aqueles alunos que faltam respeito aos outros. Acho que tal deve-se, a falta de responsabilidade, pouca segurança naquilo que fazem e a falta de respeito também tem a ver o

egoísmo e o imediatismo que os adolescentes perseguem. É necessário os adultos darem bons exemplos para os adolescentes seguirem e não simplesmente criticarem.

E. Como caracteriza a pontualidade e a assiduidade?

R - Para os professores que residem numa localidade e trabalham a duzentos, trezentos ou quatrocentos quilómetros devido a falta de rede de transportes, pensamos que é impossível cumprirmos com os objectivos. Não vamos nos iludir porque as dificuldades são muitas e o professor apenas vai quando recebe o salário para poder pagar o transporte, primeiro no carro e depois nas vias de difícil acesso com motorizadas e finalmente os restantes quilómetros caminha a pé. Antigamente, a comunidade construía uma casa de pau a pique coberta de capim para o professor e se alimentava da contribuição das famílias, mas infelizmente está prática diminuiu. Aulas no interior, os docentes chegam atrasados alegam falta de transportes

E. Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica. Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

R - Desempenham um papel importante no que tange a transmissão de valores morais e cívicos. Existem certos programas que têm ajudado no relacionamento com a sociedade atendendo a nossa realidade angolana, há pais que não têm tempo para sentarem com os filhos de modo que os seus filhos não se deixem levar pelas más influências desta. Por outro lado, tem ajudado na sensibilização da sociedade de modo a evitar a violência doméstica.

E. Descreve como é feito a avaliação no processo de ensino-aprendizagem?

R - É feita no âmbito da reforma educativa todos os dias, mediante as matéria ministradas nos dias anteriores para ter como orientar nas matérias seguintes. No fim da aula o professor precisa de avaliar para saber se o aluno aprendeu mesmo bem ou não. Nesta base formula perguntas orais, escritas, tarefas e as provas. As questões das provas exigem muita fixação sobretudo as definições e não trazendo perguntas problemáticas e reflexivas, o que contribui para que o aluno copie e cole na sua prova.

E. Como avalias os resultados da avaliação?

R - Apresenta um elevado índice de aprovação, apesar de os docentes não cumprirmos os programas na ordem de cinquenta porcentos. Quer dizer, essa aprovação não se traduz em competência que os alunos adquiriram, Já que este perfil está adulterado fugindo ser sancionado pela inspecção escolar.

E. Aborde acerca da relação entre o professor e aluno na escola

R - A relação professor aluno é boa, embora há sempre pequenos atritos com alguns alunos já que a liderança escolar implementada as vezes não facilita muito nas relações interpessoais ou na interacção durante a aula. A relação entre os actores influencia bastante no processo de ensino-aprendizagem, daí a necessidade de se continuar a estreitar cada vez mais essa relação.

E. Descreve acerca da formação dada aos professores?

R - Atualmente ela está melhorando, atendendo as tecnologias alguma coisa está mudando pois, a mudança pode significar desenvolvimento. Mas tem se dado as vezes formação muito repetida já que os professores têm dúvidas que as vezes não são respondidas nesta formação ou seminários organizados. Existe professores que têm a formação inicial e estes conseguem se adaptar com facilidade, já que a possuem agregação pedagógica. Em outros casos, os docentes não possuem formação inicial e os seminários que participam tem ajudado pouco por não fazerem referências as dificuldades dos docentes... É necessário o governo continuar a investir na formação de professores para que possa formar professores competentes e sejam capazes de introduzirem inovações nas reais condições de trabalho.

E. Aborde acerca da relação entre a família e a escola?

R - É fraca a relação da família com a escola, porque o sucesso das aprendizagens escolares depende do comprometimento das famílias, o que não tem se verificado na prática. Porque as famílias demitiram-se desse papel devido as desculpas de falta de tempo. Por esta razão tem havido incompreensões porque as famílias não acompanham os filhos e não sabem o tipo de comportamento fora de casa. Infelizmente apenas se preocupam em matricular os seus educandos, depois passaram no fim do ano lectivo para saber o aproveitamento. As famílias deixam a tarefa de educar, os seus filhos na responsabilidade da escola para velar pela educação e instrução dos filhos. Seria bom que existisse colaboração entre as instâncias responsáveis pela educação.

E. Descreve como é a rotina semanal de trabalho?

R - Antes de ir à escola planifico as aulas, os materiais necessários que devo usar na sala de aula. Faço os planos de aula para ensinar aos alunos o conteúdo, preparo algumas técnicas e meios para trabalhar até ao fim e atingir os objectivos e eles receberem a informação. A minha rotina de trabalho é planificar as aulas, ir dar as mesmas depois regresso a casa onde permaneço porque não estou a estudar.

E. Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula no âmbito da educação moral e cívica? Pode aclarar?

R - Alguns professores fazem o uso das tic, mas a maioria não porque não dominam as mesmas e nem sabem usar. Acho mesmo que é devido a falta de conhecimento. Eles são importantes no processo de ensino-aprendizagem à medida que ajudam aos alunos na compreensão dos temas em abordagem, é benéfico também porque as aulas têm mais motivação e o aluno fica mais interessado em aprender porque ele ganha essa curiosidade. Por isso, é bom quando sabemos usar embora não se faz sentir com muita frequência o uso das tic. Mas elas são cruciais no desenrolar das aprendizagens, é pena que a maioria dos docentes não usa por falta de conhecimento. As tecnologias de informação e comunicação podem ajudar significativamente o decurso do processo de ensino-aprendizagem, mas que nem todas as escolas têm esta possibilidade de adquiri-los, outras até têm tais recursos ou há um défice no seu uso também pelo facto dos professores não dominarem as mesmas.

E. Quais são os critérios de admissão dos professores?

R - Infelizmente são admitidos com a décima segunda classe, a lei não especifica se é de formação profissional ou geral. Assim pode ser veterinário, serralheiro, pedreiro desde que tem esta classe pode ser professor. São admitidos mediante um teste, que ajuda a descobrir o nível de competências que possuem os candidatos. Se conseguir obter uma nota positiva serão admitidos. São admitidos através de concursos públicos, são os critérios que usam independentemente da formação que possuem, já que cada candidato não é inserido de acordo a formação que possui. Existe um concurso que é feito, mas não tem havido transparência tem havido injustiça. porque os candidatos que deviam ser admitidos no caso aqueles que possuem a formação inicial de professores que possuem competências pedagógicas acabam ficando fora, não ficando admitido.

E. Modelos de ensino-aprendizagem predominam na aula?

R - O professor ainda usa métodos tradicionais porque não recorre ao uso diversificado de estratégias nem meios, tão pouco sabe usar as tic para a aula. Ainda procuramos compreender os outros modelos para melhorar o trabalho. Predomina mais o modelo tradicional devido a falta de condições, o professor é o único que traz saber para os alunos. É notório em muitos casos, que a aula está centrada no professor e o aluno é visto como alguém ou tábua rasa ou sem luz e as tecnologias não eram tão desenvolvidas como nos dias de hoje. Pena é que os docentes na sua maioria não usam e aproveitam as mesmas para melhorarem o trabalho que fazem no seu dia a dia. O que faria com que o aluno seja um membro activo no processo de ensino-aprendizagem.

E. Analise o estilo de lideranças mais predominantes no processo de ensino-aprendizagem?

R - Esta varia de professor para professor em função do seu carácter, interação também de forma diferentes. Alguns sabem lidar com os alunos e outros não, uns são mais compreensíveis, mais afectivos, mais solidários em relação aos outros. A relação tem dependido do estilo que o docente utiliza pois se for autoritário cria mal clima de interacção, haverá falta de colaboração. Dai adequar a liderança escolar de acordo ao estilo mais favorável a realização de aprendizagens significativas.

E. Sente algumas dificuldades/necessidades para melhorar a sua actividade educativa? Pode comentar.

R - É importante realizar acções de formação, que vão de acordo as necessidades dos professores e não formar por formar, apenas na vertente política. Actualmente, ela está melhorar atendendo as tecnologias, alguma coisa está mudar pois, a mudança pode significar desenvolvimento. Mas tem se dado as vezes formação muito repetida, já que os professores têm dúvidas, que as vezes não são respondidas nesta formação ou seminários organizados.

E. Caracteriza e analisa qual é o papel que a família tem desempenhado na educação dos filhos?

R - No passado os pais eram mais pacientes na educação dos filhos já agora os eles têm muitas ocupações e não têm tempo de sentarem com os filhos. No passado primava-se mais

pelo ensinamento dos valores humanos e respeito pela vida, já actualmente fruto da globalização os valores mudaram em tempo provocando a relativização de valores.

E. Que análise faz da qualidade de ensino?

R - Cada dia que passa também está a baixar, fruto dos quadros que estão a prestar o mau trabalho devido a falta de qualificação aceitável para o professorado. É necessário que a admissão fosse feita segundo as especialidades. Embora temos défice de formação de professores, mas seria bom que ingressassem os que possuem a formação inicial e seria muito bom.

E. Explica como tem decorrido as planificações a nível da coordenação?

R - Têm decorrido de forma sistemática, isto é do que tenho observado em que o coordenador que dirige esta mesma planificação, a princípio fala das actividades realizadas e das actividades por se realizar. Ele situa sobre o que vai ser feito, quais são os temas a serem ensinados durante um mês, aí vai decorrendo as actividades. Cada um vai opinando sobre o que deu ou falta por dar. Elas têm sido até certo ponto interessantes, isto porque além de distribuírem os temas que serão leccionados durante os próximos dias. Dão certas dicas sobre o comportamento dos alunos da mesma escola e por fim lembrar os docentes acerca das normas.

E. Tendo em conta as mudanças sociais. Como avalia o salário dos professores em Angola? Pode justificar?

R - Se olharmos para o salário da função pública de uma forma geral, o salário dos professores está bom, o que constitui constrangimento é o mal enquadramento de alguns docentes em função do nível de escolaridade e o tempo de serviço. Que mesmo com o nível superior concluído continuam a receberem o salário correspondente ao nível básico ou médio. Infelizmente o salário do professor é baixo não chega para satisfazer as necessidades básicas do professor e sua família e ainda o próprio salário atrasa. É preciso prestar atenção ao sector da educação, para se desenvolver e melhorar a qualidade de ensino. Para tal, é necessário evitar a falta de pontualidade do mesmo, porque os professores do interior a sua viagem ou deslocação para o local de trabalho depende deste salário.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista da professora Ndinelau 25/05/2015

E. Conte um pouco acerca da História de vida: origem, educação?

R - Nasci na área rural tive a educação familiar, a minha infância ficou um pouco atrapalhada, quando tinha entre 8 a 10 anos apesar da religião jogar um papel interessante na formação da personalidade da pessoa e da educação moral, pois que anos depois essa educação foi afectada com o surgimento de outra ideologia do novo regime do partido no poder que se baseava na doutrina do marxismo-leninismo que negava muitos valores educativos que então eram

considerados importantes, deixou-se de acreditar e se ensinar os mesmos assim como apresentava uma negação radical da própria religião e seus valores, foi difícil porque nós tínhamos tendência de ir a igreja participar da missa. Conclui a 12^a classe na especialidade de ciências económicas e jurídicas, depois fui recrutado para ser professor e deram-me o horário de disciplina de EMC e actualmente não estou a estudar.

E. Descreve acerca da inclusão da disciplina no currículo.

R - É um aspecto muito importante no meu ponto de vista, dizendo mais que podemos ter poucos professores de EMC, mas devíamos ter professores preparados para as aulas. Seja qual tipo de aula, devia-se em alguns momentos abordarmos questões relacionadas com a educação moral e cívica de forma que os professores de outras disciplinas como matemática, física, química, etc. participem, mas simplesmente ignoram a disciplina de EMC, o que nos dificulta ainda mais. Porque todos professores deviam estar envolvidos na educação da nova geração independentemente da disciplina que lecciona. Por outro lado, apesar da carga horária de 45 minutos por semana ser pouco é também fundamental que os professores de EMC estejam suficientemente e moralmente preparados.

E. Descreva a rotina semanal de práticas educativas de EMC?

R - Em relação a prática estamos distante daquilo que se pretende porque daquilo o que os manuais trazem se temos cumpridos talvez é na ordem de 50 ou 60 por cento. Fala-se muito da metodologia activas e participativas de facto se faz esforço mas há dificuldade de utilizar estas metodologias permanece por isso, precisamos mais de encontro e cooperação com os colegas para podermos superar o mar de problemas que vivemos sobre a prática. A prática educativa de EMC constitui uma dor de cabeça (risos). É verdade que se tem dado alguns passos positivos, que ainda assim consideramos poucos. Mas na verdade temos muitas dificuldades, porque os professores de educação moral e cívica têm formação nas áreas que não têm nada a ver com a educação. O que normalmente os alunos dizem acerca dos professores, contraria não só em determinados passos metodológicos, mas também o próprio comportamento do professor que deixa muito a desejar, não estou a dizer que nós os professores de EMC somos perfeitos. Estou a dizer, que os tais professores que estão a leccionarem está disciplina apresentam muitas dificuldades na sua implementação.

E. Que modelos de ensino-aprendizagem predominam nas aulas?

R - Acho que o que mais predominante é o modelo tradicional, transmissivo e mesmo isso é notório também nas provas, porque as questões colocadas exigem do aluno simplesmente decorar e reproduzirem os conhecimentos, copiar e colar, já que não ajudam o aluno a criar e a construir o seu pensamento.

E. Explica como tem decorrido o processo de planificação diária e a nível da coordenação?

R - Durante a reunião pedagógica cada integrante anuncia onde parou se cumpriu com a planificação anterior, em seguida começa por orientar-se o registo de conteúdos que serviram para se trabalhar nos próximos dias porque só se apresenta os temas aos colegas que

leccionam as respectivas classes e que cada um vai procurar trabalhar bem ou mal, pois que não se abre momentos para troca de experiência de como abordar determinados temas que podem oferecer mais dificuldades ou grau de complexidade, não se faz a planificação entre professores que leccionam a mesma disciplina e classe o que facilitaria o debate entre os colegas. Devia se planificar para todo grupo e outra para professores que leccionam a mesma classe e disciplina de forma que possam discutir algumas temáticas que podem constituir dificuldades.

E. Como tem utilizado as tecnologias de informação e comunicação durante a aula no âmbito da educação moral e cívica? Pode aclarar?

R - Nas aulas não se faz sentir o uso das tic, nunca utilizamos e nem possuímos tais meios, talvez um dia iremos aprender para podermos utilizar nas aulas se é bom ou não. Desempenham um papel importante e positivo por um lado por ajudar no desenvolvimento de hábitos morais correctos, mas por outro lado, tem influenciado negativamente na exposição ou apresentação de muitos programas e publicidades que distorcem a imagem ou perfil do que se pretende criar na sociedade a nível da formação moral e cívica, por exemplo o programa big brother.

E. Os meios de comunicação social são importante para educação moral e cívica. Analise o papel que tem desempenhado de acordo a realidade angolana? Fundamenta.

R - São de capital importância, mas a realidade é bem diferente aquilo sai. Já que o que se aprende, é exactamente o negativo que é colocado em prática. Assim, parece até que estão a oficializar essa indecência e até hoje continuamos com o problema porque é que passam coisas que a princípio já sabemos que não educam mas justificam que a ideia é dizer que isso é errado e deve praticar o contrário. Infelizmente a interpretação que se faz é oposta, porque os adolescentes praticam acções tal como assistiram. Talvez devia-se passar coisas indecentes. E em seguida passa as coisas decentes em termos de atitude e comportamento, porque os pais no momento que passa as novelas, não estão nas suas casas para dar uma orientação. Porque uma mensagem recebida nestes moldes, tem muito impacto e influencia facilmente em relação aos pais. Melhor seria, o mesmo meio passar algo indecente e a seguir mostrar o comportamento certo por mesma via, os aspectos negativos embora sejam pouco acabam por sobressair, as mensagens trazem informação negativa.

E. Descreve como são os conteúdos programados e os materiais utilizados pelos professor de EMC?

R - Não temos maus, programas e materiais, o problema tem sido este de os nossos alunos assimilarem apenas os valores e acabando de não viverem os mesmos, é preciso assimilar o conteúdo e depois esse conteúdo se conseguirmos compreendermos e depois nos revermos com estes conteúdos para transferirmos na prática. Precisamos de compreender, rever assimilar e depois influenciar no nosso comportamento, no meu ponto de vista o perfil de saída não tem correspondido aquilo que são os conteúdos programáticos e os materiais utilizados pelos professores durante as aulas, não tem correspondência porque se houvesse poderíamos ter bons alunos em termos de instrução e comportamento.

E. Sente dificuldade em trabalhar com essa dificuldade disciplina?

R - Para trabalhar, eu acho que ainda continuamos, a transmitir os conteúdos, conceitos, mas a vivência das temáticas abordadas durante a aula é uma dor de cabeça. Se calhar também tem a ver com a maneira como vamos ensinando, os tais contrastes que existe daí a tal crise de valores que na nossa sociedade enfrenta porque se por um lado os professores se preocupam em ensinar o que está certo, justo, aconselhado, mas ao sair da escola para casa ao longo do trajecto depara-se com situações opostas aquilo que aprendeu na escola. Assim, sente dificuldade de aliar a teoria e a prática, no âmbito da educação moral e cívica e os modelos de aprendizagem. Os professores apresentam dificuldades de preparação de aulas, na realização prática das aulas, na relação entre professores no novo contexto de trabalho sobretudo os que trabalham no interior das capitais de cidade. Os professores sentem dificuldades de gerirem o tempo, planificação de aulas, a falta de saberes e bom domínio dos conteúdos a abordar.

E. Que perfil deve possuir o professor?

R - Duma forma geral o professor deve ter as três competências básicas: científica que lhe permite ter o domínio dos conteúdos, que ele vai ensinar. É necessário a competência didáctica-pedagógica, para saber como orientar uma aula, para não dificultar a aprendizagem. Sabemos que, para cada tema selecciona-se metodologias próprias e a ultima que é importante é a competência interpessoal que tem a ver com a boa interacção, estar preparado para qualquer tipo de comportamento e poder corrigir nas situações que não seja bom para evitar conflito com os alunos. Quando se fala do professor de emc deve ter essa competência de forma conciliar com o saber, saber fazer e saber ser, que é capaz de investigar, resolver os problemas que surgem no contexto.

E. Como caracteriza a formação contínua de professores

R - A formação dada é boa ajuda os professores a melhorarem o seu desempenho na sala de aulas. Ajuda o professor a fazer um trabalho mais profissional na empresa. Acções dessa natureza devem repetir-se para que haja desenvolvimento de competências a nível dos trabalhadores.

E. Avalie o papel da supervisão escolar no acompanhamento do trabalho dos professores? Pode aclarar?

R - O acompanhamento de aulas é feito pelos coordenadores já que não se faz sentir a figura do supervisor porque ainda não está criada, temos inspector que fazem acompanhamento de algumas actividades escolares e o seu papel é diferente do que vai desempenhar o supervisor. Relativamente a liderança na aula utiliza-se os três estilos de liderança: democrático, liberal e autoritário. Não existe o melhor estilo por isso aplica todos dependendo do contexto. O mau ambiente resulta também do estilo de liderança a utilizar pelo professor.

E. Como é a relação entre professores e a direcção de escola?

R - Temos problemas de «barramento» os meus colegas não podem saber mais do que eu, por isso criam obstáculos para que os colegas não se formem. Isto faz com que haja mal clima nas

escolas. Porque as direcções de escolas ajudam pouco aos trabalhadores estudantes. O que mais fazem é criar dificuldades ao professor estudante.

E. Aborde a relação entre o professor e o aluno na escola? Pode justificar?

R - As vezes o comportamento do aluno é reflexo do comportamento do professor e normalmente entendo que para os prof terem mau relacionamento com os alunos depende da gestão do professor, porque se o se gerir bem o comportamento acredito que poderá ajudar em certa medida que os alunos venham respeitar o próprio professor. Agora nós como professor, devemos estar preparados que na sala vamos encontrar alguns alunos com comportamento inadequado. Temos de saber e ajudar a corrigir para que não haja mau ambiente na relação professor e aluno. Como ele, geralmente é que tem de ser promotor do bom relacionamento por mais que seja mais novo como professor. Mas se ele se relacionar bem com os alunos mais velhos, a relação será boa de contrário será censurado com críticas de o professor é menor de idade apesar de ter estudado deve também nos respeitar.

E. Explica a relação da família com a escola e que papel tem jogado na educação dos filhos? Pode justificar?

R - Alguns comportamentos dão a entender que não existe interacção escola com a família porque se assim fosse não poderíamos ter este tipo de comportamento. Apesar do esforço das escolas, a relação ainda é débil e também falo por experiencia própria. Eu sou professor e também sou pai, mas não tenho tido tempo de passar pelas escolas onde estudam os meus filhos. Geralmente, os pais só aparecem no início do ano lectivo para fazer matrícula e no fim para reclamar se o filho reprovou.

E. Descreva o que está na base de comportamentos inaceitáveis dos adolescentes?

R - Como é uma fase turbulenta para os alunos, em aparecem comportamentos inadequados. Mas por outro lado, analisamos a questão de factores que podem contribuir para isso, sabemos que é uma sociedade com muitos problemas em termos de moral. Já que, devemos reconhecer que há degradação de valores na sociedade. Assim, também muitas famílias não estarão em condições de ajudar os seus educandos em contrapartida vamos encontrar os filhos que vivem sozinhos. Porque fazem o que querem, ninguém repreende e orienta pois, os pais não estão em condições de acompanhar os filhos. Assim, admitimos que esse tipo de comportamento pode vir a escola e, trazendo aqui na escola e se nós não encontrarmos professores capazes de darem exemplo, para inverter o comportamento negativo do aluno, pode constituir dificuldades no processo. No entanto, o próprio comportamento do professor pode contribuir negativamente, porque alguns professores na sua maneira de actuar, se relacionar com os alunos, a indumentária que usa, as vezes não é adequada. Outro aspecto tem a ver com o uso de bebidas alcoólicas, que retira a boa apresentação do professor na sala de aulas, nem mesmo os alunos deixam de respeitar o professor. Devido essas falhas, os alunos vão apresentando diferentes comportamentos que é necessário corrigir para que haja bom comportamento quer por parte do professor como do aluno.

E. Aclare como avalias os seus alunos no processo educativo?

R - Os alunos são avaliados todos os dias de aula, o professor faz a selecção de alunos que têm avaliações em atraso. O professor faz a avaliação oral e escrita de maneira obter a média de avaliação contínua. Os professores exigem na correcção que o aluno responda, tal como o professor ditou, qualquer diferença o professor risca.

E. Tendo em conta as mudanças sociais. Como avalia o salário dos professores em Angola? Pode justificar?

R - Ainda estamos mal, atendendo as possibilidades que o nosso país tem, os professores merecem muito mais do que aquilo que ganham. Sem se esquecer do atraso quanto ao pagamento do mesmo, já basta ser pouco e ainda tem que demorar um ou dois meses. Sinto que o Estado exige muito dos professores e ele faz muito pouco para os professores. No entanto, apesar das dificuldades existe professores que apresentam amor pelo que fazem empenhando-se com todo esforço e vontade mesmo sendo mal pagos.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Anexo 5

Guião de entrevista de Grupo para alunos

A presente entrevista tem como finalidade conhecer a visão que os participantes têm acerca da prática educativa que se realiza no âmbito da disciplina de Educação Moral e Cívica de maneira compreender as relações e influências entre os integrantes do processo de ensino-aprendizagem. Para tal, precisamos da vossa colaboração que se traduz na participação da entrevista. Asseguramos-lhe que todas informações que prestarem serão mantidas em anonimato e confidência e só servirão para fins científicos.

1 - Por favor, conte como passou o dia de ontem e em que momento a educação moral e cívica esteve presente?

2 - Descreve como viveu a sua infância e que contributo tem dado a tua família nuclear?

3 - Narre sobre a importância da EMC no plano curricular?

4 – As TIC têm contribuído para a aprendizagem da educação moral e cívica? Pode aclarar?

5 – Descreve como é a relação entre professores e alunos e vice-versa e que lideranças utilizam? Pode comentar?

6 - O material (livro) que é utilizado durante a aula facilita a compreensão? Pode aclarar?

7 - Conte acerca do comportamento dos professores e sua interação com os alunos na aula?

8 – Apresenta a relação existente entre a família e a escola?

9 - Caracteriza as actividades que a direcção realiza com os alunos?

10 - Descreve o papel que a família tem desempenhado na educação dos filhos.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim. Tem mais algo por acrescentar?

Anexo 6

Transcrição das entrevistas de grupos de alunos

Entrevista de grupos de alunos nº 1 04/ 05/ 2015

Duração: 1h34

Entrevistador. Como passou o dia de ontem e em que momento a educação moral e cívica esteve presente?

R - Aluno 3 - O dia de ontem digo, que passou bem porque ao ritmo no qual houve a EMC, foi no momento que cruzei com algumas pessoas. Saudei, começando já no período da manhã com a vizinhança. Neste caso, alguns conhecidos e, houve também outras conversas com eles. Conversei com eles, mas neste caso, posso mais contar em termos de saudação. Isso posso incluir também ou relacionar com a educação cívica, é um gesto de moral e cívico ... também não sei se posso dizer se é ético ou cívico quando ajudei uma senhora a atravessar a estrada.

R - Aluno 2 - Falar de EMC, acho que está incluso em os todos dias da nossa vida, do nosso quotidiano, é impossível vivermos e passarmos todos dias sem metermos em prática alguns aspectos morais. Acho que falando no dia de ontem, meti em prática alguns princípios morais como sendo, a moral um dos factores que nos ajudam a ter boas maneiras de como se comportar na sociedade. Acho que praticar acções como a saudação, em saudar mesmo que não tenhamos algo em troca ... é sempre bom nós saudarmos e ajuda na nossa maneira de se comportar, eu pelos menos ontem ... tive uma alguma (pausa) como posso dizer, conversando com alguém que se comportou de maneira pouco adequado. Eu fui chamando-lhe a atenção de como se comportar ... dei-lhe alguns princípios morais e consoante isso, digo que é impossível um ser humano viver sem moral. Embora é uma simples disciplina, mas está sempre presente no nosso dia-a-dia.

R - Aluno 7 - Falando da moral sobre o que passou ontem, é como disse o colega, a moral está connosco sempre e sempre, por mais que há aquelas pessoas que não apresentam aqueles valores ético-morais. Mas sim, sempre tem algo que é moral ... então para falar da moral, o que aprendi ontem na moral e que passei de valor na moral, é que sempre quando nós estamos perante uma sociedade, onde há alguém ou conjunto de pessoas que passam ou fazem a transmissão de valores, de conhecimentos. Ai já está incluso a moral, reina a moral, aquilo que nós vamos aprender em casa, vamos adquirir em casa, nos nossos amigos, vizinhos. Tendo em conta a saudação, como a maneira de se comportar permite verificar aqui e acolá que a moral anda connosco e vive connosco para que nós possamos ser alguém e com bons valores. É necessário que a moral esteja connosco, ontem aprendi muita coisa da moral: a saudação, muitas coisas.

R - Aluno 1 - como já foi frisado aqui, a moral ou disciplina de educação moral e cívica, uma ciência que faz parte da nossa vida e nos deparamos com ela onde quer que estejamos. Então, falar primeiramente da educação moral e cívica, ou dos dados morais no meu dia de ontem. Eu gostaria de frisar, que ontem não foi um dia muito lá bom para mim... passei por alguns dissabores e, é ali onde nós podemos ver se alguns dados morais fazem-se sentir em nossas

próprias vidas como futuros professores. Tinha que enfrentar alguns dissabores e aplicando os valores morais, tive de pensar antes de resolver para não perder a calma e aplicar os valores morais para resolver um determinado problema. Vi que eles têm sido úteis numa boa forma de agir, para quem é dirigido por valores morais e éticos numa determinada sociedade. Agindo com esses mesmos valores, o indivíduo evita ferir sensibilidades e também ferir-se a si mesmo, era o meu comentário sobre essa afirmação que os valores morais não se criam.

R - Aluno 6 - acerca dos valores morais e como aplica-los no nosso dia-a-dia, acho que tem uma grande importância, porque pelos vistos são importantes. Porque eles permitem com que nós possamos coadjuvar a interacção entre nós próprios e outras pessoas que fazem parte da sociedade. Então, quando alguém possui normas ou valores morais e aplica eles no seu dia-a-dia, é mais fácil de interagir com os outros e dificilmente terá dificuldades em resolver os seus problemas. Principalmente quando tiver o problema, que ele precisa de ter mais calma e resolver. Então, os valores morais também permitem, saber de antemão em que momentos ou de que maneira poder proceder para resolver um determinado problema. Assim, queremos dizer que ontem ao aplicar os valores morais ou os princípios morais no meu dia-a-dia. Simplesmente começaria pelo ponto de que... acordei de manhã muito cedo e me preparei para vir à escola, posto cá na escola encontrei a sala quase vazia, porque normalmente é assim. Encontramos a sala quase sem carteiras, então eu fiz a questão de colocar algumas carteiras, para alguns colegas que não estavam presentes neste momento. Penso que é uma das coisas que eu fiz de moral ontem. E também ah:: recebi uma questão de uma sobrinha cujo... pai não tem dado muita atenção, eles estão neste momento separados um do outro, o pai trabalha numa outra província e ela está cá no Lubango então tem tido dificuldade em pagar as suas taxas de propina no colégio e também pagar o autocarro para os seus irmãos. Então ela sempre que tenta falar com o pai, o mesmo diz que está bem vou fazer, vou fazer e o tempo foi passando desde o ano passado até agora nada... quando ele vem e a filha toca no assunto, o pai fica chateado e diz: estás a me faltar respeito. Ela está assim com alguns problemas e, resultando também nela algumas dores de cabeça e outros tipos de dificuldades psicológicas. Então ela veio até mim, para que eu pudesse dar uma ajuda. Então, o que fiz não tendo possibilidades de ajudar de outra maneira, é o seguinte: fui dando alguns conselhos, para que ela pudesse falar... encontrar alguém, um mais velho para que pudesse falar com seu encarregado para resolver essa situação acho que é tudo que tinha a dizer.

R - Aluno 4 ... relatando um pouco sobre o meu dia de ontem, acho que não tenho muita coisa para falar, o meu dia foi da maneira mais calmo. Não teve momentos assim marcantes, ehh (pausa), mas no que tange sobre a presença da EMC ... é o que geralmente nos falta, que o acto de saudação ou outro são regras básicas para manter um bom convívio com a vizinhança e não só, assim o meu dia foi calmo, acho que é tudo.

E. Descrevem como é que viveram a infância e que contributo a família tem dado?

R - Aluno 6 - Há aqueles casos que se calhar a quem cresceu junto da família, mas há outros casos crescemos longe da nossa família nuclear, mas ainda assim, que infância tivemos? Na fase em que frequentamos o ensino primário, nesta parte enquanto nós éramos mais pequenos, a nossa infância correu bem com lembranças. Alguns familiares nos levavam que várias

actividades realizadas no dia-a-dia de Segunda a Sexta, Sábado e Domingo. Assim, posso dizer que comparando o hoje e o ontem poderia dizer se continuassem a viver o ontem estaria bem olhando o hoje e o ontem. Posso dizer que a infância não foi assim tão boa (...), porque naqueles instantes era necessário que os pais tivessem juntos e prontos para que pudessem acompanhar o processo de desenvolvimento... seria bom se tivesse um acompanhamento mais viável dos pais e ajudaria muito a me relacionar com outras pessoas. Mas eu cresci até aos 10 anos fora da casa dos meus pais, eles já tinham... já estavam separado a um bom tempo mas com as actividades. Acho que não tive muitos problemas, porque sendo uma criança não exige tanto ao mais velho para que possa dizer: agora quero isso, leva-me no sítio tal. Quero fazer isso, a criança procura fazer aquilo que é melhor para ela própria, então é isso que eu também fiz na minha infância. Construí amizade com os outros, mas facilmente as vezes quando ninguém estava disponível, eu procurava arranjar alguma maneira de estar sozinho, mas ocupado a fazer alguma coisa ... seria bom se tivesse um acompanhamento mais viável dos pais e ajudaria muito a me relacionar com outras pessoas, mas mesmo assim posso dizer que foi uma fase um pouquinho divertida.

R - Aluno 5 - O que diz respeito a questão sobre a minha infância, eu desde sempre tive uma infância muito distante dos meus pais, sempre a minha infância foi sempre com o meu irmão mais pequeno, que nunca nos deixamos. Os pais separam muito cedo, eles tiveram noutra província e nós também estivemos noutra província, então eu diria que a minha infância foi muito complicada (pausa), porque a gente sempre viveu os dois, não tivemos acompanhamento dos pais, nem a distância apenas do irmão. A minha infância foi uma que se compararmos hoje, penso que foi uma infância muito complicada. Porque fui uma criança muito traquina, muito malandra, mas graças a Deus consegui passar essa fase e, eu digo que hoje valeu apenas viver aquela infância e vou transmitir nos meus vindouros filhos, que o vosso pai foi muito malandro, mas foi uma infância boa.

R - Aluno 2 - No meu caso particular, digo que a minha infância foi boa eh::: comparando o hoje e o ontem, posso dizer que a minha infância foi como no país das maravilhas, porque assim como a infância é uma das fases em que eu não tinha muita responsabilidade. Apenas eu era livre de fazer o que quisesse: corria bem ou mal e a família também ajudou bastante. Porque a minha família é totalmente baseada nos ensinamentos referentes a Deus, os conselhos... eu sempre nasci numa família em que o foco principal está ligado a Deus e neste caso a igreja também ajudou bastante no meu desenvolvimento psicológico, a minha infância também de princípio, depois os pais separam-se e tive de deixar os pais para ir viver com os meus avós. Tirando este tempo todo tive que ... tenho a agradecer os conselhos que os meus avós têm dados, porque eu fui uma criança, que depois naquela fase da adolescência infância... eu era uma criança que comparando, o ontem foi melhor do que hoje. Pois, é mais complicado nos dias actuais, dão muita responsabilidade aos adolescentes e os pais começam a vos olhar com outros olhos, com mais responsabilidades.

R - Aluno 1 - Neste processo de infância, queria dizer que eu passei toda minha infância, ao lado dos meus pais, tive um convívio familiar quer na parte do acompanhamento das actividades escolares. Isto é, efectuando o ensino primário sempre tive aproximação dos meus pais. Por isso, não vejo tanta coisa para debruçar sobre os aspectos referente a minha infância,

sempre vivi com os meus pais, sempre me acompanharam em todas actividades escolares, fazendo uma breve comparação do período de infância com o período que nós atravessamos agora. Eu diria que para mim, o período menos bom o período que eu passo, atravesso agora no momento da adolescência foi mais difícil, embora que as responsabilidades agora são maiores, mas é uma situação que não podemos fugir da responsabilidade que nós carregamos. Penso que tem sido mais bom, os momentos que temos atravessamos agora fazendo comparação com o período que fui atravessando na infância. Porque é um período em que nós não temos muitas escolhas ou determinadas escolhas para fazer, simplesmente somos acompanhados e guiados pelos nossos pais, para mim acho que é bom o período que eu atravesso agora, que é o período de adolescência.

R - Aluno 4 – A minha infância foi da maneira mais saudável, eu tive sempre de perto os pais. Estavam nos momentos que eu precisei, dando seu apoio em todos os sentidos da minha infância e adolescência... foi tudo bem graças a Deus, correu tudo bem apesar de algumas interrupções, isso acontece em toda vida, em todos os sentidos da vida ou em todas as fases. Mas com dedicação, empenho e esforço por parte dos pais e não só, foi algo meramente ultrapassado... fazendo uma comparação com os dias de hoje não vejo muita diferença com relação aquilo que é a interligação familiar... mas dizendo que tempo da infância foi bem melhor, isso é obvio porque enquanto criança é como nos tivéssemos tudo por cima da mesa e nós chegávamos e comíamos, mas já agora temos de ir atrás dos nossos sonhos, agora que estamos a crescer temos de ir atrás da luta na realização daquilo que é nosso sonho ou desejo, mas graças a Deus tive uma infância calma.

R - Aluno 3 - É como tudo nem, tem os bons e os maus momentos. Nesse caso, eu passei também na minha infância e percebi, que vivo neste centro, tive perto dos meus pais... na minha infância teve momentos bons e momentos maus. Falando dos momentos bons brinquei muito, que é o desejo de toda criança porque quem passou nesta fase brincou se divertiu... momentos de diversão brincadeiras com os amigos, isso termos de brincadeiras de carro ... foi bom para mim também me marcou muito em termos de actividades escolares ... Também tive acompanhamento dos meus pais principalmente da minha mãe, ela sempre esteve presente em qualquer momento que acontecesse ... qualquer coisa comigo ela sempre esteve presente. Momentos maus, posso dizer que fui uma criança muito traquina ... ya fazia umas confusões com os outros e quando arranja-se confusões, lá ia directamente aos meus pais queixar-me que há mau comportamento e na mesma era castigado. Já se sabe que naquele tempo, quando se fala de castigo, recebe umas palmadas, chicotadas... ya esses formam os maus momentos, mas não é por isso que posso dizer que afectou tanto a minha infância. Por isso, com esses maus momentos que passei ... houve mais coisas boas em relação as más, porque nas actividades, os meus pais sempre me acompanharam quer em actividades ou outras, é tudo acerca da minha infância.

E. A EMC tem ajudado na sua integração e adaptação na escola com os colegas?

R - Aluno 3 - A respeito desta questão de a EMC... tem ajudado bastante a mim na integração com os colegas na escola, isto porque a princípio já é sabido de que a gente dum forma consciente ou inconsciente, já estão ou andamos com a EMC. Só que há momentos em que é

mais visível e, neste caso, quando estás na acção da mesma educação moral e cívica... então eu para mim, ajudou-me muito porque ou tem ajudado, na interacção com os colegas. No respeito que há entre nós e o que eu tenho com eles e, o que eles têm por mim... porque só é respeitado quando a princípio você respeita os outros. Neste caso, tem ajudado muito na boa convivência, que tem havido com os colegas e, eu digo que quando me inteirei nesse caso, ou ao conhecer bem essa disciplina se posso assim dizer. Ai comecei a descobrir ainda mais coisas, que eu não sabia anteriormente. Saber que faz parte do currículo tem ajudado bastante não só na convivência com os colegas, na escola, mas também com os outros... outras pessoas, tanto faz no bairro com os amigos e mesmo na família... a EMC tem uma grande relevância na convivência, não só na escola, mas com os outros dentro de uma sociedade.

R - Aluno 6 - Eu podia dizer, que a EMC tem ajudado bastante naquilo que é, a convivência, a integração com os colegas e outros membros da sociedade. Porque quem estuda a EMC sente-se livre e tem de acreditar que é um dever moral estar em paz em comunhão com outras pessoas. Ter os deveres morais permitem com que nós saibamos em que circunstâncias e quais são as palavras a serem proferidas antes de determinar qualquer acção. Antes de agir de qualquer maneira ou antes de falar qualquer coisa ao outro, devemos sempre antes analisar em que circunstância ou quanto ou quão pesadas são aquelas palavras, então devemos medir a linguagem. A EMC também ajuda na mediação daquilo que é a interacção com outros membros da sociedade.

R - Aluno 1- neste processo de interacção a EMC é fundamental, porque meramente estamos a falar de socialização de um grupo ou no seio de colegas. Isto é, numa instituição escolar e, é por ali que nós demos créditos e respeitamos o nosso próximo, na qual a EMC mostra-nos como respeitar e lidar com os membros duma determinada sociedade. Porque é ali onde nós sabemos que a liberdade de alguém termina onde começa a liberdade de outra pessoa e, é nesta interacção que a EMC propõe valores morais de como interagir e respeitar um ao outro. Saber que nós merecemos respeito, merecemos ser valorizados numa determinada sociedade, em que nós vivemos e essa disciplina de EMC é (pausa), muito fundamental para dotar uma sociedade de bons procedimentos de valores morais, para sabermos como conviver e viver numa determinada sociedade.

R - Aluno 4 – A EMC sempre esteve presente num seio como este e... mesmo fora das instituições escolares, com amigos e irmãos, a EMC tem ajudado bastante para a boa convivência, para o desempenho e funcionamento normal das actividades na escola. Então, esta é bem importante e indispensável para o convívio na escola, sabemos que é por intermédio dela, que nós adoptamos os primeiros passos sobre como saber lidar com as demais pessoas... então é mesmo fundamental e pertinente para nós como colegas.

R - Aluno 5 - Falando da interacção da moral na sala de aula, tem ajudado muito, suponhamos que numa sala de aula sem este requisito ou sem essa disciplina... seria uma sala muito mal composta, porque esse princípio vem para ajudar as pessoas ou alunos a interagirem numa determinada sala, aquilo que o colega disse. Que ai, fala-se onde começa a liberdade do outro e onde termina a liberdade do outro.

R - Aluno 7 – É necessário existir a EMC, para que haja boa convivência na sala de aula, para que haja boa convivência na sociedade, sendo que a sala de aula é onde passamos mais tempo e, é a sala de aula que constitui uma linda sociedade. Para que essa sociedade seja uma sala de aula harmoniosa, uma sala de aula com solidariedade, com ritos e princípios, é necessário que haja moral ali. Para conduzir esses elementos, eu creio que a moral numa sala de aula é muito fundamental e importante.

R - Aluno 2 - Falando do conceito de escola digamos, que a escola não é simplesmente um lugar de formação de um homem técnico, um homem profissional, mas também a escola, cabe-lhe a nobre missão de formar o homem, para a vida formar o homem para ser cada vez mais humano. Digamos sendo humano... ele deve ter algumas normas, alguns princípios, valores morais para que haja uma boa conduta dentro da sociedade e contudo, é na escola que cabe-lhe a nobre missão a disciplina de EMC. Ajuda o aluno a se relacionar, socializar com os demais membros da própria sociedade, na escola tanto faz com os colegas, com os professores e todos membros de uma escola. Digamos que, quando uma escola acata os princípios morais mais desenvolvidos, a escola pode ter em termos de socialização para o aluno um bom desenvolvimento psicológico.

E. Apesar de existir no currículo a disciplina de educação moral e cívica ainda verifica-se comportamentos negativos nas escolas, podem comentar?

R - Aluno 1 - Obviamente nós temos a disciplina com todos os requisitos e valores para um bom convívio em sociedade, eh::: mesmo assim, nós constatamos nas instituições escolares, que há uma escassez de valores e comportamentos menos bons no recinto escolar por parte do pessoal, que convive neste mesmo recinto escolar, na familiarização entre as pessoas, visto que nós temos a disciplina e, ela nos mostra como andar. Ela nos ensina e nos dá caminhos viáveis de como proceder, mas mesmo assim constatamos maus comportamentos num determinado recinto escolar, meramente (pausa) pode acontecer pelos próprios educadores ou professores, que apresentam essa escassez de bons comportamentos de acto moral com relação aos próprios alunos. No meu ponto de vista, considero que é a falta de um bom processo ou a falta de... que as pessoas que educam. Me refiro meramente aos professores, não serem adequadamente formados para posteriormente, também passarem essa informação de valores morais sem magoar outrem. Porque a base começa com os professores, que passam a informação e se não têm valores morais, como lidar com pessoas e como adoptar um bom comportamento? Quando nos deparamos com uma ilicitude, nós sempre vamos verificar maus comportamentos nos recintos escolares, mesmo sabendo que nós temos a disciplina de EMC, que nos mostra como lidar e como viver bem numa determinada sociedade. Mas o que nós observamos, mostra-nos também um aspecto diferente, naquilo que é a disciplina de EMC. Eu penso, que tudo está na base de uma formação das pessoas que ensinam os valores morais, o que é um pouco inaceitável para os professores que leccionam e ensinam os valores morais. Também apresentamos um carácter de défice de valores morais, para aqueles nas quais nós estamos a educar. Obviamente nós não somos perfeitos, nós cometemos erros e vários delitos, mas é importante considerar e saber que os professores são modelos e, devemos encarar a situação com responsabilidade e pensar-se seriamente antes de agir-se. Para que o nosso papel ou para que a reputação do professor como modelo, não seja suja numa determinada

sociedade ou nas pessoas que nós devemos passar a informação ou o bom comportamento vindo desta disciplina de EMC.

R - Aluno 6 - Tenho a dizer que a má conduta observada a partir dos alunos numa instituição parte dos elementos, que constituem a instituição escolar, não tem apenas a ver com a questão de formação dos professores ou indivíduos que leccionam a disciplina de educação moral e cívica. No meu ponto de vista, é a que tem a ver com o acompanhamento dos pais a partir de casa, porque as questões cívicas são feitas de antemão a partir de casa, porque é dever dos pais antes do filho ir a escola. Deve ter já algumas questões ou noções cívicas em mente, com que o pai tem que saber quais são as actividades, em que o filho está envolvido no seu dia-a-dia, o pai também tem de envolver o seu filho ou educando numa religião. Se pode assim dizer que, é necessário que os pais envolvam os seus filhos nas actividades religiosas, as actividades religiosas também têm muito a ver com a aplicação dos valores morais no nosso dia-a-dia. Então, o papel dos pais é muito fundamental naquilo que é a formação dos filhos consoante a área de EMC, porque tem se dito que não... dificilmente constrói-se onde não tem terreno viável, se o terreno não for bom para construção de um edifício. Então, é necessários que procuremos um outro sítio, para construção deste mesmo edifício. Quer dizer, será difícil que o aluno acate as palavras dos professores, se em casa não está habituado aquela maneira de convivência, esta é a minha visão.

R - Aluno 5 - Continuando com o fio ou o pensamento do meu colega 6 ... primeiramente a educação tem de partir dos pais, os princípios morais partem de casa, o aluno vem com alguns princípios morais de casa. Aqui na escola, o professor só complementa aquilo que são outros princípios, mas na nossa sociedade não quer dizer que ... os alunos que fazem essas práticas não têm esses princípios. Eu digo que no meu ponto de vista, pode ser na parte da ignorância, eles sabem, ignoram aquilo que são os princípios éticos e morais, agora... atravessam esses princípios e fazem as coisas ilícitas numa determinada instituição escolar. Quero dizer que parte da ignorância... ignora os princípios morais e vivem fazendo as coisas ilícitas num determinado recinto escolar. Mas para que a nossa sociedade seja sã, com esses princípios, é necessário que os professores tenham que apertar mais naquilo que é a educação moral e cívica, naquilo que diz respeito a transmissão dos valores morais e cívicos dos nossos alunos, é precisamente isso, que tenho a dizer sobre esse ponto.

R - Aluno 3 - A respeito disso, eu diria também, que um dos factores é que nas escolas não se fazem sentir e, que não se faz cumprir a respeito da normas da mesma disciplina... os professores não tem ajudado visto que, há como se disse há ignorância e, por outra tem a ver com os próprios alunos que desde em casa. Já não têm essa mesma base de acatar os conhecimentos... eu digo que esses factores, posso assim dizer o que faz com que os alunos numa determinada situação escolar não se cumpri com a EMC. Isso tem a ver mesmo com o próprio desempenho por parte dos professores, a própria formação por parte dos professores, ou se empenham mais na transmissão dos valores. Porque as vezes não clarificam aos estudantes ou alunos, realmente o que é, os próprios factores ou acerca do que é a sua importância, que papel ela desempenha. Não clarificam ou não explicam melhor ao aluno a respeito disso, isso porque mesmo o próprio professor não tem muita bagagem a respeito. Porque o conteúdo ele pode encontrar, já vem nos manuais, mas a forma de transmitir os

mesmos conhecimentos aos alunos isso é que é um dos factores que ele não sabe. E por outra, está na parte dos alunos, porque muitos acatam porque têm manuais e podem ler neste caso, mas a forma de interpretar. É crucial saber não só aos alunos, mas também por parte dos professores, em que momentos devem se aplicar, isso ou aquilo é uma das formas na qual não se desempenha... como podia dizer, há aquelas faltas de respeito mesmo nas instituições, através disso porque por causa da falta de boa interpretação de ambos e ignorância por parte de outros.

R - Aluno 4 - Sobre esse caso, não fugindo muito do raciocínio dos meus colegas aqui presentes. Eu diria que é mesmo a ignorância acima de tudo por parte dos indivíduos que apresentam comportamentos inadequados nas instituições, porque na maior parte das vezes em suas casas os indivíduos são correctamente comportados. Não sei se é pelo medo da mãe ou pai por estar presente, mas em casa apresentam um comportamento fechado, ele é o santo de casa. Já quando está na rua ou na escola, ele aproveita fazer todas demandas que em casa não tem possibilidades, privilégio ou a ousadia de maus comportamentos... sim porque ate certo ponto, tem pais que não contribuem para o bom comportamento dos filhos ou educandas, mas outro porém, são os ditos super pais protectores eles estão sempre carregando na mesma tecla em busca de um bom comportamento, que possa se desenvolver no seu filho. Ai em casa mostra bom comportamento, como fruto daquilo que os pais procuram encontrar nele. Na escola devido a ausência do pai, a ignorância o rodeia e faz de tudo ... talvez para chamar atenção dos colegas, para ser o tal na escola. É o colega que quando falta na escola, ela fica sem graça, então os indivíduos fazem muito pela ignorância e pela vontade de aparecer como se diz na gíria.

R - Aluno 2 - para dizer que a família, no nosso dia-a-dia tem sido a primeira escola do indivíduo em que tem a missão de prepara-lo, dando os valores morais, princípios e normas indispensáveis dentro da sociedade... contudo, o indivíduo na escola encontra a disciplina de EMC, que vai lhe ajudar como se relacionar com os demais membros da própria escola. Possuindo já os conhecimentos que eles têm acerca dos valores acatados, apenas a disciplina de EMC vai facilitar cada vez mais a maneira de se relacionar. O que tem se visto é que a educação moral e cívica sendo uma disciplina filosófica, ela tem todos requisitos de ser uma ciência e fazer com que o aluno aprendam cada vez mais os princípios da EMC e normas a se desenvolver na sociedade... a culpa disso são os professores, porque há ignorância do próprio aluno ao exercer essas mesmas normas, duma maneira geral consigo próprio e com os demais membros da sociedade. Um dos aspectos negativo, que tem se visto relacionado com os maus comportamentos ou a má conduta, é o plágio de cultura ... os nossos mais velhos dizem que: a nova geração está a deixar os valores morais em segundo plano, porque a nossa sociedade está a plagiar culturas de outros países como por exemplo: as mulheres que deixaram de usar a roupa africana roupas, que mostram a cultura angolana, em detrimento de roupas proveniente de outros países como o famoso xuxuado. Tem sido um dos factores negativos, que é a globalização, o mau uso das tic tem influenciado cada vez mais, para existência de más condutas dos alunos na sociedade. Porque os valores estão ali, as normas e princípios estão ali. Eles já têm esses conhecimentos, apenas o que faz com que haja esses comportamentos negativos, é a ignorância já que não colocam em prática os valores morais.

E. Descreve o papel que os meios de comunicação social têm desempenhado na moralização da sociedade e para aprendizagem de educação moral e cívica?

R - Aluno 4 - Eu diria tudo depende da maneira que usamos os meios de comunicação, por exemplo vou falar da televisão a nossa TPA, tem programas muito ricos e pertinentes que desenvolvem ou criam em nós muitas boas maneiras, também estão aí para nos munirem de conhecimentos científicos e não só. Então, nessa ideia usamos a televisão para um bom proveito, mas também tem aqueles programas, reportagem, publicidades que sinceramente eu não vejo se passam para nós uma boa ideia... Não passam para nós uma boa ideia, por exemplo tem publicidades de bebidas como da blue. Não entendo se querem nos mostrar as mulheres, que aparecem na publicidade ou se estão a mostrar as danças ou se é a gasosa? Então vamos ver o quê? A gasosa ou as mulheres que aparecem ... Eu não entendo se passam para nós boa mensagem. Então, tudo depende de como o indivíduo usa os seus meios de comunicação e tira proveito enquanto usa tal meio.

R - Aluno 3 - Digo que os meios de comunicação também ensinam a termos a EMC, como eles ensinam... Isso também depende do indivíduo que na qual vai recebendo as mesmas informações falando assim da rádio, televisão da internet neste caso. Por outra, as tic tem transmitido a EMC, isto é, tem a ver com os programas educativos como por exemplo, como ajudar alguém com necessidade, isso ajuda a criança como adulto a ter uma conduta positiva. Ao passo que, outras publicidades deixam muito a desejar e não vale apenas enumera-la... É necessário aproveitar ao máximo, o que as tic têm de bom. Cabe a cada indivíduo seleccionar o conteúdo que deve consumir. Por outro lado, tudo tem vantagem e desvantagem, a vantagem é que podemos ter as informações que queremos, as desvantagens têm a ver com as imagens de violência, que se faz presente no mundo tecnológico.

R - Aluno 6 - Acerca do tema, eu gostaria de dizer que as tic têm um grande papel na construção social de uma comunidade, porque nós temos visto ou é dependente do telespectador aproveitar as vantagens e desvantagens nos programas excelentes. Como por exemplo: o stop sida, que é um programa televisivo, que passa ao telespectador as maneiras de como interagir com as pessoas (pausa), que possuem as doenças ou sofredoras de doenças transmitidas sexualmente. Então, a partir deste contexto, eu queria dizer que dependendo de quem está por ali do outro lado a ver o programa. Cabe a ele analisar, que parte positiva a tirar daquele programa televisivo ou da rádio ou o contexto que a gente tira a partir da internet ou outro meio de comunicação social.

R - Aluno 5 - Naquilo que diz respeito a este tema, gostaria dizer que os meios de comunicação social como: a rádio e a televisão no nosso país. Eles têm um papel fundamental na transmissão dos valores cívicos e morais, metemos de parte a internet e falando desta, muita gente não está aproveitar bem a internet vou focar mais a televisão e a rádio, na rádio e televisão naquilo que diz respeito a rádio e televisão tem muitos programas educadores. No entanto, também existe momentos publicitários que mostram algo inadequado, não há necessidade de promover tanto as publicidades de bebidas alcoólicas, vai incentivar a criança a beber. Por isso, considero que não é adequada para passar na televisão, mas sim passar aquelas publicidades que chamam atenção e despertam o interesse na criança e nos adultos

para a prática de acções positivas e contribuam para o resgate de valores na juventude... são muitos temas que a juventude ignoram, preferem estar na internet, facebook, preferem estar em outras coisas que não têm proveito ignorando a rádio e a televisão. Esses meios têm programas que são adequados a nós. Por isso, os professores podem orientarem os alunos, a acompanhar certos programas educativos, que ajudam a melhorar o comportamento dos alunos.

R - Aluno 1 – É bastante pertinente este assunto dos meios de comunicação social para nós e para a sociedade. Assim, como os meus companheiros fizeram menção, que abordar meramente a televisão e a rádio como meio de comunicação para uma sociedade ou para todo indivíduo... eles são bastante importante para passar uma comunicação ou um acontecimento que faz-se sentir numa determinada sociedade. Assim, como também foi mencionado sobre os programas, que nos são oferecidos para ser observados, eu penso que os meios de comunicação são sinceramente importantes, porque nós precisamos de passar uma informação, uma comunicação. Por causa também do período de tempo em que vivemos do avanço da tecnologia, que faz muito e trás uma grande diferença... Quando em tempos longínquos, que os nossos pais viveram com a nossa realidade, mas é importante focar também e de lamentar como os meus companheiros fizeram menção algumas publicidades, que são passadas através da televisão. Como se referiu há publicidade, que não devia se passar num meio de comunicação estatal, que ao nível de um determinado país todo mundo observa: crianças, adultos. Como o meu companheiro disse, de uma publicidade em que foi representar uma bebida não alcoólica em que nós não sabemos se querem nos mostrar as mulheres seminuas ou se querem nos mostrar a importância daquela bebida para nós. Acho que o meio de comunicação mais lógico ou mais proveitoso na nossa sociedade é a rádio, porque também quero frisar aqui que não é a televisão que é má, mas as informações que passam através da televisão como já foi frisado. Cada indivíduo por si mesmo, deve fazer um julgamento de saber como aproveitar ou tirar proveito da informação que é passada pela televisão. Porque sinceramente de valores morais, na sua maioria das publicidades dos programas passados pela nossa televisão, não nos oferecem mesmo completamente nada e não nos dão valores... nem como desenvolver uma determinada sociedade com os valores morais e cívicos. Com excepção a rádio em que nós simplesmente ouvimos e não fizemos um contacto directo com o sentido da visão e nós aprendemos, ouvindo e também vendo, observando a informação passada e é bastante pertinente. De lamentar a forma em que se comunicam muitas informações mostrando coisas indecentes até porque as crianças na nossa sociedade, também observam aquela informação passada para nós. Acho que a televisão é um bom meio de comunicação ... mas as variáveis de como nós detemos essa comunicação ou como essa informação nos é passada, é que é um pouco escandalosa.

R - Aluno 2 - Vou voltar a frisar a família digamos, que a família é que tem a missão de educar e ajudar, educar os valores morais e se as boas maneiras ... as tic depende de como cada indivíduo encara as tic, digamos que falando dos meios de comunicação social: a rádio, a televisão também podem ajudar na educação do ser humano, com os órgãos de comunicação social. Mas tem a ver com a maneira como encara esses meios de comunicação social e falando concretamente da internet, se tem tornado um bicho-de-sete-cabeças, em que muitas

das vezes o próprio homem é quem não sabe usar a internet, coloca-se certas coisas que chocam com a dignidade humana de qualquer pessoa.

R - Aluno 6 - Tem se dito na ausência do melhor o pior serve, enquanto não se procurar melhorar aquilo que nós temos, o que nós temos é que sempre vai servir. Então, é difícil porque aquilo que nós estamos a usar tem pouca influência ou então tem pouco conteúdo consoante o ensino da EMC, é difícil observar ali como seria se nós pudéssemos mudar esses mesmos meios... a questão é melhorar os meios que se usam para trabalhar os valores e, realizar mais actividades práticas no âmbito do ensino relacionado com a solidariedade e outras.

E. Descreve a liderança que se faz sentir na aula e como os professores e os alunos interagem entre si?

R - Aluno 3- Nos dias de hoje penso eu, que não mudou tanto em termos de inovação a respeito disso, desde o tempo que em foi implementada essa disciplina, até aos dias de hoje. Mas falando sobre a interacção professor e aluno, aluno e professor... as formas de tratamento, há momentos que tem sido aquelas de medidas adequadas, mas isso também partindo do professor, da forma que vai interagir com o aluno, da maneira que vai tratar o aluno. Se o professor respeita o mesmo ou não e, o aluno só vai tratar o professor consoante a forma de tratamento do professor. Por exemplo, se o professor faltar respeito ao aluno, claro que o aluno vai reagir, vai defender-se neste caso. Mas se o professor tratar bem o aluno, de uma forma geral o aluno também tratará e respeitará o professor de uma forma devida e isso é vice-versa. Porque isto tudo parte do topo que é o professor e que é o modelo e, sendo modelo ele é quem deve dar exemplo. Como já se tem dito, o aluno claro a sua acção irá consoante o comportamento do professor e, ai é claro... que o aluno deve respeitar mais o professor e a forma de liderança do professor na turma. Quando se administra essa mesma disciplina, ele vai variando os estilos de liderança: autoritária, liberal e democrática ... deixar que os alunos investiguem mais para enriquecer os conhecimentos a respeito dos valores da mesma disciplina. Utilizam o estilo autoritário, quando os alunos conversam algo que não tem nada a ver com a aula, de forma a manter ordem na sala. Assim, é facultativo em função dos temas surge estilos de liderança de acordo a aula, devido a participação dos alunos de forma liberal ou democrática.

R - Aluno 2- Para dizer que a relação professor aluno nos dias de hoje melhorou bastante, o professor assumia o estilo autoritário, no período em que se considerava o aluno como tábua rasa ou considerava o aluno como alguém que não sabia nada. Ele chegava na sala, transmitia os conteúdos e, muitas vezes não explicava e os alunos não participavam. O que os alunos pensavam ou deixam de pensar para o professor não tem nada a ver e não significava nada. Nos dias de hoje, acho que o professor tem vindo assumir um papel democrático, em que a sala de aula se tornou um lugar ou campo de debate entre professor e aluno. Porque hoje, o professor considera o aluno e valoriza os seus pontos de vista... em que o aluno estando na sala de aula tem possibilidade de debater acerca do seu ponto de vista, porque todos tem direitos a uma opinião... o professor vai a sala transmitir conhecimentos e adverte os alunos sobre quem colocar dúvidas e sabotar a aula vai sair da sala...

R - Aluno 1... Falou-se muito bem da liderança e a interacção professor e aluno, aluno e professor. Para não ser repetitivo, gostaria falar da relação professor aluno e vice-versa relativamente ao comportamento que há entre ambos. Eu sempre estou convicto de que a formação adequada daquele que ensina é muito importante, o professor deve ser profissionalmente útil para ensinar, porque o professor não só ensina como também ele é um educador. Para mim, é necessário o professor ser profissionalmente útil, para ensinar e também educar, porque o professor só deve ensinar ou passar determinado conhecimento se ele for preparado de uma forma adequada para ensinar ... E quando não há isso, nós vamos constatar uma má interacção entre professor e alunos numa sala de aula, em que nós vamos verificar que o professor por descuido ou por nervosismo, ele pode tratar o aluno de uma forma sem ter em conta os valores morais chamando-o de nomes. Porque ele não está preparado eminentemente para trabalhar com essa disciplina de EMC e sendo ele na qualidade de professor. Deve enfrentar o provocador ou as coisas que o provocam... sendo ele professor e um modelo ele não pode interagir de forma a criar distúrbios na sala de aula, criar mal ambiente na sala de aula. Por isso, sendo ele profissionalmente, formado para ensinar esta cadeira de EMC , evita-se muitos distúrbios na interacção entre professor e aluno, aluno e professor.

R - Aluno 4 - sem muito comentário sobre esse aspecto, até porque os meus colegas já frisaram quase tudo com relação a interacção entre professor e aluno e vice-versa. É só para dar um chega e dizer que é viável e óptimo para todos. Que hoje é melhor que o antigamente, porque a qualidade de ensino está cada vez a melhorar, a crescer e o ambiente ou a interligação entre professor e aluno também não está fora, é só para dizer que tem uma grande diferença, está mesmo cada vez melhor.

E. Descreva o papel da família na educação dos filhos e as referências para a criança? Comente.

R - Aluno 4 - sobre este aspecto não gosto de generalizar, eu coloco sempre a bola aos jogadores entre aspas, isso depende muito de cada família, depende muito de cada adulto, depende muito de cada indivíduo ou apresenta-se a uma criança. Se apresenta comportamentos lícitos e um bom modelo para essa criança ou então ... diz não tem nada a ver com o crescimento ou desenvolvimento psicológico e não só da mesma criança. Mas contudo uma percentagem das famílias têm participado intensamente no desenvolvimento dos seus filhos ... porque nós vemos que dificilmente encontramos crianças fora do sistema de ensino, não simplesmente pelo facto de vermos o filho do vizinho a ir para a escola e colocamos também o filho na escola ... a escola vai munir e desenvolver as qualidades que antes o filho já ganhou no seio familiar, então eu diria que as famílias tem trabalhado muito para este aspecto. E com relação a um adulto perante uma criança, isto depende muito do adulto como encara, relaciona-se com a criança.

R - Aluno 3 - Digo que isso é relativo, porque varia de família para família e, numa forma geral posso dizer que toda família é modelo para uma criança, positiva ou negativa é um modelo e a criança é que decide se vai seguir ou não neste caso. Mas numa forma restrita, há famílias que têm sido modelo aceitável, em uma sociedade em que os seus educandos têm

seguido orientações e, não só ao comportamento dos mesmos educadores. Por outra, como já disse, existe outras famílias que deixam muito a desejar, daí a existência de crianças que apresentam comportamentos negativos no recinto escolar. Porque os adultos em casa, também se comportam duma forma negativa o que faz com que o mesmo adopte estes comportamentos, transportando-os de casa para fora neste caso, na escola e nos convívios com os amigos. E outra que faz referência de que uma pessoa adulta, também representa um bom modelo para uma criança. Isso também é relativo, por exemplo se um adulto aparece embriagado na rua, é uma influência negativa que está transmitir a criança, porque para estas podem pensarem que é uma coisa boa de se fazer. Isso também cabe aos familiares ou encarregados ajudar bastante na educação dos filhos, conversando bastante com eles, acerca das coisas que acontecem na sociedade.

R - Aluno 5 - A criança desperta um interesse em relação aos pais, imitando as práticas dos mesmos, que se for negativa criaria uma disparidade para o futuro convívio da comunidade.

R - Aluno 3 - É bem verdade que quando a criança vê o pai com duas famílias, é isso que ele vai querer futuramente, mas com o andar do tempo poderá ou não ter outra mentalidade, porque ele não está só naquele sítio, mas também convive com outras pessoas. Nessa convivência é provável, que ele possa mudar de consciência caso queira. Porque não estará em condições de estar presente em todas as famílias e, perante este mal, a disciplina de EMC ajuda a mudarmos de mentalidade para essa problemática.

R - Aluno 7 - Não vamos ficar nesta probabilidade, tendo em conta que normalmente a base da criança é fruto da sociedade, ela nasce e vai ser consoante aquilo que a sociedade lhe mostrar e ensinar, ela só vai acatar ... é do nosso conhecimento saber, que uma família é constituída por pai, mãe e criança. Neste caso, os filhos na ausência de qualquer um deles, já ficam com distúrbios psicológicos e tantos outros. Por exemplo, a criança vai se inserir na escola, há certos casos que é necessário a presença do pai e da mãe, ele vem simplesmente com a mãe e vê outros colegas a virem com o pai e a mãe e, ele vai se perguntar que era suposto, o meu pai também estar aqui e não está. Automaticamente já é um conflito... Acho que para um bom funcionamento de uma família, se nós quisermos ter uma geração, que esteja no bom caminho como na verdade, o conceito de ser mais velho é questão de responsabilidade. Dar exemplo as crianças neste caso estaríamos a dar mau exemplo. Porque a criança mentaliza que vou ser, o que o meu pai é... para evitar distúrbios na sociedade, é necessário criar-se uma base sólida, para termos também adultos mais responsáveis.

R - Aluno 1 - Fez-se menção entre os vários pontos de crianças, que vivem só com a mãe ou só com o pai, aproveitou para dizer que o aproveitamento escolar desta criança pode baixar... Visto que as crianças gostam de ou têm a tendência de imitarem ... diz-se que com exemplos práticos, elas têm tendências de imitarem... eu serei como o papá é, ou como a mamã. Farei as coisas tal como eles fazem e, isso é recíproco, nem toda criança que diz isso, sempre observa o comportamento do pai ou da mãe. Futuramente, irá desempenhar as atitudes e comportamentos deles. Há acções dos nossos pais que realizam e, nós analisamos e dissemos que futuramente quando for grande, não poderei agir desta determinada maneira. Há um aspecto muito importante, a convivência social que existe. Isto é importante porque se ela

simplesmente vivesse na base de observar o que o pai ou a mãe faz. Obviamente, vai desenvolver as mesmas características, mas a criança além de estar no convívio familiar, ela também tem outro que não é o familiar, por intermédio dos amigos e por intermédio da escola. A escola passa outro tipo de conhecimento assim, ela vai analisar o que o professor lhe ensina e a forma de agir ou as características do seu pai ou sua mãe... ela decidirá em função da visão que terá sobre a socialização.

R - Aluno 6 - O futuro é imprevisível e não acho que a nossa sociedade vai desenvolver tanto com as coisas... as vezes somos aquilo que a sociedade nos mostrou, conheço pessoas que estão na rua, sei que gostariam estar numa escola, mas infelizmente através da base que não foi sólida porque o apoio ... ou a presença do pais na vida da criança é muito importante... há crianças na rua devido a falta do apoio familiar, o que faz com que siga diferentes caminhos e desvios de normas e regras para uma boa vivência ... Pode ser que aprenda outros valores fruto do meio em que estiver inserido, a escola joga um papel importante na socialização das crianças, para que sejam futuramente adultos responsáveis.

R - Aluno 5 – A família é o modelo das crianças, vou contradizer o colega que diz que a criança vai se adaptar na escola. Não concordo porque quando ela está ver aquilo que o pai ou a mãe faz, tem a tendência de imitar, isso é bem verídico e leva em mente que quando eu crescer vou tentar fazer como é o pai ou a mãe. Por exemplo, nas zonas rurais, os adultos levam as crianças na caça e na pesca e quando ela cresce vai continuar a seguir os caminhos que o pai andou ..

R - Aluno 4 - A criança só segue os passos do pai, quando ela não quer mudar ou só segue, quando não tem outra opção, sem oportunidade para fazer algo diferente. Porque a criança é flexível, se por exemplo nós vemos no nosso contexto, filhos que fazem algo totalmente diferente em relação a mãe ou o pai. Porque não quis ser como os progenitores, se o pai passa boa imagem ao filho como se tem visto ao filho de pastor, as vezes realiza acções inconcebíveis? Se calhar o pai e a mãe fizeram de tudo, mas ainda assim a criança desviou-se em termos de conduta. Porque para ele, faltou mais algo, além dos ensinamentos do pai e da mãe e, deixa-se levar pela influência negativas que recebe de outrem.

R - Aluno 6 - Eu penso que consoante, o que já foi referido tenho a dizer, que tanto os pais como a sociedade servem como modelo quando a criança tem algo ou quer algo semelhantes com os seus progenitores. Se por exemplo, a criança tem desejo de ser professor. Mas a mãe é enfermeira, claro que há algumas características semelhantes da forma de agir que a criança poderá adoptar aquilo que será importante para ela consoante aos objectivos dela.

R - Aluno 2 - não tenho muito a dizer ... o pai as vezes se comporta de maneira inadequada, bate a mãe e muitas vezes as atitudes negativas, as crianças aprendem na família ... a criança poderá encontrar ou ver um modelo, identificando-o no pai ou na mãe, na professora ou professor...dependentemente do meio em que ela estiver inserida.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista de grupo de alunos nº 2 14/08/2015

E. Como se caracteriza o comportamento dos adolescentes actualmente.

R - Aluno 8 - Se tem dito que a nossa sociedade é conforme são as nossas famílias, isso quer dizer se temos pessoas mal comportadas, devemos analisar bem qual é o papel da família. Por isso, é preciso pensar como são as nossas famílias. Como nós como filhos nos comportamos, como os pais e as mães se comportam em casa? Se são efeitos da globalização. Mas há quem não tem e nem é usuário de tic, mas se comporta mal ou as vezes devido a influência dos pais.

R - Aluno 10 - Muitas vezes os maus comportamentos podem resultar da influência de amigos e pessoas que convivemos com elas.

E. Narre a influência da globalização na conduta dos adolescentes.

R - Aluno 9 - A influência da globalização, as pessoas imitam o lado negativo em detrimento do positivo ... ou seja procuram materializar na prática tudo que assistem pensando que é a verdade (pausa), e os pais e as mães não advertem os filhos acerca dos comportamentos observados.

R - Aluno 12 - Os filhos levam tudo que aprendem de uma forma positiva, mesmo as influências dos amigos e amigas na adopção de comportamentos negativos ... devido a pouca orientação dos adultos sobre os mais novos.

E. Descreve qual tem sido o papel da família na educação dos filhos.

R - Aluno 9 - As famílias deixaram de acompanhar os filhos acerca do que fazem. As redes sociais oferecem conteúdos não censurados, é necessários as famílias ajudarem.

R - Aluno 11 - Existem pessoas que têm comportamentos positivos em casa, mas na rua se comportam mal, algumas vezes esse mal comportamento não resulta só do uso das tic, porque há quem não tem essas condições, mas mesmo assim se comporta mal... Os maus comportamentos deve-se ao facto das famílias não saberem / terem acompanhado a educação dos filhos, em outros casos, são os filhos que não acatam as orientações dadas pelos adultos.

E. As tic têm contribuído para a aprendizagem da educação moral e cívica? Pode aclarar?

R - Aluno 11 - Estamos assim porque agora o mundo está assim, temos de viver em função da sociedade em que estamos inseridos e continuar a usar as redes sociais (...), mas é necessário responsabilidade na utilização das redes sociais. A responsabilidade cabe a cada pessoa ou a cada família, porque a educação varia de família para família, existindo atitudes que podem ser correctas para alguns e incorrectas para outros. Os pais têm dado alguma informação aos filhos, só que estes ignoram e fazem suas escolhas.

R - Aluno 10 - os pais não tem sido pacientes na correcção de comportamentos dos filhos porque quando o filho comete um erro optam mais pelo castigo físico. Em vez de conversar e procurar compreender porque agiu desta maneira. Assim, o filho cresce com essa

desobediência e não aproveita nada. A família serve de base e, é nela onde a criança deve aprender bons valores e os pais são culpados por não estarem a desempenhar o seu papel na educação dos filhos.

R - Aluno 9 - A culpa é dos pais porque se a criança cresce no meio de tanta violência, ela poderá também adoptar comportamentos negativos, violentos em função do que observa quando o pai bate a mãe ou a mãe bate o pai. Deste modo, a criança cresce sem muita educação para se relacionar com os outros.

R - Aluno 8 - Quando o filho já é adolescente age, segundo a sua consciência, cometendo actos imorais porque a sua consciência permite, não significa que isso partiu da família. Existem pais que não acompanham a educação dos filhos, deixando essa responsabilidade com os irmãos mais crescidos para supervisionarem os mais pequenos.

R - Aluno 12 - A escola e a família também têm seu papel na educação dos filhos ... há crianças que tinham pais presentes, mas que ao longo do tempo depois desapareceram. Outras têm pais não muito presente porque tem duas, três ou mais esposas e fica difícil estar presente com os filhos na mesma semana. A família e o meio influem muito no comportamento dos filhos e os pais têm dado muita liberdade.

R - Aluno 10 – O conceito de educação é as vezes mal entendido, porque a criança quando faz algo de negativo, os pais pensam que a forma de educar é dar castigo e prova disso é que quando é interpelado acerca da sua atitude ele justifica que está dar castigo (bater) para educar o filho. É de pequeno que se deve orientar os filhos acerca dos comportamentos, a adoptar na vivência em sociedade. Pau que nasce torto é difícil endireitar, mas devemos continuar a investir na educação de todos.

E. Como é a relação entre o professor e aluno / escola?

R - Aluno 8 - No processo de ensino-aprendizagem só existe a interacção professor aluno na sala de aula, fora dela não existe... assim, fica difícil trabalhar ou ajudar a mudar determinado comportamento do aluno, não tem tempo de interagir com a família dos alunos ou a comunidade.

R - Aluno 11 - A relação professor aluno restringe-se na sala de aulas, porque o professor não conhece a realidade que vivi o aluno e, o professor não tem tempo devido os estudos de ir visitar os alunos.

R - Aluno 10 - Eles limitam a relação na sala de aula porque o professor pensa que se relacionar com os alunos fora da sala de aulas as pessoas vão pensar mal dele e das suas intenções. As vezes o professor já vêm com as suas frustrações e não tem como interagir bem com os alunos.

R - Aluno 12 - Os professores criam barreiras na relação com os alunos, o que torna difícil as relações interpessoais fora da sala ... eles pedem que os alunos façam o que orientam e não façam o mesmo que os professores.

E. Descreva como são feitas as actividades extra-escolares.

R - Aluno 12 - A escola ainda peca na transmissão de valores porque (pausa), realiza mais actividade de carácter político partidário e não académico.

R - Aluno 10 - ... a escola não realiza actividade tendo em conta a resolução de problemas actuais vividos na escola e fora dela, mas outras de interesse dos políticos.

R - Aluno 8 - Nas reuniões da direcção da escola com os alunos, devia existir mais liberdade por parte dos alunos para poderem expor os seus pensamentos, porque os professores se comportam mal ... parece não têm conhecimento de moral.

E. Descreve como os professores se comportam durante as actividades da aula?

R - Aluno 11 - Alguns professores não têm preparação profissional para trabalharem no sector da educação, é necessário terem mais formação para trabalharem como bom professor.

R - Aluno 8 - os maus comportamentos na sociedade não têm nada a ver com as redes sociais, mas com o livre arbitrio das crianças/jovens. As crianças que não receberam boa orientação, consomem tudo que as redes sociais lhes oferecem ... as gerações antigas, tinham boas referências e daí terem bons comportamentos. Dificilmente uma criança se desvia do comportamento quando foi bem orientada como usar as redes sociais bem como se comportar bem na sociedade. A tv influencia no comportamento, para tal é necessário... os adultos conversam muito pouco com os seus filhos a fim de orienta-lo para prática de acções que contribuem para vivência harmoniosa com os seus semelhantes. Os professores não conversam com os alunos algo que não tem nada a ver com a matéria que ajudaria a educar os adolescentes.

R - Aluno 9 - Os professores alegam que não têm tempo de acompanhar os alunos, consideram que o que ganham não é suficiente, saíem cedo para irem fazer outras actividades lucrativas.

R - Aluno 12 (...) em outros casos, os professores alegam, que estão muito sobrecarregados com o trabalho, não restando tempo fora da sala para manter contacto com o aluno, sua família ou a comunidade.

R - Aluno 10 - Muitos professores apresentam comportamentos muito negativos, devido a mal formação que possuem. Por outro lado, há falta de valorização da disciplina.

E. A nível curricular, que reconhecimento se faz acerca da disciplina de EMC.

R - Aluno 9 - Alguns alunos e professores consideram está disciplina como perda de tempo, os professores falam para nos dedicarmos mais noutras disciplinas, já que a EMC não é importante... basta ter positiva em outras disciplinas o resto resolve-se..

R - Aluno 10 - Quando há mau comportamento dos alunos, os professores de outras disciplinas atribuem culpa aos professores de moral e cívica.

R - Aluno 8 - Há falta de valorização da disciplina de EMC pelos alunos e alguns professores.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Entrevista de grupos de alunos nº 3 16/09/2015

E. Como se caracteriza o comportamento dos adolescentes actualmente

R - Aluno 16 - De princípio começaria por dizer que os alunos têm comportamentos negativos tendo em conta vários factores: primeiro ponto - há falta de acompanhamento familiar e da própria sociedade numa forma geral, no seu papel de educar e a influência das tecnologias de informação e comunicação, tanto da televisão e principalmente de novelas.

R - Aluno 18 - Actualmente alguns alunos ainda se comportam mal, devido ao facto das famílias não desempenharem bem o seu papel. Isto é, há falta de acompanhamento pelo facto dos pais serem muito permissivo com os filhos e por fazerem o mau uso das tecnologias de informação e comunicação. Se o filho cometeu um erro, o pai não fala a verdade com o filho, a fim de dar a devida orientação de como deveria agir.

R - Aluno 20 - Não indicam o que devia fazer numa determinada situação e dão aquilo que os alunos não precisam, já que eles não dão mais carinho, amor e afecto com os filhos e, serem cada vez mais responsáveis da sua educação. Se sair com esses défices na sociedade, vão ser mal tratados na sociedade devido essa conduta. Assim, irão se desviar da boa conduta que tem, fruto daquilo que aprendem com os amigos e na rua. Porque há aquelas amizades que nos ajudam a sairmos do caminho que nos levam ao mau caminho, enquanto outras podem contribuir para a escolha de um caminho bom que nos conduz ao bem estar e ao sucesso.

R - Aluno 21 - A cultura estrangeira tem influenciado bastante na mudança de comportamento, em função das tecnologias de comunicação e informação, que contribuem para se adoptar elementos que não são adequados para nós. Quer dizer que, nós devemos filtrar as informações na nossa mente, para fazermos boas escolhas.

R - Aluno 19 - Alguns alunos comportam-se mal, devido o excesso de liberdade, pensando que na escola pode fazer e desfazer, quando bem entender. Mas também o professor, as vezes exagera, porque um aluno já não pode tossir durante a aula, porque pensa que é indisciplina, afinal é uma necessidade involuntária. Tal como o professor, o aluno é pessoa que tem os seus sentimentos e carências.

E. Papel da família na educação dos filhos

R - Aluno 17 - Relativamente ao mau comportamento dos adolescentes, sabemos que a família é considerada como a primeira instituição, que vai preparar o indivíduo para posteriormente ter uma integração na sociedade. Se dentro da família não existir os bons ensinamentos, os alunos não vão transportar comportamentos positivos para dentro da família. Tudo começa na família, porque ninguém nasce educado e transformado. Isto, é um processo e vamos ser educados ao longo dos tempos... se levar bons comportamentos de casa para rua,

estará a influenciar os outros para que haja boa atitude e vice-versa. Existe ainda adolescentes que são fracos e deixam se influenciar e, na rua aprendemos elementos que não são positivos, mas existem vários factores que concorrem para tal.

R - Aluno 15 - Falta de controlo dos agentes responsáveis, porque não é normal que com a publicidade destas festas, mesmo a polícia tendo conhecimento não faz nada... Não é normal um adolescente consumir uma garrafa de bebidas alcoólicas e, poder ir aos estabelecimentos comerciais comprar whisky. Há falta de fiscalização nos centros comerciais, para os vendedores, deixarem de se preocuparem apenas com dinheiro, cedendo os produtos para qualquer comprador independentemente da idade... tenho dúvidas porque actualmente existe um comportamento muito negativo nos adolescentes, se compararmos com o período de guerra que vivemos, será que um dos ganhos da paz também tem a ver com esses comportamentos?

R - Aluno 18 - Se os adolescentes não têm um bom acompanhamento por parte dos pais, fica difícil a criança saber discernir o bem do mal... É notório que devido o mal acompanhamento, mesmo as festas em que participam apresentam um nome já escandaloso «noite de saia curta, bumbu doirado. Não há medidas correctivas para os adolescentes não terem acesso a essas festas e, nem os pais são comunicados sobre as festas em que o filho teve acesso. Já que os realizadores de eventos preocupam-se apenas com o dinheiro.

R - Aluno 23 - Essa é a fase de muitas descobertas, o adolescente procura conhecer e compreender a realidade que o rodeia, mas é necessário que a igreja, a escola e a família desempenhem o seu papel. Neste século, em função das redes sociais, quando mal utilizadas têm influenciado negativamente na conduta dos adolescentes. Sabemos que as gerações adultas foram bem educadas, porque é notório a prática de valores nas relações interpessoais como: o respeito perante o seu semelhante o que nos dias de hoje parece esfriou, não se nota tanto o uso de alguns princípios éticos.

R - Aluno 24 – Actualmente o pai já chega cansado, depois de jantar, vai dormir e os filhos fazem serão assistindo a tv por satélite sozinhos, onde aprendem comportamentos negativos das novelas, por pensarem que na vida devemos nos comportar daquela maneira, para chamar atenção aos outros. Ou ficam até muito tarde no facebook do telemóvel... o mal uso das tic está contribuir para desvirtuar o comportamento dos adolescentes.

E. Descreve o papel que os meios de comunicação social têm desempenhado na moralização da sociedade.

R - Aluno 16 - Existem muitos factores, que contribuem para o mau comportamento, entre eles a globalização ou o neocolonialismo, em função da influência das tic e por copiarmos determinadas acções que não são boas para nós. Quero com isso dizer, que temos de depurar as várias informações que recebemos e em função destas e, tendo em conta o nosso real contexto tirarmos algumas ilações.

R - Aluno 19 - Em alguns casos, a mal interpretação da liberdade em fazerem tudo sem restrições tem caído em libertinagem. Uma vez que não respeita as normas e a

responsabilidade associada a liberdade. Assim, as novelas e músicas têm influenciado na atitude dos adolescentes. Através dos mídias, estamos a sofrer o processo de aculturação nas nossas identidades. Hoje é mais fácil se identificar como um americano, estrangeiro do que propriamente um angolano, porque ele vê que o americano tem uma vida livre das diferentes formas que ele interpreta a liberdade.

E. Influência das tic na vida dos adolescentes.

R - Aluno15 - Os adolescentes actualmente sofrem muitas influências provenientes das novelas, adoptando mais os comportamentos negativos. Por exemplo, as festas de housebar têm influenciado muito no fenómeno «mata aula»... Com essas influências os adolescentes se envolvem no consumo de drogas.

R - Aluno 21 - As crianças actualmente ouvem músicas com mensagens indecentes e não se percebe como elas, têm essa inclinação para tais músicas. Algumas músicas contêm mensagens obscenas, que pensamos pode estar a influenciar os adolescentes negativamente no comportamento dos mesmos. Os pais não controlam o que os filhos ouvem, já que essas músicas adquirem na rua, nas amizades e, não são comercializadas em lugares oficiais.

E. Aborde acerca das referências para os adolescentes.

R - Aluno 23 - Alguns músicos passam influências negativas, pelo facto de serem potenciais consumidores de drogas. Outra situação tem a ver com a maneira como os meios de comunicação disponibilizam facilmente os conteúdos inapropriados. Já que hoje em dia, qualquer adolescente pode aceder aos mesmos, para os menores conteúdos ligados a pornografia. Qualquer adolescente pode ver, já que não existe restrições práticas para aceder tal informações. Com a globalização, são poucos os cuidados para se regular o bom uso das tecnologias fruto da mercantilização.

R - Aluno 17 - As referências ainda deixam a desejar, não são as melhores e existem num número muito ínfimo de referências positivas ou seja, são poucas desde apresentadores de programas, cantores, principalmente professores. As crianças seguem esses modelos porque pensam que são boas, mas se não forem boas referências para os alunos. Claros que no futuro adaptarão mesmos modelos dificultando a convivência na sociedade.

R - Aluno 19 - Dizia que temos algumas referências, que fazem a sua parte e, os adolescentes é que não acatam as orientações dadas pelos adultos... alunas procuram saírem de casa bem vestidas, pelo caminho tiram aquelas roupas e veste-se de outras indecentes e associam-se em acções que desestabilizam o processo de ensino aprendizagem... Porque a liberdade, os adolescentes interpretam mal e fazem acções que são a margem de comportamento aceitável.

R - Aluno 22 - Mesmo em escolas afectas as igrejas, existem alunos que usam indumentária que deixa muito a desejar... Actualmente os adolescentes precisam de mais orientação por parte dos adultos para que deixem de realizarem festas, que promovem a indecência... A própria cultura não tem desempenhado o seu real papel no acompanhamento e surgimento de novas músicas.

R - Aluno 23 - Os promotores de eventos, atribuem nomes chamantes para indecência «rav do cambua, noite da sedução, da mini-saia, arrasta-me e faz o que quiser». Se preocupam muito com o dinheiro... temos crianças que ouvem músicas que aprendem na rua e não em casa, já que nesta ninguém nos ensina músicas impróprias. Se for a rua encontraremos músicas, que são contra a moral. Os adolescentes, por falta da capacidade de discernimento acabam se envolvendo com essas músicas, procurando materializar as propostas ali invocadas.

E. Analise a relação entre o professor e aluno na escola

R - Aluno 23 - É o mesmo que acontece na escola, é necessário que haja boa relação entre professores e alunos porque eles já trazem conhecimentos e estão mais bem informados em relação aos pais. É necessário que não estejam pressionados naquilo que fazem ou devem fazer, para não piorarem o comportamento negativo. Para tal, é necessário o acompanhamento do filho para saber o que é bom e o que é mau.

R - Aluno 19 - Antes destas guerras não existiam essas tecnologias e, os pais conversavam frequentemente com os filhos no jango, para lhes passarem algumas orientações de como se deve fazer e agir na sociedade perante vários desafios. Hoje, não acontece porque o avô e o neto falam línguas diferentes. O que dificulta o diálogo é também pelo facto dos pais deixarem os filhos a dormirem e, ao regresso do trabalho encontram-lhes de novo já a dormirem... As soluções podem passar pelos futuros professores, terem responsabilidade de trabalharem para erradicar atitudes negativas na sociedade.

E. Perante esses factos, o que fazem os professores?

R - Aluno 21 - O grande papel da escola é fundamental no desenvolvimento de atitudes, mas temos professores que aceitam os alunos mal apresentados. Ou seja, com roupas indecentes participem das aulas e, não sabem enquadrar o aluno no seu devido lugar... A relação entre professor e aluno pode ser boa, mas é necessário o acompanhamento.

R - Aluno 16 - A relação entre professor e aluno em alguns momentos, não se faz sentir, porque o que mais se verifica é que o professor não se preocupa com o estado de saúde em que o aluno vem a sala de aulas, se está embriagado ou não. Assim, ele chega na sala, dá a sua aula e depois vai embora, não se interessa com mais nada. Por sua vez, quando os alunos não querem participarem de aulas, colocam outras fechaduras nas salas para não haver aulas. Existe muita liberdade e, é necessário responsabiliza-los e sensibilizar os alunos para boas práticas, fazendo de forma sigilosa e não censurar o aluno na presença dos demais, para não se sentir envergonhado e tornar o aluno mais rebelde. Por isso, a relação entre eles deve ser boa.

E. Que análise fazem da Formação dos professores

R - Aluno 20 - Eu as vezes não culpo muito o professor e o aluno, mas sim ao sector responsável para tal, porque esses professores são aqueles que estão mal preparados e no exercício da profissão tem dificuldades. Não consegue se impor e ingressaram no ministério da educação e fazem mal trabalho.

R - Aluno 16 - Alguns professores que fizeram o médio de saúde, não têm preparação adequada para continuarem a orientarem as aulas, nem se relacionarem com os alunos, porque são autoritários e apresentam dificuldades na explicação dos conteúdos, face as situações da aula.

R - Aluno 22 - É necessário conhecer os limites, para que haja boa interacção, de maneira que haja respeito entre os sujeitos. Para tal, é importante que outros sectores participem principalmente, a direcção de escola. Porque sem se velar pelo cumprimento das normas, teremos problemas de mal comportamento. Para evitar que cada um faça o quer fazer, ou o que bem entender, é necessário que haja o cumprimento das normas, para não prejudicar o processo de ensino-aprendizagem.

E. Descreva acerca do regulamento escolar e a segurança dos alunos na escola

R - Aluno 19 - Nas escolas existem brigadas escolares da polícia a fim de garantir segurança e tranquilidade dos alunos, mas essa brigada tem falhado muito na implementação de seus serviços. Por outro lado, está em causa a direcção da escola no acompanhamento em questões do género, porque a interacção entre o professor e o aluno, é crucial no processo. Para tal, ele deve criar as condições: como ajudar o aluno a identificar as suas atitudes, para poder melhorar no modo de actuar... o professor quando necessário deve ser severo.

R - Aluno 17 - Sabemos que todas escolas, têm regulamento tanto para professores como para alunos e professores, só até ali quem incumprir lhe dá direito à sanção ou castigo... Quando a escola não faz nada, perante comportamentos negativos, de certeza que voltará a se verificar os mesmos comportamentos. Assim, cabe aos professores convocarem os encarregados de educação, para darem soluções de maneira que o mesmo comportamento não volte a se repetir.

E. Existe cumprimento do regulamento escolar entre professores e alunos? Justifique.

R - Aluno 23 - As escolas se têm regulamento, os alunos transgridem as mesmas e os professores dizem que não têm nada a ver com o regulamento. No entanto, não se admite que se faça distúrbios nas escolas devido a falta do cumprimento do regulamento escolar, cada um quer fazer e desfazer... Existe falta de segurança, mesmo na sala de aulas, porque se deixar algo valioso na pasta, os colegas poderão tirar ou roubar.

E. Aborde a relação entre os professores nas actividades escolares

R - Aluno 18 - Há falta de colaboração entre os docentes na educação dos alunos, porque um aluno quando se comporta mal, atribuem culpa aos professores de educação moral e cívica, preocupam-se em instruírem e não educarem e, a relação entre o professor e o aluno também deve passar pela educação dos adolescentes.

R - Aluno 15 - Os professores apresentam défice de formação, porque ingressam sem mesmo terem formação específica para ensinarem. E cada um trabalha a sua maneira. Por isso, encontram dificuldade de como agirem e se relacionarem com os alunos. Daí que, muitos

professores marcam falta indisciplinada aos alunos, por não estarem preparados e serem admitidos sem nível de escolaridade alto.

E. Caracteriza a qualidade de ensino-aprendizagem realizada na escola

R - Aluno 20 - Nos colégios quanto mais alto for a propina de certeza que o filho receberá melhor educação. Por isso, que é a qualidade depende do preços aplicados pelas escolas privadas.

R - Aluno 24 - A qualidade de ensino no sistema privado, fornece mais qualidade de ensino aos alunos devido ao acompanhamento, que é feito aos professores e pelas condições fornecidas pelas escolas. Já que, quem está no sistema público não encontra essas condições.

R - Aluno 19 - Os alunos que estão nas escolas privadas, aprendem mais do que aqueles que estão nas escolas estatais. Mas os professores são os mesmos, parece que há falta de fiscalização no acompanhamento das actividades escolares.

R - Aluno 17 - Na procura de mais lucro devido os factores económicos, os vendedores estão mais preocupados com os lucros. Por isso, atendem os adolescentes que vêm comprar bebidas alcoólicas... a falta de fiscalização nos estabelecimentos comerciais para se vender bebidas alcoólicas com mais restrições.

R - Aluno 21 - A falta de fiscalização nos estabelecimentos escolares estatais, em relação as privadas, onde existe maior acompanhamento. Quando o professor, não consegue passar a informação essencial aos alunos devido a má formação, fica difícil se alcançar os objectivos almejados.

R - Aluno 15 - Os professores devem estar firme, para poder orientar as actividades e colocar o aluno no lugar, para tal não precisa gritar com os alunos. Existe professor que mesmo em situações difíceis de relacionamento com os alunos, ele consegue se impor no decorrer da aula, e estar firme nas suas acções. Deve saber lidar com as diversas situações da vida.

E. Qual é a Liderança mais predominante nas aulas?

R - Aluno 19 - O professor ainda pensa, que se for autoritário, os alunos aprenderam melhor. Já que, ficaram todos muito calmos. O professor é autoritário, porque ninguém pode tossir na aula já é motivo de muitas recomendações pensando que o aluno quer sabotar a aula.

R - Aluno 21 - O estilo autoritário, faz com que os alunos tenham medo de intervir, para não serem sancionados o que tem afectado a qualidade de ensino.

R - Alunos 20 - Os professores são autoritários e dificultam a relação com os alunos, porque não adoptam outra maneira de actuar e, sentem dificuldade de ensinar. Não orientam como deve ser e não impõem certos comportamentos sem mesmo ele dar exemplo.

E. Qual é a metodologia predominante na aula?

R - Aluno 18 - As aulas são realizadas com base no estilo tradicional, porque nunca se recorre as TIC, o que tem limitado a interação na aula entre professor e aluno. Porque muitas vezes, a conversa entre professor e aluno acerca do tema em abordagem, resume-se no fascículo do professor. Se o aluno falar algo que investigou cria mal clima, e quando coloca dúvida ao professor, este irrita-se e os alunos ficam sem saber.

R - Aluno 15 - Porque é a forma que permite os professores trabalharem determinado assunto, nem todo professor pensa, que se o aluno participar não estará a lhe confrontar. Já que existe aquelas situações, que o professor faz de tudo para prejudicar aquele aluno faltando-lhe o humanismo.

R - Aluno 20 - O professor utiliza métodos tradicionais, porque querem que os alunos se dediquem a ouvirem o que eles ensinam... É necessário dar melhor formação, para os alunos poderem se desenvolverem e evitarem que os alunos reproduzam os conhecimentos, mas que construam novos saberes.

R - Aluno 17 - Alguns professores consideram os alunos como tábua rasa, sem conhecimento. Por isso, utilizam os métodos tradicionais para ajudarem o aluno a aprender. Apenas o professor traz sozinho o conteúdo que fornece, sem criar abertura para outras formas de buscar saberes através da pesquisa.

Anexo 7

Guião de entrevista de Grupo para família

A presente entrevista tem como finalidade conhecer a visão que os participantes têm acerca da prática educativa que se realiza no âmbito da disciplina de Educação Moral e Cívica de maneira compreender as relações e influências entre os integrantes do processo de ensino-aprendizagem. Para tal, precisamos da vossa colaboração que se traduz na participação da entrevista. Asseguramos-lhe que todas informações que prestarem serão mantidas em anonimato e confidência e só servirão para fins científicos.

- 1 - Descreve o valor que a escola representa no seio da família?
 - 2 - Caracteriza e analisa o papel da família na educação dos filhos?
 - 3 - Analise a relação entre a família, professor e aluno?
 - 4 - Que relação existe o pai e os filhos? Pode justificar?
 - 5 - Caracteriza a relação entre a família e a escola? Pode aclarar?
 - 6 - Explica o comportamento dos alunos e que fatores estão na sua base? Pode fundamentar?
 - 7 - Como caracteriza as referências para os adolescentes? Pode justificar?
 - 8 - Aborde o papel dos meios de comunicação social na educação dos adolescentes?
- Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim. Tem mais algo por acrescentar?

Anexo 8

Transcrição de entrevista de Grupo de família

Duração: 1h 32 16 /10/ 2015

E. Como avalia a conduta dos adolescentes na sociedade?

R - Família 2 - O período de guerra que o país viveu, contribuiu para a desestruturação de famílias e afectou a sociedade em particular os nossos jovens (pausa). Por outro lado, com o alcance da paz, Angola viu abrir-se um caminho (...) uma nova era para reconciliação nacional e reconstrução, cujos índices de crescimento e desenvolvimento tem se traduzido (...) a nível da estruturação afectou sobremaneira a nossa sociedade, a nossa família, que creio com o alcance da paz tem vindo a elevar-se, com soluções cada vez mais plausíveis para mitigar esse fenómeno. Não estamos mal, mas o contexto actual é preocupante (...) e exige naturalmente esforço de todos nós.

R - Família 5 - Quando se diz que há um olhar negativo sobre a camada juvenil estou de acordo (...), mas também depende fundamentalmente de que ângulo de visão quer encarar isso. Porque em si só, é tendencial que as gerações adultas encarem as gerações subsequentes de uma maneira diferente, resultando o conflito de gerações (...) é verdade sim, que em relação ao nosso país em particular, é preocupante alguns traços comportamentais que os nossos adolescentes vêm demonstrando. Agora os nossos adolescentes e jovens são bastante heterogéneos, é necessário ter em conta que essa camada é bastante heterogénea. Por isso, sempre que tivermos de apontar um dedo aos adolescentes (pausa) temos de pensar, reflectir que a juventude é o produto das gerações adultas. Como se diz que a educação é o campo de actividade que visa preparar as gerações, que ainda não estão aptas para lhe dar com a sociedade. Quer dizer, se aqui a juventude for vista como um corpo que denota negatividade em sua maioria. Não quer dizer, que eu não estou de acordo que não haja essa perspectiva negativa ao nosso olhar... Primeiro pelo conflito que houve, é preciso dizer que se é verdade que nós queremos que os adolescentes sigam determinado caminho, em função daquilo que os adultos foram ou são, não deixa de ser verdade que cada etapa é uma etapa diferente de outra.

R - Família 3 - Não estamos bem nem tão mau, assim entendo que primeiro ao tentarmos conceber este tema, fica-se na ideia ou na perspectiva de acusação sobre a juventude e, retira ao sentido da responsabilização do papel do Estado ou executivo neste processo. Temos assistido aos nossos adolescentes e jovens comportamento, que são consequências de determinados factores (...) esta franja infelizmente é caracterizada por uma situação extremamente lamentável. Existe aqui um problema de extrema desigualdade social, extrema pobreza em que estão mergulhados e vivenciando resultado.

R - Família 6 - os adolescentes apresentam um comportamento negativo, em função das influências em que estão inseridos, resultando: abstinência escolar, delinquência, alcoolismo, prostituição, desemprego e emprego precário. São problemas que afligem esta geração, que de alguma forma desembocam nesses comportamentos negativos que agora estamos a observar...

R - Família 1... temos a louvar porque os adultos de hoje estão com uma preocupação sobre os adolescentes/juventude, doravante o governo está empenhado para tirar a juventude no sufoco. Mas em primeira instância, temos de respeitar alguns pressupostos. Esta geração está nesses percalços, porque os adultos têm contribuído para tal, é preciso nós dizermos sobre aquilo que temos feito com os adolescentes/ juventude pela sociedade angolana. Nossa maior preocupação é referente a criação de políticas direccionadas, em princípio e políticas de formação de quadros, ela tem de ter bases. Ela começa no ensino primário, é preciso fazer com que a criança se sinta segura, a partir da instituição escolar. E nos outros caminhos onde tem de conviver e ter uma perspectiva do seu futuro em função do que têm feito em prol da sociedade angolana. Isso deve-se, a falta de boas políticas educativas e formação de quadros, para que se crie boas condições básicas no ensino secundário, com crianças que se sintam seguras a partir da instituição escolar e nos outros caminhos por onde terá de conviver e ter uma perspectiva do seu futuro. Para evitar o que se vê hoje, onde encontramos crianças a fazerem cursos técnicos profissionais, cuja finalidade do curso não tem destino a dar a esses quadros e isto constitui uma insegurança, é preciso mais competência para agirmos correctamente.

R - Director - Do nosso ponto de vista pedagógico, o comportamento dos adolescentes/ jovens é fruto da socialização do próprio processo de socialização, que ela vive hoje. Nós temos uma sociedade heterogénea com muitos factores que influenciam de certa maneira, para existência de comportamentos negativos. A educação é a principal responsável para moldar o comportamento das novas gerações, mas esse papel deve ser da responsabilidade de ambos. O comportamento do aluno e a sua atitude perante a escola, depende fundamentalmente de três entidades: a primeira é a família, nós não podemos desresponsabilizar a família de modo algum, porque ela joga um papel importante por isso, não devemos deixar de responsabilizá-la de modo algum seja pai pobre, rico, miserável. A responsabilidade da educação e do comportamento das crianças, dependem do envolvimento dos pais. Por isso, devem assumir em parceria com o contexto da sociedade, porque influencia no comportamento das crianças e da escola como entidade vocacionada para defesa de algum padrão de educação defendido nas políticas educativas. Ao contrário, o que defendem os pais, nós temos políticas para efectivamente se levar a bom porto. Para tal, é necessário a responsabilização das três instâncias: a comunidade, famílias e a escola.

R - Família 4 - o pai adverte ao filho: vê lá! Tenha cuidado por onde andas. A criança responde: não, quem tem de ter cuidado é o pai, porque eu estou a segui-lo, se andar mal eu também andarei, porque estou a segui-lo. As crianças estão a ver os adultos, como seus modelos por isso, imitam os comportamentos dos adultos ... a educação é a maior arma que existe para se enfrentar os males da vida moderna ... hoje estamos numa sociedade em transformação e evolução, em função dos vários factores mencionados. Verifica-se falta de respeito, falta de amor e desvalorização da vida.

E. Como descreve a relação entre os pais, professores e alunos?

R - Família 6 - Há alunos que consideram os professores chatos e ficam aborrecidos com as aulas, preferem ficar fora da sala, no pátio para conversar; outros vêm a escola somente para passear.

R - Família 2 - Alguns alunos fogem e vão a festa como housebar. Os pais pensam que os filhos estão na escola... afinal já saíram e organizam festas. Esses comportamentos são negativos, deviam ser deixados fora, mas eles começam em casa quando a mãe não ouvi o filho... Os filhos dizem que os nossos pais não conseguem entender-nos e, não conseguem conversar a fim de transmitirmos os problemas de vida e encontrarmos uma resolução.

R - Família 1 - Os pais não conversam com os filhos o suficiente, para compreenderem os problemas que vivem os alunos, por considerarem os filhos ainda sem maturidade para conversarem com eles.

R - Família 5 - Os pais devem jogar o seu papel, porque a família é a base onde se adquire a educação e, não vamos esperar só a educação dos professores. Pois, é necessário um esforço conjugado entre a família, escola e comunidade, uma vez que há um desprezo bastante grande na relação entre estas instâncias ou quase parece estar morta.

E. Descreva a relação entre a família e a escola.

R - Director - A relação é ainda deficiente e de indiferença para muitos pais ... as famílias não aparecem com regularidade na escola, porque os pais sem formação académica, não compreendem bem a importância dos estudos para a vida quotidiana.

R - Família 5 - Na área rural, algumas famílias valorizam mais o gado considerado como riqueza que garante o bem-estar dos homens do que estudar, pois que alguns formados não tem nada, ou vivem com muitas dificuldades económicas.

R - Família 1 - Hoje muitos pais, em função das dificuldades de lutar para uma estabilização social, dizem não ter tempo de participarem da educação dos filhos. Deste modo, demitem-se das suas responsabilidades. Na área rural, o pai em vez de mandar o filho ir à escola, prefere que vá apascentar o gado.

R - Família 4 - os pais não vão à escola, isso não tem só a ver com o nível social. Ao contrário do que se diz, os pais que têm mais possibilidades, os que têm mais condições, também fazem-se representar na escola ou pelo motorista, empregada. Eles nunca aparecem, alegando muito trabalho e responsabilidade (...) considera que a responsabilidade do filho é da escola.

R - Família 3 - Algumas famílias valorizam mais o gado, considerado como riqueza que garante o bem estar dos homens, do que estudar. Porque há pessoas que estudaram, mas passam mais dificuldades em relação aquele que não estudaram. Daí o cepticismo pela educação.

R - Família 2 - A escola não tem o mesmo significado para todas famílias, daí o cepticismo em relação a mesma. Porque os quadros formados viveram e, outros ainda vivem situações de vida difícil, em relação por exemplo aos vendedores.

R - Família 6 - se o filho estiver a estudar numa escola privada, então o professor ou professora tem de fazer um milagre para que o aluno aprenda e tenha um aproveitamento positivo e socialmente bom. Porque o pai pensa, que o Estado já pagou para o filho ter bom desempenho ... o problema é muito mais complexo do que aquilo que parece (pausa) é preciso unirmo-nos e fazermos esforços, porque acusarmo-nos uns aos outros não resolve o problema.

E. Aclare a influência da globalização na conduta dos adolescentes.

R - Director - É preciso termos consciência das influências da (globalização), que vêm para nossa sociedade, muitas vezes podem ser boas, mas são mal interpretadas, digeridas e utilizadas. Porque os adolescentes/jovens, falta-lhes boa orientação a partir de casa ... as mães não conversam connosco e a responsabilidade também é do pai. Mas que no momento não está, porque tem várias famílias (esposas) acaba sobrando apenas para as mães.

R - Família 4 - Estamos numa sociedades de consumo e, estas são também caracterizadas pela tendência das pessoas possuírem cada vez mais ... foi feliz a doutora ao referir-se acerca dos pais abastados que não prestam atenção a educação de seus filhos. Muitos pais têm dois postos de trabalho, para poderem fazer face a demanda social. Para poderem ter recursos e fazer face aos grandes desafios da vida. Mas muitos desses pais, saíem dos dois postos de trabalho e por vezes não se dirigem a casa devido, uma apetência muito grande por momento de lazer.

R - Família 3 - Os jovens só estão vulnerável devido o influências que vêm da América, Europa, através da tv por satélite, redes sociais, aprendendo tudo de bom e tudo de mal.

R - Família 1 - Participam em festas de housebar, revs do Kambua, samoriadas, arrasta-me e faz o que quiser, são temáticas altamente insultuosas. Que estão exigir, educar e continuar a dialogar com os jovens para melhoria de comportamento, os adultos têm sido passivos em darem orientação aos filhos. Porque muitas acções negativas são programadas aos olhos dos adultos... Hoje estamos a pagar pelas consequências, é preciso termos coragem para atacar esses problemas.

R - Família 2 - A influência de valores estrangeiros resultantes das redes sociais, deviam ser usadas para o lado educativo, mas infelizmente identificamos condutas reprováveis. Alguns se apresentam de forma não recomendada e com expressões linguísticas inapropriadas... Algumas músicas transmitem mensagem de contravalores, com letras que são um atentado a moral pública. Em certos programas, fazem coisas indecentes para chamarem atenção, o que influencia no surgimento de fenómenos mata aula, dança quadrado, etc.

R - Família 6 - Actualmente existe muita publicidade de promoção de festa (pausa) e bebidas alcoólicas. Publicidades que são influências para se verificar na Sexta-feira o fenómeno mata aula.

E. Qual é a relação entre os pais e os filhos? Comente.

R - Família 1- A Relação entre o pai, filho e escola são complexas, nós vivemos numa era digital incontornável, sem fronteiras. As influências para os adolescentes, têm recebido de toda parte, incluindo na escola pelos seus colegas. Fruto da dinâmica da vivência em capitais de cidade, os pais de manhã vão trabalhar e regressam a noite.

R - Família 4 - Temos pais com formação académica baixa e não dominam as tecnologias de informação e comunicação. Em outros casos, os pais não nunca foram matriculados em nenhuma escola... Daí a dificuldade de trabalhar com as referidas tecnologias e fazerem acompanhamento no uso das mesmas pelos filhos. O pai sai cedo de casa, deixa o filho a dormir e quando regressa muito tarde encontra o filho, de novo a dormir. Não tem como ser boa referência para o filho devido as ausências constantes.

R - Família 5 - Alguns pais fazem o uso exagerado de bebidas alcoólicas e fruto disso, os filhos hoje também o fazem... Há muitas sentadas de consumo de bebidas alcoólicas, daí certas famílias optarem por essa. O preocupante é que no final do trabalho, não vão direito as suas casas, mas sim em lugares de prazer, sentadas e fruto disso, o afecto em casa tem diminuído.

R - Família 3 - Tem problemas, hoje há pais que perderam autoridade perante os seus filhos, porque quem não dá sustento, também não têm autoridade. Os pais quando possível tem feito denúncias acerca do mau comportamento, que os filhos apresentam ... temos poucas famílias que sabem ler e escrever.

R - Director - Mata aula é um fenómeno existente nas capitais de província, em que alguns alunos na Sexta-feira levam bebidas alcoólicas para escola e, depois deixam de participarem nas últimas aulas e vão organizar as festas nos lugares combinados. Este fenómeno surge também, como consequência das famílias não acompanharem a dinâmica educativa... Embora a maioria das famílias não sabem lerem e têm dificuldades ao acompanharem os filhos, mas o papel da família é fundamental na educação dos filhos. Daí a necessidade de se melhorar a relação escola-família e comunidade para se materializar todas políticas juvenis.

R - Família 2 - É necessário criar maior relação entre a escola-família-comunidade. As tic devem ser usadas: para facilitar nos trabalhos escolares, para busca de conhecimentos. Temos escolas fisicamente, na maioria na área urbana, mas falta a boa gestão das mesmas e das actividades, que nelas se realizam por parte também dos docentes e, temos défices de recursos humanos para o efeito.

E. Como caracteriza as referências para os adolescentes seguirem?

R - Director - As referências embora não tenham o peso desejável, mas ainda há algumas derivadas de boas famílias ... é preocupante a situação dos pais ocupados devido a luta sobre a sobrevivência, para melhorar as condições de vida, têm de trabalharem até tarde.

R - Família 1 - Temos poucas referências positivas para os jovens seguirem. Daí a maior atenção dos pais, que possuem bebidas alcoólicas em casa, porque os filhos tiram garrafas e os pais não dão conta, devido o elevado número de garrafas que possuem ... as festas

organizadas na ausência dos pais. É hora dos pais agirem! Hoje o vizinho não é ninguém, porque é o próprio pai quem passa essa mensagem ao filho.

R - Família 5 - A influência dos livros marxista-leninista deram fruto, eram posto em estante, que actualmente muitas estantes de livros, foram substituídas pelas garrafeiras. Existe programas indecentes como o big brother Angola, que promovem comportamentos sexuais negativos. Os produtos da era digital estão a ser mal empregues, porque estamos a importar programas, que não têm nada a ver com a educação em valores ético e morais.

R - Família 3 - Nós temos poucas referências, mas essas referências por não se valorizar o talento e a competência, também não estão a se multiplicar, o que de alguma forma desmotiva as pessoas que deviam fazer mais ... é necessário que as crianças aceitem os seus pais pelo que são e não pelo que possuem.

R - Família 6 - Actualmente somos muito egoístas, porque não nos preocupamos com o outro vizinho ... no passado a figura de vizinho era alguém respeitado e muito próximo à família.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Anexo 9

Guião de entrevista para diretores e responsáveis da educação

A presente entrevista visa descrever e compreender as práticas educativas e curriculares dos professores de EMC em escolas secundárias de Lubango (Angola). Solicitamos e agradecemos pela sua colaboração e disponibilidade, sua contribuição será de grande valor para o desenvolvimento educativo. Durante a escritura da tese os dados relativos às pessoas estarão sujeitos ao anonimato ou utilizando pseudónimos para salvaguardar a identificação e sigilo dos participantes nesta pesquisa.

- 1 - Quais são os critérios de admissão como professor na educação?
- 2 - Caracteriza como tem decorrido a prática educativa dos professores de Educação Moral e Cívica?
- 3 - Analise os modelos e métodos de ensino-aprendizagem mais predominantes nas aulas de EMC? Justifica.
- 4 - Aborde a reforma educativa e seus constrangimentos?
- 5 - Explica como estão organizadas as escolas e como é feita a distribuição do material escolar?
- 6 - Aclare como é feito a avaliação no processo de ensino aprendizagem?
- 7 - Explica como tem decorrido o processo de planificação de aula?
- 8 - Analise e aclare os comportamentos dos alunos da escola secundária e que factores estão na sua base?
- 09 - Descreve a formação dos docentes e a qualidade de trabalho prestado?
- 10 – Apresente o contexto de funcionamento e constituição das turmas desta escola?
- 11 – Avalia o salário dos professores tendo em conta a inflação actual? Pode justificar?
- 12 - Analise o papel da inspeção/supervisão escolar no processo de ensino e aprendizagem?
- 13 – Carateriza e analisa o papel da família na educação dos filhos?

Anexo 10

Transcrição de entrevista de diretores e responsáveis da educação

Entrevista de grupos com responsáveis do ministério da educação Duração: 1h 43min. 4/11/2015

E. Como se caracteriza as práticas educativas dos professores no sistema de ensino angolano?

R - Sindicalista - A educação de Angola, é uma educação característica do país que está fazer 40 anos. Ela tem a sua marca e foi direccionada para mudar o que era a educação colonial. Podemos reconhecer, que havia alguns níveis de conhecimento, mas ela estava direccionada aos interesses da classe dominante. Teve que dar o seu rumo, os sonhos que então tivemos ainda estão relativamente frustrados. Na nossa opinião, o ensino público deixa muito a desejar e, essa questão da qualidade de ensino, devemos ver como algo não muito polémico entre nós. Deve ser pacífico e todos devemos lutar solidário, primarmos pela qualidade. Pode não ser tão pacífica a ideia do que é qualidade, mas para nós tem a ver com a riqueza de conhecimentos, tendo em conta as bases do ensino que os alunos adquirem, fortificando as suas bases. Não basta só o índice de aprovação elevado em cada escola e em cada aluno, é necessário que essa aprovação queira dizer saber, adquirir competências que os programas têm a oferecer.

R - Responsável 1 - A educação foi passando por várias etapas, passando por um percurso por onde passou o próprio país. A educação deve ser enquadrada dentro deste contexto quer dizer, desde 1975- 1991. Tivemos numa fase em que naquela altura, ao alcançar a independência houve a necessidade de reformular a educação ... como é lógico perdemos muitos quadros, que eram do regime colonial e, o país teve que recorrer-se aos quadros que tínhamos, que foram provenientes das antigas escolas industriais, estes asseguraram o sistema de ensino. A medida que o tempo foi passando, o próprio sistema de ensino foi se estruturando, no sentido de poder corresponder com as exigências de cada etapa. Depois das eleições de 1992, estávamos a pensar que estaríamos a entrar num processo normal. Logicamente o sector da educação iria também desenvolver-se de forma normal. Infelizmente vivemos a fase mais terrível da nossa sociedade, do nosso país e conseqüentemente o próprio sector da educação, sentiu todas as conseqüências negativas. Que a própria guerra trouxe para a sociedade, deixando marcas que estão a ser corrigidas agora, estão a ser ultrapassadas agora, depois do processo de paz que Angola alcançou em 2002. Neste período, até ao presente momento, destaca-se também duas etapas: uma em que tínhamos a necessidade de colocar obrigatoriamente todas as crianças, que se encontravam fora do sistema de ensino e nas condições que recebemos as infra-estruturas fruto da guerra. As escolas foram destruídas e, naquele tempo de guerra não havia momento algum para pararmos e trabalharmos numa qualidade de sistema de ensino. Só pensamos e começamos a trabalhar praticamente no processo de paz, num ritmo normal de ensino e crescimento.

R - Responsável 1 - Fomos buscar aqueles professores que apareceram, mas que não tinham competências académicas para poder assegurar o próprio processo de ensino. Tivemos de trabalhar com eles, e isso levou-nos a ter hoje em dia, as conseqüências que estamos a viver no próprio sistema de ensino, que é a dita falta de qualidade. Tudo tem a ver com o passado.

Porque a qualidade é um processo que não se alcança de hoje para amanhã, é necessário termos boas infra-estruturas, um professor devidamente formado e preparado, este é o esforço que está se fazer. É necessário estar preparado, não basta níveis académicos altos, mas acima de tudo com competências suficientes para poder trabalhar e moldar as nossas crianças.

R - Director 2 - A qualidade de ensino é ainda negativa, todo mundo compreende que a educação em Angola não vai bem ... falar de educação é falar de desenvolvimento, hoje em dia há uma relação, conexão entre o desenvolvimento e a educação. Quando um país é subdesenvolvido como o nosso é porque não tem boa educação porque no seu processo histórico não desenvolveram conhecimentos, que contribuíssem para que se possam desenvolver. Porque a educação foi vista como transmissão de conhecimentos e hoje em dia é vista como a construção, produção de conhecimentos. Porque o conhecimento deve ter um efeito multiplicador, não pode existir um conhecimento virado para si mesmo. Deve ser multiplicador e, não é o que se verifica no nosso país, porque temos problemas no ensino de três ou quatro formas: primeiro, o processo de ensino que tem a ver com a questão pedagógica, formadores competentes, porque nem toda gente que dá aulas é um professor, é necessário de facto que o professor tenha preparação profissional do saber; segundo, temos o problema da aprendizagem, nem sempre aquilo que se ensina é o que o aluno aprende, é necessário sabermos que não basta ensinar é necessário que haja interacção entre o professor e aluno; terceiro, problema do conhecimento. O processo da independência trouxe a massificação ou democratização do ensino, ganho porque os antes excluídos, agora tiveram acesso a gratuitidade e laicidade do ensino. Estes indicadores devem andar de mãos dadas com a qualidade e, nós não temos qualidade de ensino. Falta de mais investimentos do sector e aumento da verba no orçamento geral do Estado, porque sempre se investiu um valor inferior a 10 %, valor este disponibilizado para o ministério da educação ... cifra muito baixa se compararmos mesmo com outros países africanos como a África do Sul que investe entre 28-30%. Outro problema prende-se ao facto das escolas dos centros urbanos terem mais condições que as escolas do interior e as escolas do interior na sua maioria possuem salas ao ar livre. Têm menos qualidade que as escolas urbanas. As escolas do litoral, também têm mais condições e seus alunos participam em mais aulas. Já no interior, o professor vive na cidade e se desloca-se uma ou duas vezes por semana, para trabalhar por falta de condições. Porque as escolas onde trabalham ficam muito longe dos centros municipais ou comunais, e os alunos só vêem o professor duas vezes por semana. Isso afecta negativamente o ensino e, faz com que um aluno no centro urbano tenha mais acesso ao processo de ensino do que no interior. Pensarmos que o ensino é uniforme é um equívoco, não há uniformidade no sistema de ensino. A boa vontade não chega é necessário mudarmos a abordagem sobre a educação, para não repetirmos os mesmos erros, que fizemos no passado, é necessário mais reflexão e não buscar culpados ou evocar sempre a guerra, mudança do sistema socialista para o capitalista.

R - Responsável 2 - Ao falarmos que não tem qualidade, temos de nos basear na história do país, neste contexto é preciso ter em consideração, como foi feito o acesso à educação, mas como foi feita de forma massiva. Claro que não fazemos uma avaliação positiva. Primeiro a infra-estrutura que herdou do governo colonial, nos primeiros anos da independência, o Estado não consegue criar as infra-estruturas em função da situação que Angola viveu não

permitiu, para que haja qualidade no processo de ensino aprendizagem, devido a falta de infra-estrutura e pessoal docente qualificado, pois temos o período do conflito e pós conflito. Neste período de tempo, não se construiu escolas suficientes, daí existirem escolas a funcionarem ao ar livre e em que as divisões das salas são as árvores, outras a funcionarem nas tendas e muitas turmas a funcionarem debaixo das árvores ... com essa qualidade não tínhamos como estarmos bem. Assim tivemos que descaracterizar a educação colonial, para uma que tem a ver com o contexto de forma responder os problemas locais. Já que temos como objectivo à redução da pobreza, para tal é necessário a aceitação do indivíduo para que tenha ideias e contribua para sua comunidade; segundo ter o desenvolvimento cognitivo para permitir a sua inserção no mercado de trabalho. Quando falamos da educação, as vezes atribuímos notas aleatórias e preferimos que a emoção sobreponha a razão, é necessário encararmos esta realidade com os outros olhos, com seriedade para o sector da educação.

R - Ndinelau - Estamos a caminhar bem, hoje existe interesse das pessoas jovens e mais velhas a afluírem as escolas, na perspectiva de aprenderem e terem seus diplomas, mas devemos melhorar cada vez mais a qualidade de ensino. Já que existe um esforço por parte dos professores e, devem realizarem actividades que têm a ver com os programas e não irem a sala de aula e realizarem outras actividades a margem. É necessário que os professores realizem bem as suas actividades e vivam para dar um exemplo e transmitam aquilo que sabem e não trabalhem em função da velha máxima: «ajudem-me para serem ajudados»

R - Responsável 1 - Estamos a trabalhar nos currículos, para depois da avaliação da reforma educativa serem actualizados ... está-se a melhorar para se elaborar o plano nacional de desenvolvimento para área de educação, de maneira que se melhore a aprendizagem. Pensamos que mais do que nos a ter aos aspectos positivos, é necessário valorizarmos os negativos, para que se possa trabalhar neles, para melhorar os estrangulamentos da reforma educativa. Estamos conscientes, que existem aspectos que marcam muito negativamente a aprendizagem, mas existem também aqueles que são positivos.

R - Sindicalista - O sindicato apela aos trabalhadores: o amor ao trabalho, comportamento ético, decência, livre de corrupção, livre de vício, defende boas condições de trabalho, remuneração a tempo e hora. Para os professores não retalharem e se dê mais atenção não só, quando há intenção de se entrar em greve. Que se invista mais na educação com pelos menos 20 % (pausa), há falta de consulta com os representantes do sindicato de professores, quando se implementa reforma no sector da educação.

R - Director 1 - Se nós lamentarmos constantemente, de que os alunos formados nas nossas escolas, não têm conhecimentos suficientes. Pessoas que estão no ensino médio, universidade não sabem escreverem, têm problemas de interpretação é porque alguma coisa não vai bem. Temos de envidar esforço para melhorarmos, hoje ainda verifica-se a relação arcaica entre o professor e aluno, porque o professor continua a usar frequentemente o método expositivo, que para muitos está em desuso. Não há recursos as novas tecnologias, é preciso repensarmos a sala de aulas, currículos, habilidades, a frequência, é necessário inovar e continuar a realizar reformas. É necessário ser honesto e repensar a educação, para melhorar e não evocar sempre a guerra, o caminho não é por ai.

R - Tchissingui - é preciso rever os resultados esperados nos currículos e seus objectivos gerais. Foram identificadas deficiências, agora é hora de pensarmos numa adequação e reformulação do sistema educativo. Torna-se imperioso responder as preocupações que recebemos da sociedade, em realizarmos um ensino, que responda ao contexto das exigências dos dias de hoje. Até pode-se pensar para melhorarmos a qualidade do processo de ensino aprendizagem. Assim, contamos com vários actores que contribuem para essa melhoria da educação. Não devemos apenas responsabilizar e apontar ao ministério da educação pelos resultados existentes, mas devemos fazermos uma reflexão como cidadão para melhorarmos o processo de ensino-aprendizagem, contando com os parceiros responsáveis pela educação. Se tivermos políticas educativas organizadas, interventivas, acredito que umas das insuficiências apontadas podem ser ultrapassadas.

E. Caracterize a formação de professores do sistema de ensino angolano

R - Sindicalista - os nossos meios de comunicação passam também maus exemplos, a realização de boa actividade depende muito da satisfação dos seus actores ou agentes e isso, acontece na administração e nos diversos sectores. A educação em Angola precisa de quem muito gosta dela, é necessário sermos mais solidários para fazermos frente aos problemas ... nos dias de hoje todo insucesso que se verificar, apontam sempre que a falha está no professor. A formação de professor se não é a 40 anos é a 38 anos, já tem sector próprio da educação, que é uma direcção nacional incluso, que responde para tal. Portanto, o professor como produto dessa formação, é também produto de um dos serviços do governo. A admissão dos professores é também feita por via de concursos dos quais nós temos exigido que devem ser mais transparentes... Há jovens bem formados nos cursos com agregação pedagógica, mas que não têm entrado nos processos de admissão, não sabemos por quê? Logo depois vem a queixa de que os professores colocados, têm alguns que são desastres. Então, nós pedimos um pouco de justiça, em relação essa classe profissional, porque de uma maneira geral há uma classe que estuda, aumentam conhecimentos ao longo de sua carreira, as suas habilitações académicas e dentro do ramo. Alguns tiram outros cursos a margem do professorado, outros abandonam e vão para as ditas carreiras mais compensadoras. Os professores aumentam as habilitações para melhor servirem o ensino e há um contra estímulo muito forte, de saberem que depois da sua classificação profissional, fica inerte numa determinada categoria. Ou então, tudo aquilo que foi conquistado, sofre um adiamento. Contribuindo para a existência de um sentido de injustiça, frustrando os docentes pelo facto de alguns colegas com perfil académicos e profissional muito semelhante viverem na base de diferenças salariais abismais, já que um ganha mais do que o outro, mas com histórias basicamente iguais. O que nós temos feitos como papel do sindicato, é apelar as pessoas a terem o amor ao trabalho, para a decência, para o comportamento ético, livre de corrupção, temos cumprido com o nosso papel de sindicato nesse campo. Não deixamos de levar até onde for possível o nosso papel e continuar a defesa dos professores. Principalmente porque as condições de trabalho dos professores quer do ponto de vista remuneratório, quer no próprio ambiente de trabalho acabam se frustrando lembremos os atrasos salariais, dívidas de remunerações diversas de anos anteriores acumulados, meses salteados ou seguidos aos professores angolanos... Temos ainda uma classe muito sacrificada, nós não pedimos aos professores para retalharem diante

desta situação, pedimos de que deve haver um pouco mais de atenção constante em relação aos professores e, que não despertem apenas quando haver probabilidade de se fazer ou entrar em greve ou se falar de uma hipótese de greve nos meios de comunicação. Essa atenção tem a ver com a recompensa destes professores e ao mesmo tempo, a maneira de se criar mais generosidade para o nosso ensino. Seria bom se, se aumentasse o orçamento para a educação para se melhorar as práticas educativas dos professores. Seria bom se fossem ouvidos mais vezes os representantes dos trabalhadores antes de tomar determinadas medidas, por exemplo: se se entende que os professores devem trabalhar todos os Sábados, deve ser comunicado previamente aos seus representantes, se se entende que o professor deve leccionar todas disciplinas no ensino primário, isso devia resultar do consenso entre empregador e empregado, porque esses actos, por vezes se não forem corrigidos fica difícil termos um ensino melhor, depende do entendimento.

E. Os professores estão no centro das debilidades da educação?

R - Director 2 - Sim eles estão, mas conforme disse o representante do sindicato não é que eles são o elo mais fraco do sistema, os professores são vítimas do próprio sistema, porque quando se fez o estudo sobre os professores que serviam o sistema, chegou-se a conclusão de que mais de 40 % dos professores não tinham ensino médio, mas estavam a servir para não se fechar as escolas... existe dificuldades dos professores em melhorarem o seu nível académico e profissional, porque não existe políticas de protecção ou facilitação para o docente aumentar os seus conhecimentos, aliado a falta de vagas nestas instituições.

R - Director 3 - Há má formação dos docentes e devido a necessidade recrutou-se trabalhadores tendo o nível académico e não profissional, porque não existia os profissionais. A formação é feita por um sector próprio e o professor é fruto disso. A admissão de concurso, não tem sido transparente, porque há jovens com formação inicial e não são enquadrados em detrimento daqueles que não têm... devia haver mais justiça na condução desse processo. Os professores fazem partes das debilidades do ensino e, são também vítimas porque não tinham pelo menos as 12 classes. Tinham de trabalhar, para não fecharem as escolas. Os mesmos encontram muitas dificuldades em aumentarem os conhecimentos, devido as poucas vagas existentes nas escolas de formação de professores e, não existe política de protecção para o professor continuar a estudar.

R - Ndinelau - os professores aumentam o seu nível académico, para melhor servirem o ensino, mas não são reconhecidos pelo esforço feito. No momento da promoção ficam de fora, mesmo com tempo de serviço igual ao dos colegas, recebem salários desproporcionais provocando frustração. Um professor que termina o ensino médio não consegue ingressar na faculdade, porque no exame concorre com outros candidatos, que não são professores. Acabando as vagas a serem preenchidas pelas pessoas que não trabalham no sector da educação. O que acontece é que os professores perdem as vagas na universidade, ou no instituto superior de ciências da educação, em detrimento daqueles que quando terminam a formação, apenas 10 % chegam a trabalhar na educação. Enquanto a maioria acabam indo noutros sectores... a formação inicial é importante, porque a actividade de magistério tem duas vertentes principais, é necessário que o professor tenha conhecimento acerca da disciplina que

vai leccionar. Se vai leccionar Língua Portuguesa, então deve estudar português, de matemática deve estudar matemática.

R - Responsável 1 - A aplicação do método expositivo, hoje quando se fala de novos desafios no ensino pensa-se, somente na educação musical, desenho, a matemática e outras artes, mas é necessário ter em conta outros factores relacionados com os métodos, porque estes não são uniformes, já que o momento faz a técnica... é importante desenvolver a componente técnica.

R - Director 1 - Predomina a exposição devido a pouca preparação dos professores, falta de acompanhamento, pontualidade e assiduidade dos docentes que trabalham no interior.

R - Director 2 - Os professores dedicam-se a transmitirem conhecimentos... há pouca responsabilidade, amor ao trabalho, dedicação, comprometimento, há cultura de corrupção. Por isso, o pouco empenho repercute-se na sala de aula, os professores não têm atitude, mesmo com nível elevado. Falta de ética de trabalho, porque chegar tarde ou atrasar... chegar atrasado é normal e não temos muitas referências na educação... não basta ensinar é necessário que haja interacção... infelizmente grande parte dos nossos professores só transmitem conhecimentos.

R - Ndinelau - os professores são marginalizados e não são consultados na elaboração de reformas educativas.

R - Sindicalista - os representantes do sindicato também não foram consultados, a quando da implementação de reforma educativa, a semelhança dos professores ficaram surpreendidos. Falta negociar as diversas formas de como se deve trabalhar nos diferentes níveis de ensino.

Tchissingui - Os professores não foram consultados para reforma, foram os últimos a saberem e não foram preparados.

E. Os professores estão mal preparados?

R - Tchissingui - Claro, apesar do ministério ter sempre um discurso formal, que tem políticas educativas que resultam da UNESCO e da agenda mundial de educação. No entanto, a materialização depende dos professores se forem competentes, porque no nosso contexto eles apresentam dificuldades, embora no início de cada ano lectivo haja seminários. Mas muitas das vezes, estes não resolvem as reais dificuldades dos mesmos. As direcções das escolas fazem relatórios como se fossem embalagens externas, porque os mesmos não reflectem as actividades realizadas na escola, acerca dos vários seminários organizados pela escola. A realidade mostra, que os conteúdos ministrados nem respondem as reais necessidades dos trabalhadores, não contribuem o suficiente para o professor melhorar as suas práticas educativas.

R - Responsável 2 - houve a questão da gestão de carreira e, ai foi um mérito do ministério da educação, ao ter feitos as reconversões que respeitaram o tempo de serviço e as habilitações literárias. Depois disso, as reconversões pararam, mas hoje a situação agravou-se porque por exemplo existe funcionários com mais de 10 anos de carreira, licenciados com salários de 30

mil kwanzas e um técnico médio com salário de técnico básico e chegando a receber com muito atraso o referido salário.

R - Ndinelau - nas zonas rurais, o professor desloca-se longas distâncias superiores a 20 quilómetros e, a percorrer a pé para chegar a escola. Já que não existe serviço público de transporte, assim o professor chega já cansado no local de serviço. Ainda assim, exige-se que faça um bom trabalho, mas ele não está em condições de prestar bom trabalho, acabando ser vítima do sistema e torna-se herói por ficar lá, porque se formos a fazer o histórico dos profissionais de educação, muitos professores abandonaram o ministério e foram trabalhar para outras empresas com bom salário.

R - Responsável 1 - A educação já teve salários baixos, o que fez com que muitos professores abandonassem e fossem fazer trabalhos de segurança. Houve aqueles heróis que continuaram connosco, isto quer dizer, de algum tempo até 2015 a educação em termos salariais tem melhorado... o sentido de responsabilidade dos professores apesar de terem aumentado o seu nível académico (pausa) dizer também que hoje em dia, os professores elevaram o seu nível e de que maneira, supostamente era esperado que o seu desempenho na sala de aulas fosse também bom, mas isso não acontece.

E. Não acontece por quê?

R - Director 2 - Falta de atitude por parte do professor, porque a responsabilidade é do professor, se nós partirmos do princípio de um professor... não estamos a falar daqueles que se encontram em zonas próximas do local de serviço ou do seu local de residência... estamos a falar que tem de percorrer vários quilómetros para ele encontrar um banco e poder levantar o seu salário.

R - Responsável 1 - A atitude de alguns professores é negativa, porque ainda não ganharam maturidade de poderem ter um outro sentido de responsabilidade para o trabalho. Isto parecendo que não, mas é tudo que vai permitir uma mudança na sala de aula, se tu tens um horário a cumprir durante uma semana e, se o professor aparece na sala duas vezes não tem como poder cumprir com o programa e com os objectivos previstos para esta disciplina.

R - Director 1 - O que acontece é que o aluno nunca recebe a carga de matéria suficiente, para depois ser avaliado se o aluno aprendeu, este é um problema. Um outro que parece que existe e temos de reconhecer é o processo das actualizações das categorias que foi feita pelo sector e que foi um ganho na altura. Entretanto, todos aqueles que foram ganhando novas profissões, não podiam de maneira nenhuma entrarem novamente neste regime geral que foi adoptado. Porque entendemos que esse processo foi considerado fechado e daí começou-se a fazer a gestão da carreira do professor, em que as mudanças resultaram de promoções tendo em conta ao desempenho. E não de uma forma administrativa e, temos recebido críticas pelos parceiros para que se faça nova actualização, mas não é possível.

R - Responsável 1 - o professor é um empregado e para que faça bom trabalho, precisa de ser acompanhado, inspeccionado, é necessário o funcionamento colaborativo entre os coordenadores de disciplina, turno, directores e subdirectores para que haja qualidade nas

actividades académicas. Estamos a recrutar novos agentes, para ajudarem a fazerem o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem, de forma que haja trabalho sério nas nossas escolas e possam aparecer bons resultados.

R - Tchissingui - Existe sacrifício dos professores... é necessário maior reflexão acerca da educação, porque por mais que se forme professores, a demanda é superior. É necessário contar com outras parcerias, para se ultrapassar alguns casos... nós temos no momento a melhor geração em termos de nível académico, já que nunca tivemos tantos licenciados, mestres e doutores como agora. Mas continuamos a ter um défice na qualidade, o problema não é necessariamente a relação professor-aluno, tem também a ver com a questão da ética do trabalho. Não se vê o trabalho como um factor de ascensão na sociedade, temos uma cultura de corrupção, que faz com que as pessoas tenham outros expedientes e não apenas o seu próprio trabalho. Isso faz com que o professor, médico, enfermeiro não tenha uma dedicação no trabalho. Existem excepções, mas regra geral, esta questão da ética do trabalho afecta grande parte o modelo de concepção e de produção. Isto é extensivo não só a educação, mas a todas áreas laborais. Nós temos uma produtividade muito baixa nas escolas, o tempo de labor é muito baixo, quer dizer em 8 horas de trabalho, há 3, 4 horas de trabalho. Basta nós olharmos nas repartições públicas de determinada secção, depois de algum tempo já não está lá ninguém. Então, essa problemática não é só da educação, mas é um problema de educação, ética do trabalho e esses problemas resolvem-se se o executivo poder discutir isso com a sociedade.

R - Ndinelau - um dos défices é este, é que não podemos ter uma reforma sem a formação dos professores e estarem informados acerca da reforma. Já que muitas vezes são marginais ao próprio sistema, por serem os últimos a serem ouvidos, não podemos ouvir dizer sem antes nos convocarem para explicarem-nos acerca das mudanças por se realizar... É preciso dialogar com os professores, por serem os agentes primários no ensino. Temos a educação não formal, que trazem benefício para o país, é necessário maior fiscalização também deste sector, porque a educação é um processo renovável.

R - Responsável 1 - O grande mérito de medidas correctivas para melhorar a qualidade de ensino, passam pela reformulação de currículo, formação de professores, e assegurarmos o desenvolvimento profissional dos professores, que não têm agregação pedagógica. Estamos perante um instrumento para começar a ser implementado e se assim for, contaremos com a parceria de outros actores. Quanto a implementação da reforma, ouvimos algumas pessoas acerca da realidade educativa a se implementar, é verdade que quando o Estado decide implementar determinadas medidas para aquelas acções que considera que não estão correctas, as vezes não há possibilidade de ouvir os parceiros.

R - Sindicalista - A reforma quando foi posta em marcha, o sintoma que ela dava era de que já estava a correr atrás de um privilégio, em matéria de justificar aplicações financeiras de intercâmbio internacionais, exemplo a extensão da monodocência pode parecer um elemento menos importante. Mas ela teve uma reacção muito honesta dos professores dizendo, que não estão preparados com aquela urgência, em trabalharem com todas disciplinas. Ainda assim,

foi difícil porque o ministério defendia que era um modelo perfeito enquanto possui muitas lacunas.

R - Responsável 2 - Existem alguns factores que estão na base de fracas práticas pedagógicas, elas têm também a ver com a atitude quer do professor quer da liderança escolar. Senão vejamos, o trabalho que é realizado aos sábados (pausa) sinceramente os professores planificam 37 aulas num período inferior a 4 horas, assim não é possível falar de qualidade. O diploma orienta a observação da componente lectiva e não lectiva que na prática não é observada.

E. O ministério faz o que?

R - Responsável 1 - Estamos a relembrar sobre a necessidade das escolas realizarem a planificação no período oposto, é isto que diz o normativo, já que o trabalho realizado ao sábado não oferece garantia, mas como infelizmente ainda não temos a figura do supervisor, que devia acompanhar muito o professor, a par da inspecção vai ajudar o professor do ponto de vista técnico. O professor deve completar 37 horas lectivas até ao sábado dia que trabalhará duas horas.

R - Director 3 - os directores, coordenadores e professores não trabalham todos em equipa, há falta de supervisores para acompanhar os professores e o trabalho que prestam durante a componente lectiva e não lectiva.

R - Ndinelau - Perfil de selecção, é necessário a ética do trabalho, amor a profissão, porque nem toda pessoa que dá aula é um profissional, alguns dão aulas porque gostam e se comprometem com a profissão e outros vendem aulas, por não serem profissionais e estão apenas no sector para ganhar dinheiro, o amor à profissão deve existir em qualquer área.

R - Director 1 - Falta de criatividade de alguns professores na realização, produção e publicação de obras, porque temos professores a trabalharem 5 a 10 anos, mas nunca escreveram uma linha sobre aquilo que pensam e constitui seu trabalho. Mas facilmente conseguem fazer uma crítica aos outros comprometidos com a causa da educação. Outra preocupação é a falta de honestidade e cumprimento com os horários, é normal, comum um professor chegar atrasado ou muito atrasado. Quando não devia ser normal, é necessário a ética do trabalho, porque temos de ser lógicos e comprometidos com a hora angolana. Geralmente as pessoas sem recursos financeiros vão, estar no ensino, ao passo que as que têm possibilidades, acabam estudando no ensino privado. Neste contexto, também vamos encontrar professores competentes, dedicados para não serem despedidos.

R - Responsável 2 - Nos anos de 1978, é notório que os professores empenhavam-se nas actividades que realizavam. Não acredito que um cidadão que não cumpre com a sua profissão, o horário de trabalho, seja um bom patriota... a qualidade das práticas de ensino não são boas, não basta criticar é necessário criar estratégias para melhorar a qualidade, e os professores são os principais actores no processo, devia haver mais formação para professores e o sector privado deve também contribuir para o efeito. É necessário combater a corrupção activa e passiva, porque há alunos que não estão preparados.

R - Tchissingui - Temos poucas referências na educação, é necessário ter amor ao trabalho. Nestes 40 anos de independência, os professores devem estar comprometidos com a ética, porque o indivíduo pode ter, mas se não estiver comprometido com a profissão fará mau trabalho... temos professores que transmitem informação e temos outros professores que constroem e transmitem conhecimentos, infelizmente grande parte dos nossos professores só transmitem conhecimentos.

R - Director 2 - Falta de comprometimento dos professores com o ensino, daí aparecerem duas vezes por semana à escola, falta de qualificação a nível de gestão e dos professores... Há poucos momentos de planificação de aulas, prestamos pouca atenção à própria preparação das nossas aulas. Por isso, os professores apresentam muitas dificuldades durante a aula. Isso deve-se a falta de comprometimento.

R - Responsável 1 - Há falta de rigor na educação e, é necessário recuperar o rigor colonial ou seja essa democratização do ensino ou a escola para todos devia ser acompanhada com o rigor. Revendo o perfil do professor e aluno, rigor de conteúdos do ensino e da própria avaliação... é necessário selecção, para termos alunos competentes, já que temos três eixos fundamentais para formação: línguas, matemática e a história para a compreensão do universo. A formação ajudará a adquirir emprego, poderei ser feliz, vou ganhar dinheiro se estudar para ficar em casa, tudo será banal. É necessário rigor para se caminhar para o desenvolvimento. O professor tem de saber para ensinar.

R - Director 1 - Com a independência massificou-se o ensino, que era uma realidade contrária e, com isso temos de admitir, que os recursos disponíveis nesse processo de massificação não correspondiam, as exigências que tínhamos para qualidade. Tivemos de recorrer a professores que não tinham competências profissionais para leccionar. Com isso, temos de admitir com alguma realidade, que o pendor da qualidade das práticas educativas foi descorado. Temos de assumir que existe défice de qualidade de ensino. Para tal, é necessário formarmos os professores para todos os níveis. Relativamente durante a avaliação notasse que as perguntas das provas são repetitivas e não exigem reflexão.

R - Responsável 1 - os professores actualmente não dão conteúdos essenciais, é necessário controlar, porque o mais difícil é que formarão o jovem, os inspectores devem jogar o real papel. É importante desenvolver as competências, porque é com estes conteúdos que se desenvolverá. Assim como não está definido, o conjunto de livros seleccionados que servem de base e complementam as aulas a nível de todo país.

E. Descreva a função social da Escola.

R - Director 1 - A socialização, é através dela que as pessoas integram-se socialmente. Em suma, a importância na sociedade e visa defender a escola, é defender o ensino, a integração, prevenção de conflito. A escola rebate as desigualdades, porque as pessoas têm a possibilidade de terem a democracia participativa, todos participam: opinam e discutem. A escola faz uma selecção natural, os melhores aprovam e os piores reprovam. Hoje a escola não é atractiva e perde-se o prestígio de ir a escola e os alunos gostarem de ir a escola.

R - Tchissingui - Como há exemplos de facilitismo, aquela velha ideia de que só conseguiríamos fazer algo tudo se for formado, começa a desaparecer porque há quem não está formado, mas encontra-se melhor posicionado em relação aquele que está formado. Temos problemas de «barramento» os meus colegas não podem saber mais do que eu. Por isso, cria obstáculos para que os colegas não se formem.

R - Responsável 2 - Relativamente a reforma educativa ela foi implementada sem os professores estarem formados, não podíamos esperar para que se formassem todos os professores. Temos dificuldades de implementar, devido a falta de recursos financeiros, materiais e recursos humanos, temos de continuar a fazer reforma dentro da reforma.

E. A Distribuição de material escolar

R - Director 1 - Não são suficiente para todos alunos... a distribuição tem sido mal feita pelo interior dos municípios.

Responsável 2 - Os livros não são bem distribuídos devido as falhas, os directores não são policias para ver onde os livros vão. Existe mal distribuição e temos consciência de que os livros devem chegar em primeira instância aos destinatários.

R - Director 2 - As escolas tem poucos livros, mesmo as livrarias, mas nos mercados informais existem muitos a venda.

E. Analise as condições salariais dos docentes do nível secundário

R - Sindicalista - o salário do professor não responde as dificuldades sociais que vive, tem de deslocar-se longa distancia a pé, por falta de transporte e se alimenta no local de trabalho em função da contribuição dos moradores da região... os encarregados de educação não têm acompanhado o desenrolar do processo de ensino-aprendizagem.

R - Director 2 - Mesmo com tempo de serviço e habilitações iguais ao dos colegas recebem salários desproporcionais, provocando frustração em alguns casos. Em outros casos, os trabalhadores se ausentam muito das actividades da escola, alegando que estudam na cidade, não honram o compromisso, esquecem-se que em primeiro lugar são trabalhadores.

R - Responsável 1 - Para a maioria não existe uma satisfação salarial, porque não chega para suprir as necessidades, tendo em conta o nível de vida actual associado as crises económicas.

R - Director 1 - Os professores consideram que o que ganham não é suficiente, saíem cedo para irem fazer outras actividades lucrativas... os professores as vezes ficam duas ou mais semanas fora do local de trabalho, prejudicando os alunos.

Muito obrigado, nossa entrevista chegou ao fim.

Anexo 11

Extractos literais das entrevistas de alunos, professores, famílias, diretores e responsáveis da educação

Categoria	Subcategoria	Extractos literais
História de vida	Infância	<p>A minha infância sempre vivi com os meus pais sempre me acompanharam em todas actividades escolares (1)</p> <p>A minha infância também de princípio não foi boa, depois os pais separaram-se, tive de deixar os pais para ir viver com os meus avós (2)</p> <p>Tive acompanhamento dos meus pais principalmente da minha mãe, porque o pai tem duas esposas e a mãe sempre esteve presente em qualquer momento (3)</p> <p>A minha infância foi da maneira mais saudável eu tive sempre de perto os pais, estavam nos momentos que eu precisei dando seu apoio (4)</p> <p>Eu desde sempre tive uma infância muito distante dos meus pais, sempre a minha infância foi sempre com o meu irmão mais pequeno que nunca nos deixamos e os pais separaram-se muito cedo uma vez que ainda éramos pequenos e crescemos com ajuda dada pela igreja (5)</p> <p>A infância não foi assim tão boa porque naqueles instantes era necessário que os pais tivessem juntos e prontos para que pudessem acompanhar o processo de desenvolvimento... Seria bom se tivesse um acompanhamento mais viável dos pais e ajudaria muito a me relacionar com outras pessoas. (6)</p>
Papel da disciplina de EMC	Convivência / interacção	<p>A EMC tem ajudado muito porque só é respeitado quando a princípio você respeita os outros colegas (3)</p> <p>A EMC também ajuda na mediação ou na interacção com outros membros da sociedade (6)</p> <p>A disciplina de EMC é muito fundamental para dotar uma sociedade de bons procedimentos de</p>

		<p>valores morais para sabermos como conviver e viver numa determinada sociedade. Ela tem ajudado bastante para a boa convivência para o desempenho e funcionamento normal das actividades na escola (1)</p> <p>A moral na sala de aula tem ajudado muito suponha que numa sala de aula sem este requisito ou sem essa disciplina seria uma sala muito mal composta (5)</p> <p>A disciplina de EMC é que vai ajudar o aluno a se relacionar, socializar com os demais membros da própria sociedade, na escola tanto faz com os colegas, com os professores e todos membros de uma escola (2)</p>
	<p>Comportamento</p>	<p>Alguns professores apresentam essa escassez de bons comportamentos de acto moral com relação aos próprios alunos. Também parece que os professores não serem adequadamente formados para posteriormente também passar essa informação de valores morais sem magoar outrem porque a base começa com os professores (1)</p> <p>A família não tem sido paciente na correcção de comportamentos negativos dos filhos, porque quando o filho comete um erro optam mais pelo castigo físico. Assim, a culpa é dos pais, pois se a criança cresce no meio de tanta violência, ela poderá também adoptar comportamentos negativos e violentos na sociedade (10)</p> <p>O comportamento de alguns professores é bom, mas outros se comportam mal, tal como também podemos igualmente notar nos alunos que alguns têm comportamento muito negativo. Porém, tem a ver com o pouco acompanhamento dos pais a partir de casa, porque as questões cívicas são feitas de antemão a partir de casa (6)</p> <p>O comportamento negativo parte da ignorância, os alunos sabem, mas ignoram aquilo que são os princípios éticos e morais (5)</p> <p>A ignorância tem a ver com os próprios alunos que</p>

		<p>desde em casa não vivem os valores ... tem a ver mesmo com o próprio desempenho por parte dos professores, a própria formação por parte dos professores ou se empenham mais na transmissão dos valores porque as vezes não clarificam aos estudantes (3)</p> <p>A ignorância acima de tudo parte dos indivíduos que apresentam comportamentos inadequados... e os pais não contribuem para o bom comportamento dos filhos ou educandos, mas outros porém, são os ditos super pais protectores (4)</p> <p>Esse comportamento negativo deve-se a ignorância por parte dos alunos em não colocar em prática os valores morais... a culpa disso são os professores (2)</p>
<p>As tecnologias de informação e comunicação</p>	<p>Influência na educação moral e cívica</p>	<p>... os maus comportamentos ou a má conduta deve-se o plágio de cultura... a globalização, o mau uso das tic que tem influenciado cada vez mais para que haja condutas negativas dos alunos na sociedade (2)</p> <p>... a Tv, tem muitos programas ricos e pertinentes que desenvolvem ou criam em nós muitas boas maneiras, mas também tem aqueles programas, reportagem, publicidades que sinceramente eu não vejo se passam para nós uma boa ideia (4)</p> <p>... os meios de comunicação também ensinam a termos a EMC, existe publicidades que deixam muito a desejar que não vale apenas enumera-la (3)</p> <p>... As tic têm um grande papel na construção social de uma comunidade (6)</p> <p>Os meios de comunicação social têm um papel fundamental na EMC, mas existe momentos publicitários que mostram algo inadequado ou indecente (5)</p> <p>Os meios de comunicação são sinceramente importantes porque nós precisamos de passar uma informação, de lamentar a forma em que se comunicam muitas informações mostrando coisas indecentes (1)</p>

		<p>... Podemos ser educado com os órgãos de comunicação social, mas muitas das vezes o próprio homem é que não sabe usar as tic positivamente chocando com a dignidade humana de qualquer pessoa (2)</p> <p>O mal uso das tic está contribuir para desvirtuar o comportamento dos adolescentes (24)</p>
	Relacionamento entre professor e o aluno	<p>Se o professor trata bem o aluno de uma forma geral, o aluno também tratará e respeitará o professor (3)</p> <p>... A relação professor aluno tende a melhorar, embora o professor ainda continue assumir a liderança autoritária em função das ameaças que faz e ao lembrar os alunos que ele é a lei na sala (2)</p> <p>... Algumas vezes verificamos que o professor por descuido ou por nervosismo trata mal o aluno ou aluna sendo muito autoritário (1)</p> <p>... Quando o professor falta respeito ao aluno, claro que o aluno vai reagir, vai defender-se faltando também respeito neste caso (6)</p> <p>... há professores que respeitam os alunos, mas existe outros que não respeitam, criam mau ambiente na sala e se o aluno reage ou responde a ofensa, o professor expulsa o aluno considerando-o de indisciplinado e fruto disso, o aluno passa a ser um potencial candidato a reprovação (5)</p>
	Relação da família com a escola	<p>... As famílias têm participado intensamente no desenvolvimento dos seus filhos (1)</p> <p>A escola vai munir e desenvolver as qualidades que antes o filho já ganhou no seio familiar (4)</p> <p>A relação entre a família e a escola pode ser boa, mas é necessário o acompanhamento de todos responsáveis deste processo, colaborando e incentivando os participantes a melhorarem cada vez mais essa relação. Atualmente muitas famílias ainda deixam muito a desejar por não se preocuparem pela formação e educação dos seus filhos, daí a deficiente presença dos encarregados</p>

		<p>de educação (entrevista aluno 21, 19/09/2015.)</p> <p>Existem famílias que deixam muito a desejar, não participam da educação dos filhos na escola (3)</p> <p>A família só vai a escola do aluno quando for convocado e mesmo assim muitas vezes recusa ir (5)</p> <p>A família só vai a escola do aluno quando for convocado e mesmo assim muitas vezes não aceita ir alegando falta de tempo (19).</p> <p>Das vezes que a família vai à escola, é porque o professor ou a direcção escolar convidou para comparecer a fim de resolver a situação em que o aluno está envolvido. Assim, em muitas ocasiões a família se recusa a ir a escola (6)</p>
	<p>Relação entre pai e filhos</p>	<p>A relação é boa porque não tantas desavenças, mas as mães não conversam connosco o suficiente acerca de alguns cuidados a ter na adolescência, e a responsabilidade também é do pai, mas que no momento não está porque tem várias famílias (esposas), acaba sobrando apenas para as mães (entrevista aluna 22).</p> <p>A relação é aceitável embora haja dificuldades uma vez que devido a falta de emprego e frustração por não consegui-lo, faz com que actualmente haja pais que perderam autoridade perante os seus filhos, porque quem não dá sustento, também não tem autoridade (entrevista Família 3).</p>

Direção da escola	Atividades da direção com os alunos	<p>... Devia existir mais liberdade por parte dos alunos para poderem expor os seus pensamentos porque os professores se comportam mal parecem não têm conhecimento de moral (8)</p> <p>... A escola não realiza atividade tendo em conta a resolução de problemas actuais vividos na escola e fora dela, se preocupa mais em interromper as aulas para os alunos assistirem atividades políticas partidárias ou cobrar o dinheiro da participação e emitir ordem de expulsão para aqueles que não pagaram (10)</p> <p>A escola ainda peca na transmissão de valores, porque existe muitas paralisações de aulas para se realizar mais actividade de carácter político partidário e não académico como as actividades extra escolares (12)</p>
	Importância da disciplina de EMC	<p>... Alguns alunos e professores consideram esta disciplina como perda de tempo ... não é importante basta ter positiva em outras disciplinas o resto resolve-se (9)</p> <p>... quando há mau comportamento dos alunos os professores de outras disciplinas atribuem culpa aos professores de moral e cívica (10)</p> <p>... há falta de valorização da disciplina de EMC (8)</p>
O professor e a escola	Interação entre o professor-aluno	<p>Restringe-se na sala de aulas porque o professor não conhece a realidade que vivi o aluno e justifica tal procedimento a falta de tempo devido os estudos e também alegam que não têm tempo de acompanhar os alunos e dizem que o que ganham não é suficiente, saiem cedo para irem fazer outras actividades de colaboração para ter um pouco mais de dinheiro (11)</p> <p>O professor pensa que se relacionar com os alunos fora da sala de aulas as pessoas vão pensar mal dele e das suas intenções. As vezes o professor já vêm com as suas frustrações e não tem como interagir bem com os alunos. Criam barreiras na relação com</p>

		<p>os alunos o que torna difícil as relações interpessoais fora da sala... eles pedem que os alunos façam o que orientam e não façam o mesmo que os professores (12)</p> <p>Os professores alegam que não têm tempo de acompanhar os alunos, consideram que o que ganham não é suficiente, saem cedo para irem fazer outras actividades lucrativas (9)</p>
	<p>Papel da família na educação dos filhos</p>	<p>A educação dos filhos é feita individualmente cada família a sua maneira, alguns pais batem os filhos e quando se pergunta por quê agem assim, eles respondem que estamos a educar os nossos filhos, quer dizer que quanto mais bater pensa que mais está a educar o filho (11)</p> <p>A educação dos filhos tem sido difícil por parte das famílias porque há crianças que têm pais não presentes, porque tem duas, três ou mais esposas e fica difícil estar presente com os filhos na mesma semana e participar na educação dos filhos. O que mais fazem é deixar ou entregar dinheiro para as mães verem o que podem fazer para educação dos filhos (12)</p> <p>A família não tem sido paciente na correcção de comportamentos negativos dos filhos, porque quando o filho comete um erro optam mais pelo castigo físico. Assim, a culpa é dos pais pois se a criança cresce no meio de tanta violência, ela poderá também adoptar comportamentos negativos e violentos na sociedade (aluno 10)</p> <p>Existem pais que não acompanham a educação dos filhos, deixando essa responsabilidade com os irmãos mais crescidos para supervisionarem os mais pequenos (8)</p>

Quadro 4- Extratos literais da entrevista de grupo de alunos e sua categorização

Categoria	Extratos literais
História de vida	<p>Cresci no meio rural, com a minha família, tive a educação religiosa, a infância foi difícil devido a falta de condições sociais, depois fui estudar na escola da missão, fiz o ensino médio em ciências económicas e jurídicas, depois fui admitido como professor actualmente não estou a estudar (Mutango)</p> <p>Devido a guerra cresci longe da família, comecei a trabalhar quando conclui a 8ª classe, depois conclui a 12ª na especialidade de ciências físicas e biológicas, não estou a estudar (Ndala)</p> <p>Cresci no convento, os pais morreram durante a guerra, comecei a trabalhar depois de concluir a 10ª classe, actualmente sou estudante do 1º ano da faculdade de economia (Makeyeye)</p> <p>Cresci na área urbana, sem os pais a minha educação ficou afectada devido a nova ideologia baseada no marxismo-leninismo que negava os valores religiosos, depois de concluir a 12ª classe no IMN fui admitido como professor e comecei a trabalhar, agora sou licenciada em filosofia (Catumbo)</p>
Inclusão da EMC no currículo	<p>Estou a favor e acrescento um aspecto muito importante no meu ponto de vista dizendo mais que: podemos ter poucos professores de EMC, mas devíamos ter professores preparados para as aulas, seja qual tipo de aula devia-se em alguns momentos abordarmos questões relacionadas com a educação moral e cívica de forma que os professores de outras disciplinas como matemática, física, química, etc., participem, mas simplesmente ignoram a disciplina de EMC, o que nos dificulta ainda mais porque todos professores deviam estar envolvidos na educação da nova geração independentemente da disciplina que lecciona (Cassinda)</p> <p>Espera-se que venha ajudar as pessoas a pensar cada vez mais no respeito dos valores (Mutango)</p> <p>Pela essência da sua actividade que é instruir e educar deve ter a obrigação de transmitir os valores através de seus ensinamentos e exemplos de actos humanos as novas gerações (Ndala)</p> <p>Sou a favor e sou apologista que melhor por um lado é necessário aumentar a carga horária e se faça um trabalho mais abrangente (Makeyeye)</p> <p>Espera-se que venha ajudar as pessoas a pensar cada vez mais no respeito dos valores não sou contra, sou a favor e sou apologista que melhor por um lado é necessário aumentar a carga horária e se faça um trabalho mais</p>

	<p>abrangente, embora temos os professores propriamente dito de EMC, mas todo professor que pela sua essência da sua actividade que é instruir e educar deve ter a obrigação de transmitir os valores através de seus ensinamentos e exemplos de actos humanos as novas gerações (Catumbo)</p>
<p>Práticas educativas de EMC</p>	<p>A prática de EMC têm decorrido a medida do possível, constitui desafio trabalhar com alunos de culturas diferentes (Mutango)</p> <p>... existem alguns factores que estão na base de fracas práticas pedagógicas que são os professores e a liderança dos directores (R2)</p> <p>São fracas, é preciso repensarmos a sala de aulas, currículos, habilidades, a frequência... é necessário inovar e continuar a realizar reformas. É necessário ser honesto e repensar a educação para melhorar e não evocar sempre a guerra (D1)</p> <p>A prática educativa não é boa, é essencial envidar esforço para melhorarmos, pois, ainda verifica-se uma relação arcaica entre o docente e o aluno com recurso aos métodos de transmissão de conteúdos, sem utilizar os métodos mais activos, não há recursos as novas tecnologias. É preciso inovar e repensarmos a sala de aulas, os currículos, competências, a frequência, para melhorar e não evocar sempre a guerra como justificativa (Director 2, entrevista 12/10/2015).</p> <p>A prática educativa é razoável, existem alguns factores que estão na base destas actuações e entre elas temos a destacar, a atitude quer do professor quer da liderança escolar que fazem pouco. Não temos muitos professores qualificados, pois tivemos de avançar com os que apareceram para não fechar as escolas. Precisamos formadores competentes, inspectores e supervisores suficientes, porque na realidade não se faz sentir o trabalho que prestam na observância da componente lectiva e não lectiva dos docentes (Responsável1, entrevista 4/11/2015).</p> <p>Estamos distante daquilo que se pretende porque daquilo o que os manuais trazem se temos cumpridos talvez é na ordem de cinquenta e sessenta porcentos (Ndala)</p> <p>Fala-se muito da metodologia activas e participativas de facto se faz esforço, mas há dificuldade de utilizar estas metodologias daí a predominância da transmissão (Makeyeye)</p> <p>A prática educativa de EMC constitui uma dor de cabeça ...é verdade que se tem dado alguns passos positivos que ainda assim consideramos poucos, mas na verdade temos muitas dificuldades (Catumbo)</p> <p>A prática educativa de EMC constitui uma dor de cabeça ... é verdade</p>

	<p>que se tem dado alguns passos positivos, mas na verdade temos muitas dificuldades na condução da aula. Os alunos participam pouco, no grupo nenhum docente tem agregação pedagógica para dar aulas de educação moral e cívica. Estamos a remediar, o importante é ter bom perfil de aproveitamento da turma. Precisamos de formação mais prolongada, para se abordar outros temas desde, a planificação até a concretização da aula (Nzunzi, entrevista professora 17/08/2015).</p> <p>Mesmo com dificuldades de preparação da aula, digo que a prática tem decorrido bem, porque transmito o conteúdo, explico e os alunos ficam calados, depois pego o livro e dito a matéria. Os alunos estão a compreender bem e mesmo na prova muitos conseguem bom resultado, e isto é o que a direcção pediu (Nhama, entrevista professora 03/11/2015).</p>
<p>Factor que influencia a prática educativa</p>	<p>Existem alguns factores que estão na base de fracas práticas educativas, elas têm também a ver com a atitude quer do professor quer da liderança escolar. É necessário que o docente tenha a formação inicial, trabalhe num contexto apropriado, esteja comprometido com a profissão onde a liderança escolar intervenha no assecuramento e acompanhamento das actividades educativas (entrevista Responsável 2, 04/11/2015).</p> <p>Existe problema de pontualidade e assiduidade dos docentes e alunos e pelo facto da componente lectiva e não lectiva, na prática não ser observada suficientemente para permitir corrigir as principais insuficiências que prejudicam o sucesso do processo de ensino (entrevista Responsável1, 04/11/2015).</p>
<p>Modelos de ensino e aprendizagem</p>	<p>Muitas questões que o professor traz já estão todas direccionadas e os alunos prestam atenção a exposição e não precisam de ajudar na formulação ou construção destes saberes durante a aula (Mutango)</p> <p>.... hoje o professor continua a usar o método expositivo frequentemente e não há recursos as novas tecnologias, é preciso repensarmos a sala de aulas (Tchissingui)</p> <p>Utilizamos ainda os modelos tradicionais, precisamos acompanhar a dinâmica para que haja um bom desenvolvimento educativo (Ndala, entrevista professor, 20/04/2015).</p> <p>O mais predominante é o modelo tradicional, transmissivo e mesmo isso é notório também nas provas porque as questões colocadas exigem do aluno simplesmente decorar e reproduzir os conhecimentos (Makeyeye)</p> <p>Utilizamos o modelo de ensino que permite os alunos participarem mais</p>

	<p>na aula, já que o professor já traz todos os conteúdos e o aluno é só prestar atenção. O mais importante é levar os alunos a entender os conteúdos através da transmissão (Catumbo)</p>
<p>Avaliação</p>	<p>A falta de rigor na educação e é necessário recuperar o rigor colonial ou seja essa democratização do ensino ou a escola para todos devia ser acompanhada com o rigor revendo o perfil do professor e aluno, rigor de conteúdos do ensino e da própria avaliação dos alunos e dos professores porque existe muito facilitismo em função das classificações atribuídas e nem sempre conquistadas (R1)</p> <p>A avaliação que se faz acaba adulterando o perfil de aproveitamento para não ser sancionado, pois a direcção da escola se preocupa muito pela percentagem positiva dos alunos. Obriga os professores a satisfazer tal propósito não importa a quantidade de alunos por turma e o contexto (Tchissingui)</p> <p>A reforma prevê avaliação contínua, mas como os alunos são mais de 50 em cada turma, então não conseguimos cumprir. Elaboramos em cada trimestre uma prova e uma chamada escrita. Os alunos respondem tal como está escrito no apontamento. As vezes orientamos trabalhos de grupo ou individual para fazer a vez da prova e, os resultados vão variando em função da capacidade de assimilação... é necessário conhecer os alunos neste aspecto para não avaliar mal (Lucombo, entrevista professora 10/09/2015).</p> <p>Na avaliação dos alunos existe muita aprovação e que a mesma não se traduz em competência que adquiriram, Já que este perfil está adulterado pelo professor para não ser sancionado, pois a direcção da escola se preocupa muito pela percentagem positiva dos alunos. Obriga os professores a satisfazer tal propósito não importa a quantidade de alunos por turma e o contexto (Tchissingui, entrevista 11/06/2015).</p> <p>... existe muita aprovação, mas pouca competência nos finalistas (Cassinda)</p> <p>Há falta de rigor na educação, e é necessário recuperar o rigor colonial ou seja, essa democratização do ensino devia ser acompanhada com o rigor... revendo o perfil do professor e aluno, rigor de conteúdos do ensino e da própria avaliação dos alunos e dos professores. Porque existe muito facilitismo em função das classificações atribuídas e nem sempre conquistadas pelos protagonistas (responsável 1, entrevista 4/11/2015).</p> <p>A avaliação dos alunos é feita na base de questões que exigem muita reprodução em detrimento da reflexão. Já a avaliação de desempenho dos professores é feita na base da actividade que realizaram na escola</p>

	<p>relativamente ao ano anterior (director 3, entrevista, 12/10/2015).</p> <p>A avaliação dos alunos é feita na base de questões que exigem muita reprodução em detrimento da reflexão. Já a avaliação de desempenho dos professores é feita na base da actividade que realizaram na escola relativamente ao ano anterior (D3)</p> <p>... na correcção querem que o aluno responda tal como o professor ditou, qualquer diferença o professor risca (Ndinelau)</p> <p>... é necessário combater a corrupção activa e passiva, porque há alunos que não estão preparados para transitarem de classe, mas acabam transitando fruto desse mal que enfermam o ensino em Angola (R2)</p> <p>... as perguntas das provas são repetitivas e não exigem reflexão (D1)</p> <p>Na avaliação dos alunos existe muita aprovação e que a mesma não se traduz em competência que adquiriram, Já que este perfil está adulterado pelo professor fugindo ser sancionado pela inspecção escolar (Nhama)</p>
<p>Planificação a nível da coordenação</p>	<p>Cada integrante anuncia onde parou se cumpriu com a planificação anterior, em seguida começa por orientar-se o registo de conteúdos que serviram para se trabalhar nos próximos dias porque só se apresenta os temas aos colegas que leccionam as respectivas classes e que cada um vai procurar trabalhar bem ou mal (Lucombo)</p> <p>Não se abre momentos para troca de experiência, de como abordar determinados temas que podem oferecer mais dificuldades ou grau de complexidade, não se faz a planificação entre professores que leccionam a mesma disciplina e classe o que facilitaria o debate entre os colegas (Mutango).</p> <p>A planificação a nível da coordenação serve para registar os temas para os dias seguintes, são realizadas quinzenalmente ou mensalmente nela fazem parte todo grupo: professores da 7ª, 8ª e 9ª classe e não há outra para professores que leccionam a mesma classe e disciplina (Makeyeye).</p> <p>Recebe-se as temáticas para cada um trabalhar de acordo a sua maneira não deixando espaço para se discutir algumas temáticas que podem constituir dificuldades (Catumbo).</p>
<p>Papel das TIC na EMC</p>	<p>Através dos meios de comunicação recebemos informações bastante ricas quer através dos nossos cantores, peças de teatro, novelas, filmes (Mutango).</p> <p>Se coisas boas passam com aquela intensidade, coisas más ao passarem com a mesma intensidade é mais fácil influenciar-se pelas coisas</p>

	<p>negativas (Ndala).</p> <p>Tem sido através destes meios que se veicula mensagens que visam a moralização da sociedade angolana como na homilia, no próprio discursos do presidente enfim, mas também é a partir destes mesmos meios que se faz passar os contravalores (Makeyeye).</p> <p>... os realizadores dizem que colocam as novelas onde aparecem cenas indecentes para depois se tirar o lado positivo que é o oposto. Mas a realidade é bem diferente, aquilo que se emite de negativo é exactamente o que é colocado em prática parece está a oficializar a indecência (Catumbo).</p>
<p>Uso das tic na aula de EMC</p>	<p>Para sermos sinceros nunca utilizamos as técnicas de informação e comunicação durante a aula. Não se faz sentir devido a falta de condições nas nossas escolas (Tchissingui).</p> <p>Para sermos sinceros nunca utilizamos as técnicas de informação e comunicação porque apenas uma menoria possui conhecimento nessa área, e pelo facto de não existir tais condições nas escolas e nem sabermos como trabalhar com o computador (Lucombo)</p> <p>As escolas não têm computadores, internet, nem projector e muitos professores não estão preparados para tal, pois quando se formaram não existia a disciplina de informática e não receberam treinamento para um dia utilizarem as tecnologias de informação e comunicação As escolas não têm computador, internet, nem projector também muitos professores não estão preparados para tal (Makeyeye).</p>
<p>Programas e materiais de EMC</p>	<p>Não temos materiais excelentes nem programas, mas são aceitáveis, a dificuldade reside na materialização daquilo que vêm nestes programas (Mutango).</p> <p>Encontramos valores bons nos nossos materiais, a grande dificuldade tem sido a transferência dos conteúdos programados à prática (Ndala)</p> <p>Os livros trazem muita lacuna em termos de informação e com erros (Nhama)</p> <p>Não temos maus, programas e materiais, o problema tem sido este de os nossos alunos assimilarem apenas os valores e acabando de não viverem os mesmos (Makeyeye)</p> <p>Precisamos de compreender, assimilar e depois influenciar o nosso comportamento ...para ter bons alunos em termos de instrução e comportamento (Catumbo)</p>

<p>Dificuldades no exercício da profissão</p>	<p>Não tivemos uma formação inicial de professores, introduziu-se a reforma curricular sem se formar primeiro o professor para tal... as dificuldades têm a ver com o distanciamento que existe entre as disciplinas que leccionamos e aquelas em que nos formamos por exemplo sou docente de Laboral e EMC, mas me formei em ciências económicas e jurídicas... é difícil se enquadrar (Mutango, entrevista professor 29/04/2015).</p> <p>Ainda continuamos a transmitir os conteúdos, conceitos, mas a vivência das temáticas abordadas durante a aula é uma dor de cabeça. Os professores se preocupam em ensinar ao aluno sobre o que está certo, justo, aconselhado, mas ao sair da escola para casa, ao longo do trajecto depara-se com situações opostas daquilo que aprendeu na escola (...) sinto dificuldade de aliar a teoria e a prática no âmbito da educação moral e cívica e os modelos de aprendizagem (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).</p>
<p>Necessidades dos professores</p>	<p>... não tivemos uma formação inicial de professores, introduziu-se reformas curriculares sem se formar professor para tal... as dificuldades têm a ver com o distanciamento que existe entre as disciplinas que leccionamos e aquelas em que nos formamos (Mutango)</p> <p>A formação média ou superior não tem nada a ver com a disciplina que lecciono. A experiência como coordenador ajuda a perceber as dificuldades dos professores relativamente ao processo de ensino-aprendizagem de EMC (Ndala)</p> <p>Ainda continuamos a transmitir os conteúdos, conceitos, mas a vivência das temáticas abordadas durante a aula é uma dor de cabeça (Makeyeye)</p> <p>Os professores se preocupam em ensinar ao aluno sobre o que está certo, justo, aconselhado, mas ao sair da escola para casa ao longo do trajecto depara-se com situações opostas aquilo que aprendeu na escola (...) sinto dificuldade de aliar a teoria e a prática no âmbito da educação moral e cívica e os modelos de aprendizagem (Catumbo)</p>
<p>Formação contínua</p>	<p>Tem se dado uma formação contínua aos professores, mas que na realidade não reflecte aquilo que é indispensável para os professores no momento e fica-se uma semana a abordar questões repetitivas (Mutango)</p> <p>É importante realizar acções de formação que vão de acordo as necessidades dos professores e não formar por formar apenas na vertente política, elaborando relatório até de formações não realizadas pelas escolas apenas para justificar que tem se feito formações aos professores enquanto que não corresponde com a verdade (Ndala)</p>

	<p>Algumas vezes dá-se formação contínua, mas não tem ajudado muito na solução dos problemas dos professores porque não se faz diagnóstico das reais dificuldades e necessidades dos mesmos, acabando sempre de ser repetitiva e sem muito interesse. Parecendo mais que tem servido como uma medida de concentrar apenas os professores nas escolas (Makeyeye)</p> <p>Outra situação é que o formador seleccionado devia ser um professor com maior experiência para poder interagir bem com os colegas (Catumbo)</p>
<p>O professor e a continuação dos estudos</p>	<p>A direcção escolar dá uma ajuda deficiente para o professor se formar, em vez de se alegrar, é o contrário. Quando tomam conhecimento de que existe docentes a estudarem, criam problemas de «barramento ou obstáculo», não permitindo que os docentes estudem e possam saber mais do que eles, e são muito autoritário, eu só consegui estudar por influência de alguém que me defendia (Ndinelau, entrevista professora 20/04/2015).</p> <p>Infelizmente a direcção da escola não ajuda, deixei de estudar por causa dela, ao se aperceberem que estávamos a estudar, receberam os nossos horários e trocaram com outros professores que estavam no período oposto e que não estavam a estudar. Deram-nos outros horários, que por sinal coincidiam com o horário onde estudávamos. Quando tentei reclamar, o diretor disse que escolhesse entre trabalhar e estudar, acabei desistindo de estudar e o meu colega, preferiu deixar de trabalhar (Cassinda, entrevista professora 22/10/2015).</p> <p>Temos problemas de «barramento» os meus colegas não podem saber mais do que eu, por isso criam obstáculos para que os colegas não se formem (Ndinelau)</p> <p>... Não existe política de protecção como tal para o professor continuar a estudar. Simplesmente temos e exigimos mais que nas escolas haja mais professor não estudantes porque os que estudam acabam se ausentando muito do local de trabalho. Primeiro é trabalhar, se existir espaço é que podem estudar (D3)</p> <p>Não temos lei de facilitação para o docente aumentar os seus conhecimentos, aliado a falta de vagas nestas instituições, nos baseamos na norma de trabalhador estudante e não de estudante trabalhador para não prejudicar os alunos, mas temos docentes a estudarem nos mais variados níveis (D2)</p>
<p>Relação professor e aluno</p>	<p>Depende do clima criado pelo professor quando trata bem os alunos estes retribuem tratando-o bem. Entendo que se o professor gerir bem o seu</p>

	<p>comportamento, acredito que poderá ajudar em certa medida que os alunos venham respeitar também o próprio professor (Mutango)</p> <p>... a relação é arcaica entre o professor e aluno porque o professor continua a usar o método expositivo... não há recursos as novas tecnologias (D1)</p> <p>A relação as vezes é ruim porque existem professores que não respeitam os alunos e são muito autoritários (Makeyeye)</p> <p>Na sala de aula vamos encontrar alguns alunos com comportamento inadequado para que não haja mau ambiente na relação, o professor tem de ser promotor do bom relacionamento (Catumbo)</p>
<p>A administração escolar e os professores</p>	<p>A relação entre estes intervenientes não tem sido boa, pois as direcções escolares não têm cultura de interagirem com os professores, são muitas apegadas ao estilo autoritário, e não consentem muitas vezes as sugestões e crítica construtiva feita pelos docentes para melhorar o funcionamento escolar, dificultando deste modo as relações interpessoais, tão cruciais no desenvolvimento escolar (Lucombo, entrevista professora 10/04/2015).</p> <p>A relação do professor com a direcção é regular, quando você se submete ao cumprimento de toda orientação dada. Assim, não terá problemas, caso contrário será rotulado como indisciplinado, incumpridor e até pode ser acusado de que está contra a direcção ou o programa do partido no poder se ocupa algum cargo de chefia é exonerado (Cassinda, entrevista professora 22/10/2015).</p>
<p>A Relação da família com a escola</p>	<p>Alguns comportamentos verificados no processo de ensino e aprendizagem dão a entender que não existe interacção aceitável entre a escola com a família, porque se assim fosse, não poderíamos ter este tipo de comportamento de pouca afluência da família. E mesmo por minha experiência enquanto encarregado de educação não tenho acompanhado nem me inteirando junto dos meus colegas acerca da maneira que acontece o processo (Mutango)</p> <p>Apesar do esforço das escolas a relação ainda é débil e também falo por experiência própria como professor e como pai que sou também não tenho passado pelas escolas onde estudam os filhos (Ndala)</p> <p>Alguns problemas vividos na escola relacionados com os alunos dão a entender que não existe interacção escola com a família (Makeyeye)</p> <p>Geralmente os pais não vão ao encontro dos professores a fim de se inteirar acerca da ocorrência do processo educativo, só aparecem no início do ano lectivo para fazer matrícula e no fim para reclamar se o</p>

	filho reprovou, daí a relação ser deficiente (Catumbo)
A família e a educação dos filhos	<p>Algumas famílias são desestruturadas e não estão em condições de ajudar o filho a mudar de atitude negativa, e acaba sempre estando mais exposto a valores da rua e ao mesmo tempo traz consigo esses valores para escola. As vezes a família não passa bons ensinamentos para os filhos seguirem ou seja, ela também precisa de educação e há degradação de valores na sociedade e existe muitas famílias monoparentais (Ndala)</p> <p>Algumas famílias são desestruturadas e não estão em condições de ajudar o filho a mudar de atitude negativa, e acaba sempre estando mais exposto a valores da rua e ao mesmo tempo traz consigo esses valores para escola. As vezes a família não passa bons ensinamentos para os filhos seguirem ou seja, ela também precisa de educação (Mutango)</p> <p>Algumas famílias não estão em condições de ajudar e acompanhar os seus educandos e, em contrapartida vamos encontrar filhos que vivem sozinho e apenas entre irmãos apresentando em alguns casos comportamento inaceitável e transporta-o na relação interpessoal realizada na escola (Makeyeye)</p> <p>Os alunos apresentam um comportamento inaceitável devido a crise de valores ... mas alguns professores também comportam-se mal, alegando o enquadramento salarial e baixo nível social (Catumbo)</p>
Condição salarial dos professores	<p>Os escalões existentes fazem com que haja uma diferença salarial abismal com os colegas mesmo com o mesmo tempo e nível académico (Tchissingui)</p> <p>Os professores consideram que o que ganham não é suficiente para garantir a sua vivência de maneira estável, razão pela qual saem cedo para ir fazer outras actividades lucrativas a fim de suprimir as dificuldades financeiras (D1)</p> <p>Mesmo com tempo de serviço e habilitações iguais ao dos colegas, recebem salários desproporcionais provocando frustração em alguns casos aos professores. Pois, a actualização de categorias, agora já não é possível realiza-la por imperativo da lei provocando em certos casos a existência de salário baixo (D2)</p> <p>Para a maioria não existe uma satisfação salarial porque não chega para suprir as necessidades (R1)</p>
Descontentamento dos professores	Os professores aumentam o seu nível académico para melhor servir o ensino, mas não são reconhecidos pelo esforço feito, uma vez que não são enquadrados ou actualizados de categoria salarial na base do novo estudo ou nível académico alcançado (Ndinelau, entrevista professora)

	<p>20/04/2015).</p> <p>O processo de ensino aprendizagem exige aumentar os estudos por parte dos professores, só que quando o fazem infelizmente não existe encorajamento e estímulo. Porque permanece-se nos escalões inferiores mesmo estando formado, pois não se realiza promoção suficiente nem actualização de categoria, contribuindo para o baixo salário (Nzunzi, entrevista professora 17/08/2015)</p>
<p>Valorização da escola pelas famílias</p>	<p>Na área rural o pai em vez de mandar o filho ir à escola, algumas vezes prefere que vá apascentar o gado por ser o bem mais precioso na maneira de pensar. O gado ajuda a superar qualquer problema financeiro, por isso, deve ser bem cuidado para garantir o bem estar das populações (entrevista Família 1, 16/10/2015).</p> <p>Na área rural o pai em vez de mandar o filho ir à escola, algumas vezes prefere que vá apascentar o gado por ser o bem mais precioso na maneira de pensar. O gado ajuda a superar qualquer problema financeiro, por isso, deve ser bem cuidado para garantir o bem estar das populações. Aquela velha ideia de que só conseguiríamos fazer algo, se for formado, começa a desaparecer, porque há quem não está formado, mas encontra-se melhor posicionado socialmente em relação aquele que estudou (Catapepo, entrevista professora, 22/06/2015).</p> <p>Algumas famílias valorizam mais o gado, considerado como riqueza que garante o bem estar dos homens do que perder o tempo a estudar, para no final não ser nada na sociedade e levar uma vida cheia de várias dificuldades económicas. Há muita gente que não sabe ler e escrever, mas socialmente está num nível mais alto e melhor em relação aquele que trabalha, surgindo também o cepticismo pelos estudos ao contrário da área urbana (entrevista Família 3, 16/10/2015).</p> <p>... cepticismo em relação a escola porque os quadros formados viveram situações de vida difícil em relação por exemplo aos vendedores (F2)</p> <p>... algumas famílias valorizam mais o gado considerado como riqueza que garante o bem estar dos homens do que estudar (F3)</p> <p>Há quem não está formado, mas encontra-se melhor posicionado em relação aquele que está formado (F5)</p>
<p>Perfil de saída dos alunos</p>	<p>O perfil de saída dos alunos não tem correspondido de forma significativa em função daquilo que são os conteúdos programáticos e os materiais utilizados pelos professores durante as aulas, porque se assim fosse poderíamos ter muitos excelentes alunos em termos de instrução e comportamento, temos de trabalhar mais para se alcançar essa qualidade</p>

	(Catumbo). Existe muita aprovação, pouca competência (Cassinda)
--	--

Quadro 5- Extratos literais da entrevista com professores e sua categorização

Categoria	Subcategoria	Extractos literais
Metodologia de ensino	Métodos mais predominantes na aula	<p>Predomina a exposição devido a pouca preparação dos professores (D1)</p> <p>... Os professores dedicam-se a transmitir conhecimentos (D3)</p> <p>... infelizmente grande parte dos nossos professores só transmitem conhecimentos (D2)</p>
Reforma educativa	Constrangimentos	<p>... Os professores são marginalizados e não são consultados na elaboração de reformas educativas (Ndinelau)</p> <p>Os professores não foram consultados e sensibilizado para a reforma educativa, foram os últimos a saberem e não foram preparados para trabalharem em nenhum subsistema de ensino. Fruto disso, surgiu dificuldade de implementação e por falta também de condições materiais suficientes para professores e alunos bem como a falta de infra-estruturas escolares condignas (Tchissingui)</p> <p>foi implementada sem os professores estarem formados, não podíamos esperar para que se formassem todos os professores (R2)</p> <p>...Os representantes do sindicato também não foram consultados a quando da implementação de reforma, a semelhança dos professores ficaram surpreendidos (S)</p> <p>Quando o Estado decide implementar determinadas medidas para aquelas acções que considera que não estão correctas, as vezes não há possibilidade de ouvir os parceiros (R1)</p>

<p>Debilidades da reforma</p>	<p>Distribuição de materiais escolares</p>	<p>O material escolar não é suficiente para todos alunos e a distribuição tem sido mal feita porque em algumas escolas, existe o mesmo material, mas a direcção da escola prefere guardar em vez de distribuir (entrevista director 2, 18/11/2015).</p> <p>Os livros não são bem distribuídos devido as falhas, ou os efeitos da corrupção em que os materiais escolares são desviados, pois existem muitos a serem comercializados no mercado informal... os directores não são polícias para ver onde os livros vão parar (entrevista Responsável 2, 04/11/2015).</p> <p>Não são suficientes para todos alunos ... a distribuição tem sido mal feita ...(D1)</p> <p>... tem havido fuga de material escolar com envolvimento dos responsáveis do sector (Tchissingui)</p> <p>... falta de condições materiais para a realização de actividades académicas assim como precisa-se mais de salas de aulas (Catumbo)</p>
	<p>Número de alunos</p>	<p>O índice de alunos fora do sistema de ensino é ainda elevado, razão pela qual tivemos de constituir turmas pletóricas nas zonas urbanas e rurais com mais de 60 alunos, o que cria constrangimento ao professor no momento de dar aulas, mas é necessário actuarmos assim para diminuir as crianças fora do sistema de ensino (entrevista director 1, 12/10/2015).</p> <p>Existem turmas com elevado número de alunos chegando mais de 50 alunos por cada turma, o que dificulta o real funcionamento, até porque a reforma educativa prevê constituir turmas com menor número de alunos para ser possível o docente trabalhar com todos alunos ao longo das sessões de aulas (Zunzi, entrevista professora 17/08/2015).</p> <p>... as debilidades também tem a ver com os professores.... sim eles estão, são vítimas do próprio sistema... mesmo não tendo ensino médio, estavam</p>

		<p>e continuam a servir para não se fechar as escolas (D2)</p> <p>... a educação em Angola precisa de quem muito gosta dela, é necessário sermos mais solidários para fazermos frente aos problemas ... nos dias de hoje todo insucesso que se verificar apontam sempre que a falha está no professor (S)</p>
	<p>Critérios de selecção e admissão de professores</p>	<p>São admitidos a partir da oitava ou décima segunda classe em diante, a lei não especifica o tipo de formação, se resulta de formação profissional ou geral, podendo para isso ser veterinário, serralheiro, pedreiro também serve desde que tenha a habilitação literária exigida (Nhama, entrevista professora 03/11/2015).</p> <p>Devido a necessidade recrutou-se trabalhadores tendo o nível académico e não profissional para não fechar as escolas e porque não existia os profissionais então recrutamos ou fomos buscar, aqueles que apareceram, mas que não tinham competências académicas para poder assegurar o próprio processo de ensino (entrevista Responsável 1, 04/11/2015).</p> <p>A admissão no concurso para ingresso na educação não tem sido transparente nem apresenta critérios claros, porque há jovens com formação inicial e que não foram enquadrados em detrimento daqueles que não têm formação inicial de professor (entrevista representante do sindicato de professores, 04/11/2015).</p>
	<p>Planificações de aulas</p>	<p>São mal feitas... num período curto de duas horas no máximo e não são suficiente para se planificar as aulas para duas semanas ou para um mês em alguns casos os professores trazem apenas o livro (D2)</p> <p>... prestam pouca atenção a própria preparação das aulas, por isso, os professores apresentam muitas dificuldades durante a aula e isso deve-se a falta de comprometimento (D1)</p> <p>... no interior dos municípios, cada professor é coordenador pelo facto de ser único e planifica</p>

		<p>sozinho ou não planifica porque ninguém lhe controla (D3)</p> <p>... devem realizarem actividades que têm a ver com os programas e não irem a sala de aula e realizarem outras actividades a margem (Ndinelau)</p>
	Formação académica dos docentes	<p>Realmente a maioria dos professores não possuem agregação pedagógica ou formação inicial de professores para o efeito, até porque não tem constituído como critério para ser professor. Reconhecemos que muitos apresentam nível baixo de escolaridade e sem boa qualificação. Mas tivemos de arrancar com os estudos para a nova geração com os docentes que conseguimos e é melhor continuarmos assim do que fecharmos as escolas por faltas de docentes (entrevista Responsável 1, 04/11/2015).</p> <p>Não houve tempo para se formar os docentes, daí que a maioria dos professores não têm formação aproximada para leccionar a disciplina de EMC, porque não existia no curso de formação de professores especialidade que ajudaria a trabalhar especificamente com essa dimensão do saber (Nzunzi, entrevista professora 17/08/2015).</p>
Dificuldades das direcções de escolas	Pontualidade e assiduidade	<p>... os professores faltam muito as aulas pelo facto de não serem residentes dos municípios (Tchissingui)</p> <p>... os trabalhadores se ausentam muito das actividades da escola alegando que estudam na cidade, não honram o compromisso esquecem-se que em primeiro lugar são trabalhadores (D2)</p> <p>... os professores as vezes ficam duas ou mais semanas fora do local de trabalho prejudicando os alunos (D1)</p>

	<p>O contexto das escolas</p>	<p>... As escolas do interior na sua maioria possuem salas ao ar livre, têm menos qualidade que as escolas urbanas, pois as primeiras, na sua maioria funcionam ao ar livre, sem paredes. Com turmas muito próximas umas de outra, em algumas salas as divisões baseiam-se nas árvores existentes naturalmente ou construindo divisões feita de árvores, algumas turmas a funcionarem nas tendas e outras debaixo das árvores (entrevista Responsável 2, 04/11/2015).</p> <p>... As escolas dos centros urbanos têm mais condições materiais e infraestruturas em comparação com as escolas do interior, que apresentam menos qualidade em detrimento de existir poucos recursos quer materiais quer recursos humanos (entrevista director 2, 18/11/2015).</p>
	<p>Qualidade dos docentes do ensino secundário</p>	<p>Muitos docentes na actualidade não possuem a formação inicial de professor... não têm agregação pedagógica. O processo de ensino tem a ver com a questão pedagógica, formadores competentes, porque nem toda gente que dá aulas é um professor, é necessário de facto que o professor tenha preparação profissional a nível do saber, fazer, ser e saber estar, indicadores que muitos docentes possuem (Tchissingui)</p> <p>A qualidade de docentes ainda não é a ideal pois, devido a necessidade recrutou-se trabalhadores tendo o nível académico e não profissional, porque estes na sua maioria frequentaram formação geral sem especialização ou formação inicial para a arte de ensinar e educar (entrevista director 3, 25/11/2015).</p> <p>Fomos buscar aqueles professores que apareceram, mas que não tinham competências académicas para poder assegurar o próprio processo de ensino aprendizagem, e tivemos de trabalhar com eles. Isso levou-nos as consequências que actualmente estamos a viver no próprio sistema de ensino, que é a dita falta de qualidade, tudo tem a ver com o passado da colonização e guerra civil que o país</p>

		viveu (entrevista Responsável 1, 04/11/2015).
	Ética do trabalho	<p>... falta de criatividade de alguns professores na realização produção e publicação de obras porque temos professores a trabalharem mais de 10 anos, mas nunca escreveram uma linha sobre aquilo que pensam e aquilo que constitui seu trabalho (D1)</p> <p>Não se vê o trabalho como um factor de ascensão na sociedade, porque temos uma cultura de corrupção que faz com que as pessoas tenham outros expedientes e não apenas o seu próprio trabalho dificultado a maneira de exercer com mais responsabilidade cada trabalho (Ndinelau)</p> <p>Alguns dão aulas porque gostam e se comprometem com a profissão e outros vendem aulas por não serem profissionais e estão apenas no sector para ganhar dinheiro, mas não ganharam maturidade de poderem ter um outro sentido de responsabilidade para o trabalho (entrevista director 2, 18/11/2015).</p>
	Supervisão	<p>A figura de supervisor legalmente não existe e continua a trabalhar-se com pouco acompanhamento aos professores e o trabalho que prestam durante a componente lectiva e não lectiva (R1)</p> <p>A figura de supervisor legalmente não existe e continuamos a fazer pouco acompanhamento aos professores e o trabalho que realizam durante a componente lectiva e não lectiva. O professor é um empregado, precisa de ser acompanhado, inspeccionado, para prestar bom serviço, é necessário continuar a actuar de maneira mais colaborativa entre o coordenador de disciplina, turno, inspector, supervisor, director e subdirector (Responsável1 entrevista 4/11/2015).</p> <p>Os inspectores e supervisores são poucos, e por falta de transporte têm pouca capacidade de acção, razão pela qual, não ser muito visível o trabalho que prestam. O ministério está atento e tem previsão de reforçar as condições e o pessoal desta área para fazerem o acompanhamento às escolas, de maneira</p>

		<p>garantir a eficiência e eficácia no ensino (Diretor 2, entrevista 12/10/2015).</p> <p>O acompanhamento de aulas é feito pelo coordenador, uma vez por ano, já que ele não tem tempo, por estar muito sobrecarregado e, a direcção não ajuda na observação das aulas. O inspector e supervisor não são conhecidos, porque nunca apareceram na escola (Makeyeye, entrevista professor 08/05/2015).</p> <p>Não se faz sentir, porque desde o inicio do ano lectivo até ao fim, não aparece ninguém para observar a aula. Assim, fica difícil o professor progredir, porque nunca saberemos se temos realizado bem as actividades na sala de aula, em função dos métodos utilizados. Precisamos que a direcção ajude e não chame apenas o docente para assinar a ficha de uma avaliação duvidosa no fim do ano... porque não acompanham, mas atribuem nota na base de quê. Não sabemos (Catumbo, entrevista professora 14/04/2015).</p> <p>Os directores, coordenadores e professores não trabalham em equipa (D3)</p> <p>... o professor é um empregado... precisa de ser acompanhado, inspeccionado, é necessário o funcionamento colaborativo entre os coordenadores de disciplina, turno, directores e subdirectores (R1)</p> <p>Os professores actualmente não dão conteúdos essenciais, é necessário controlar porque os mais difíceis é que formarão o jovem (R2)</p>
	<p>Qualidade de ensino</p>	<p>... a dita falta de qualidade tem a ver com a guerra que o país viveu tendo ficado destruído as escolas ... não tivemos tempo de pensar na qualidade de ensino, simplesmente tivemos de admitir as crianças que estavam fora do sistema (R1)</p> <p>... na nossa opinião o ensino público deixa muito a desejar e essa questão da qualidade de ensino devemos ver como algo não muito polémico (S)</p> <p>... em função da situação que Angola viveu não</p>

		<p>permitiu para que haja qualidade no processo de ensino-aprendizagem devido a falta de infraestrutura e pessoal docente qualificado (R2)</p> <p>... o perfil de saída dos alunos não tem correspondido aquilo que são os conteúdos programáticos e os materiais utilizados pelos professores durante as aulas (Catumbo)</p> <p>... é preciso rever os resultados esperados nos currículos e seus objectivos gerais (Tchissingui)</p> <p>.. a gratuidade e laicidade do ensino devem andar de mãos dadas com a qualidade e nós não temos muita qualidade de ensino (D2)</p> <p>... um aluno no centro urbano tem mais acesso ao processo de ensino do que no interior, pensarmos que o ensino é uniforme é um equívoco, não há uma uniformidade no sistema de ensino (D2)</p> <p>... a qualidade de ensino é ainda negativa, todos compreendem que a educação em Angola não vai bem (D2)</p> <p>A qualidade das práticas de ensino não são boas, não basta criticar é necessário criar estratégias para melhorar a qualidade e os professores são os principais actores no processo (R2)</p>
--	--	---

Quadro 6- Extratos literais e categorização da entrevista com os responsáveis da educação

Categoria	Subcategoria	Extractos literais
Conduta adolescente /juvenil na sociedade	Comportamento	<p>... temos uma sociedade heterogénea com muitos factores que influenciam de certa maneira para existência de comportamentos negativos (F5).</p> <p>... o comportamento da juventude é fruto da socialização do processo de socialização que ela vive hoje (D)</p> <p>... há falta de boas políticas educativas e formação de quadros para que se crie boas condições básicas</p>

		no ensino (F1)
Relações	Família – escola	<p>Hoje muitos pais em função da luta para diminuir as dificuldades económicas e sociais para uma estabilização social, dizem não ter tempo de participar da educação dos filhos. Porque acordam muito cedo para procurar e realizar um serviço de maneira ganhar alguma coisa, que contribuirá para no final do dia levar o alimento para os filhos, espero que a escola faça tudo (F1)</p> <p>... é ainda deficiente e de indiferença para muitos pais (D)</p> <p>os pais não vão à escola ... consideram que a responsabilidade do filho é da escola (F4)</p> <p>... o professor tem de fazer um milagre para que o aluno aprenda ... porque o pai pensa que o Estado já pagou para o filho ter bom desempenho (F6)</p>
	Professor – aluno	<p>... há alunos que consideram os professores chatos e ficam aborrecidos com as aulas e preferem ficar fora da sala, no pátio para conversar, outros vêm a escola somente para passear (F6).</p> <p>...alguns fogem as aulas e vão a festa como housebar (F2)</p>
	Pai - filho ou mãe e filha	<p>... os pais não conversam com os filhos o suficiente para compreenderem os problemas que vivem os alunos (F1)</p> <p>... Sempre que criticarmos os adolescentes acerca da ausência de determinados valores, temos de pensar e reflectir que a juventude é produto das gerações adultas (F5)</p> <p>... as mães não conversam com os filhos, mas a responsabilidade também é do pai, mas que no momento não está porque tem várias famílias (esposas) acaba sobrando apenas para as mães (D)</p> <p>A relação é aceitável embora haja dificuldades uma vez que devido a falta de emprego e frustração por não consegui-lo, faz com que actualmente haja pais que perderam autoridade perante os seus filhos,</p>

		<p>porque quem não dá sustento, também não tem autoridade (F3)</p>
	Referência para os adolescentes	<p>Temos algumas referências que fazem a sua parte, mas os adolescentes é que não acatam as orientações dadas pelos adultos ou procuraram seguir aquelas referências que apresentam conduta negativa (entrevista aluno 19, 16/08/2015).</p> <p>É necessário que os professores realizem bem as suas actividades e vivam para dar um exemplo até porque os professores são considerados como espelho, para o efeito transmitem aquilo que sabem e não devem trabalhar em função da velha máxima: «ajudem-me para serem ajudados» (Ndinelau, entrevista professora 20/04/2015).</p> <p>.. temos poucas referências positivas para os jovens seguirem (F1)</p> <p>... alguns pais fazem o uso exagerado de bebidas alcoólicas e fruto disso os filhos hoje também o fazem (F5)</p> <p>... as referências embora não tenham o peso desejável, mas ainda há algumas derivadas de boas famílias (D)</p> <p>... temos poucas referências, mas essas referências por não se valorizar também não estão a se multiplicar (F3)</p> <p>... somos muito egoístas ... no passado a figura de vizinho era alguém respeitado e muito próximo à família (F6)</p>
	Globalização	<p>... é preciso ter em consideração as influências que vêm para nossa sociedade muitas vezes podem ser boas, mas são mal interpretadas, digeridas e utilizadas por falta de orientação a partir de casa (D)</p> <p>... . As tic devem ser usadas para facilitar nos trabalhos escolares de busca de conhecimentos (F2)</p>

	Os órgãos de comunicação social	<p>Os órgãos de comunicação estatal promovem muito as publicidades de bebidas alcoólicas, e os adolescentes fruto disso também fazem o consumo das mesmas, influenciando-os para o fenómeno mata aula realizado as Sextas feiras (F6)</p> <p>Os jovens só estão vulneráveis devido as influências que vêm da América, Europa através da tv por satélite, redes sociais aprendendo tudo de bom e tudo de mal (F3)</p> <p>Os programas de tv como o big brother Angola, promovem comportamentos sexuais negativos e mesmo algumas músicas do estilo «kuduro» transmitem mensagem de contravalores com letras que são um atentado a moral pública (F2)</p> <p>... Os produtos da era digital estão a ser mal empregues ... porque estamos a importar programas que não têm nada a ver com a educação em valores éticos e morais (F5)</p>
	Origem de comportamentos negativos	<p>Há muita desigualdade social e problema de extrema pobreza em que estão mergulhados e vivenciando as famílias, que na procura de melhorar as condições sociais acabam envolvendo-se na delinquência, alcoolismo, prostituição, desemprego e emprego precário (F3)</p> <p>... o período de guerra que o país viveu contribuiu para a desestruturação de famílias e afectou bastante a sociedade, colocando as pessoas em situação de pobreza repercutindo-se no comportamento dos adolescentes e os jovens (F2)</p> <p>A guerra civil trouxe vários comportamentos negativos (Ndinelau)</p>
	Consequências de comportamentos negativos	<p>... abstinência escolar, delinquência, alcoolismo, prostituição, desemprego e emprego precário (F6)</p> <p>... falta de respeito, falta de amor e desvalorização da vida (F4)</p>
	Nível académico das famílias	<p>... temos pais com formação baixa e não dominam as tic (F4)</p>

		<p>Infelizmente a maioria das famílias ainda não sabem lerem e têm dificuldades ao acompanharem e orientarem os filhos durante o processo de ensino-aprendizagem, pelo facto de não terem estudado devido a falta de oportunidade para todos (Director).</p> <p>Existe poucas famílias que sabem ler e escrever, a maioria teve dificuldade de integração, e em muitos casos tal deve-se a insuficiência da rede escolar e de professores no país (entrevista Família 3, 16/10/2015).</p> <p>... temos poucas famílias que sabem ler e escrever (F3)</p>
--	--	--

Quadro 7- Extractos literais da entrevista com os encarregados de educação e sua categorização

MANUEL CALUVI NICOLAU



**DIRECTOR:
DR. JOSÉ GONZÁLEZ MONTEAGUDO**